

ÍNDICE

<i>Agremiação</i>	<i>Página</i>
<i>G.R.E.S. MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL</i>	<i>03</i>
<i>G.R.E.S. UNIDOS DA TIJUCA</i>	<i>37</i>
<i>G.R.E.S. IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE</i>	<i>107</i>
<i>G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL</i>	<i>135</i>
<i>G.R.E.S. ACADÊMICOS DO GRANDE RIO</i>	<i>199</i>
<i>G.R.E.S. BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS</i>	<i>253</i>



**G.R.E.S.
MOCIDADE
INDEPENDENTE DE
PADRE MIGUEL**



**PRESIDENTE
PAULO CLÊNIO DOS SANTOS VIANNA CARVALHO**

O Quinto Império. De Portugal ao Brasil, uma utopia na história



Carnavalesco
CID CARVALHO

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
O Quinto Império “De Portugal ao Brasil, uma Utopia na História”					
Carnavalesco					
Cid Carvalho					
Autor(es) do Enredo					
Cid Carvalho					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Cid Carvalho					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Cid Carvalho, José Luiz Azevedo e Alexandre França					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Dom Sebastião no Brasil	Márcio Honório de Godoy	Perspectiva	2005	Todas
02	Uma Ilha Chamada Brasil	Geraldo Cantarino	Mauad		Todas
03	O Rio de Janeiro na Rota dos Mares do Sul	Pedro da Cunha e Menezes	Andréa Kakbson Estúdios	2007	Todas
04	O Descobrimento das Índias (O Diário da Viagem de Vasco da Gama)	Álvaro Velho (Notas e Comentários Finais de Eduardo Bueno)	Objetiva	1998	Todas
Outras informações julgadas necessárias					
<ul style="list-style-type: none"> - Revista Veja – Edição 2013, ano 40, número 24, 20 de Junho de 2007 (página 114 – Controvérsias na Corte) - Revista BRHistória – ano 1, número 1, março 2007 (página 28 – Festas Coloniais) - Sites Especializados 					

HISTÓRICO DO ENREDO

O ano é 1139.

Dom Afonso Henriques, primeiro rei português, recebe em sonho em pleno campo de batalha de Ourique, uma mensagem celestial, onde Jesus Cristo anuncia um divino destino para Portugal: Eu Afonso, rei de Portugal, filho do conde D. Henrique e neto do grande rei D. Afonso, diante de vós, bispo de Braga e bispo de Coimbra e de todos os vassallos do meu reino, juro em esta cruz de metal e neste livro dos Santos Evangelhos em que ponho minhas mãos, que eu, miserável pecador, vi com estes olhos indignos a Nosso Senhor Jesus Cristo estendido na cruz, e dele recebi a seguinte mensagem: mesmo em inferioridade numérica vencerás esta batalha e farás de Portugal a cabeça do Quinto Império Universal. E assim se fez.

Marcado por este misticismo, Portugal nasceu e expandiu o seu reino. Através da conquista de novos territórios partiu firme em busca da realização da vontade de Cristo.

Depois da sucessão de vários reis, no entanto, Portugal padece sem a força e a determinação do seu passado glorioso. O sonho de tornar-se o Quinto Império Universal parece cada vez mais distante.

A falta de herdeiros para o trono trás novamente a sombra de Castela, que a este tempo parte para a conquista de novos territórios e o temor que o trono acabe nas mãos de Espanha, de quem havia conquistado a independência, atormenta Portugal.

Exalando o doce perfume da esperança portuguesa em garantir um herdeiro para o trono, o casamento entre Dom João com Dona Joana é ansiosamente aguardado nos nobres salões da corte, adornados com pompa jamais presenciada.

A corte, engalanada em seus nobres trajes confeccionados especialmente para a ocasião, é o prenúncio da grandiosidade e relevância daquele matrimônio.

Passaram-se dois longos anos e aos 20 dias do mês de Janeiro, no ano de 1554 do nosso senhor Jesus Cristo, dia de São Sebastião, nasce para felicidade de todo o reino, certamente o mais esperado herdeiro que as terras lusitanas tinham notícias e que em homenagem ao santo daquele abençoado dia, recebe o nome de Dom Sebastião.

...Bendito seja São Sebastião, que nos livra da peste, e, em seu dia, nos dá um rei! Riem, choram, cantam! Deus e Pátria! Que alegria. E essas almas, de leves, como que levantaram o corpo. (...) Arrepiam caminho, sobem a viela, irrompem de roldão na Sé. Nos vidros das janelas altas coalha-se a luz alvaiada da primeira hora fresca do dia.

No altar-mor acendem-se muitas velas, muitas. Queima-se incenso. Toca o órgão; e, então, aqueles outros cantos de rogo, substituindo-se por cantos de agradecimento, elevam-se sonoros, que transborda dos corações, se avoluma, e sobe às alturas das abóbadas da velha catedral, transpassa-se e ergue-se aos céus. Hossana! Hossana! Nasceu finalmente o Desejado, o Desejado!

O nascimento de Dom Sebastião, de fato, estimula a movimentação da nação, e aciona todo um conjunto de sentidos que pareciam encontrar-se em estado letárgico. Luzes, cores, cheiros e sons aparecem neste enunciado, ressaltando a passagem de um estado apático a outro, cheio de vida, despertado por um pequeno-grande acontecimento. Eis uma imagem, um quadro mesmo, do que representou o nascimento do Rei. Por um momento de grande intensidade, dá-se mais uma vez o encontro dos desejos da corte e da população, tão separados antes da geração do novo soberano. Todo esse movimento coletivo tomou conta do ambiente, com a chegada do Desejado. Nome próprio e epíteto se encontravam, finalmente. Dom Sebastião era o Desejado; e se tornaria a expressão do desejo de todo um reino.

Uma onda irresistível de euforia e esperança toma o espírito dos portugueses e o recém-nascido é rebatizado pelo povo com o codinome de “O Desejado”, aquele que, depois de coroado, reconduziria Portugal à sua missão divina transformando-o finalmente no Quinto Império Universal, guiando o mundo para um tempo de paz e prosperidade.

Após completar quatorze anos, o desejo do povo se concretiza e Dom Sebastião é finalmente conduzido ao trono e coroado rei de Portugal.

Influenciado pelos romances medievais de cavalaria, em especial pela saga do rei Artur, o jovem rei sonha em recolocar Portugal no papel de maior destaque dentre as nações de seu tempo, assim como havia sido num tempo saudoso. Foi impulsionado por este espírito cruzadístico e uma vontade crescente e incontrolável de retomada do passado glorioso que conduziram o rei à batalha fatídica nas areias africanas de Alcácer-Quibir.

...O menino, de sua real condição, era esforçado e de coração altivo, de tal maneira bebia estas doutrinas que logo começou a dar mostras de ânimo invencível: mas como a conquista deste reino seja África, vizinha e inimiga, a principal guerra que os Mestres de El-Rei lhe mostravam era esta, contra o qual já o moço, com capital ódio, desejava mostrar seu esforçado caráter, e assim, não falava em outra coisa senão na Arte Militar.

Em 1578, impulsionado pelo apoio financeiro e espiritual da igreja e de outros exércitos cristãos, parte aos vinte e quatro dias do mês de junho, a armada de Portugal e seu amado rei rumo ao Marrocos.

Naquele cenário árido, Mouros e Cristãos se enfrentaram em nome de Deus e banharam com o próprio sangue as areias da intolerância religiosa. Portugal arrasado perde não somente a batalha, mas tragicamente seu rei desaparece em meio a areia que é levada pelo vento e seu corpo jamais será visto novamente.

A notícia da derrota chegou semanas depois. Imediatamente a nação rangeu os dentes por causa do desespero e da dor causados pela possibilidade da perda dos entes familiares. Em simultâneo a este impacto, sente-se o golpe nas esperanças da volta de um caminho glorioso destinado a Portugal. A coroa fica novamente ameaçada pelo reino vizinho, Castela. O caos se instalou na Corte e nas ruas do reino.

Mas, junto às notícias sobre a derrota do exército português, circulava a informação de que o rei Dom Sebastião havia desaparecido. Um fio de esperança começava a correr por todo o reino, tecendo o espectro de um rei desaparecido, um soberano que não permitiria o abatimento completo dos ânimos da nação, que pressentia a inevitável anexação ao reino de Castela.

De 1578 a 1580, o cardeal Dom Henrique, tio-avô de Dom Sebastião, sustentou a coroa em suas mãos, retardando o fim da independência de Portugal. Porém, após sua morte, em 1580, diversas batalhas no campo político e jurídico das cortes acabam sendo vencidas pela corte de Castela, e Felipe II assume também o trono português.

Neste ínterim, a crença de que Dom Sebastião estava vivo toma grande vulto, não só por ser ele um monarca herdeiro da coroa portuguesa, mas por tudo o que já representava para a história de Portugal.

Mesmo depois da restauração do trono, em 1640, quando Dom João IV assume a coroa portuguesa, a volta de Dom Sebastião continua sendo esperada. A força do mito sebastianista ultrapassa as fronteiras territoriais do império e alcança as colônias portuguesas no Novo Mundo.

No Norte do Brasil, as areias das dunas da Praia dos Lençóis maranhenses, palco das lutas travadas entre franceses e portugueses pela colonização da região, trouxe à lembrança dos navegadores lusos, as próprias areias do Marrocos onde se deu a batalha de Alcácer-Quibir. Fundiram então, que o reino de Dom Sebastião se encontrava encantado, no fundo do mar e ali se daria seu desencantamento para enfim retornar e instaurar o Quinto Império Universal.

Já em 1808, a transmigração da família real portuguesa para a sua colônia no Novo Mundo para evitar um confronto com as tropas de Napoleão, alimentou o mito sebastianista no Brasil. Mas, além de grande parte da corte joanina, as embarcações traduziam em si mesmas um outro fator importantíssimo: Elas representavam a sobrevivência da utopia do Quinto Império, que a partir daquele momento transferia-se definitivamente para as terras tropicais do mais novo reino das Américas.

Mas apresentar a crença messiânica na volta do “DESEJADO” apenas como mais uma lenda do nosso rico folclore seria um erro simplista, espelhando ignorância e desconhecimento. A presença do “ENCANTADO” Dom Sebastião e da utopia do Quinto Império em terras brasileiras, assim como o fora em Portugal, é como um farol nacionalista e patriótico refletindo em sua essência, os mais íntimos desejos e esperanças de um povo por demais sofrido, insistentemente explorado e continuamente esquecido pelos detentores do poder.

Seja em movimentos populares rebeldes e libertários, como a Cidade do Paraíso Terrestre e Pedra Bonita ou a comunidade sertaneja de Canudos no interior baiano liderada por Antônio Conselheiro;

Seja como o mais importante encantado nas pajelanças do Pará;
Seja na religiosidade popular do Maranhão manifestada no Tambor de Mina;
Salve Dom, São Sebastião.
Salve o Brasil das cavalcadas, do touro negro coroado e do bumba-meu-boi.
Salve essa gente guerreira;
Salve esse povo que trás a alma marcada por uma esperança sempre renovada.

E que se estabeleça de fato, nas caatingas e nos sertões, nos pampas e nos serrados, no Norte e Nordeste, Sul e Sudeste do Brasil, um império de justiça e igualdade, de amor e prosperidade e sendo para o bem de todos, que venha a se chamar de “QUINTO IMPÉRIO DO BRASIL”.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

O nascimento de D. Sebastião parece colocar fim a um período de escuridão e apreensão em torno do destino do reino português. Este pequeno acontecimento se revela imenso, por significar um momento no qual consegue fazer coincidir, novamente, os desejos da coroa portuguesa com os do povo.

De um lado, a Corte concretiza seu desejo de perpetuação e conservação do poder institucional, social e territorial através da figura do rei recém nascido. De outro, o rei Desejado, esperado pela população exterior ao castelo, simbolizava um novo fôlego de Portugal como potência mundial.

Além de o Desejado garantir o trono português, uma memória de algo já experimentado é reativada. Dom Sebastião ao nascer, reaviva a memória da nação relacionada a uma certa promessa feita por Jesus Cristo que se fez presente a Dom Afonso Henriques, primeiro rei português, em uma visão. Cristo revelaria a este monarca que Portugal seria a cabeça do Quinto Império Universal na Terra, o que garantiria a constituição futura do seu reino. Esta lenda, conhecida como o Milagre de Ourique, teve grande transmissão oral em um período, e mais tarde é reconhecida e divulgada através da escrita por membros da Corte portuguesa.

O nascimento de Dom Sebastião também acaba despertando novamente o desejo da retomada de um projeto de conquista de territórios, iniciado pela dinastia de Avis; projeto este que estava um tanto quanto abandonado pelo avô de Dom Sebastião. Enfim, diversos outros elementos que fizeram as glórias do passado de Portugal, e que se encontravam em estado de profunda sonolência por causa de um reinado apático, ganham novo fôlego no mesmo dia da chegada ao mundo do futuro rei. O impacto da vinda ao mundo do tão ansiosamente esperado herdeiro do trono, ganhou grande repercussão no imaginário português.

Dom Sebastião deveria dar continuidade ao “projeto de Jesus”, tornando-se o continuador das glórias nacionais ao retomar a rota heróica e divina de Portugal.

Depois do desaparecimento físico do rei, em batalha na África, o seu retorno místico é esperado revelando a esperança portuguesa na retomada de seu passado glorioso.

A vinda deste mito para o Brasil, primeiro com os navegadores portugueses que aqui aportavam e depois com chegada de Dom João VI e da família real, encontra um terreno fértil entre o povo mais humilde esperançoso por dias melhores. Mas apresentar a crença messiânica na volta do “DESEJADO” apenas como mais uma

lenda do nosso rico folclore seria um erro simplista, espelhando ignorância e desconhecimento. A presença do “ENCANTADO” Dom Sebastião e da utopia do Quinto Império em terras brasileiras, assim como o fora em Portugal, é como um farol nacionalista e patriótico refletindo em sua essência, os mais íntimos desejos e esperanças de um povo por demais sofrido, insistentemente explorado e continuamente esquecido pelos detentores do poder.

Seja em movimentos populares rebeldes e libertários, como a Cidade do Paraíso Terrestre e Pedra Bonita ou a comunidade sertaneja de Canudos no interior baiano liderada por Antônio Conselheiro;

Seja como o mais importante encantado nas pajelanças do Pará;

Seja na religiosidade popular do Maranhão manifestada no Tambor de Mina;

Salve Dom, São Sebastião.

Salve o Brasil das cavalhadas, do touro negro coroado e do bumba-meu-boi.

Salve essa gente guerreira;

Salve esse povo que trás a alma marcada por uma esperança sempre renovada.

E que se estabeleça de fato, nas caatingas e nos sertões, nos pampas e nos serrados. No Norte e Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, um império de justiça e igualdade, de amor e prosperidade e sendo para o bem de todos, que venha a se chamar de “QUINTO IMPÉRIO DO BRASIL”.

ROTEIRO DO DESFILE

SETOR 01 – O NASCIMENTO MÍSTICO DE PORTUGAL

Comissão de Frente
UM PASSEIO DA CORTE PORTUGUESA
PELAS RUAS DO RIO DE JANEIRO

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Rogério Dorneles e Marcella Alves
MENSAGEIROS DA LUZ

Ala 01 – Baianas
LUZ DO DIVINO:
A ANUNCIAÇÃO DO V IMPÉRIO

Alegoria 01
O NASCIMENTO MÍSTICO DE PORTUGAL

SETOR 02 – O NASCIMENTO DE DOM SEBASTIÃO, O REI DESEJADO

Ala 02 – Celebridade
BOBO DA CORTE

Ala 03 – Sensação
MIRRA – OFERENDAS PARA O
REI DESEJADO

Ala 04 – Oba-Oba
INCENSO – SAUDAÇÕES PARA O
REI DESEJADO

Ala 05 – Milenium
MÚSICA – LOUVORES A
DOM SEBASTIÃO

Ala 06 – Comunidade 01
VELAS E FLORES

Alegoria 02
O NASCIMENTO DE DOM SEBASTIÃO,
O REI DESEJADO

SETOR 03 – ALCACER QUIBIR – O ENCANTAMENTO DE
DOM SEBASTIÃO

Ala 07 – Comunidade 02
COSTUMES MOUROS

Ala 08 – Mairoais do Samba
A FÉ MOURA

Ala 09 – Bateria
DOM SEBASTIÃO

Ala 10 – Passistas
A CORTE DE DOM SEBASTIÃO

Ala 11 – Às de Copas
EM NOME DE DEUS

Ala 12 – Energia
SOLDADOS CRISTÃOS

Alegoria 03
ALCACER QUIBIR – O ENCANTAMENTO DE
DOM SEBASTIÃO

SETOR 04 – PORTUGAL E ESPANHA: A UNIÃO DAS COROAS

Ala 13 – Bons Amigos do Ararê
NOBRES ESPANHÓIS

Ala 14 – Comunidade 03
TRADIÇÕES PORTUGUESAS

Ala 15 – Impossíveis
TOUREIROS

Ala 16 – Coringas
NOBRES PORTUGUESES

Ala 17 – Comunidade 04
TRADIÇÕES ESPANHOLAS

Alegoria 04
PORTUGAL E ESPANHA:
A UNIÃO DAS COROAS

SETOR 05 – A CORTE DE DOM SEBASTIÃO NO MARANHÃO

Ala 18 – Fama
O REI ENCANTADO NO MARANHÃO

Ala 19 – Comunidade 05
CAVALOS MARINHOS

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Marcelo Pessoa e Janaína Mendes
GUARDIÕES DO CASTELO DE
DOM SEBASTIÃO

Ala 20 – Estrela Guia
CAZUMBA – GUARDA REAL DE
DOM SEBASTIÃO

Ala 21 – Comunidade 06
TOURO NEGRO

Alegoria 05
O REINO DE DOM SEBASTIÃO
NO MARANHÃO

SETOR 06 – A CHEGADA DE DOM JOÃO E DA
FAMÍLIA REAL PORTUGUESA

Ala 22 – Comunidade 07
OBRAS DE ARTE

Ala 23 – Comunidade 08
BIBLIOTECA REAL

Ala 24 – Senti Firmeza
ARARAS E TUCANOS

Ala 25 – O Agito
FLORES E FRUTAS

Alegoria 06
A CHEGADA DE DOM JOÃO E DA
FAMÍLIA REAL PORTUGUESA

SETOR 07 – RIO REMODELADO:
CAPITAL DO QUINTO IMPÉRIO DO BRASIL

Ala 26 – Comunidade 09
VENDEDOR DE PERUS E
CAÇADOR DE BORBOLETAS

Ala 27 – Ala Jovem (Comunidade 10)
VENDEDOR DE FLORES E
VENDEDOR DE PALHA

Ala 28 – Aliados
VENDEDOR DE FRUTAS E
VENDEDOR DE LEITE

Ala 29 – Do Sol
ACENDEDOR DE LAMPIÃO

Alegoria 07
RIO REMODELADO:
CAPITAL DO QUINTO IMPÉRIO DO BRASIL

SETOR 08 – O QUINTO IMPÉRIO DO BRASIL:
O REINO DE DOM SEBASTIÃO

Ala 30 – Comunidade 11
ANTONIO CONSELHEIRO – O QUINTO
IMPÉRIO DO SERTÃO

Ala 31 – Estrela de Luz
PAJELANÇA CABOCLA

Ala 32 – Comunidade 12
FOLIA DE REIS

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Jéferson Nascimento e Tainá Ferreira
A TRADIÇÃO DO BUMBA-MEU-BOI

Ala 33 – Baianinhas (Comunidade 13)
TAMBOR DE MINA

Ala 34 – Mil e Uma Noites
UMA FESTA PARA O
DIVINO REI ENCANTADO

Alegoria 08
O QUINTO IMPÉRIO DO BRASIL:
O REINO DE DOM SEBASTIÃO

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Cid Carvalho		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	O NASCIMENTO MÍSTICO DE PORTUGAL	Os quatro tripés acoplados à alegoria foram inspirados na profecia de Daniel e representam os quatro grandes Impérios da humanidade: Babilônico (o leão alado de ouro); o Persa (o urso de prata); o Grego (o leopardo cobre com quatro cabeças); e o Romano (o dragão de ferro). Na parte central quatro gigantes representam a força destes impérios e sustentam a cruz de Malta e a coroa de Portugal, nação escolhida pela vontade divina para se tornar o “Quinto Império Universal”. A embarcação finalizando a alegoria simboliza o domínio português das técnicas de navegação e a conseqüente expansão do Reino em busca de se tornar o “Quinto Império Universal”
02	O NASCIMENTO DE DOM SEBASTIÃO: O REI DESEJADO	Depois de grandes avanços territoriais e conquistas marítimas, o Império lusitano atravessa um período de crises e incertezas. Nesta época nasceu o mais esperado herdeiro da história portuguesa: Dom Sebastião, o Rei “Desejado”. A alegoria representa uma grande festa no palácio da corte em comemoração ao nascimento do rei. Duas grandes carruagens conduzem os convidados e os anjos que formam o altar na parte superior da alegoria traduzem a gratidão aos céus pelo nascimento do Rei “Desejado” Dom Sebastião.
03	ALCÁCER-QUIBIR: O ENCANTAMENTO DE DOM SEBASTIÃO	Educado para transformar Portugal no Quinto Império, o rei parte aos 24 anos para o Marrocos para combater os Mouros e retomar o território perdido. Dividida por uma cruz cristã a alegoria é dominada por duas grandes esculturas de cavalos e seus cavaleiros e na parte inferior por cavalos e cavaleiros menores, uns decorados em tons de azul e os outros em tons de vermelho, simbolizam a luta travada por Dom Sebastião e seu exército cristão contra os Mouros no norte da África, onde o rei desapareceu fisicamente, renascendo assim como Rei “Encantado”.

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Cid Carvalho		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	PORTUGAL E ESPANHA: A UNIÃO DAS COROAS	<p>O desaparecimento do rei Dom Sebastião em 1578 nas areias africanas lutando contra os mouros deixou a Coroa portuguesa sem herdeiros legítimos. Aproveitando-se desta situação, a Espanha se apodera do trono e Felipe II, rei de Espanha, unifica as duas coroas no período conhecido como União Ibérica.</p> <p>A alegoria é dividida em dois lados: um representando a Coroa portuguesa e o outro a Coroa espanhola.</p> <p>Na parte frontal encontra-se a escultura de um leão (Espanha) e de um dragão (Portugal).</p>
05	O REINO DE DOM SEBASTIÃO NO MARANHÃO	<p>Durante o período da União Ibérica, a crença que Dom Sebastião estava vivo e regressaria para retomar o Trono português se intensificou e alcançou o Brasil a maior colônia portuguesa daquela época.</p> <p>A alegoria representa o palácio do rei “Encantado” na Praia dos Lençóis em São Luis do Maranhão, que de acordo com os navegadores portugueses que foram aquela região combater os invasores franceses, encontra-se submerso naquelas águas.</p> <p>Na parte frontal encontra-se a figura de um touro negro que de acordo com a mesma crença é o próprio Dom Sebastião transfigurado guardando a entrada do palácio real.</p> <p>No centro um grande chafariz.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Cid Carvalho		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	A CHEGADA DE DOM JOÃO E DA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA	<p>Para evitar as tropas de Napoleão que invadiram Portugal, o príncipe regente Dom João, a rainha Dona Maria, Carlota Joaquina e parte da Corte portuguesa partiram para o Brasil.</p> <p>As embarcações que cruzaram o Atlântico trouxeram à bordo parte do Tesouro lusitano: obras de arte, livros que faziam parte da Biblioteca Real, prataria.</p> <p>Ao mesmo tempo a transferência da Corte significou a sobrevivência do sonho, da utopia de transformar Portugal no “Quinto Império Universal”.</p> <p>A alegoria representa a chegada de Dom João e da Corte portuguesa onde é hoje a atual Praça XV (Chafariz de Mestre Valentim ou da Pirâmide) à bordo de Bergantim (embarcação usada para se alcançar o cais) e a calorosa recepção que a cidade, enfeitada, preparou para recebê-los.</p>
07	RIO REMODELADO: CAPITAL DO QUINTO IMPÉRIO DO BRASIL	<p>A alegoria representa as fantásticas transformações estéticas e culturais ocorridas no Rio de Janeiro após a chegada de Dom João, magistralmente registradas pelas formas e cores do pintor membro da Missão Artística Francesa Jean-Baptiste Debret.</p> <p>Do povo mais simples aos escravos, no vai e vem das ruas à nobreza que freqüentava os salões dos palácios, Debret retratou uma cidade que se transformava rapidamente como se estivesse sendo preparada para se tornar a capital do “Quinto Império”, agora do Brasil.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Cid Carvalho		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
08	O QUINTO IMPÉRIO DO BRASIL: O REINO DE DOM SEBASTIÃO	<p>Com a chegada da Corte portuguesa, o mito Sebastianista ganhou força e espalhou-se pelos cafundós do Brasil, principalmente entre o povo mais simples e necessitado de esperança.</p> <p>A alegoria representa o Reino de Dom Sebastião no Brasil: como figura de destaque no Tambor de Mina (manifestação africana), como o mais importante encantado na Pajelança do Pará (origem indígena) ou como rei da corte de Antônio Conselheiro em Canudos.</p> <p>Uma grande escadaria ladeada por coroas nos conduz à um oratório onde encontra-se a figura (destaque teatral) de Antonio Conselheiro, líder espiritual popular de Canudos que anuncia o reino de Dom Sebastião no Brasil.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
Marcela Vianna – Destaque de chão – Frente do carro 02	Esteticista
Regilane Dias – Carro 02 Fantasia: Acendam-se as Velas, Nasceu o Rei “Desejado”	Professora de Dança
Maurício Pina – Carro 03 Fantasia: A Saga de Dom Sebastião em Alcácer-Quibir	Professor
João Batista – Carro 04 – Central Superior Fantasia: Felipe II, Rei de Espanha e Portugal	Enfermeiro
Rodrigo Leocádio – Carro 04 – Central Inferior Fantasia: Brasões de Portugal, a História de um Reino	Cabeleireiro
Maurício de Paula – Carro 05 Fantasia: Dom Sebastião, Rei das Águas Encantadas do Maranhão	Professor
Marcos Leroy – Carro 07 Fantasia: Dom João VI, Príncipe de Portugal, Rei do Brasil.	Maquiador
Alexandre Gonçalves – Carro 08 Fantasia: Antônio Conselheiro, Mensageiro do Reino de Dom Sebastião	Professor Universitário
Local do Barracão Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão 10 – Cidade do Samba – Gamboa	
Diretor Responsável pelo Barracão Wilker Jorge Leite	
Ferreiro Chefe de Equipe Alan Duque	Carpinteiro Chefe de Equipe Washington Luiz
Escultor(a) Chefe de Equipe Robson e Reginaldo	Pintor Chefe de Equipe Tadeu
Eletricista Chefe de Equipe Beto Kaiser	Mecânico Chefe de Equipe José Luiz (Zé Rodela)
Outros Profissionais e Respectivas Funções Cláudio “Cebola” - Diretor de Arte / Responsável pela decoração e adereços das alegorias	

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(S) das Fantasia (Figuristas)					
Cid Carvalho					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
01	Luz do Divino: a Anunciação do V Império	Inspirada na festa do divino anuncia o nascimento e o destino místico de Portugal.	Baianas	Tia Nilda	1955
02	Bobo da Corte	O grande anfitrião das festas nas cortes européias.	Celebridade	Beto Pinto	2004
03	Mirra – Oferendas para o Rei Desejado	Símbolo de renovação e embelezamento assim como o nascimento de Dom Sebastião.	Sensação	Waldir Castro	1968
04	Incenso – Saudações para o Rei Desejado	Símbolo de oração, sauda o nascimento do Rei Desejado.	Oba-Oba	Sylvio	1981
05	Música – Louvores a Dom Sebastião	A alegria representada através de instrumentos pelo nascimento de Dom Sebastião.	Milenium	Fernando Teixeira	1999
06	Velas e Flores	Os Salões decorados com velas e flores, em comemoração ao nascimento do Rei Desejado.	Comunidade 01	Luiz Carlos	2004
07	Costumes Mouros	Vestimenta e adereços muçulmanos, como também eram conhecidos os Mouros.	Comunidade 02	Kátia	2004

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(S) das Fantasia (Figuristas)					
Cid Carvalho					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
08	A Fé Moura	O Islamismo, religião pregada por Maomé.	Maiorais do Samba	Valdir Mallet	1976
09	Dom Sebastião	O Rei Dom Sebastião em traje de Gala.	Bateria	Mestre Jonas	1955
10	A Corte de Dom Sebastião	A nobreza de Dom Sebastião.	Passistas	Vânia Reis	1993
11	Em Nome de Deus	Defensores da fé Cristã.	Às de Copas	Beto Monteiro	1956
12	Soldados Cristãos	Membros do Exército Cristão.	Energia	Edwin	1985
13	Nobres Espanhóis	Nobres da corte de Felipe II Rei de Espanha.	Bons Amigos do Ararê	Marinalva	1974
14	Tradições Portuguesas	O Vira, dança portuguesa que remonta o século XVI.	Comunidade 03	Walker	2004
15	Toureiros	Tradição espanhola que remonta ao ano 815, quando eram mortos touros para homenagear eventos políticos.	Impossíveis	M ^a . Tereza	1955
16	Nobres Portugueses	Nobres da corte portuguesa com trajes do ano 1578.	Coringas	Didiu	1964
17	Tradições Espanholas	Traje típico da Espanha do século XVII.	Comunidade 04	Ivo	2004

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(S) das Fantasia (Figuristas)					
Cid Carvalho					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
18	O Rei Encantado no Maranhão	O mito sebastianista no Maranhão. Acredita-se que o Rei está encantado no fundo das águas da Praia dos Lençóis.	Fama	Joana	1985
19	Cavalos Marinhos	Nobres da corte de Dom Sebastião submersa nas águas do Maranhão.	Comunidade 05	Walter	2007
20	Cazumba – Guarda Real de Dom Sebastião	Guardas do Exército Real de Dom Sebastião, protegem o castelo da presença de intrusos.	Estrela Guia	Cleide	2004
21	Touro Negro	Dom Sebastião transfigurado em touro. Acredita-se que no dia em que lhe for ferida a testa estrelada, o rei desencantar-se-á emergindo glorioso das profundezas oceânicas.	Comunidade 06	Maria Rita	1975
22	Obras de Arte	Além do valor material traduz a importância das artes na visão de dom João VI.	Comunidade 07	Geni	2007
23	Biblioteca Real	Parte da Biblioteca Real que chegou a bordo das caravelas, trazida pela Família Real.	Comunidade 08	Dulce Cunha	2007

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(S) das Fantasia (Figuristas)					
Cid Carvalho					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
24	Araras e Tucanos	As Riquezas da fauna do Brasil.	Senti Firmeza	Selma Paixão	1983
25	Flores e Frutas	As Riquezas da Flora do Brasil.	O Agito	Vicente de Paula	1987
26	Vendedor de Perus e Caçador de Borboletas	Personagens do Rio de Janeiro do Século XIII retratadas por Debret.	Comunidade 09	Kátia Cristina	2007
27	Vendedor de Flores e Vendedor de Palha	Personagens do Rio de Janeiro do Século XIII retratadas por Debret.	Jovem (Comunidade 10)	Maria das Graça	1955
28	Vendedor de Frutas e Vendedor de Leite	Personagens do Rio de Janeiro do Século XIII retratadas por Debret.	Aliados	Dezesseis	1973
29	Acendedor de Lampião	Personagens do Rio de Janeiro do Século XIII retratadas por Debret.	Do Sol	João Luiz	1985
30	Antonio Conselheiro – O Quinto Império do Sertão	Líder do arraial de Canudos, pregador da volta do Rei Dom Sebastião às terras do Sertão.	Comunidade 11	Sheila	2007
31	Pajelança Cabocla	Ritual de origem indígena que tem em Dom Sebastião um de seus mais importantes encantados.	Estrela de Luz	Ari Élcio	2004

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(S) das Fantasia (Figuristas)					
Cid Carvalho					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
32	Folia de Reis	Grupo que se reúne para pedir doações para a realização da festa em comemoração ao Rei do Divino.	Comunidade 12	Fortunato	2007
33	Tambor de Mina	Manifestação de origem Africana que incorpora entre outras a figura mística de Dom Sebastião.	Baianinhas (Comunidade 13)	Marcos	2007
34	Uma Festa Para o Divino Rei Encantado	Comemoração para louvar o nascimento do Rei Menino.	Mil e Uma Noites	Georgina	1976

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão 10 – Cidade do Samba – Gamboa	
Diretor Responsável pelo Atelier Wilker Jorge Leite	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Luluca e Iris	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Cláudio
Adrecista Chefe de Equipe Sônia	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Gomes
Outros Profissionais e Respectivas Funções Paulo - Arame Nando - Fibra	
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(S) do Samba-Enredo Marquinho Marino, Igor Leal e Gustavo Henrique		
Presidente da Ala dos Compositores Jéferson Alves Rodrigues (Jefinho)		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 80 (oitenta)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Hélio Porto 71 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Íuri Abs 19 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>O Samba tem em sua construção as informações necessárias que refletem o conteúdo do enredo. Desenvolvido de forma cronológica, traduz de forma clara cada um dos setores do enredo.</p> <p>Portugal Bendito seja... Abençoado pelo Criador Uma utopia, um destino, um sonho místico de grandes realezas Sonhar... Com glórias, um rei desejar E o sol volta a brilhar Com a esperança no olhar Mas desapareceu como um grão de areia no deserto E encantado renasceu Em cada ser, em cada coração Para afastar a cobiça na busca do ideal O Quinto Império Universal</p> <p><i>Deixa o meu samba te levar E a minha estrela te guiar Na Praia dos Lençóis, mas crenças do Maranhão Tem um castelo que é do Rei Sebastião</i></p> <p>No Rio de Janeiro aportaram caravelas Trazendo a Família Real Progresso em cores combinadas Debret retratava a transformação Nas terras tropicais do meu Brasil A herança, a dor... O mito ressurgiu Eis o guerreiro sebastiano O mais ufano dos lusitanos, em verde e branco Que traz no peito uma estrela a brilhar De Norte a Sul desta nação Faz a manifestação popular</p> <p><i>Minha Mocidade guerreira Traz a igualdade, justiça e paz Hoje o Quinto Império é brasileiro, amor Canta, Mocidade, canta!</i></p>		

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria				
Mestre Jonas				
Outros Diretores de Bateria				
Aline de Freitas, Alexandre Raggi, Edmilson Manoel de Jesus, Erick Felix Ribeiro, Jorge de Carvalho, Luiz Carlos Leitão, Marcio Felix dos Santos, Márcio Luiz da Silva, Vitor Brito da Silva, Robson Costa Mota, Ronaldo da Silva, Celso Justino, José Francisco de Souza e Luiz Eugênio Rodrigues				
Total de Componentes da Bateria				
310 (trezentos e dez) componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Rece-Reco	Ganzá
12	14	16	10	0
Caixa	Tarol	Tamborim	Tan-Tan	Repinique
112	0	40	0	43
Prato	Agogô	Cuica	Pandeiro	Chocalho
02	0	16	01	44
Outras informações julgadas necessárias				
Tathiane Pagung – Rainha de Bateria				
<p>Disse Gonçalves Dias: “A luta os fracos abate e os fortes faz exaltar”. É assim que pensa e procede o nosso jovem e talentoso Mestre de Bateria . Jonas de Oliveira, originário de “família do samba”, tendo pai fundador da Mocidade, irmão consagrado diretor de bateria, irmãs ritmistas que representam o Samba /Brasil mundo afora, muito lutou para ocupar com dignidade o lugar de MESTRE. Luta esta que nunca o abateu, pois forte como é, só se fez exaltar. Hoje a Mocidade tem um grupo de 310 (trezentos e dez) ritmistas que formam uma bateria unida, forte, coesa e que nos faz lembrar áureos tempos em que se cantava: “Lá vem a bateria da Mocidade Independente.” E são esses ritmistas que representando Dom Sebastião em suas luxuosas fantasias, sob o comando de Mestre Jonas e o apoio do Maestro Rildo Hora que irão na Marquês de Sapucaí mostrar o quanto a Mocidade é GUERREIRA.</p>				

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Comissão: Alcides de Oliveira (Kenga), Roberto Reis e Beto Manfredo

Outros Diretores de Harmonia

08 (oito) Diretores Chefes de Setores

Total de Componentes da Direção de Harmonia

51 (cinquenta e um) componentes

Puxador(S) do Samba-Enredo

Bruno Ribas, Vagner Sabiá, Diego Nicolau, Wanderlei Santos, J. Bahia, Arlindinho Neto, Lissandra de Oliveira e Juliana Pagung

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Cavaco – José Mauro Mendes e Leonardo D’Vinci

Violão de 06 Cordas – Rafael Siri

Violão de 07 Cordas – Márcio Ricardo

Outras informações julgadas necessárias

O entrosamento perfeito entre o ritmo e o canto define o quesito Harmonia. A direção de carnaval da Mocidade atenta ao nível de exigência que a cada ano se torna maior e observando as justificativas dos julgadores nos carnavais passados, decidiu por modificar toda a equipe responsável pelo quesito, criando uma nova Comissão de Harmonia. Este grupo, desde outubro de 2007, logo após a escolha do Samba Enredo, realizou inúmeros ensaios com os segmentos da escola, onde se buscou aperfeiçoar o entrosamento do ritmo e o canto da escola. Certos estamos que a mudança praticada e o resultado obtido nos ensaios terão eco na Marquês de Sapucaí, “onde o nosso samba se deixará levar e a nossa estrela irá brilhar” num desfile que a Mocidade Independente de Padre Miguel quer seja de pura harmonia.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução José Luiz Azevedo
Outros Diretores de Evolução Comissão de Harmonia
Total de Componentes da Direção de Evolução 52 (cinquenta e dois) componentes
Principais Passistas Femininos Alessandra Santana, Ana Paula Santos, Bruna das Chagas, Daniele de Souza, Elaine Cristina, Jéssica Saile, Jéssica Silva, Luciani Serafim, Mariana Labre, Meiri Lucy, Monique Carmem, Roberta Coelho, Sonia Cristina, Tamires Trindade, Thais Mota, Thaine dos Santos, Tina Bombom, Vânia Hermínia, Fláiva Santana, Mayara e Daline da Hora
Principais Passistas Masculinos Alex Fernandes, Ami Pedro, Carlos Alberto José, Carlos Alberto Pereira, Cristiano Barbosa, Eraldo da Silva, Evandro Francisco, Fabio Rodrigues, Flávio de Souza, George Wagner, Jéferson Pereira, Jailson da Conceição, José Eduardo Vieira, Jorge André, Jorge Roberto, Luciano Macedo, Luiz Paulo Barcellos, Marcelo Oliveira, Pedro Castilho, Rafael Cândido, Rafael da Conceição, Ramon Kobylinski, Ricardo Baptista, Vando da Silva e Vinicius Kobylinski
Outras informações julgadas necessárias <p>A progressão da dança de seus componentes de acordo com o ritmo do samba e a cadência da Bateria são os elementos que definem o quesito EVOLUÇÃO. As mudanças praticadas pela direção de carnaval da Mocidade, provam que o caminho certo foi encontrado. O samba enredo, os tantos ensaios realizados, a espontaneidade, a criatividade e vibração dos nossos componentes nos dão a certeza de que teremos na Passarela do Samba a coesão necessária para obtermos o melhor resultado no quesito EVOLUÇÃO. Torcemos, como diz o samba, para que “bendito seja(mos) abençoados pelo Criador” e que possamos assim cumprir as normas que o quesito exige.</p> <p>Obs: Em alguns momentos do desfile a Rainha de Bateria e a Ala de Passistas irão interagir com a Ala da Bateria, em movimentos contínuos, sem retroceder, fazendo a integração do grupo que forma a corte de Dom Sebastião.</p>

FICHA TÉCNICA

Conjunto

Comissão de Carnaval Paulo Vianna, José Luiz Azevedo, Cid Carvalho, Wilker Jorge Leite, Beto Monteiro e Cláudio “Cebola”		
Diretor Geral de Carnaval José Luiz Azevedo		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças Maria das Graças Carvalho		
Total de Componentes da Ala das Crianças 80 (oitenta)	Quantidade de Meninas 40 (quarenta)	Quantidade de Meninos 40 (quarenta)
Responsável pela Ala das Baianas Nilda da Silva (Tia Nilda)		
Total de Componentes da Ala das Baianas 110 (cento e dez)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Tia Laudelina Braga 78 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Gisele Maria de Freitas 19 anos
Responsável pela Velha-Guarda Wandir Trindade		
Total de Componentes da Velha-Guarda 80 (oitenta)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Paulo Afonso 92 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Margareth Campos 50 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Juliana Alves (Atriz), Watusi (Cantora / Atriz), Dil Costa (Bailarina), Stepan Nercessian (Ator / Vereador), Silvia Pontes (Remadora / Vereadora), Joel Santana (Técnico de Futebol), Augustinho (Ex Big Brother), Deputado Cnel. Jairo (Vice Pres. da Assembléia Legislativa), Deputado Marcelino D’Almeida (Secretário Municipal de Governo) e José Albucacys (Modelo)		
Outras informações julgadas necessárias Seqüência, unidade, coesão são os elementos que se bem trabalhados, possibilitarão que a escola tenha um CONJUNTO perfeito. Assim sendo, a direção de carnaval da Mocidade entendeu que além do Deptº de Harmonia, vários outros responsáveis por segmentos da escola deveriam atuar na defesa do quesito. Do Diretor de Carnaval, do Carnavalesco até os Presidentes e Apoios de Alas, todos aderiram ao que se pode chamar de o “todo da escola”. A assiduidade aos ensaios, seja dos componentes de alas aos destaques, composições e responsáveis por alegorias, nos dão a certeza que uma ótima performance será obtida, traduzida no que chamamos “o brilho do desfile”, um conjunto de belo visual e técnica.		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente Fábio de Mello		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Fábio de Mello		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 0	Componentes Masculinos 15 (quinze)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>A comissão de frente representa um passeio de Dom João, Carlota Joaquina e Dona Maria pelas ruas do Rio de Janeiro de 1808, acompanhados por alguns membros da corte e de alguns escravos com seus trajes e adereços correspondentes à época.</p> <p><u>Comissão de Frente – Nomes:</u> André Luis P. Miranda – 28 anos – Analista de Sistema André Inácio – 26 anos – Segurança André Luiz Conceição – 34 anos – Segurança Cláudio da Silva Rocha – 39 anos – Segurança Edivaldo Luis de Jesus – 38 anos – Segurança Edvaldo Moreira – 38 anos – Rodoviário Elio Silva – 36 anos – Chefe de Cozinha Herdy de Brito – 20 anos – Operador de Telemarketing Hudson Sacramento – 28 anos – Arquiteto Higor Martins – 29 anos – Técnico de Operações Portuárias Ivan Neves – 25 anos – Editor de Imagens Jamerson dos Santos – 34 anos – Militar Marcos Vinicius – 40 anos – Autônomo Paulo César do Espírito Santo Jr. – 27 anos – Operador de Telemarketing Renner Souza Ramos – 31 anos – Engenheiro Thiago Lima – 27 anos – Estudante Wladimir Oliveira – 28 anos – Auditor de Telemarketing</p>		

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Rogério Dorneles	Idade 33 anos
1ª Porta-Bandeira Marcella Alves	Idade 24 anos
2º Mestre-Sala Marcelo Pessoa	Idade 25 anos
2ª Porta-Bandeira Janaína Mendes	Idade 32 anos
3º Mestre-Sala Jeferson Silva	Idade 21 anos
3ª Porta-Bandeira Tainá da Silva	Idade 17 anos

Outras informações julgadas necessárias

O **primeiro casal:** está representando a origem mística de Portugal, guiada pela “luz” superior e traduzida em uma mensagem divinal recebida por Dom Afonso Henriques, o primeiro rei português, durante uma batalha contra os Mouros em 1139.

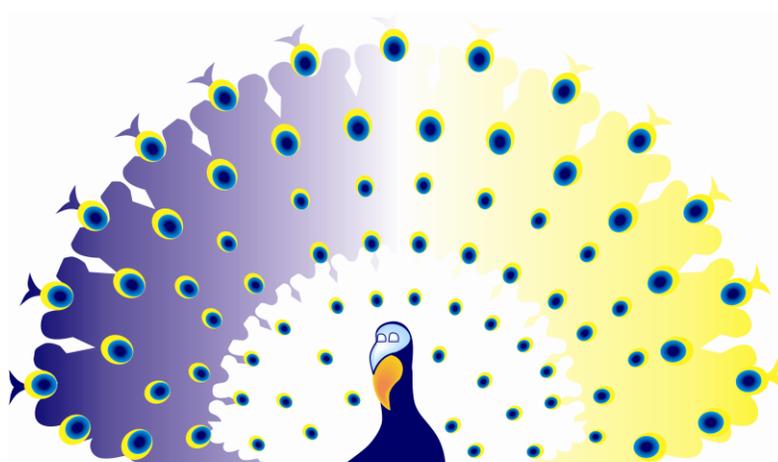
A essência da dança é a sedução. A dança do casal se traduz em um bailado como o voleio de um pássaro em torno da flor. Ele se aproxima toca e sai, volta a se aproximar, toca e sai e a flor ao sabor do vento das asas do pássaro, ativa-se e dança. Assim se comportam Rogerinho e Marcela, exímios e exigentes no seu bailado que realizaram ensaios na academia, no barracão da escola para “pegar as deixas da Comissão de Frente”, na quadra e na Marquês de Sapucaí. Por tudo que sabem, pela dedicação e inspiração do casal, cada vez mais temos a certeza de que neste carnaval, na Passarela do Samba, Rogerinho e Marcela realizarão a melhor de todas as suas apresentações.

O **segundo casal:** está representando nobres da corte mística de Dom Sebastião, submersa nas águas da Praia dos Lençóis em São Luís do Maranhão.

O **terceiro casal:** está representando a festa popular do bumba-meu-boi, encenada originalmente em Portugal em comemoração ao nascimento de futuros reis.

G.R.E.S.

UNIDOS DA TIJUCA



G.R.E.S.
UNIDOS DA TIJUCA

PRESIDENTE
JOSÉ FERNANDO HORTA DE SOUSA VIEIRA

**Vou juntando o que eu quiser,
minha mania vale ouro.
Sou Tijuca, trago a arte
coleccionando o meu tesouro.**



**Carnavalesco
LUIZ CARLOS BRUNO**

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
“Vou juntando o que eu quiser, minha mania vale ouro. Sou Tijuca, trago a arte colecionando o meu tesouro.”					
Carnavalesco					
Luiz Carlos Bruno					
Autor(es) do Enredo					
Luiz Carlos Bruno					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Julio Cesar Farias					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Luiz Carlos Bruno, Julio Cesar Farias, Ricardo Machado e Pedro Veloso					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	O Sistema dos Objetos	BAUDRILLARD, Jean	Siglo Ventiuno Editores	1968	Todas
02	Semiologia dos Objetos	MOLES, A. et all	Petrópolis: Vozes	1972	Todas
03	O Colecionador	FOWLES, John	São Paulo: Abril Cultural	1980	Todas
04	O Colecionador	BENJAMIM, Walter	Editora da UFMG	2006	Revista <i>Passagem</i> 237 – 246
05	Memória e História	LE GOFF, Jacques Capítulo 2: Coleções	Enciclopédia Einaudi Lisboa: Volume 01	1984	Todas
06	A Vontade de Guardar: Lógica da acumulação em arquivos privados	VIANNA, Aurélio; LISSOVSKY, Maurício & MORAES DE SÁ, Paulo Sérgio	Rio de Janeiro: Arq. & Adm.	1986	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Vou juntando o que eu quiser, minha mania vale ouro. Sou Tijuca, trago a arte colecionando o meu tesouro.”					
Carnavalesco Luiz Carlos Bruno					
Autor(es) do Enredo Luiz Carlos Bruno					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Julio Cesar Farias					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Luiz Carlos Bruno, Julio Cesar Farias, Ricardo Machado e Pedro Veloso					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
07	Colecionando Arte e Cultura	CLIFFORD, James	Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	1994	Todas
08	A Memória Coletiva	HALBWACHS, Maurice	São Paulo: Centauro	2004	Todas
09	Coleções, Museus e Teorias Antropológicas: Reflexões Sobre Conhecimento Etnográfico e Visualidade	GONÇALVES, José Reginaldo Santos	Rio de Janeiro: Cadernos de Antropologia e Imagem	1999	Todas
10	A Alegoria do Patrimônio	CHOAY, F.	São Paulo: Liberdade/Unesp	2001	Todas
11	Ter e Manter: Uma História Íntima de Colecionadores e Coleções	BLOM, Philip	Rio de Janeiro: Record	2003	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
“Vou juntando o que eu quiser, minha mania vale ouro. Sou Tijuca, trago a arte colecionando o meu tesouro.”					
Carnavalesco					
Luiz Carlos Bruno					
Autor(es) do Enredo					
Luiz Carlos Bruno					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Julio Cesar Farias					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Luiz Carlos Bruno, Julio Cesar Farias, Ricardo Machado e Pedro Veloso					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
12	Mais do que Posso Contar: Coleções, Imagens e Narrativas	RIBEIRO, Leila Beatriz	Projeto de pesquisa na área de Memória e Patrimônio	UNIRIO – Programa de Pós-Graduação em Memória Social - 2007	Todas
13	Museologia: Princípios Teórico-Metodológicos e a Historicidade do Fenômeno Museal	BRUNO, M. C.	São Paulo: Mimeo	2001	Todas
14	Museus do Rio	FERNANDES & PEREIRA, Neusa e Sonia Gomes.	Livraria Francisco Alves Editora	1973	Todas
15	Retrô – Coleções & Antiguidades	Revista mensal	São Paulo: Editora IBC Press	2005/2007	Todas as edições
16	Tesouros Perdidos do Mundo	Atlas do Extraordinário	Ediciones del Prado – São Paulo	1996	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
“Vou juntando o que eu quiser, minha mania vale ouro. Sou Tijuca, trago a arte colecionando o meu tesouro.”					
Carnavalesco					
Luiz Carlos Bruno					
Autor(es) do Enredo					
Luiz Carlos Bruno					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Julio Cesar Farias					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Luiz Carlos Bruno, Julio Cesar Farias, Ricardo Machado e Pedro Veloso					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
17	As Mais Belas Máscaras Venezianas... e de Todo o Mundo		Editora Altaya	2002	Capítulos: Simbolismo e Máscaras
18	Dicionário do Folclore Brasileiro	CASCUDO, Luís da Câmara	Rio de Janeiro: Editora Ediouro	1999	Todas
19	Um Certain Louvre		Itália	2003	Todas
20	A Grécia Antiga, grandes civilizações do passado	DURANDO, Furio	Ediciones Folio S. A.	2005	Todas
21	Para Tudo Não se Acabar na Quarta-Feira - A Linguagem do Samba Enredo	Farias, Julio Cesar	Rio de Janeiro: Litteris Editora	2001	Todas
22	O Enredo de Escola de Samba	FARIAS, Julio Cesar	Rio de Janeiro: Litteris Editora	2007	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Vou juntando o que eu quiser, minha mania vale ouro. Sou Tijuca, trago a arte colecionando o meu tesouro.”
Carnavalesco Luiz Carlos Bruno
Autor(es) do Enredo Luiz Carlos Bruno
Autor(es) da Sinopse do Enredo Julio Cesar Farias
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Luiz Carlos Bruno, Julio Cesar Farias, Ricardo Machado e Pedro Veloso
Outras informações julgadas necessárias http://www.colecionismo.com.br/ http://pt.wikipedia.org/wiki/Colecionismo http://www.clubefilatelicoBrasil.com.br/artigos/aopiniao/pq.htm http://www.leilaodecoleccionismo.com.br/leilao/scripts/home.asp http://www.escriitoriodolivro.org.br/historias/coleccionismo.html http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81lbum_de_cromos http://www.fototelas.com.pt/coleccionismo.htm http://www.coleccionables.com.ar/ http://www.ipcoleccionismo.com.br/fa_clube.htm http://paginas.terra.com.br/arte/coleccionismotematico/ http://www.pancoleccionismo.com/ http://www.jardimbotanico.com.br http://www.paginarural.com.br/noticias_detalhes.asp?subcategoriaid=94&id=31649 http://www2.uol.com.br/ohayo/v2.0/anime/materias/nov21_figurinhas.shtml http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero20/episteme20_artigo_marshall.pdf http://museologia.incubadora.fapesp.br/portal/acervo/alunos_2004/dmomozaki/trabalho/document http://www.mis.rj.gov.br/ http://www.museudoindio.org.br/ http://www.cnfcp.com.br/ http://www.museunacional.ufrj.br/ http://www.louvre.fr/lv/commun/home.jsp http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3f/georgevunidetkingdom.jpg http://www.pa.gov.br/servicos/agendacultural/2007_10.asp http://www.leszoosdanslemonde.com/ http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1122 http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_das_bibliotecas http://academiadosamba.com.br http://papodesamba.com.br

HISTÓRICO DO ENREDO

VOU JUNTANDO O QUE EU QUISER, MINHA MANIA VALE OURO

A Unidos da Tijuca monta na Avenida uma grande exposição a céu aberto para mostrar a importância do colecionismo na formação cultural das sociedades. A escola vai mostrar que o ato de colecionar não pode ser visto apenas como uma simples mania, mas como um hábito de grande relevância social.

O ato de guardar está em nós como também os instintos de preservação e de memória. Por isso, é comum as pessoas juntarem os mais diversos objetos, de acordo com sua necessidade e preferência.

As pessoas, no mundo inteiro, colecionam por diversos motivos, se identificando com seu acervo a partir da carga emotiva depositada nele. Todos nós já colecionamos em alguma fase de nossa vida ou conhecemos alguém que possui esse costume de reunir objetos similares com orgulho, como se guardasse um verdadeiro tesouro singular.

Para percorrermos esse mundo apaixonante, a escola divide esta exposição itinerante em galerias temáticas, sendo que, a peça mais valiosa para o tijucano - o pavão -, símbolo da escola, revestido em “ouro”, será o grande portal dessa mostra.

Em nossa primeira galeria, exibiremos peças que mostram a identificação do colecionador com sua paixão, pois cada objeto carrega referências culturais, sociais e afetivas, refletindo características marcantes da personalidade dos colecionadores.

Passando para a segunda galeria, entraremos no mundo infantil. É nessa fase que a criança tem o primeiro contato com o ato de colecionar, criando a noção de adquirir e preservar objetos como figurinhas, bichos de pelúcia, bonecas, entre outros, podendo este hábito da infância se prolongar até a maturidade.

Quando entrarmos na terceira galeria, vamos desvendar o mundo mágico. A partir de superstições, desde eras passadas, o homem busca em seres místicos proteção para o seu dia-a-dia. Anjos, duendes, fadas e cristais lotam estantes dos fascinados por esoterismo.

Percorrendo a quarta galeria, acompanharemos uma verdadeira caça ao tesouro. Nela, encontraremos algumas das mais tradicionais relíquias colecionáveis. Dos selos e moedas aos lustres de cristais, o espectador vai viajar no tempo através dos objetos encontrados em antiquários, brechós e mercados de pulgas, que são verdadeiros paraísos para o colecionador.

Ao entrarmos na quinta galeria, vamos constatar, por exemplo, que foi a partir do fascínio que animais e plantas despertaram em nossos antepassados, que surgiram coleções que acabaram dando origem a institutos de pesquisa. Além de servirem para a preservação de várias espécies, essas instituições são responsáveis por estudos de suma importância para a nossa sobrevivência. As bibliotecas, verdadeiros arquivos de conhecimento, também estarão em destaque nessa galeria.

Chegando à sexta galeria, encontraremos em antigos salões da aristocracia, coleções que preservam as mais variadas formas de expressão artística, da primitiva, produzida pelos nossos ancestrais, às mais requintadas, criadas por grandes mestres.

Ao montar essa mostra significativa, a Unidos da Tijuca exalta a relevância do colecionismo para a preservação da memória e da cultura da nossa civilização, seguindo na luta pela conquista da peça para completar sua coleção: o troféu de campeã do Carnaval 2008!

ABERTURA DA EXPOSIÇÃO TIJUCANA

Nossa Comissão de Frente e o carro Abre-Alas farão a abertura das portas dos salões que constituem nossas galerias temáticas. Nossa exposição itinerante de coleções diversas para o público da Sapucaí será inaugurada pelos burlescos arlequins, que apresentam o primeiro item de nosso acervo: as **máscaras**, artefato carnavalesco que contém a alma e a expressão máxima da festa dionisiaca e objeto bastante apreciado por colecionadores e, principalmente, por muitos foliões.

Após esta reverência dos Arlequins ao Sambódromo – espaço físico que abrigará nossas galerias e no qual apresentaremos nosso seletto acervo –, o majestoso e imponente pavão, símbolo maior de nossa agremiação e objeto colecionado por muitos tijuicanos, virá saudando o público, dando passagem para os nossos visitantes oculares se deliciarem e se identificarem com as mais conhecidas peças constituintes de coleções.

O pavão, representando uma preciosa jóia, simbolizará a peça mais expressiva do acervo do tijucano. Ao abrir as portas de nossas galerias, a esplêndida ave estará resgatando itens de diversas coleções, as peças guardadas com paixão por muitos colecionadores e que constituem suas verdadeiras relíquias.

GALERIA 1: TODO OBJETO COLECIONADO TEM VALOR

A escolha do que colecionar e a maneira de exibir um acervo são questões de gosto pessoal e principalmente de identificação com o item colecionado. Em geral, os colecionadores sentem muito prazer em garimpar e exibir sua coleção. Mas também têm grande ciúme de seu acervo.

O que se coleciona revela muito da personalidade do colecionador, como, por exemplo, o apego a coisas materiais, e demonstra até mesmo uma relação de poder e de propriedade, pois cada colecionador triunfa sobre os seus domínios, simbolizado na posse de cada artefato colecionado, ordenado e preservado. E, na maioria das vezes, cada peça adquirida tem uma história do colecionador para ser contada.

Numa coleção, todo objeto deixa de ser definido pela sua função específica para entrar na ordem da subjetividade do sujeito, ou seja, ao colecionar um objeto, este perde sua identidade funcional, que é substituída pela classificação para passar a ser um exemplar de um conjunto para ser apreciado pelo olhar.

Por isso, qualquer objeto pode ser colecionado com a mesma paixão, ação impulsionada pela identificação do colecionador com seu objeto de desejo, que a ele se integra a partir de referências sentimentais e psíquicas que refletem, de algum modo, sua personalidade.

Uma entre tantas canetas de uma coleção pode ter pertencido a uma pessoa notável, ter sido usada em um importante fato histórico ou ainda pode revelar uma característica do colecionador, como por exemplo, gostar de escrever. O mesmo ocorrendo com um sapato plataforma, que pode remeter ao fascínio de Carmem Miranda por esse acessório. Um cachimbo pode revelar um hábito da pessoa e também se associar à noção de austeridade, inteligência e elegância de um detetive, como o fascinante Sherlock Holmes, conhecido personagem da literatura universal. Sem dúvida, o objeto colecionado reflete a personalidade de quem exerce essa atividade, que a ele se identifica de alguma forma, seja nos gostos pessoais, seja nas atitudes cotidianas. Esta galeria, portanto, apresenta objetos que trazem consigo referências e associações históricas, biográficas e estéticas.

Há ainda alguns objetos que podem estar presentes no ambiente de muitos lares, inseridos na decoração, até mesmo sem que muitos percebam que eles possam fazer parte de uma coleção. Outros, com o passar do tempo, saem de moda e viram desejados artigos de coleção. É o caso dos antigos pingüins de louça que costumavam ser adornos das geladeiras. Aliás, os pingüins de geladeira, entre outros objetos retrô que são colecionados, nos levam a uma viagem ao passado, nos transportando a um tempo que não volta mais, uma vez que estão diretamente associados ao conteúdo cultural e à nostalgia de uma época específica.

GALERIA 2: UM HÁBITO PRAZEROSO QUE COMEÇA NA INFÂNCIA

Das figurinhas aos brinquedos, a garotada forma o seu tesouro particular que faz parte do seu mundo de fantasia. O hábito de colecionar inicia-se na infância e, geralmente, reflete na vida adulta o desejo e o prazer de sermos possuidores dos mais diversos tesouros particulares.

Até hoje, meninos e meninas colecionam carrinhos, bonecas, figurinhas, bichos de pelúcia e tantos outros itens que contribuem para manter a sua pureza e a sua inocência no universo infantil. Qualquer série de brinquedos pode se tornar colecionável e alguns já são criados especialmente para esse fim. Nesta fase, a criança também desenvolve a noção de posse, sentindo grande ciúme de seus brinquedos e de outros artefatos colecionados.

As crianças costumam coletar, trocar, guardar e expor objetos que despertam sua curiosidade e as auxiliam no conhecimento do mundo. Afinal, o ato de colecionar faz parte do processo de aprendizagem infantil e desenvolve noções importantes, como de ordenação, de avaliação, de preservação, de estética, de paciência e de perseverança, entre outras. Por isso, muitos pais encorajam seus filhos a serem colecionadores mirins, porque eles têm consciência de que essa atividade não é somente um entretenimento, apenas com conteúdo lúdico, mas também é considerada como um momento de aprendizagem, de descoberta e de conhecimento.

As meninas, em geral, optam ou são levadas socialmente a colecionar objetos e brinquedos próprios do gênero e do universo feminino, como as bonecas e os móveis e utensílios do lar. Os meninos preferem ou são influenciados a juntar os que projetam realizações de homens adultos, como os objetos relacionados à profissão e os considerados socialmente adequados para o gênero masculino, como as ações de guiar automóveis, motos e aviões, colecionados em miniatura, e a ação de jogar futebol, representada pelas figurinhas de jogadores e times em campeonatos nacionais e mundiais, por exemplo.

A banca de jornal e de revistas ainda hoje é o local que mais dissemina e alimenta a mania de colecionar das pessoas. Em todas as fases da vida – infância, adolescência e vida adulta – os produtos colecionáveis oferecidos pelos jornaleiros continuam estimulando o hábito na população, através das inúmeras publicações destinadas a todos os gostos e tipos de público. Nesse local as crianças encontram diversos materiais, como os álbuns de figurinhas, as miniaturas de modelismo, os soldadinhos de chumbo, as bonecas de porcelana e tantas outras coleções que satisfazem uma necessidade interior do indivíduo.

Completar o álbum de figurinhas ou livro de cromos, ainda é diversão garantida para milhares de crianças e também para muitos adultos com espírito infantil, que ainda mantêm este gostoso hábito de preencher páginas com imagens dos mais diversificados assuntos.

Esse gostoso hábito de juntar e guardar coisas se inicia na infância, principalmente com brinquedos diversos, e pode permanecer em muitos adultos que não deixaram morrer aquela criança colecionadora dentro de si.

GALERIA 3: OBJETOS ESOTÉRICOS: COLEÇÃO PARA A ALMA

O psicanalista Sigmund Freud defendia a idéia de que nós somos movidos pelo inconsciente e que o ser humano busca o prazer de todas as formas, que não precisa ser necessariamente sexual. Desse modo, a mania de colecionar está associada a essa teoria quando consideramos que todo colecionador tem um desejo: o de reunir objetos da mesma natureza para formar um conjunto para ser apreciado pelo olhar, satisfazendo uma necessidade emocional e inconsciente a cada peça adquirida.

Freud afirmava ainda, quanto ao simbolismo do objeto e à relação entre o símbolo e a realidade, que todas as representações do simbolismo tinham origem e pertenciam ao âmbito do denominado princípio do prazer – que é o desejo de gratificação imediata do indivíduo para evitar e afastar a dor.

Isso pode explicar porque, para dar sorte e para nos proteger do mal e da dor, guardamos e depositamos nossa fé em objetos e em figuras mágicas que cercam nosso cotidiano. Muitas dessas peças podem servir de amuleto nos protegendo e nos energizando.

Nosso imaginário está cheio de figuras e de símbolos místicos que são representações coletivas carregadas de significados e de crenças, passados de geração a geração por cada cultura ou civilização, impregnando os objetos de credices e superstições.

Com o mundo cada vez mais desigual, em busca de algum conforto e proteção, muitas pessoas costumam colecionar artefatos relacionados ao espírito, ao sagrado, ao universo fantástico e da natureza. Por isso, criaturas como bruxas, anjos ou pequenos seres, como fadas, duendes, elfos e gnomos, por exemplo, compõem peças de acervos de muitos colecionadores esotéricos.

Desse modo, estamos tratando, nessa galeria, de objetos de coleções com os quais as pessoas se identificam, cercados de crenças e de mistificações, aos quais são atribuídos poderes de proteção ao homem, com a finalidade de afastar os males mundanos.

Esse tipo de colecionador deposita na sua coleção uma crença de que a quantidade e a variedade de peças colecionadas podem lhe trazer amparo espiritual, sentindo-se, assim, protegido de energias negativas, como a inveja e o mal-olhado.

É bastante comum serem colecionadas por pessoas místicas figuras de muitos animais. Vários deles – como a coruja, por exemplo – desde as civilizações antigas, sempre tiveram grande riqueza simbólica, considerados sagrados e aos quais eram oferecidos cultos como se faziam aos deuses.

Dentre os elementos naturais carregados de significação e associados com o plano espiritual, transcendental e de energia, os cristais são os que mais possuem essa característica peculiar há tempos.

GALERIA 4: ANTIGÜIDADES, O PASSADO NO PRESENTE

Por vezes, perdida em um recinto repleto de tranqueiras, bugigangas, tralhas, quinquilharias e cacarecos herdados, podemos encontrar uma peça rara, que depois de uma avaliação, deixa de ter um valor apenas sentimental para contar a história de uma época, passando a ter valor também monetário.

Todo antiquário é formado por valiosas relíquias e objetos artísticos que, em geral, são vendidos em disputados leilões. As peças negociadas nos antiquários podem preservar e revelar nelas a evolução histórica de objetos e da cultura de uma época. Pode-se, inclusive, conhecer as mudanças sociais, políticas e econômicas de sociedades através das peças peculiares e das distintas coleções que constituem o material de mercado dessas lojas especializadas.

O colecionador que procura peças em antiquários, é apreciador e consumidor de informações culturais, além de arte, de antiguidade e de objetos artísticos.

À semelhança dos museus, também os antiquários nos permitem autênticas viagens no tempo. O cheiro típico que exala das peças comercializadas nestas lojas ajudam ainda mais para essa transposição ao passado.

Há um ditado popular que diz que antigüidade é posto e uma crença de que quanto mais antigo o objeto mais valioso ele é, porém convém esclarecer que o termo “antigüidade” geralmente se refere a objetos datados até o início do século XX. Em vista disso, os móveis antigos mais admirados pelos colecionadores são os de estilo Luís XV, Sheraton, Chippendale e Hepplewhite, e os de estilo Art Nouveau.

Em pleno século XXI, temos a oportunidade de, nas feiras de antigüidade, nos mercados de pulgas e nos antiquários, comprar objetos antigos e, assim, formar um belo acervo. Nesses locais é comercializada uma gama de objetos de outras épocas, como lustres, candelabros, cadeiras, moedas, porcelanas, relógios, dentre tantos outros, que fazem a festa dos aficionados por elementos do passado. Há uma imensidão de raridades a ser garimpada nesses mercados informais e nos antiquários, que tornam estes pontos ótimos lugares para uma verdadeira caça ao tesouro.

GALERIA 5: A PRESERVAÇÃO E O CONHECIMENTO NAS COLEÇÕES

Colecionar é uma atividade bastante acentuada na modernidade, que pode também estar relacionada à rapidez com que os objetos são substituídos e descartados, ou ainda, à extinção de seres naturais, aniquilados pelas ações do homem em nome do progresso.

Esses fatos esclarecem a necessidade de se juntar os mais diferentes e diversificados transmissores de saber para torná-los acessíveis às pessoas em órgãos públicos, com o objetivo de preservar, repassar informações e conscientizar as novas gerações.

Esse tipo de coleção é formado para ser visto e consultado por todos, com a intenção específica de informar sobre o conteúdo dos itens do conjunto reunido.

O hábito de colecionar, deste modo, contribuiu para que o homem guardasse o conhecimento, passando a ser difusor dele por meio dos múltiplos acervos que retêm elementos do saber. A coleta passou, então, a ser também científica. Assim, uma variedade de animais, de plantas e de escritos começou a ser mantida em espaços públicos, criando uma nova modalidade de coleções.

Presentes nos museus de história natural, etnografia, arqueologia, entre outros, mas também nas universidades e institutos de pesquisa, as coleções científicas são reunidas com objetivo específico de estudo e originam um conhecimento a partir da manipulação ou da observação dos espécimes e exemplares colecionados para este fim.

Os **jardins botânicos** são espaços que apresentam coleções de plantas vivas ordenadas, documentadas e identificadas, cuidadas para serem apreciadas pelo público. Essa instituição tem finalidades de conservação ecológica, educação e pesquisa.

O primeiro jardim botânico ocidental foi criado na Grécia Antiga. Mais tarde, eles reapareceram na Europa. Muitos estados brasileiros possuem esse tipo de instituição, contudo o do Rio de Janeiro se destaca por integrar a história da Família Real em nosso território. Sua alameda de palmeiras imperiais e seu orquidário, com uma das mais significativas coleções de orquídeas do País, dentre outros atrativos, encantam visitantes do mundo inteiro.

Há vários institutos de pesquisa formados por coleções distintas espalhados pelo mundo a serviço da população. Um deles é o **Instituto Butantan**, em São Paulo, um dos mais importantes centros de pesquisa do Brasil, caracterizado pela atividade científica e pelo caráter educativo e cultural, sendo o maior produtor de soros e vacinas do País. O Instituto possui uma das maiores coleções de animais peçonhentos, como serpentes, aranhas, escorpiões e mantém também um museu biológico.

Os **borboletários** são viveiros que possuem telas de proteção e abrigam várias espécies de plantas que fornecem abrigo, alimento e local de reprodução para esses encantadores insetos alados. Sua função é preservar espécies e promover educação ambiental, possibilitando às pessoas conhecer o seu interessante ciclo de vida.

Existem borboletários em diversas regiões do País, mas o maior do Brasil fica no Parque Naturalístico Mangal das Garças, em Belém do Pará. Lá são reunidas cerca de duas mil borboletas de 13 espécies diferentes. Embora sejam frágeis e delicadas e vivam poucos dias, nascem todo dia mais de 150 borboletas no local, renovando, assim, a coleção viva dessas belas criaturas. Embora sejam bastante conhecidas coleções formadas por borboletas mortas, nessa galeria, optamos por mostrá-las numa coleção “viva”, constituída pelo borboletário que as apresenta inseridas à natureza.

Existem, ainda, as **bibliotecas**, órgãos especializados em todas as áreas do saber que democratizam a informação, o conhecimento e a cultura, em livros, mapas, documentos e arquivos.

As primeiras bibliotecas eram constituídas por acervos feitos de minerais escritos em tabletes de argila. Em seguida, vieram acervos provenientes de vegetais e animais, constituídos de papiros e pergaminhos. Depois, com a descoberta do papel, surgiram as primeiras compostas de material impresso e mais tarde as compostas por livros.

Há uma diversidade de bibliotecas espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. Contudo todas têm a característica fundamental de reunir e guardar informação e conhecimento nas enciclopédias e nas obras literárias que compõem seus acervos.

GALERIA 6: ARTE E CULTURA EM EXPOSIÇÃO

Em nossa última galeria, o público visitante encontrará toda forma de arte constituída pelas mãos da elite de grandes colecionadores, objetos provenientes da opulência da aristocracia, das residências reais que, através de doações, formaram as instituições museológicas que guardam o nosso patrimônio cultural.

Essas instituições começaram a ser formadas na Idade Média, quando a Igreja reuniu grandes coleções. Até o século XVIII, as coleções de arte eram privadas e o acesso a elas apenas se efetivou com a Revolução Francesa, quando o Governo Revolucionário criou o **Museu do Louvre**, o primeiro museu público com coleções acessíveis a todos, com finalidade recreativa e educacional. Os museus públicos, nessa época, assim como as bibliotecas, eram considerados espaços culturais e veículos do conhecimento para a população.

No final do século XIX, o museu passou a ser visto como depósito de objetos exóticos dos despojos coloniais. As expedições às colônias alimentavam acervos e transformavam os museus em instituições de pesquisa.

No século XX, houve a fase de revitalização dos museus provocada pela Primeira Guerra Mundial, refletindo na busca do homem pela sua identidade perdida, por suas origens, fazendo com que procurasse sua tradição nessas instituições.

O museu atende até hoje à necessidade do homem de colecionar e de preservar o passado para o futuro, fazendo a ligação com o presente. Sua função está em completar o processo histórico da humanidade, provendo-a de outros elementos que não somente do registro histórico escrito.

Os objetos das coleções museológicas são signos culturais que testemunharam uma época anterior à que vivenciamos hoje. O material do passado serve para recriar e interpretar a cultura e os passos de nossos ancestrais. A leitura e o conhecimento do passado são feitos, então, por meio de objetos históricos e artísticos que sobreviveram ao tempo, submetidos a uma proteção especial.

As instituições museológicas funcionam como tutoras dos bens patrimoniais e culturais de um município, de um estado, de uma nação, guardando a memória artística, histórica, política, social e antropológica de um povo.

No Brasil existem cerca de duas mil unidades museológicas de tamanhos e tipologias diversas, das quais destacamos quatro importantes instituições do Rio de Janeiro: o **Museu da Imagem e do Som**, o MIS, o primeiro museu audiovisual do País, com a finalidade principal de preservar e divulgar documentação iconográfica e sonora fluminense, principalmente relacionada à nossa música; o **Museu do Índio**, que guarda a arte primitiva e o modo de viver de nossos ancestrais em um dos mais importantes acervos de povos indígenas da América Latina; o **Museu do Folclore**, destinado à divulgação de nosso patrimônio folclórico, como as artes e os folguedos populares do Brasil; e o **Museu Nacional**, situado na Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, considerado a mais antiga instituição museológica do Brasil e o maior museu de história natural e antropológica da América Latina, cujo acervo é composto por milhões de itens de coleções em diversas áreas.

Sabemos que o Brasil é um país jovem com valores de preservação bastante distorcidos, pois não somos educados a cultivar e preservar o passado. Há, inclusive, uma máxima popular que diz que “o brasileiro não tem memória”. Por isso, reconhecemos a importância do colecionador e das inúmeras coleções formadas para a preservação da História do País e de nossa sociedade, como fazem essas imprescindíveis entidades culturais oficiais.

Assim, quando pisarmos a Avenida de desfile com esta homenagem ao colecionismo, serão milhares de pessoas, no Sambódromo e no mundo inteiro, visitando nossas galerias e admirando os tesouros singulares de tantos colecionadores, organizados para serem apreciados pelos foliões, que estarão se identificando e aprendendo com a seleta e admirável mostra promovida pela Unidos da Tijuca, numa grande exposição itinerante em plena Marquês de Sapucaí, em busca da peça mais importante para completar a nossa coleção tijuca: a vitória deste Carnaval!

SOU TIJUCA, TRAGO A ARTE COLECIONANDO O MEU TESOURO

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Em 2008, a Unidos da Tijuca apresenta um hábito que acompanha a humanidade desde os primórdios de sua existência, quando o Homem, por motivos funcionais ou psicológicos, começou a guardar e a colecionar repetidos artefatos.

O ato de colecionar diferencia-se do objetivo da ação de consumir, pois o objeto colecionado é separado de suas funções originais, já que, ao ser adquirido, perde suas funções e utilidades iniciais, adquirindo status de elemento de acervo, para estabelecer uma relação genuinamente emocional com o colecionador.

Mas que necessidade é essa das pessoas de agrupar coisas, possuir objetos, manter acervos e gastar tempo e dinheiro para cultivar uma coleção?

Embora saibamos que há fatores psicológicos e sociais que podem explicar esse antigo hábito e o fascínio das pessoas em colecionar os mais variados objetos, psiquiatras afirmam que colecionar é uma atividade absolutamente normal.

Em muitos países, as diversas formas de colecionismo são respeitadas e admiradas, constando até mesmo na grade curricular escolar, em catálogos especializados, revistas, exposições e mostras em locais públicos.

Essa característica acumulativa apresenta-se bastante desenvolvida e mais freqüente nos países mais ricos. Um dos aspectos relativos ao desenvolvimento econômico e cultural de um povo é a preservação e o resguardo de elementos de memórias do grupo social, com o propósito de transmitir às gerações futuras a idéia de preservação e de continuidade.

Algumas coleções, inclusive, possuem finalidade unicamente documental, iniciadas com o intuito claro de se formar arquivos permanentes dos mais variados temas para estudo, o que torna a ação de colecionar uma atividade com características acadêmicas e com definições científicas comprovadas por métodos de pesquisas.

As pessoas que colecionam – seja homem, mulher ou criança – geralmente são determinadas, cuidadosas com seus pertences e sentem grande ciúme de seu acervo. Há vários tipos de colecionadores de acordo com a motivação de cada um em relação ao ato de colecionar.

Os mais variados objetos de hoje, especialmente quando integram uma coleção, depois de milênios poderão se tornar valiosíssimos, pois constituirão uma pista arqueológica de nossa civilização, porque a partir deles se poderá fazer a remontagem de nossa história, dos hábitos da sociedade, da época em que vivemos, da nossa ancestralidade.

No desfile, nossa intenção não é tratar da atividade de colecionar de uma forma meramente antropológica ou com uma seqüência cronológica de fatos históricos a serem contados.

Mesmo que muitos ainda considerem esse hábito como uma mania, excentricidade, extravagância ou esquisitice, a Unidos da Tijuca se torna a curadora de uma grande exposição a céu aberto, transformando a Sapucaí num imenso espaço cultural público para provar que o colecionismo é uma atividade humana das mais importantes, na medida em que contribui efetivamente para a preservação da memória social, científica e econômica das sociedades. Bastando pensar que muitas das peças de coleções particulares – coletadas, adquiridas, guardadas e preservadas – geraram os inúmeros órgãos públicos, como os museus, as bibliotecas, os arquivos, os zoológicos e os jardins botânicos espalhados pelo mundo todo.

ROTEIRO DO DESFILE

Comissão de Frente
COLEÇÃO DE MÁSCARAS

Alegoria 01 – Abre-Alas
O PAVÃO

Ala 01 – Comunidade
COLEÇÃO DE LEQUES

Ala 02 – Me Larga
COLEÇÃO DE CANECAS

Ala 03 – Comunidade
COLEÇÃO DE SAPATOS

Ala 04 – Comunidade
COLEÇÃO DE FLÂMULAS

Ala 05 – Comunidade
COLEÇÃO DE CANETAS

Ala 06 – Ricca
COLEÇÃO DE CACHIMBOS

Alegoria 02
COLEÇÃO DE PINGÜINS DE GELADEIRA

Ala 07 – Sacode Quem Pode
COLEÇÃO DE CARRINHOS

****TRIPÉ****
(Junto à Ala 08)

Ala 08 – Comunidade
COLEÇÃO DE FIGURINHAS

Ala 09 – Cobras e Lagartos
COLEÇÃO DE
SOLDADINHOS DE CHUMBO

Ala 10 – Comunidade
COLEÇÃO DE URSINHOS DE PELÚCIA

Ala 11 – Baianas
COLEÇÃO DE BONECAS DE PANO

Alegoria 03
COLEÇÃO DE BONECAS

Ala 12 – Alto Astral
COLEÇÃO DE CORUJAS

Destaque de Chão
Patrícia Shelida
ANJO DA GUARDA

Ala 13 – Comunidade
COLEÇÃO DE ANJOS

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Ubirajara e Lucinha Nobre
ELFO E FADA

Rainha de Bateria
Adriane Galisteu
GUARDIÃ DA FLORESTA

Ala 14 – Bateria
COLEÇÃO DE GNOMOS

Ala 15 – Passistas
COLEÇÃO DE DUENDES E FADAS

Ala 16 – Comunidade
COLEÇÃO DE BRUXAS

Ala 17 – Comunidade
COLEÇÃO DE BUDAS

Alegoria 04
COLEÇÃO ESOTÉRICA

Ala 18 – Comunidade
COLEÇÃO DE SELOS (FILATELIA)

Ala 19 – Comunidade
COLEÇÃO DE CAIXAS DE MÚSICA

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Marcos e Andréa
RELÓGIO-CUCO

Ala 20 – Comunidade
COLEÇÃO DE RELÓGIOS

Ala 21 – Malandrinhos
COLEÇÃO DE MOEDAS
(NUMISMÁTICA)

Alegoria 05
ANTIQUÁRIO

Ala 22 – Arrebentação
ZOOLOGICO: COLEÇÃO DE ANIMAIS

****TRIPÉ****
(Junto à Ala 23)

Ala 23 – Comunidade
JARDIM BOTÂNICO:
COLEÇÃO DE PLANTAS

Ala 24 – Comunidade
INSTITUTO BUTANTAN

Destaque de Chão
Cecília
BORBOLETA TIJUCANA

****TRIPÉ ****
(Junto à Ala 25)

Ala 25 – Comunidade
BORBOLETÁRIO

Alegoria 06
BIBLIOTECA

Ala 26 – Tropical
MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS

Ala 27 – Flor de Lis
MUSEU DO ÍNDIO

Ala 28 – Ricca
MUSEU DO FOLCLORE

Ala 29 – Comunidade
MUSEU NACIONAL

Alegoria 07
MUSEU: A ARTE PARA O POVO

Ala 30 – Compositores
COLEÇÃO DE DISCOS CARTOLA

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Luiz Carlos Bruno		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	O PAVÃO	O Abre-Alas da Unidos da Tijuca será o majestoso PAVÃO, símbolo maior de nossa agremiação e objeto colecionado por muitos tijuicanos. Todo em ouro, ele representa a peça mais preciosa do acervo do tijucano, nossa valiosa jóia que fará a abertura dos salões que constituem as galerias temáticas. O destaque Carla Horta vem como uma requintada e exclusiva jóia tijucana . Neste carro, encarnado pelo destaque Ricardo de La Rosa, vestido de pavão, homenageamos o saudoso carnavalesco e museólogo Clóvis Bornay , criador de inúmeras indumentárias para concurso. Para embasar seus enredos e elaborar as luxuosas fantasias, ele fazia pesquisas, como até hoje todo carnavalesco faz, nas mais diversas coleções bibliográficas e arquivos. Bornay ganhou fama como inveterado colecionador de títulos em concursos de fantasias, hoje peças de coleções sobre o Carnaval brasileiro em museus do exterior. O efeito das deslumbrantes penas do pavão será feito por 80 componentes com grandes leques durante o desfile.
02	COLEÇÃO DE PINGÜINS DE GELADEIRA	Esta alegoria sintetizará, na bucólica coleção de pingüins de geladeira, as peças de coleção que nos remetem à nostalgia de uma época. Esses objetos de decoração, hoje encontrados em brechós e em feiras de quinquilharias, enfeitavam o teto das antigas geladeiras dos anos 50 e 60. Naquela época, era moda as pessoas terem nas cozinhas, sobre as geladeiras, esses bibelôs de louça. Considerados objetos decorativos cafonas pelos mais jovens, os pingüins de geladeira ganharam o status de peça <i>kitsch</i> e passaram a ser apreciados como peças de coleções caracterizadas como retrôs, aquelas que trazem as lembranças da cultura de uma época e transportam as pessoas a um período de tempo específico de um passado recente. Esta alegoria traz componentes vestidos de pingüins misturados às esculturas dessa simpática ave. Pingüins surgirão de geladeiras antigas para fazer uma divertida coreografia. Em meio a blocos de gelo que compõem o carro virá o destaque Corinto, de Pingüim Real e 20 mulheres vestidas de gelo, as “ Geletes ” tijuicanas.

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Luiz Carlos Bruno		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	COLEÇÃO DE BONECAS	A alegoria tem a forma de uma casa de bonecas, um brinquedo que resiste ao tempo, passando de geração a geração. Essas casas dos mais diversos estilos são reproduções detalhadas de casas ou castelos em miniatura, que servem para guardar todo tipo de boneca. Esse carro alegórico faz referência a um dos mais importantes itens de coleções infantis: as bonecas de todos os materiais e tamanhos colecionadas por crianças e adultos no mundo inteiro. Há séculos, as bonecas, que fazem parte do imaginário de meninas de todo o mundo, feitas de pano, de porcelana, de plástico, até as modernas, são peças de delicadas e ternas coleções de crianças e também de muitas mulheres. 170 componentes vestidos de bonecas estarão misturados a 50 esculturas que compõem a coleção desse brinquedo. Um grupo estará vestindo mimosas e delicadas roupas de bonecas, trazendo na mão máscaras que remetem ao rosto delas. Os destaques Susy Brazil virá de Boneca de Pano e Adriana Magalhães, de Boneca Noiva .
04	COLEÇÃO ESOTÉRICA	A alegoria reproduz uma floresta, um lugar imaginário onde vive a maioria dos seres fantásticos apreciados pelos colecionadores esotéricos. Gnomos, duendes e fadas, os moradores desse mundo encantado, são representações simbólicas do imaginário popular. Estes pequenos seres místicos, aos quais são atribuídos poderes mágicos, compõem itens de acervo de diversos colecionadores cuja crença vai além da simples realidade que nos cerca. No centro do carro há, repleto de duendes, um cogumelo gigante, planta típica da floresta encantada. Os cogumelos estão associados às fadas e a seu mundo, porque se acredita que eles apareçam nos lugares onde elas vivem, sendo também sua comida preferida. À frente da alegoria vem o destaque Amanda Marques, como uma linda Fada . Componentes, vestidos de árvores, darão vida à floresta e duendes brincarão com o público entre a vegetação desta floresta encantada. No fundo do carro há uma casinha de duendes, em referência aos Anões de Jardim, duendes domésticos que também constituem peças de coleções. 02 (duas) fadas gigantes se movimentarão na traseira do carro e cristais energizantes emolduram a floresta encantada, circundando a alegoria.

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Luiz Carlos Bruno		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	ANTIQUÁRIO	<p>Comercializar bens patrimoniais e culturais e salvaguardar e propagar objetos artísticos imbuídos de valor histórico são as funções primordiais dessas casas. Esta alegoria reproduz um gigantesco antiquário repleto de peças artísticas e relíquias procuradas e apreciadas por requintados colecionadores, como as xícaras de porcelana, castiçais, relógios, bustos, bibelôs e selos raros. O carro contém a reprodução de um antigo lustre francês, com 25 componentes fantasiados de velas. Nesse lustre, o destaque Joberth virá de Candelabro. 06 (seis) xícaras giratórias e 02 (duas) fixas trazem componentes trajados de ingleses, em referência ao apreciado jogo de chá. No centro do giratório, em cima de um bule, virá o destaque Marta Erbele, representando um delicado Bibelô de Cristal. Circundando a alegoria, 40 componentes estarão sentados em cadeiras de época trajando fantasia de Luis XV, em referência a um dos estilos de móveis mais apreciados pelos colecionadores.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Luiz Carlos Bruno		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	BIBLIOTECA	<p>Para representar as coleções destinadas a preservar o conhecimento para a humanidade, escolhemos os livros, em referência às imprescindíveis bibliotecas. Pelos livros, podemos aprender os mais diversos assuntos em todas as áreas do saber, também podemos dar asas à nossa imaginação e mergulhar num mundo de fantasia, através das histórias da literatura universal, elementos fundamentais para a formação cultural humana. Por isso, toda biblioteca é constituída de várias coleções bibliográficas, que possuem um vasto mundo de saber, um valioso tesouro de cultura disponível a todos para consulta e lazer. O carro é formado por uma gigantesca coleção de livros empilhados, em referência às enciclopédias e aos inúmeros exemplares da literatura mundial, que formam os acervos dessas instituições. Neste carro, componentes vestidos de páginas/marcadores com trechos da letra do samba darão vida aos livros e a nossa Velha-Guarda, a coleção dos mais antigos sambistas da Unidos da Tijuca, virá trajada com o tradicional fardão, representando os imortais da Academia Brasileira de Letras, contendo também adornos e chapéus de sambistas malandrinhos, unindo o erudito ao popular. Espalhados pela alegoria, virão alguns dos mais importantes escritores lusitanos e brasileiros: Luiz de Camões, Eça de Queiroz, Castro Alves, Machado de Assis, José de Alencar, Monteiro Lobato e Jorge Amado. Nove livros gigantes se abrem e fecham mostrando os componentes vestidos de letras que formam o texto de cada volume. A barra do carro contém pergaminhos com versos da letra do samba-enredo tijucano, a nossa obra-prima literária. Os destaques Tereza de Aquino representará o Conhecimento e Andréia, o Brilho da Sabedoria.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Luiz Carlos Bruno		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
07	MUSEU: A ARTE PARA O POVO	<p>Este carro representa o ícone maior do colecionismo. Os museus são instituições que guardam o patrimônio cultural de um povo e são considerados também como o local ideal para expor as coleções de arte de colecionadores particulares, em mostras que proporcionam ao público conhecer e admirar os mais diversos acervos artísticos. A alegoria, ao reproduzir a moderna pirâmide de vidro, faz alusão ao famoso Museu do Louvre, recanto que agrada a tantos amantes da cultura e, sobretudo, da arte. O Louvre abriga uma das maiores e mais ricas coleções de obras de arte do mundo. Neste carro, os artistas estarão liberando a inspiração em suas obras, seja pintando os notáveis quadros, seja esculpindo as mais conhecidas peças da escultura, para serem expostas ao público em galerias. No meio da alegoria, 09 (nove) gigantescos cavaletes de madeira trazem momentos marcantes da pintura. Pintores tijuicanos estarão mostrando, com seus pincéis, os traços de mestres imortais, nas admiráveis reproduções de seus quadros. O destaque Meimi dos Brilhos reproduz, em sua fantasia, a Musa, admirada estátua romana, do escultor Conopios. No piso do carro, em cima de colunas, componentes virão de célebres estátuas, formando verdadeiras esculturas vivas. Nas laterais e na frente, há baixos-relevos, formados por esculturas e componentes, que mostrarão cenas de guerra e do cotidiano greco-romano. Ladeando o carro, na pista, virá um grupo de escultores tijuicanos esculpindo as peças dos baixos-relevos. No fundo da alegoria do acervo do Louvre, virá a réplica da colossal estátua Vitória de Samotracia, uma mulher guerreira alada sem a cabeça e os braços. Obra-prima do período Helênico, esculpida em mármore róseo por um artista desconhecido, de Rhodes. Ela é protetora dos navegantes e representa a deusa grega da Vitória. Sua presença na última alegoria do desfile tem também a intenção de aludir ao verso do samba-enredo “e selar tua vitória”.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
Carla Horta – Fantasia: Jóia Tijuca (Abre-Alas)	Empresária
Ricardo de La Rosa – Fantasia: Clovis Bornay (Abre-Alas)	Promoter
Corintho – Fantasia: Pinguim Real (Carro 02)	Empresário
Adriana Magalhães – Fantasia: Boneca Noiva (Carro 03)	Artista Plástica
Suzy Brazil – Fantasia: Boneca de Pano (Carro 03)	Professor
Amanda Marques – Fantasia: Fada (Carro 04)	Modelo
Martha Erbele – Fantasia: Bibelô de Cristal (Carro 05)	Empresária
Jobert Moreno – Fantasia: Candelabro (Carro 05)	Ator
Tereza de Aquino – Fantasia: Conhecimento (Carro 06)	Empresária
Andréia – Fantasia: Brilho da Sabedoria (Carro 06)	Estilista
Meimi dos Brilhos – Fantasia: A Musa (Carro 07)	Ator Transformista

Local do Barracão

Rua Rivadavia Correa, nº 60 – Cidade do Samba – Barracão nº. 12 – Gamboa

Diretor Responsável pelo Barracão

Luiz Carlos Bruno e Almir Frutuoso

Ferreiro Chefe de Equipe

Hélcio Pain

Carpinteiro Chefe de Equipe

Edgar

Escultor(a) Chefe de Equipe

Luiz

Pintor Chefe de Equipe

Hebert Fidelis

Eletricista Chefe de Equipe

Oficina de Luz e Paulão

Mecânico Chefe de Equipe

Antônio

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Ricardo Machado - Projetista e desenhista
 Alex - Atelier 01
 Veluma - Atelier 02
 Gustavo - Atelier 03
 Jussara - Chefe de Costura
 Ulisses - Maquiador
 Marcos - Chefe de Adereço

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
01	Coleção de Leques	Várias pessoas, sobretudo mulheres, colecionam leques. Há também acervos desse objeto funcional em vários museus. O Museu Histórico Nacional (RJ), por exemplo, possui um grande acervo dos mais variados leques de todas as épocas e estilos. São peças belíssimas de diferentes materiais e técnicas, que retratam cenas mitológicas e também importantes momentos históricos e sociais. Este objeto, tornado obsoleto na modernidade, ainda é utilizado por muitas pessoas na época de calor. Datados dos séculos XVIII, XIX e XX, os leques eram produzidos no Oriente, na Europa e no Brasil. A fantasia reproduz o formato de vários leques e possui motivos orientais porque até hoje o objeto é um dos símbolos dessa cultura.	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
02	Coleção de Canecas	Nas décadas de 60 e 70, com a febre das festas do chope, era mais comum montar este tipo de coleção. Entretanto, a criação, em 1984, da festa de chope de Blumenau, em Santa Catarina, a festa mais germânica do Brasil, ajudou a impulsionar esse tipo de coleção, com as tradicionais canecas (ou canecos) de chope bastante utilizadas nesse evento. Há uma variedade infinita desse utensílio doméstico, de materiais e formas diferentes. A roupa é composta por um traje alemão, com alguns conhecidos e divertidos tipos de canecas, em referência à colônia germânica que faz a maior festa popular catarinense.	Me Larga	Rogério Matos	1987

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
03	Coleção de Sapatos	Sapatos são peças de coleção tipicamente feminina. Há pessoas que têm verdadeira adoração pelo calçado e possuem inúmeros pares, dos mais diversos estilos e cores. Carmen Miranda era uma dessas mulheres apreciadoras de sapatos. A cantora fazia coleção de sapatos plataforma e de turbantes. A fantasia faz referência às roupas extravagantes que imortalizaram a cantora. E, no turbante, no lugar das frutas tropicais que ela costumava usar, os seus amados sapatos.	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
04	Coleção de Flâmulas	As antigas flâmulas são bandeirolas de tecido, em formato triangular, comumente penduradas nas paredes ou expostas em estantes pelas pessoas. O artigo sempre foi, ao seu tempo, uma forma de registrar acontecimentos importantes, como por exemplo, as flâmulas comemorativas de times de futebol, as de campanhas políticas, de aniversário de instituições, entre outras. Existem diversos colecionadores de flâmulas e bandeiras do mundo todo e sobre todos os assuntos. Embora existam flâmulas no formato quadrangular, a fantasia foi elaborada na sua forma mais conhecida, geometricamente triangular em seus detalhes, contendo as típicas franjas das flâmulas, que remetem às peças de diferentes tamanhos. O traje faz referência ao colecionador esportista e às flâmulas mais populares: as de clubes de futebol.	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
05	Coleção de Canetas	As canetas fazem parte da história da escrita, resistem ao tempo e à modernidade e são um dos principais itens de destaque no colecionismo. Pode-se colecionar pela marca, pela época ou pelo estilo. As mais colecionadas são as canetas-tinteiro. O componente veste traje em forma de tinteiro, com outros apreciados tipos de canetas em destaque. As canetas-tinteiro remetem a colecionadores que gostam de artefatos clássicos, tradicionais.	Comunidade	Harmonia	1931
06	Coleção de Cachimbos	O cachimbo é objeto típico do colecionador fumante. Os melhores cachimbos são os ingleses e os italianos e, em geral, os europeus são os mais tradicionais. O hábito de cachimbar é muito antigo e atraiu admiradores famosos, como Arthur Conan Doyle, que criou Sherlock Holmes, o mais famoso detetive da literatura mundial, que tinha como elemento característico o hábito de usar o artefato. O componente veste fantasia inspirada nas características deste personagem literário, destacando o cachimbo, objeto típico de coleção masculina.	Ricca	Ricardo Vandervelt	1984

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
07	Coleção de Carrinhos	Os meninos são influenciados pelos pais e pela sociedade a juntar brinquedos simbolicamente associados ao gênero masculino, como os carrinhos em miniatura. Porém, não só meninos gostam de colecionar carrinhos. Há uma legião masculina adulta que tem esse hobby. Para muitos homens, é comum voltar a colecionar carrinhos em miniatura, com o intuito de reviver sua infância ou para possuir de alguma forma seu objeto de desejo. A fantasia reproduz uma roupa de piloto de fórmula 1, com as pistas de corrida e alguns modelos de carrinhos em miniatura de coleção.	Sacode Quem Pode	Jorge Santos	1987

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
08	Coleção de Figurinhas	<p>Colecionar figurinhas (ou cromos) é uma prática antiga em diversas partes do planeta. E esse hobby ganhou maior impulso com a chegada da Copa do Mundo de futebol.</p> <p>Milhares de pessoas no mundo inteiro, sejam elas crianças ou adultos, ainda se rendem à ambição de completar um álbum. Há figurinhas de todos os assuntos, como as de esportes, de música, de programas de TV, de filmes, de personagens de histórias em quadrinhos, etc. Existem fãs aficionados por todos os gêneros de cromos colecionáveis e que se reúnem periodicamente em grupos de troca por todo o País. Os componentes, vestindo uma indumentária infantil estilizada, brincarão com um álbum de figurinhas gigante, trocando figurinhas na Avenida.</p>	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
09	Coleção de Soldadinhos de Chumbo	Há registro desde o Antigo Egito de pequenas figuras fabricadas em argila, madeira ou metal, que se destinavam a entreter as crianças. Somente no século XVIII começou a se popularizar a produção de pequenas miniaturas de soldados, fabricados em Paris. No século XX, iniciou-se a produção em massa de soldadinhos de chumbo na Europa, que representavam exércitos de diversas potências européias ou dos Estados Unidos, passando, mais tarde, a se produzir também figuras da Antigüidade, como os soldados romanos, gregos, africanos e orientais. Após a 2ª Guerra Mundial, começou a fabricação de soldadinhos de plástico, mais baratos e mais populares. Hoje os soldadinhos de chumbo voltaram a ser item apreciado de coleção, produzidos na China e oferecidos em edições de fascículos em jornaleiros. A fantasia remete aos soldadinhos franceses.	Cobras e Lagartos	Bruno	1984

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
10	Coleção de Ursinhos de Pelúcia	Os bichos de pelúcia foram criados nos Estados Unidos em 1902. Há uma interessante história sobre a origem dos ursos de pelúcia: contam que o presidente Roosevelt, dos Estados Unidos, em viagem, foi convidado para participar de uma caçada, na qual capturou um urso e pediram para que o presidente matasse o animal e o levasse como troféu. Roosevelt negou-se a matar o urso e este gesto de bondade do presidente se espalhou pelo país. Então o imigrante russo Morris Michtom, que era um vendedor de brinquedos, ao saber da história, começou a fabricar ursinhos de pelúcia. Colecionar bichos de pelúcia ainda é hábito entre crianças, meninas e mulheres do mundo inteiro.	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
11	Coleção de Bonecas de Pano	A boneca é um dos brinquedos mais antigos e populares do mundo todo. Associadas ao gênero feminino, as bonecas imitam a forma humana e, de certo modo, ao brincarem com elas, as meninas estão se preparando para a maternidade na vida adulta. As bonecas podem ser confeccionadas com diferentes materiais, acompanhando a evolução dos mesmos e as novas tecnologias. Porém as mais simples e rudimentares, que ainda encantam muitas crianças, são as bonecas de pano, com as partes do corpo confeccionadas em tecido, podendo o enchimento ser feito por diversos materiais, como a palha e o algodão. As baianas vêm caracterizadas de charmosas bonecas, com seus vestidos coloridos, trazendo na saia várias bonecas de pano, formando uma encantadora coleção desse brinquedo.	Baianas	Tia Clotilde	1931

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
12	Coleção de Corujas	Na mitologia grega, a coruja está associada à deusa Atena, que representa sabedoria, ofício, justiça, inteligência e guerra justa. Entre tantos predicados, decidiu-se que a ave representaria a sabedoria, um atributo que a transformou em personagem literária, desenho animado, símbolo de uma profissão e objeto universal de colecionadores, principalmente os esotéricos.	Alto Astral	Elza Ribeiro	1987
*	Anjo da Guarda	Ser divino alado protetor dos humanos.	Destaque de Chão	Patrícia Shelida	
13	Coleção de Anjos	Anjos são considerados mensageiros de um ser superior e guardiões das vidas dos mortais. Esse simbolismo de enviado divino com a função de proteção do Homem explica porque tantas pessoas colecionam essa imagem. A fantasia é composta de um anjo pousado nas nuvens, em referência a ele ser figura tipicamente celeste.	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
*	Guardiã da Floresta	Adriane Galisteu, à frente da coleção de gnomos da bateria, será a Guardiã da Floresta, um ser híbrido, meio bicho e meio gente. Ela será a protetora dos gnomos ritmistas da bateria “Pura Cadência”.	Rainha de Bateria	Adriane Galisteu	
14	Gnomos	Segundo a crença popular, gnomo é um pequeno ser que habita as florestas. É um ser benfazejo ligado à natureza. Se bem tratado pelo homem, o ajuda e o favorece em todos os setores, o que explica ser figura de destaque de muitos colecionadores místicos. A bateria é constituída por uma coleção de gnomos ritmistas que, na cadência do som de seus instrumentos, fazem pulsar o coração do tijucano e do público.	Bateria	G.R.E.S. Unidos da Tijuca	1931

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
15	Duendes e Fadas	O duende é figura mística da crença popular européia. Ente brincalhão e manhoso que se acredita morar em florestas e algumas casas e que, por esse motivo, é peça bastante colecionada por pessoas místicas em busca de proteção para o lar. As fadas são criaturas graciosas com o poder de voar e atender pedidos dos humanos. Os passistas, transformados em simpáticos duendes e fadas, mostram no pé, a alegria do samba, brincando o Carnaval com seu gingado malemolente.	Passista	Priscila	1931
16	Coleção de Bruxas	A imagem de bruxa difundida no Brasil é a européia, de Portugal: uma mulher velha, alta, magra, cabeluda, enrugada, feia, suja e coberta de trapos, com risadas medonhas. No entanto, há pessoas que têm fixação por essa estranha, aterrorizante e curiosa figura e juntam uma variedade de bruxas de todos os tamanhos, materiais e estilos, formando uma interessante e inusitada coleção.	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
17	Coleção de Budas	Siddharta Gautama, o Buda, foi um líder religioso do Oriente que criou uma filosofia que se espalhou pelo mundo todo. Buda é um título dado, na filosofia budista, às pessoas iluminadas que alcançaram a realização espiritual. A imagem do Buda tem a ela associada a proteção de uma ‘divindade’ e a paz espiritual. Muitas pessoas se sentem protegidas e resguardadas do mal mantendo coleção dessa figura simbólica universal. A indumentária faz do componente um buda de jade em sua tradicional posição de lótus, própria para a meditação.	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
18	Coleção de Selos (Filatelia)	O selo é considerado o mais tradicional objeto colecionável e a filatelia, o rei dos <i>hobbies</i> . O colecionador de selos sente prazer em possuí-los, em admirá-los, estudá-los e arrumá-los. A cada dia, em cada selo, o colecionador aprende alguma coisa e cresce um pouco mais culturalmente. Atualmente, no Brasil, há mais de 30 mil filatelistas. A fantasia remete a um carteiro trazendo diversos selos comemorativos.	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
19	Coleção de Caixas de Música	Bastante apreciadas por colecionadores, as caixas de música datam do século XVI, quando foram criadas para atender ao refinamento dos nobres e dos burgueses. Esse objeto, instrumento musical com mecanismo de relógio que move cilindros ou discos, acionando pentes musicais em aço, só se popularizou no final do século XIII, fabricadas na França, na Suíça e na Alemanha. São muito valorizadas pela beleza artística e pela perfeição do trabalho manual. As mais conhecidas são aquelas que contêm bonecas em miniatura, geralmente bailarinas, que se movimentam ao som de lindas melodias.	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
20	Coleção de Relógios	Os relógios sempre fascinaram e despertaram a curiosidade, principalmente de colecionadores masculinos. Há relógios de diferentes épocas e estilos: como os de sol, os de corda, os de corda com ponteiros, os eletrônicos, os de ouro, de prata e de tantos e diversos materiais. Hoje a preferência são os relógios de pulso, embora ainda encontremos belos exemplares de bolso no Brasil. Os fatores que estabelecem o valor de um relógio no mercado são: a marca, o material empregado na caixa, o estado de conservação, o estilo e a raridade. Os relógios, por sua função e por sua diversidade de material, se transformaram em objetos de desejo e tema de coleção no mundo inteiro.	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
21	Coleção de Moedas (Numismática)	As moedas constituem um dos artefatos mais cobiçados dos caçadores de tesouro. Elas perduram através do tempo, podem possuir um valor próprio ou de peças raras e as pessoas têm o costume de esquecê-las ou perdê-las. As moedas são objetos procurados pelos colecionadores há séculos. Quando ainda moeda corrente e principalmente quando deixam de circular, passam a ser objeto de coleção, constituindo-se em um passatempo cultural. O valor da moeda leva em consideração ser de ouro ou de prata, sua raridade e seu estado de conservação e erros de cunhagem. Cédulas e outros documentos bancários antigos, como ações, possuem valor semelhante ao das moedas. A indumentária é inspirada nas vestes dos piratas holandeses, em referência aos cobiçados baús de moedas de ouro.	Malandrinhos	Ricardo Maia	1985

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
22	Zoológico: Coleção de Animais	Os zoológicos são instituições públicas que reúnem animais do mundo inteiro. Nos zôos, os animais são classificados e agrupados por espécie, formando coleções da mesma família para serem apreciados pelos visitantes. A indumentária compõe-se de uma roupa de safári estilizada contendo alguns animais típicos, para lembrar os jardins zoológicos em forma de parques ambientais em que os animais vivem em semi-liberdade, integrados à natureza.	Arrebentação	Ricardo Machado	1988

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
23	Jardim Botânico: Coleção de Plantas	Os jardins botânicos são instituições públicas que reúnem plantas de diversas espécies do mundo inteiro. Neles, o público encontra conjuntos de todo tipo de vegetal preservados da destruição humana. Esta ala é composta por três fantasias similares representando a expressiva coleção de orquídeas do Jardim Botânico do RJ. Na estufa e no ripado estão registrados 4.780 exemplares, de 726 espécies, entre orquídeas ameaçadas de extinção, raras por seu tamanho ou pelo valor histórico. Os componentes-orquídeas virão integrados a um tripé reproduzindo a conhecida aléia de palmeiras imperiais do parque.	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
24	Instituto Butantan	O Instituto Butantan é um centro de pesquisa biomédica, responsável pela produção de mais de 80% do total de soros e vacinas consumidas no Brasil. O Instituto Butantã tem uma das maiores coleções do mundo (54 mil) de espécies de animais peçonhentos. As serpentes, as aranhas e os escorpiões são os animais peçonhentos mais conhecidos. O componente veste indumentária que lembra um uniforme biomédico contendo aranhas e um escorpião.	Comunidade	Harmonia	1931
*	Borboleta Tijuca	Lepidóptero apreciado por colecionadores de inseto.	Destaque de Chão	Cecília	

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
25	Borboletário	Em geral, os borboletários são criados em parques ambientais com a finalidade de preservar espécies e possibilitar ao público visitante estudar e presenciar o seu ciclo de vida e comportamento. Esses viveiros podem abrigar uma coleção enorme de espécies desses admiráveis insetos, importantíssimos para o equilíbrio ambiental de nosso planeta. A ala é uma alusão ao borboletário de Mangal das Garças, o maior do Brasil. O componente veste uma roupa de caçador estilizada e traz na mão uma rede própria para apanhar as belas borboletas, em referência a elas serem bastante apreciadas por colecionadores de insetos. Um tripé reproduzirá uma espécie de viveiro de borboletas, com o qual os componentes interagirão, fazendo uma interessante revoada desses belos insetos na Avenida.	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
26	Museu da Imagem e do Som – MIS	O MIS foi criado em 1965 como uma das comemorações do IV Centenário da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro. Sua finalidade principal é preservar e divulgar a documentação visual e sonora ligada ao Estado do Rio de Janeiro. Seu acervo é composto, dentre outros, por fotografias, gravuras, filmes, vídeos, instrumentos musicais, partituras, discos de vinil e CDs de música brasileira e erudita. O componente traz em sua fantasia elementos que lembram itens do acervo do museu, como pautas musicais e rolos de filme.	Tropical	Ricardo Ribeiro	1986

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
27	Museu do Índio	O Museu do Índio é um órgão científico-cultural da Fundação Nacional do Índio e foi criado em 1953. Seu acervo é constituído de 14 mil objetos e 500 documentos textuais. Dezesesseis mil obras nacionais e estrangeiras sobre etnologia indígena e áreas afins compõem o acervo da Biblioteca Marechal Rondon, uma das mais especializadas no tema, além de 50 mil imagens, entre fotos, filmes, vídeos e 200 registros sonoros, inclusive de músicas indígenas. Expõe ainda cestaria, arte plumária, armas, indumentária, cerâmica e instrumentos musicais.	Flor de Lis	Marcão	1985

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
28	Museu do Folclore	O Museu do Folclore Edison Carneiro foi fundado em 22 de agosto de 1968 por iniciativa do Diretor do Museu Histórico Nacional, Comandante Leo da Fonseca e Silva, e do Presidente da Companhia Nacional de Defesa do Folclore, Dr. Renato de Almeida. Sua finalidade é recolher, classificar, conservar, expor e divulgar o patrimônio folclórico, as artes e os folguedos populares do Brasil. Seu acervo reúne cerca de 1400 objetos que contam histórias possíveis sobre o homem brasileiro, organizados em cinco unidades temáticas: Vida, Técnica, Religião, Festa e Arte. Seu acervo é composto por peças de cultura popular, como cerâmica, cestaria, brinquedos populares, objetos do culto afro-brasileiro e indumentárias. A fantasia é inspirada em uma das obras de Mestre Vitalino.	Ricca	Ricardo Vandevelt	1984

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
29	Museu Nacional	O palácio da Quinta da Boa Vista foi, durante 81 anos, residência da Família Imperial. O edifício abriga hoje o Museu Nacional, fundado por D. João VI, em 1818. Instituição dedicada às Ciências Naturais e à Antropologia. Seu acervo é composto por coleções especializadas de rochas e minerais; de plantas e animais extintos e existentes; de monumentos que registram o desenvolvimento físico e social do Homem, das cavernas à modernidade, como esqueletos de animais pré-históricos, cerâmicas etruscas, ataúdes egípcios, múmias, armas e objetos indígenas de todo o mundo. A fantasia faz alusão à réplica do esqueleto do dinossauro brasileiro Maxakalisaurus Topai, exposto no acervo de Paleontologia, que viveu em Minas Gerais há cerca de 80 milhões de anos.	Comunidade	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Luiz Carlos Bruno					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
30	Coleção de Discos Cartola	Para fechar a exposição tijuicana, nossos compositores fazem uma singela e justa homenagem ao cantor e compositor Cartola, em comemoração pela passagem de seu centenário. Nossa coleção de poetas tijuicanos traz estampada na camisa a coleção de discos com a magnífica obra desse ilustre compositor mangueirense.	Compositores	Harmonia	1931

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Cidade do Samba – Barracão nº. 12 – Gamboa	
Diretor Responsável pelo Atelier Luiz Carlos Bruno e Ricardo Machado	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Juciara	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Veluma
Adrecista Chefe de Equipe Marcos Oliveira	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Alberto
Outros Profissionais e Respectivas Funções Paulo e Edmo - Armações	
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Julio Alves, Sereno, Beto Lima, Paulo Rios e Sóstenes		
Presidente da Ala dos Compositores Direção de Carnaval		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 77 (setenta e sete)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Haroldo Pereira 64 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Marcos Paulo Cruz 31 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Cada objeto, uma história pra contar Vivo a aventura de outra vez eternizar Tijuca, coleciona na Avenida Emoções pra toda vida Um tesouro singular Meu pavão, em destaque na “exposição”, resgatou Relíquias do tempo que o sentimento “guardou” Olhar inocente Embala “boneca” – criança Um sonho menino, “guiando” destino, Eterna lembrança</p> <p><i>O teu manto é minha proteção “Amuleto” ouro e azul, é a minha luz! Cristalina fonte de poder “Pequeno ser” que me conduz</i></p> <p>O tempo que passa, valoriza a arte E faz acender A chama que arde, Buscar a verdade, e reaprender A “plantar” cultura em um jardim E assim ver florir Com a luz de cada geração, nova civilização Passos de nossas ancestrais Traços de mestres imortais “Salões do passado”, presente riqueza, “Chave” do futuro com certeza</p> <p><i>Dá um show Tijuca, Outra “nota” dez pra colecionar E “selar tua vitória A “peça” que falta pra te “completar”</i></p>		

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

O ENREDO NO SAMBA

Neste samba, percebe-se que os compositores se esmeraram em passar o enredo de forma poética, fugindo do óbvio, tratando dos pontos mais importantes do tema com belas imagens, o que resultou numa letra bem trabalhada e inventiva.

“Cada objeto, uma história pra contar / Vivo a aventura de outra vez eternizar”

Nesse trecho, com muita propriedade, os compositores destacaram duas características fundamentais do colecionismo: a) que todo objeto de uma coleção guarda em si a história de uma época, de uma pessoa ou do próprio colecionador e eterniza uma história e um momento do passado, b) a referência à incessante busca do colecionador, que se aventura constantemente para adquirir uma nova peça de sua coleção. E o verbo eternizar ainda se refere à perpetuação na nossa memória de mais um magnífico desfile da Unidos da Tijuca.

“Tijuca coleciona na Avenida / Emoções pra toda vida / Um tesouro singular”

Nesse trecho, temos a presença de um dos elementos básicos do gênero épico, no qual notadamente esse tipo de composição (samba-enredo) se insere: a proposição, que é a revelação antecipada do que se pretende abordar no samba. Assim, a agremiação e o enredo são apresentados logo no início da letra (“Tijuca coleciona na Avenida”). Os versos mostram que a Tijuca apresentará coleções na Avenida, sendo cada uma delas o tesouro singular de um colecionador, que está intimamente ligado à sua coleção pelo aspecto emocional (“Emoções pra toda vida”).

“Meu pavão em destaque na exposição, resgatou”

Esses versos aludem ao primeiro setor: a abertura da exposição tijuicana, refere-se à presença imponente e sempre esperada no desfile do símbolo da Escola, o pavão, que volta este ano integrado ao enredo em sua dupla função: a de simbolizar a peça valiosa de nossa coleção e a de abrir as portas de nossas galerias de relíquias colecionáveis que são guardadas com paixão pelo colecionador. O verbo resgatar nesse trecho é bastante apropriado ao colecionismo, visto que cada objeto de uma coleção resgata um tempo anterior e um sentimento do colecionador.

“Relíquias do tempo que o sentimento guardou”

Este verso remete ao segundo setor, à nossa primeira galeria, mostrando que todo objeto colecionado tem valor e configura-se na relíquia de cada colecionador. O verbo guardar faz alusão à ação básica de todo colecionador que é movido pela emoção, pela paixão a um determinado tipo de objeto, cultuado como relíquia em uma coleção.

“Olhar inocente / Embala boneca criança / Um sonho menino guiando destino / eterna lembrança”

Estes versos remetem ao terceiro setor, à segunda galeria de nossa exposição, o setor de objetos que são mais colecionados pelas crianças, como as bonecas (pelas meninas) e os carrinhos em miniatura (pelos meninos). No verso “Embala boneca criança”, os compositores sintetizam a parte da sinopse na qual se diz que as meninas são levadas pela sociedade a colecionar e a brincar com bonecas, momento em que estão, de certa forma, sendo preparadas para a função da maternidade na vida adulta. E o verso “Um sonho menino guiando destino” refere-se à parte em que tratamos dos brinquedos normalmente colecionados por meninos, que também são influenciados socialmente a se projetarem em ações da vida adulta consideradas típicas do gênero masculino, como a ação de dirigir (“guiando”) carro e outros meios de transporte, por exemplo.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

“O teu manto é minha proteção / Amuleto ouro e azul, é minha luz!

Cristalina fonte de poder / Pequeno ser que me conduz”

O quarto setor, que traz nossa terceira galeria temática, tratando dos objetos místicos de coleção, está presente neste criativo e cadenciado refrão. O pavilhão da Unidos da Tijuca é exaltado, sendo comparado a um manto sagrado, a um amuleto protetor que ilumina o caminho do tijucano. “Cristalina fonte de poder” refere-se aos cristais e também à crença do poder que emana de todos os objetos místicos. “Pequeno ser que me conduz” faz referência aos seres encantados citados na sinopse (duendes, fadas, elfos e gnomos), no caso, ao mágico casal de mestre-sala e porta-bandeira que vem caracterizado de elfo e fada conduzindo o pavilhão tijucano pela Avenida.

“O tempo que passa, valoriza a arte / E faz acender / A chama que arde”

Esses versos nos remete ao quinto setor, à nossa quarta galeria que trata dos objetos encontrados nos antiquários, enfatizando que o tempo é essencial na valorização de objetos artísticos, principalmente os que integram uma coleção, cujo valor é calculado a partir da antiguidade e da raridade da peça. “Chama que arde” faz referência a todo colecionador, traduzida no desejo de ter e de guardar.

“Buscar a verdade e reaprender / A plantar cultura em um jardim / E assim ver florir / Com a luz de cada geração, nova civilização”

Esses versos sintetizam o sexto setor do desfile, nossa quinta galeria, que trata das coleções formadas para guardar o conhecimento. As “verdades” de fatos históricos e dos elementos de uma área do saber podem estar contidos nesse tipo de acervo, como os das bibliotecas, dos arquivos e dos institutos de pesquisa. Nas coleções formadas por essas instituições, aprendemos os conteúdos de todos os campos do conhecimento e reaprendemos a importância de guardar informação e cultura para o futuro, a formar uma memória científica. Empregando uma linguagem figurada admirável, os compositores ainda fazem menção a um desses institutos de pesquisa citados na sinopse: o Jardim Botânico (“plantar”, “...um jardim”, “...ver florir”). As peças de muitas coleções nos permitem ver o passado no presente, é o legado, preservado de modo consciente, que se deixa para as gerações futuras entenderem nossos antepassados. Nesse trecho, os compositores, com muita perspicácia, empregaram o verbo florir em seus dois sentidos: em relação ao verso anterior, ele se refere aos jardins botânicos, significando “florescer” e, em relação ao verso seguinte, foi empregado no sentido de “ver surgir”, de revelar a cultura de civilizações passadas a partir dos itens e peças de coleções que guardam o conhecimento.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

“Passos de nossos ancestrais / Traços de mestres imortais / Salões do passado, / Presente riqueza / Chave do futuro com certeza”

O sétimo setor do desfile, nossa sexta galeria, que trata das coleções museológicas está contido nesses versos. “Passos de nossos ancestrais” mostra que os itens de determinadas coleções, principalmente as expostas nos museus, nos mostram as pistas, os resquícios culturais de nossos antepassados, pois a partir dessas peças podemos remontar seus passos, as marcas deixadas pela sua passagem na época em que viveram. “Traços” faz referência a riscos, linhas e desenhos feitos por pintores e escultores consagrados (“mestres imortais”) e aos aspectos e feitos das suas peças artísticas, em referência às obras de arte, como as pinturas e as esculturas que geralmente são resguardadas e expostas nas coleções dos museus. Com muita habilidade, os autores enfatizaram também algumas características essenciais dos museus: “salões do passado” define bem a instituição museológica, pois seu acervo é basicamente constituído de objetos e informações do passado. A expressão ainda faz referência aos salões residenciais da nobreza, onde eram expostas suas coleções particulares, antes de serem criados os museus, a partir de doações dessas peças artísticas. Esta expressão também se refere a todo acervo de uma coleção, pois cada exemplar guardado para compor uma coleção passa a ser um item do passado, acondicionado em lugares específicos (que podem ser “salões”) para serem expostos ao olhar. O verso “presente riqueza” faz menção à parte da sinopse em que mostramos que o museu faz a ligação entre o passado e o presente. No tempo atual, esse acervo é um presente deixado para o homem contemporâneo, constitui a “riqueza” de conhecimento da geração para a qual foi deixada, porque estudamos o passado com o propósito de preservar para o futuro (“chave do futuro”), já que o passado é sempre projetado no futuro.

“Dá um show, Tijuca / Outra nota dez para colecionar / E selar tua vitória / A peça que falta para te completar”

Este refrão passa uma mensagem de valorização da Unidos da Tijuca, exaltando o amor-próprio do componente que desfila com garra para ver sua Escola campeã do Carnaval. Para conseguir esse efeito, o refrão faz referência ao tradicional “grito de guerra” do nosso intérprete oficial, Wantuir, que antes de cantar os sambas-enredos da Escola sempre diz: “Dá um show, Bateria!”

O refrão inteiro foi formado com um belo elaborado jogo de palavras, em que se consegue passar duas mensagens distintas: o desejo de vitória de toda a Escola e a referência aos elementos fundamentais do colecionismo. Os compositores usaram com muita propriedade palavras que carregam em seu significado elementos próprios do enredo abordado: “coleccionar” significa juntar, acumular ou reunir em coleção, o fundamento do tema; “selar” refere-se à filatelia, coleção de selos; “peça” é parte ou pedaço que integra um conjunto; “falta para te completar”, refere-se ao anseio de todo colecionador, sempre em busca de uma nova peça para completar sua coleção.

O refrão faz ainda referência à coleção de notas dez nos quesitos julgados no Carnaval, aspiração não só da Unidos da Tijuca, mas de todas as agremiações. Ao tratar do colecionismo, a Escola transformou todos os componentes em um colecionador, reavivando o sentimento e o desejo de todo tijucano de buscar “a peça que falta” para completar a coleção do Carnaval de 2008: o troféu de campeã do Carnaval!

Samba com versos de melodia contagiante, bem construídos, repletos de recursos expressivos que enriquecem qualitativamente a composição e atende completamente às idéias do carnavalesco para o desenvolvimento do enredo em desfile.

Análise feita por **JULIO CESAR FARIAS**, professor, escritor, pesquisador, colunista e comentarista de Carnaval, colaborador do Centro de Memória do Carnaval Liesa/RJ, membro do Conselho do Instituto do Carnaval da Universidade Estácio de Sá e Secretário Geral do Conselho Estadual de Cultura do RJ. Autor dos livros: “*Para Tudo Não Se Acabar na Quarta-Feira – A Linguagem do Samba-Enredo*” (2001), “*Aprendendo Português Com Samba-Enredo*”(2002) , “*De Parintins Para o Mundo Ouvir – Na Cadência das Toadas dos Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido*”(2004) e “*O Enredo de Escola de Samba*” (2007).

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria Mestre Casagrande				
Outros Diretores de Bateria Lolo, Serrinha, Jorginho, Julinho, Cosme, Magrão, Demétrius e Rodrigo				
Total de Componentes da Bateria 280 (duzentos e oitenta) componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 12	2ª Marcação 14	3ª Marcação 15	Rece-Reco 0	Ganzá 0
Caixa 108	Tarol 06	Tamborim 48	Tan-Tan 0	Repinique 30
Prato 01	Agogô 0	Cuíca 22	Pandeiro 0	Chocalho 24
Outras informações julgadas necessárias				
Bateria: Gnomos				
O que representa: Segundo a crença popular, gnomo é um pequeno ser que habita as florestas. É um ser benfazejo ligado à natureza. Se bem tratado pelo homem, o ajuda e o favorece em todos os setores, o que explica ser figura de destaque de muitos colecionadores esotéricos. A bateria é constituída por uma coleção de gnomos ritmistas que, na pura cadência do som de seus instrumentos, fazem pulsar o coração do tijucano e do público.				
Rainha de Bateria: Guardiã da Floresta				
O que representa: Adriane Galisteu, à frente da coleção de gnomos da bateria, será a Guardiã da Floresta, um ser híbrido, meio bicho e meio gente. Ela será a protetora dos gnomos ritmistas da bateria “Pura Cadência”.				
Luiz Calixto Monteiro, o mestre Casagrande, iniciou sua carreira no Carnaval como ritmista em 1979. Na década de 80 foi promovido a diretor de bateria da Unidos da Tijuca, tocando ao lado do lendário mestre Marçal. Após anos atuando como diretor, Mestre Casagrande assume em 2008 a regência da bateria “Pura Cadência” da Unidos da Tijuca.				

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia Almir Frutuoso
Outros Diretores de Harmonia Marcelo, Alexandre, Tiquinho e Juarez
Total de Componentes da Direção de Harmonia 40 (quarenta) componentes
Puxador(es) do Samba-Enredo Wantuir Oliveira, Douglas, Celinho, Maneiro, Sereno, Serginho e Gersinho
Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo Violão de Sete Cordas – Marquinho Violão de Seis Cordas – Zezinho Cavaquinho – Ivinho e João
Outras informações julgadas necessárias

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Almir Frutuoso

Outros Diretores de Evolução

Marcelo, Alexandre e Rafael

Total de Componentes da Direção de Evolução

40 (quarenta) componentes

Principais Passistas Femininos

Janice

Fernanda

Helen

Principais Passistas Masculinos

Wilson

Renato

Outras informações julgadas necessárias

FICHA TÉCNICA

Conjunto

Vice-Presidente de Carnaval João Paredes		
Diretor Geral de Carnaval Luiz Carlos Bruno		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Tio Clotilde		
Total de Componentes da Ala das Baianas 108 (Cento e oito)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Elidia Meira de Lima 79 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Aline Neves dos Santos 21 anos
Responsável pela Velha-Guarda Maria Lúcia Alves Pereira		
Total de Componentes da Velha-Guarda 41 (quarenta e um)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Severina Cobel 90 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Maria Lucia Alves Pereira 50 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)		
Outras informações julgadas necessárias A Velha Guarda virá no carro alegórico da Biblioteca (6º setor), representando a coleção dos mais antigos sambistas da Unidos da Tijuca, trajada com o tradicional fardão dos Imortais da Academia Brasileira de Letras e adornos de sambistas malandrinhos.		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Priscilla Mota e Rodrigo Negri

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Priscilla Mota e Rodrigo Negri

**Total de Componentes da
Comissão de Frente**

14

(quatorze)

Componentes Femininos

0

Componentes Masculinos

14

(quatorze)

Outras informações julgadas necessárias

Nome da Fantasia: Coleção de Máscaras

O que representa: Com grande força simbólica, as máscaras estão presentes em todas as culturas. É um artefato carnavalesco que contém a alma e a expressão máxima da festa dionisíaca, por isso constitui também item bastante colecionado por muitos foliões.

Os arlequins tijuicanos de nossa Comissão de Frente trazem o princípio básico do colecionismo: **a multiplicação das peças**. Toda coleção é formada pelo ajuntamento de peças, que se multiplicam gradativamente a cada aquisição do colecionador. Espelhos farão o efeito de multiplicação do objeto colecionável – as máscaras – e também dos arlequins.

Os integrantes da Comissão de Frente vão interagir com um tripé que, fechado, será um grande expositor da coleção de máscaras e, aberto, será um salão de espelhos multiplicadores dos bailarinos e das máscaras.

Rodrigo Negri e Priscilla Mota são bailarinos solistas do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e coreógrafos do Grupo de Dança D.C. Dentre seus trabalhos, Rodrigo Negri criou os espetáculos “Uma noite com Cole Porter” e “Choros – Tributo a Pixinguinha” e atuou nas óperas “Rigoletto” e “Um baile de máscaras” e nas peças “La valse” e “Ela”. Priscilla Mota atuou nos balés “Giselle”, “Lago dos Cisnes”, “O Quebra-Nozes” e “A Bela Adormecida”, entre outros. Obteve diversos prêmios como melhor bailarina em concursos nacionais e internacionais.

No Carnaval carioca, o casal foi assistente da Comissão de Frente da Tradição em 2005. Rodrigo trabalhou na Comissão do Salgueiro em 2006 e destacou-se ao coreografar a Comissão da Portela 2007, com a segunda melhor pontuação no quesito. Priscilla trabalhou nas Comissões da Tradição, em 2005, da Unidos da Tijuca, em 2006 e da Viradouro, em 2007. Em 2008, o casal assume a Comissão de Frente da Unidos da Tijuca.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Ubirajara Claudino	Idade 34 anos
1ª Porta-Bandeira Lucia Mariana de Salles Nobre (Lucinha Nobre)	Idade 32 anos
2º Mestre-Sala Marcos Alves da Motta	Idade 25 anos
2ª Porta-Bandeira Andréa Alves da Motta	Idade 35 anos

Outras informações julgadas necessárias

1.º Casal de Mestre-Sala e Porta Bandeira

Nome da Fantasia: **Pequenos Seres da Floresta**

Criação do Figurino: Luiz Carlos Bruno e Ricardo Machado

Confecção: Edmilson Lima

O que representa: Ambos serão pequenos seres mágicos do imaginário que compõem coleções místicas. Ele representará um garboso elfo e ela uma graciosa fada. Elfos e fadas são pequenos seres que vivem na floresta. Elfos são seres pequeninos, de beleza exótica. Fadas são criaturas graciosas com o poder de voar e de atender pedidos dos humanos. O casal conduzirá nosso mais poderoso amuleto ouro e azul, o pavilhão tijucano, no setor esotérico.

2º Casal de Mestre-Sala e Porta Bandeira

Nome da Fantasia: **Relógio-Cuco**

Criação de Figurino: Luiz Carlos Bruno e Ricardo Machado

Confecção: Veluma

O que representa: O casal representará o conhecido e gracioso relógio-cuco, tipo de relógio bastante apreciado por colecionadores. Os relógios-cucos foram criados por montanhese alemães, no início do século XVIII. O modelo mais apreciado emite o som do pássaro cuco, ave muito comum nas matas européias. Ela terá em sua indumentária as caixas em forma de casinhas de madeira que abrigam o pássaro. Ele será um cuco, a ave que revoa cortejando sua dama, que simboliza a segurança de seu lar.

G.R.E.S. IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE



**PRESIDENTE
LUIZ PACHECO DRUMOND**

João e Marias



Carnavalesca
ROSA MAGALHÃES

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “João e Marias”					
Carnavalesco Rosa Magalhães					
Autor(es) do Enredo Rosa Magalhães					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Rosa Magalhães					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Rosa Magalhães e Wagner Tavares de Araújo					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Vida Privada e cotidiano no Brasil na época de D. Maria I e de D. João VI	Maria Beatriz Nizza da Silva	Editorial Estampa	Lisboa, 1993	-
02	D. João VI no Brasil	Oliveira Lima	Livraria José Olympio editora	-	03 Volumes 2ª edição
03	Maria Antonieta, a última Rainha de França	Evelyne Lever	Editora Objetive	RJ, 2004	-
Outras informações julgadas necessárias					
01 – Comissão nacional para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses.					

HISTÓRICO DO ENREDO

Como toda história de príncipes e princesas costuma começar com era uma vez, assim também começaremos a nossa história...

Era uma vez, uma princesa chamada Maria Antônia. Nasceu na Áustria, numa família numerosa e estava destinada, naturalmente, como toda princesa a se casar com um príncipe. Maria Antônia foi a escolhida para ser a esposa do futuro rei de França, Louis XVI. Ao chegar a França, para as bodas recebeu outro nome. Maria Antônia tornou-se Maria Antonieta. O jovem casal de governantes excede em gastos com a corte e a França passa por momentos conturbados tanto politicamente como financeiramente e rei e rainha são destronados pela Revolução Francesa. É um grande baque para as monarquias absolutistas da Europa.

Num país vizinho, Portugal, vivia outra rainha Maria, que recebeu ao nascer o nome de Maria Francisca Isabel Josefa Antônia Gertrudes Rita Joana. Casou-se com o tio e reinou de 1777 a 1816. Tendo ajudado e acolhido inúmeros nobres franceses perseguidos pela Revolução Francesa, e sabedora do destino de Maria Antonieta, esta Maria apavorada com o grande abalo sofrido pelo absolutismo, ficou ensandecida e viu-se obrigada a passar o poder a seu filho João. O abalo foi tão forte que até hoje é conhecida como D. Maria, a louca. Seu filho João não havia sido criado para assumir o papel de rei, mas como seu irmão mais velho faleceu, e sua mãe não podia mais governar, assumiu o cargo de príncipe regente.

Enquanto isso, na França, sobe ao poder um homem, que apesar de não ser de família nobre era entretanto muito ambicioso – Napoleão Bonaparte. Ele dirige o país a partir de 1799, e se torna Imperador de França em 1804. Seu sonho era se tornar o mais poderoso monarca de Europa e portanto, precisa expandir seus domínios. Era um grande estrategista e conseguia vitórias e conquistas, ampliando território. Nada mais interessante que a península ibérica. Assim, decide invadir Portugal.

D. João, apoiado pelos ingleses, viu que a única saída plausível para não ser humilhado pelo Napoleão, era partir para a América do Sul, mais precisamente para o Brasil. Quem iria nesta aventura? O Príncipe regente aconselha-se com a mãe, que apesar de ter momentos de insanidade, responde muito sensatamente ao seu filho: “Ou vão-se todos ou ficam todos”. Pois vão se todos, decide D. João. Numa correria nunca vista, preparam-se os fidalgos para uma viagem inesperada. Uma espécie de fuga em massa, que frustra os desejos de Napoleão, que ordena a invasão. Há dúvidas quanto ao número de fidalgos que bateram em retirada. Seriam cinco mil, dez mil, quatro mil e quinhentos? O fato é que saíram de Portugal tendo como destino o Brasil. E assim, veio a família real, o pai, a mãe, D. Carlota e os filhos Pedro e Miguel e mais as infantas D. Maria Teresa, Maria Isabel, Maria Francisca, Maria Assunção, Isabel Maria e Ana de Jesus Maria.

No Brasil, o governo de D. João VI tomou medidas que se impunham, para manter a colônia: liberação da atividade industrial, autonomia administrativa, permissão de ter imprensa; fundação da academia militar, da marinha e de um hospital militar, criação de uma fábrica de pólvora no Rio de Janeiro; do ensino superior, do Jardim Botânico e da biblioteca real, da academia das Belas Artes e do Banco do Brasil. Quem ajudava o pai a despachar era a infanta D. Maria Teresa.

O tempo passou, duas sobrinhas de Maria Antonieta, se casaram com pretendentes diametralmente opostos. Maria Luisa Leopoldina Francisca Teresa Josefa casou-se com Napoleão, porque Josefina, sua primeira mulher não lhe dera herdeiros, e sua irmã, Maria Leopoldina Josefa Carolina, casou-se com D. Pedro, filho de D. João. Duas irmãs e dois destinos opostos, pois que D. João e Napoleão continuavam inimigos. Napoleão acaba deposto, mais D. Pedro, torna-se Imperador do Brasil e Leopoldina, sua primeira Imperatriz. Ambos foram homenageados, entre outras coisas, “D. Maria Leopoldina virou trem e D. Pedro é uma estação também”. O trem é o que passa em Ramos, e que deu nome a nossa Escola Imperatriz Leopoldinense, onde imperam Joãos e Marias deste mundo de Deus.

Rosa Magalhães
Carnavalesca

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Festejando a chegada do príncipe regente ao Brasil, a Imperatriz Leopoldinense se junta a essas comemorações contando este acontecimento, suas causas e conseqüências, de forma simples, para atingir ao grande público, traçando um caminho de fácil compreensão do fato histórico. O absolutismo sofre um duro golpe com a execução dos reis de França, e como conseqüência da má administração, o povo se rebela, invade a Bastilha. É a revolução francesa. Depois de um período conturbado, sobe ao poder Napoleão, que decide se transformar no maior governante europeu. Na sua mira, estava Portugal. Aliada dos ingleses e por sugestão destes, D. Maria e o príncipe regente D. João, decidem embarcar com a corte, para o Brasil. Fato inusitado, mas que traz para a colônia um desenvolvimento nunca esperado. A coincidência nos nomes e os parentescos existentes nesta trama, com tantas Marias envolvidas, dirigiram o interesse para a participação das Marias nesta história, chegando até a escola de samba, que também leva o nome de uma das Marias, a Leopoldina, irmã de Maria Luisa, que se casa com Napoleão, inimigo ferrenho de D. João, sogro de Maria Leopoldina, que era sobrinha de Maria Antonieta.

Rosa Magalhães
Carnavalesca

ROTEIRO DO DESFILE

**Comissão de Frente
PRINCESAS MARIAS EM
BAILE DE GALA**

Ala Liberdade
POVO REBELADO

**Carro 01 – Abre-Alas
“VEM BRINCAR NESSE TREM, ... COM
AS MARIAS”**

Ala Comunidade 01
TROCANDO DE TRAJE

Ala Comunicação
O ESPELHO DA VAIDADE

Carregadores de Bolo
SERVIÇAIS DO BANQUETE

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Marcílio e Verônica
PORCELANA DE CHANTILLY**

Carregadores de Bolo
SERVIÇAIS DO BANQUETE

Ala Caprichosos
AS GULOSEIMAS

Ala Comunidade 02
DAMAS DA CORTE

**Carro 02
“NA CORTE, COM MARIA ANTONIETA”**

Surgiu no Ato
JOVEM REVOLUCIONÁRIO

Ala CTI
CIDADÃO REVOLUCIONÁRIO

Ala Comunidade 03
CIDADÃ REVOLUCIONÁRIA

Ala Luz
SOLDADO DE NAPOLEÃO

Ala Falcão
ROSETA, SÍMBOLO DA REVOLUÇÃO
FRANCESA

Carro 03
**“OS REVOLUCIONÁRIOS FRANCESES E
NAPOLEÃO”**

Ala Comunidade 04
DAMA DE COMPANHIA DE D. MARIA

Ala Gaviões
PREPARAÇÃO PARA A FUGA

Amar é Viver
VINHEDOS DE LISBOA

Rainha da Bateria
Luiza Brunet
NINFA DAS ÁGUAS

Ala da Bateria
AS ÁGUAS DO TEJO

Ala de Passistas
SERES AQUÁTICOS DO TEJO

Ala Força Verde
JARDIM DO PALÁCIO

Ala das Baianas
AZULEJOS PORTUGUESES

Carro 04
“TODOS SE VÃO... DE PORTUGAL”

Grupo
GOLFINHOS

Grupo
PAPAGAIOS

Ala Comunidade 05
VENDEDORA DE FRUTAS

Ala Tijolinho
COQUEIRO

Ala das Crianças
AS FLORES

Ala Bons Marujos
ORQUÍDEAS

Ala Comunidade 06
ESCRAVA COM PANELA DE BARRO

Ala Comunidade 07
DAMA DA CORTE DO BRASIL

Carro 05
“D. JOÃO CHEGA AO RIO DE JANEIRO”

Ala Corpo Santo
VENDEDORA DE FLORES

Ala da América A e B
NOBRES BRASILEIROS

Ala Impossíveis
MOEDAS BRASILEIRAS

Ala Nobre
AS JÓIAS DA COROA

Carro 06
**“D. PEDRO E D. LEOPOLDINA QUE SERÁ
NOSSA IMPERATRIZ”**

Ala das Baianinhas
VERDE, BRANCO E OURO – NOSSAS
CORES

Ala Princesas de Ramos
D. LEOPOLDINA

Ala Alegria
A ESTRELA DA BANDEIRA DA
IMPERATRIZ

Ala Comunidade 08
NOSSA BANDEIRA

Força de Ramos
A COROA, NOSS SÍMBOLO

Carro 07
**“O IMPÉRIO DE MARIAS E
JOÃOS, EM RAMOS**

Ala Velha-Guarda
VELHA-GUARDA

Ala dos Compositores
COMPOSITORES

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Rosa Magalhães		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	“VEM BRINCAR NESSE TREM, ... COM AS MARIAS”	Representa o trem que passa em Ramos, onde fica situada a Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense. Visão romântica, com as Marias transformadas em princesas, da corte de Momo.
02	“NA CORTE, COM MARIA ANTONIETA”	A primeira das Marias enfocadas no enredo. No reino de Luis XVI, as crises financeiras se sucediam, por má administração das finanças. A condenação dos reis de França, abala o absolutismo das casas reais européias. Maria Antonieta, da casa dos habsburgos, era tia de Maria Leopoldina.
03	“”OS REVOLUCIONÁRIOS FRANCESES E NAPOLEÃO”	A revolução francesa foi uma consequência da má administração no reinado de Luis XVI e dá oportunidade a Napoleão de se elevar à categoria de Imperador.
04	“TODOS SE VÃO... DE PORTUGAL”	Temendo a invasão de Portugal pelas forças napoleônicas, e aconselhado pelos ingleses, a rainha D. Maria I e seu filho D. João, então regente, decidem se mudar para o Brasil. Embarcam, junto com os nobres, a família real e as 06 filhas Marias de D. João e D. Carlota. O carro é decorado com azulejos portugueses gigantes, uma releitura e também, homenagem a artista plástica Adriana Varejão.
05	“D. JOÃO CHEGA AO RIO DE JANEIRO”	Depois de uma escala na Bahia, finalmente D. João chega a Rio de Janeiro, mas precisamente no lugar que hoje chamamos de Praça XV, num embarcadouro junto ao Cafariz de Mestre Valentim. Naquela época, a Bahia de Guanabara era repleta de baleias, que foram exterminadas, tendo em vista que a cidade era iluminada com óleo de baleia. Assim decidimos representar D. João chegando ao Rio, num barquinho levado por uma baleia.

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Rosa Magalhães		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	“D. PEDRO E D. LEOPOLDINA, QUE SERÁ NOSSA IMPERATRIZ”	A corte no Brasil, as cores verde e amarela, foi escolhida por Debret, que desenhou a primeira bandeira brasileira, do império, com D. Pedro como imperador e D. Maria Leopoldina, como sua primeira imperatriz.
07	“O IMPÉRIO DE MARIAS E JOÃOS, EM RAMOS”	A realeza de ramos, seu símbolo, sua bandeira, seus troféus e a nobreza cheia de Marias e Joãos.

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p>Simone Drumond Paola Drumond Natália Drumond Elisabeth Aparecida G. de Abreu Conceição João Helder Mariana Drumond Dilma Pires André Matos Cristiano Menezes Luciana Pittigliani Neucimar Pires Raí Menezes Maria Helena</p>	<p>Do Lar Universitária Universitária Do Lar Médico – Cirurgião Plástico Universitária Do Lar Ator Vitrinista Do Lar Cabeleireiro Micro-Empresário Do Lar</p>
<p>Local do Barracão Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Gamboa - Cidade do Samba – Barracão nº. 14</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão Regina Célia Rodrigues Cairo</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe Pedro Girão</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Arapuan Santiago</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Gilberto Saveiro</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe Clécio Régis</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Marcos Ribeiro</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe Pedro Girão</p>
<p>Outros Profissionais e Respectivas Funções</p> <p>Aderecista Chefe de Equipe - Sérgio Augusto Faria</p> <p>Laminação e Formas Chefe de Equipe - “Grilo”</p> <p>Movimento de Escultura (Cavalos) Chefe de Equipe e Projetos - Rossi Amoedo</p>	

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Rosa Magalhães e Mauro Leite					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
01	Povo Rebelado	O povo que se rebelou contra os desmandos da corte francesa.	Ala Liberdade	Direção de Carnaval	2007
02	Trocando de Traje	A futilidade da corte.	Ala Comunidade 1	Direção de Carnaval	1992
03	O Espelho da Vaidade	Egocentrismo da nobreza.	Ala Comunicação	Saint Claire e Charles	1999
04	Serviçais do Banquete	Servos com bolo.	Carregadores	Direção de Carnaval	2007
05	As Guloseimas	Delícias que regalavam a corte.	Ala Caprichosos	Ilma Guedes	1983
06	Damas da Corte	Fidalgas.	Ala Comunidade 2	Direção de Carnaval	1992
07	Jovem Revolucionário	Povo francês.	Ala Surgiu no Ato	Sandra Borges	1982
08	Cidadão Revolucionário	Adepto da revolução francesa.	Ala CTI	João Roberto Jr.	2003
09	Cidadã Revolucionário	Mulher adepta da revolução francesa.	Ala Comunidade 3	Direção de Carnaval	1992
10	Soldado de Napoleão	Exército napoleônico.	Ala Luz	Carla de Carvalho	1998
11	Roseta, Símbolo da Revolução Francesa	Roseta nas cores – azul, vermelho e branco, usada pelos cidadãos.	Ala Falcão	Falcão	1994

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Rosa Magalhães e Mauro Leite					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
12	Dama de Companhia de D. Maria	Dama da corte portuguesa.	Ala Comunidade 4	Direção de Carnaval	1992
13	Preparação para a Fuga	Lacaio levando a bagagem.	Ala Gaviões	Haroldo Gatts	1991
14	Vinhedos de Lisboa	Plantação de vinhas nos arrabaldes do palácio.	Ala Amar é Viver	Hélcio	1998
*	Ninfa das Águas		Rainha da Bateria	Direção de Carnaval	1990
15	As Águas do Tejo	Rio Tejo, de onde partiu a comitiva, banha Lisboa.	Ala da Bateria	Direção de Carnaval	1959
16	Seres Aquáticos do Tejo	Figuras mitológicas que habitavam o imaginário dos marinheiros.	Ala de Passistas		1959
17	Jardim do Palácio	Flores que circundavam o palácio.	Ala Força Verde	Vilma Borges	1985
18	Azulejos Portugueses	Característica de construções portuguesas, influência moura.	Ala das Baianas	Direção de Carnaval	1959
19	Golfinhos	Águas brasileiras abrigam os golfinhos.	Grupo	Direção de Carnaval	2008
20	Papagaios	Aves brasileiras na costa.	Grupo	Direção de Carnaval	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Rosa Magalhães e Mauro Leite					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
21	Vendedora de Frutas	Figura popular de Debret.	Ala Comunidade 5	Direção de Carnaval	2008
22	Coqueiro	Vegetação tropical da costa brasileira.	Ala Tijolino	Regina Cairo	1995
23	As Flores	Flores silvestres.	Ala das Crianças	Direção de Carnaval	1988
24	Orquídeas	Flores.	Ala Bons Marujos	Valério	2005
25	Escrava com Panela de Barro	Figura popular de rua.	Ala Comunidade 6	Direção de Carnaval	2008
26	Dama da Corte do Brasil	Dama da nobreza brasileira.	Ala Comunidade 7	Direção de Carnaval	1992
27	Vendedora de Flores	Figura popular de rua.	Ala Corpo Santo	Gabriel	1994
28	Nobres Brasileiros	Fidalgos da nobreza brasileira.	Ala da América A e B	Carlos Costa	1998
29	Moedas Brasileiras	As moedas... no Brasil.	Ala Impossíveis	Maria Helena	1992
30	As Jóias da Coroa	Lastro do recém formado Banco do Brasil.	Ala Nobre	Walter Vasconcelos	2001
31	Verde, Branco e Ouro – Nossas Cores	As cores da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense.	Ala das Baianinhas	Direção de Carnaval	2000

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Rosa Magalhães e Mauro Leite					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
32	D. Leopoldina	Mulher de D. Pedro, que deu nome a Escola de Ramos.	Ala Princesas de Ramos	Direção de Carnaval	2008
33	A Estrela da Bandeira da Imperatriz	Decoração da bandeira, simboliza os bairros da Leopoldina.	Ala Alegria	Irenio Dias	1994
34	Nossa Bandeira	Bandeira da Imperatriz Leopoldinense.	Ala Comunidade 8	Direção de Carnaval	1992
35	A Coroa, Nosso Símbolo	No centro da bandeira, existe uma coroa.	Ala Força de Ramos	Direção de Carnaval	2008
36	Velha-Guarda	Velha-Guarda.	Ala Velha-Guarda	Direção de Carnaval	1989
37	Compositores	Compositores.	Ala dos Compositores	Direção de Carnaval	1959

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Gamboa – Cidade do Samba – Barracão nº. 14	
Diretor Responsável pelo Atelier Regina Célia Rodrigues Cairo	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Silvia Bastos	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Rivelino
Adrecista Chefe de Equipe -	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Regina
Outros Profissionais e Respectivas Funções Mauro Leite - Assistente da carnavalesca Alexandre Cunha - Acabamento de Figurino Selma de Paula - Acabamento de Figurino Beto Oliveira - Acabamento de Figurino Ana Sandra - Acabamento de Figurino Alessandra Cadore - Acabamento de Figurino Joaquim Cardoso - Alfaiate Isa Cordeiro - Costureira	
Outras informações julgadas necessárias A Ala dos Passistas, “Seres Aquáticos do Tejo”, é composta por 02 (duas) fantasias diferentes, uma masculina e outra feminina.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Josimar, Di Andrade, Valtencir, Carlos Kind e Jorge Arthur		
Presidente da Ala dos Compositores Cigano		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 163 (cento e sessenta e três)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Denir Lobo 74 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Henrique César 28 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Maria uma princesa Também sonhava Um dia um príncipe encontrar E ouviu do Rei da França Em meio ao luxo e a bonança Maria Antonieta tu serás Em Portugal, outra rainha, Dona Maria A Louca não podia governar Delirava temendo a revolução E entrega o reino a João Regente assim se fez, e o imperador francês Ordena a invasão</p> <p><i>Ou ficam todos Ou todos se vão Embarcar nessa aventura E au revoir Napoleão</i></p> <p>Cruzaram mares Chegaram ao Brasil São novos ares, progressos e a transformação Vieram as Marias, toda fidalguia, Dom João O tempo passou, irmão se casar Duas Marias da mesma raiz Luisa com Napoleão E Leopoldina será nossa imperatriz Será também nome de trem Que passa em Ramos a nossa estação Onde imperam Marias e Joãos</p> <p><i>Vem brincar nesse trem amor Que vai passar na estação do coração Vai brilhar no céu Imperatriz As onze estrelas do teu pavilhão</i></p>		

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Josimar, Di Andrade, Valtencir, Carlos Kind e Jorge Arthur		
Presidente da Ala dos Compositores Cigano		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 163 (cento e sessenta e três)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Denir Lobo 74 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Henrique César 28 anos
Outras informações julgadas necessárias <p>Onze estrelas farão o céu do Rio de Janeiro ficar mais brilhante na noite de 04 de fevereiro, quando a Imperatriz adentrar a Marquês de Sapucaí. A devoção da nação gresilense, as suas cores e a sua bandeira, é refletida nos milhares de sorrisos de “Joãos e Marias” que abrilhantam a corte leopoldinense em dia de desfile.</p> <p>Ramos, local de fundação da escola, é a estrela principal do pavilhão. Nosso bairro está em destaque no canto superior do manto sagrado, que representa também outras dez estações em forma de estrelas: Leopoldina (que recebeu este nome em homenagem a Imperatriz Leopoldina, mulher de D. Pedro I, Imperatriz do Brasil), Manguinhos, Bonsucesso, Olaria, Penha, Penha Circular, Brás de Pina, Cordovil, Lucas e Vigário Geral.</p> <p>A linha férrea, no ano de fundação, passava ainda pelos bairros de São Cristóvão e Triagem, mas estes não estão atualmente representados na Bandeira por pertencerem ao subúrbio da Central, e não ao Subúrbio da Leopoldina.</p> <p>01 – Destacamos os compositores Niltinho Tristeza, Toninho Professor, Marquinho Lessa, Guga, etc.</p>		

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria Marcone da Silva Sacramento				
Outros Diretores de Bateria Jairo Ribeiro, Adenilson Benvindo dos Santos, Jorge Luiz Augusto Lucas, Márcio de Souza Cezário, Carlos Augusto de Brito, Paulo Henrique Cezário, Edwilson Gomes de Brito e Alan Rangel Nascentes.				
Total de Componentes da Bateria 270 (duzentos e setenta) componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 12	2ª Marcação 12	3ª Marcação 16	Rece-Reco 01	Ganzá 0
Caixa 76	Tarol 15	Tamborim 36	Tan-Tan 0	Repinique 35
Prato 01	Agogô 20	Cuíca 22	Pandeiro 0	Chocalho 24
Outras informações julgadas necessárias				
<p>Mestre Marcone e o produtor musical Mario Jorge Bruno unem talentos e esforços à frente da Tradicional orquestra leopoldinense. Marcone trás no sangue o pulsar forte de um menino que desde muito cedo, tinha 6 anos quando desfilou pela primeira vez, entende do “riscado” e foi um dos destaques na bateria da Imperatriz como percussionista.</p> <p>Desde 2005, faz parte da Direção da Ala de Bateria e em 2008 assume o posto principal demonstrando bastante competência para o cargo.</p> <p>Mario Jorge Bruno é um dos responsáveis pela produção do CD das escolas de Samba do Grupo Especial e durante anos foi também julgador do quesito Bateria.</p> <p>Essa refinada experiência musical associada ao tradicional suingue leopoldinense, prometem fazer tremer os pilares da Marquês de Sapucaí.</p> <p>01 - Vale ressaltar que antes de entrar no refrão do meio em algumas passagens, a bateria de mestre Marcone, lembra a “invasão francesa” com sons de canhões, além das evoluções normais durante o samba;</p> <p>02 - Este ano a bateria da Imperatriz Leopoldinense está sob a coordenação musical de Mário Jorge.</p>				

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

José Francisco do Souto, o “Chico Branco”

Outros Diretores de Harmonia

Adilson, Alexandre, Amelinha, André do Valle, André Bonatte, Bira, “Chico Bala”, Cláudio, Daniel, Diego, Enéas, Evaldo, Fábio, Guaraci, José Carlos, Jorge Artur, Jorge Nascentes, Jorginho, Josimar, Júlio, Luis Coelho, Márcio, Marcos, Marcelo Lima, Marques, Maurício, Nadinho, Onofre, Paulinho, PC, Raul, Robson, Russo, Toinho, Tuninho, Uilian, Valdo, Vilmar e Vitor.

Total de Componentes da Direção de Harmonia

40 (quarenta) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Preto Jóia

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Cavaco – Leandro Tomaz e Vitor Rinaldo

Surdo – Marcelo

Violão de 07 cordas – Ismael

Pandeiro – Maurício

Tan-tan – Marcelo

Outras informações julgadas necessárias

01 - Puxadores de apoio no carro de som:

Nino, Maurício “10”, Paulinho, Marcelo e “Monstrinho”

02 - Após seis anos afastados da Imperatriz, no ano passado carnaval de 2007, Preto Jóia voltou as suas origens, reassumido o cargo de primeiro puxador do samba-enredo.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

José Francisco do Souto, o “Chico Branco”

Outros Diretores de Evolução

Adilson, Alexandre, Amelinha, André do Valle, André Bonatte, Bira, “Chico Bala”, Cláudio, Daniel, Diego, Enéas, Evaldo, Fábio, Guaraci, José Carlos, Jorge Artur, Jorge Nascentes, Jorginho, Josimar, Júlio, Luis Coelho, Márcio, Marcos, Marcelo Lima, Marques, Maurício, Nadinho, Onofre, Paulinho, PC, Raul, Robson, Russo, Toinho, Tuninho, Uilian, Valdo, Vilmar e Vitor.

Total de Componentes da Direção de Evolução

40 (quarenta) componentes

Principais Passistas Femininos

Janaína, Roberta, Helen, Rosemari, Roseani e Aline

Principais Passistas Masculinos

Matheus, Cláudio, Geovani e Charles

Outras informações julgadas necessárias

FICHA TÉCNICA

Conjunto

Vice-Presidente de Carnaval Wagner Tavares de Araújo		
Diretor Geral de Carnaval Wagner Tavares de Araújo		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças Direção de Carnaval		
Total de Componentes da Ala das Crianças 80 (oitenta)	Quantidade de Meninas 44 (quarenta e quatro)	Quantidade de Meninos 36 (trinta e seis)
Responsável pela Ala das Baianas Raul Cuquejo Marinho		
Total de Componentes da Ala das Baianas 120 (cento e vinte)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Antônia Florentina 73 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Gisela Almeida de Mendonça 29 anos
Responsável pela Velha-Guarda Domingos Ferreira dos Santos Moura, o “Dominguinhos”		
Total de Componentes da Velha-Guarda 61 (sessenta e um)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) José Nunes da Costa 82 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Marcos Macedo 47 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Luiza Brunet (Empresária), Elymar Santos (Cantor), André Matos (Ator) e Leão Lobo (Apresentador de TV)		
Outras informações julgadas necessárias 01 - Maria Helena, após defender as cores da Imperatriz Leopoldinense como Porta-Bandeira, por mais de 20 anos, desfilará mais uma vez defendendo a verde branca de Ramos, no entanto, pela primeira vez, na Imperatriz Leopoldinense, como destaque de carro alegórico. 2 - Luiza Brunet, modelo e empresária, após dois anos afastada, será no Carnaval de 2008, a Madrinha da Bateria da Imperatriz Leopoldinense.		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente Alice Arja		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Alice Arja		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 0	Componentes Masculinos 15 (quinze)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>01 - Para o Carnaval de 2008, a Imperatriz Leopoldinense, está de coreógrafa nova, Alice Arja. Bailarina e coreógrafa de formação clássica, já trabalhando no carnaval desde 1999. Iniciando seus trabalhos coreográficos com a Tradição, em alas de passo marcado, lá ficando durante dois anos. Posteriormente passa a Comissão de Frente, ficando 08 anos na Renascer de Jacarepaguá, onde recebeu 03 vezes seguidas o prêmio “Sambanet”, e 02 vezes o prêmio “Jorge Lafond”. Ainda em Comissão de Frente, passou pela Portela e Império da Tijuca.</p> <p>A sua marca registrada neste trabalho é sempre criar. Trabalhando com bailarinos profissionais, as coreografias estão sempre ligadas à agilidade, resistência e à dramatização cantada do samba enredo. Todos os integrantes desta Comissão de Frente são bailarinos, com formação em ballet, jazz e sapateado americano, alguns tiveram sua formação do próprio projeto social da escola de dança Alice Arja, desde seus 10 anos de idade. É basicamente uma comissão muito jovem, mas com uma experiência de estarem juntos há 08 anos;</p> <p>02 - Nome da fantasia da Comissão de Frente: “Princesas Marias em Baile de Gala”;</p> <p>03 - Serão quinze homens, travestidos de mulheres, inspirados e tal como, no ballet “A Cinderela” do compositor russo Prokofiev.</p>		

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Marcílio Pinto Ferreira	Idade 34 anos
1ª Porta-Bandeira Verônica Barbosa Limeira	Idade 27 anos

Outras informações julgadas necessárias

01 - A fantasia do casal de Mestre-Sala e Porta-bandeira é “Porcelana de Chantilly”, bonecos de porcelana da famosa região da França.

G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL



PRESIDENTE
WILSON VIEIRA ALVES

Trabalhadores do Brasil



Carnavalesco
ALEX DE SOUZA

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo Trabalhadores do Brasil					
Carnavalesco Alex de Souza					
Autor(es) do Enredo Alex Varela e Alex de Souza					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Alex Varela e Alex de Souza					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Alex de Souza e Ricardo Fernandes					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	A Ordem é o Progresso. O Brasil de 1870 a 1910	Margarida de Souza Neves e Alda Heizer	Atual	1991	Todas
02	Cidadania e Direitos do trabalho	Angela de Castro Gomes	Jorge Zahar Editor	2002	Todas
03	A Invenção do Trabalho	Angela de Castro Gomes	Relume-Dumará	1994	Todas
04	A Heresia dos Índios: Catolicismo e Rebeldia no Brasil Colonial	Ronaldo Vainfas	Cia. das Letras	1995	Todas
05	O Rio de Janeiro, Capital do Reino	Ilmar Rohloff de Mattos et al.	Atual	1995	Todas
06	Negociação e Conflito: A Resistência Negra no Brasil Escravista.	João José Reis e Eduardo Silva	Cia. das Letras	1989	Todas
07	Rio de Janeiro, Cidade Mestiça	Straumann, Patrick (org.)	Cia. das Letras	2001	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo Trabalhadores do Brasil					
Carnavalesco Alex de Souza					
Autor(es) do Enredo Alex Varela e Alex de Souza					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Alex Varela e Alex de Souza					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Alex de Souza e Ricardo Fernandes					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
08	Ai, que Preguiça! Dossiê Elogio à Preguiça. In: Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 2, nº. 17.		Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro	2007	Todas
09	Senhores da Floresta. In: Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 1, Nº. 7.	Dias, Marcelo Henrique	Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro	2006	Todas
10	Dossiê Imigração. In: Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 2, nº. 24.		Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro	2005	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo Trabalhadores do Brasil
Carnavalesco Alex de Souza
Autor(es) do Enredo Alex Varela e Alex de Souza
Autor(es) da Sinopse do Enredo Alex Varela e Alex de Souza
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Alex de Souza e Ricardo Fernandes
Outras informações julgadas necessárias <p style="text-align: center;">O CARNAVALESCO ALEX DE SOUZA</p> <p>Alex de Souza, natural da cidade do Rio de Janeiro, é o artista contratado pela Agremiação do bairro de Noel para produzir o Carnaval de 2008.</p> <p>Alex formou-se pela Escola Técnica Visconde de Mauá, obtendo o diploma de técnico em desenvolvimento mecânico.</p> <p>Durante quatorze anos, ele trabalhou na Fábrica Bangu. Inicialmente, exerceu a função de assistente de estilo, e, depois, atuou como supervisor de estilo e gerente de produto. A atuação no mencionado estabelecimento lhe possibilitou adquirir o conhecimento sobre materiais têxteis e aprender a trabalhar a utilização das cores.</p> <p>Quando ainda atuava na Fábrica, Alex ingressou no curso de moda do SENAI/CETIQT, especializando-se na área de estilismo em confecção industrial.</p> <p>No ano de 1990, o artista iniciou os seus primeiros passos no mundo do carnaval, quando foi trabalhar como assistente de figurino do carnavalesco Renato Lage, então atuando no G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel. Durante o período (1990-1995) com que trabalhou com Lage, Alex aprendeu a desenvolver fantasias de destaque, composição e ala, e a roteirizar um enredo.</p> <p>A sua primeira oportunidade de desenvolver um carnaval ocorreu, no ano de 1996, quando foi convidado pelo G.R.E.S. União de Jacarepaguá. Nessa Agremiação, o artista pôde colocar em prática todo o aprendizado que recebeu durante os seis anos com que trabalhou com o mestre Renato. Os carnavais produzidos foram:</p> <p style="padding-left: 40px;">1996 – Folias Brejeiras; 1997 – Histórias de uma Terra Preciosa.</p> <p>Após essa experiência valiosa, Alex voltou a trabalhar com o carnavalesco Renato Lage, criando os figurinos de destaque para o carnaval da Mocidade no ano de 1998.</p> <p>O ano de 1998 marcou o deslanchar definitivo de Alex de Souza como carnavalesco ao ser convidado para produzir o carnaval do GRES Em Cima da Hora. Na Agremiação de Cavalcante, despontou para o mundo do carnaval como um artista talentoso e criativo, sendo admirado por todos.</p>

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo

Trabalhadores do Brasil

Carnavalesco

Alex de Souza

Autor(es) do Enredo

Alex Varela e Alex de Souza

Autor(es) da Sinopse do Enredo

Alex Varela e Alex de Souza

Elaborador(es) do Roteiro do Desfile

Alex de Souza e Ricardo Fernandes

Outras informações julgadas necessárias

Os Carnavais elaborados foram:

- 1999 – Horas... Eras de Glória... e Outras Histórias
- 2000 – Oswaldo Cruz, a Saga de um Herói Brasileiro

Alex atuou também no G.R.E.S. Leão de Nova Iguaçu produzindo três carnavais:

- 2001 – Allah-la-ô, um Carnaval das Arábias;
- 2002 – Do Esplendor Diamantino aos Sonhos Dourados de Juscelino;
- 2003 – Beleza: a eterna Busca do Ser.

Para o Carnaval de 2004, Alex de Souza, por indicação de Wagner Tavares de Araújo (atual Diretor de Carnaval do G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense), foi convidado pelo empresário Maurício Mattos para ser o Carnavalesco do G.R.E.S. Acadêmicos da Rocinha. A ida para a Agremiação de São Conrado significou o momento de crescimento e amadurecimento do artista. Significou também a ascensão de Alex de Souza ao Grupo Especial, ao conquistar o campeonato de 2005 do Grupo de Acesso A. O seu trabalho junto à elite do Carnaval foi reconhecido pelo público e pela crítica de forma definitiva.

Os Carnavais produzidos no G.R.E.S. Acadêmicos da Rocinha foram:

- 2004 – O Mago do Novo, João do Povo
- 2005 – Um Mundo Sem Fronteiras (Campeão do Grupo de Acesso A)
- 2006 – Felicidade Não Tem Preço (Grupo Especial)

No Carnaval de 2007, Alex de Souza foi o Carnavalesco do G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel desenvolvendo o enredo *O Futuro no Pretérito – Uma História Feita à Mão*.

Para o Carnaval de 2008, Alex promete um desfile limpo e luxuoso, característica do seu “fazer carnaval”, para ajudar a Vila Isabel a conquistar o seu terceiro campeonato.

HISTÓRICO DO ENREDO

O Brasil, outrora conhecido como Pindorama, foi o paraíso descoberto nos trópicos, terra de fartura. Na chegada, os portugueses puseram os nativos a trabalhar, trocando madeira vermelha por objetos desconhecidos, que fizeram brilhar aqueles olhos ingênuos.

Não satisfeitos, os portugueses resolveram investir em outra atividade, o cultivo da cana-de-açúcar. O gentio vira escravo do trabalho e de uma fé imposta, que ora lhe protege, ora não. O nativo se rebela! Utilizaram até de rituais mágicos aos quais os colonos chamaram de “Santidades Nativas” como forma de resistência. Era essa uma das formas de lutar contra a exploração.

Havia aqueles que por seu interesse em traficar negros da África, no lugar de escravizar os nativos, criaram o mito de que esses eram preguiçosos, indolentes. Idéia que permaneceu no imaginário popular até os dias de hoje.

Os africanos resistiram ao trabalho forçado, trabalho que ajudou a construir as riquezas dessa terra. Embora seus senhores acreditassem que negro só trabalha debaixo da chibata. Seu espírito guerreiro e suas mais variadas formas de fé, o faz lutar contra os maus tratos. A exemplo dos Malês, que recorrem a Alá para fortalecer seu levante. Outra forma de rebeldia estava na formação de fortalezas, ou quilombos, onde o trabalho não se regia no açoite.

A classe dominante, que acusava os nativos e negros de preguiçosos, também era acometida do que diziam ser pecado. Acostumados a acreditar que o trabalho não é coisa pra gente de bem. Isso é coisa para pretos... Diziam. Aquarelas e gravuras do período joanino retratavam o cotidiano de mucamas, negros vendedores de flores, frutas, aves, etc. Os brancos eram transportados em redes; liteiras; cadeirinhas. Por muito tempo, o serviço braçal continuaria indigno e somente restrito às classes mais baixas, cujo suor garantiria o bom descanso das elites.

A partir da abertura dos portos às nações amigas, medida decretada por D. João com a transferência da família Real portuguesa para a sua colônia americana, começaram a chegar os primeiros imigrantes. A imigração em massa foi a forma encontrada para substituir o trabalhador negro escravo. Na lavoura de café, trabalham em um regime semi-livre. Na cidade, parte deles ocupa espaço na indústria. A expressão “hoje é dia de branco”, que se refere a um dia de trabalho, surgiu da imagem construída do proletário imigrante, que de forma errada seria supostamente mais dedicado do que o brasileiro.

Os direitos dos trabalhadores, no início do século XX, estavam longe de serem reconhecidos. Movimentos grevistas eram duramente reprimidos. O operário se rebela! Anarquistas e socialistas, que provinham de grupos italianos e espanhóis, organizam movimentos de luta por melhores condições de trabalho.

Enquanto isso no campo, onde por longo tempo predominaram as fazendas de monocultura, o pequeno sitiante ficou à margem. Ali, predominou o trabalho escravo e, mais tarde, o de imigrantes europeus e orientais, deixando o caboclo em segundo plano. Acusado de provocar as queimadas, a “velha praga”, nosso roceiro foi comparado ao Urupê, um fungo parasita. Personificado na figura do Jeca Tatu, o caipira foi descrito como um ser pouco afeito ao trabalho. Mas, a ciência da época revelou os males do Brasil quais são. A negligência das autoridades era culpada pelo abandono da população rural.

Os primeiros movimentos dos trabalhadores urbanos foram passos importantes na realização de muitas conquistas. Ventos sopram do sul e trazem ao poder Vargas, que chamou para si a responsabilidade de criar os direitos trabalhistas, reunidos na CLT, direitos esses conquistados por anos de luta dos trabalhadores. Getúlio se tornou ainda mais popular com o programa de rádio a “Hora do Brasil” e nas comemorações de primeiro de maio (dia do trabalhador). Getúlio cria o trabalhismo, que surge como um braço político-partidário em resposta aos anseios do povo trabalhador.

Nos anos 30 e 40, fez-se a travessia do mundo rural com a migração, sobretudo nordestina, para o urbano e industrial, do centro sul. Desenvolvimento, progresso, palavras de ordem que seguiram seu curso nos dourados anos JK. Em seu programa de metas (*50 anos em 5*), merece destaque o incentivo à indústria automobilística e a criação de Brasília, cuja construção deveu-se principalmente à força dos chamados candangos, trabalhadores migrantes em sua maioria nordestinos.

No início dos anos sessenta, forças intersindicais reivindicaram melhoria das condições de trabalho. Esse movimento conquistou o 13º salário para os trabalhadores urbanos. Era também o tempo das reformas de base. E, os trabalhadores rurais exigiam reforma agrária. Com a aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural, muitas ligas camponesas se transformaram em sindicatos rurais.

Em 1964, deu-se início aos “anos de chumbo”. Os trabalhadores ainda assim lutaram por melhores condições salariais e pela liberdade de expressão. Maior exemplo dessa rebeldia foi a greve operária do ABCD paulista no ano de 1978. Os metalúrgicos se rebelam, e cruzam os braços. Sua luta abre caminho para a redemocratização do país.

A “Nova República” trouxe novos “ares” para o Brasil. A constituição de 1988, mais conhecida como a “constituição cidadã”, ampliou os direitos dos trabalhadores rurais e urbanos, e garantiu o direito à greve e à liberdade de expressão. O trabalhador conquistou o direito legal de ocupar as ruas do país para reivindicar por novas “bandeiras de luta”.

E, hoje revelamos o grande protagonista dessa história feita de lutas e conquistas, história que tem um começo, mas que certamente não tem um fim, já que as lutas continuam.

Avante trabalhadores do meu Brasil, uni-vos nessa festa!!! Avante Vila Isabel!!! Alegria e paz!!! Que o rufar dos seus tambores sejam alavancas incentivadoras para as futuras conquistas e vitórias do povo brasileiro!!!

Autores do Enredo: Alex Varela (Historiador) e
Alex de Souza (Carnavalesco)
Revisão de Texto: Martinho da Vila

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

O G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel apresenta, para o Carnaval/2008, o enredo **Trabalhadores do Brasil**.

A escolha desse tema resgata os enredos engajados com temáticas sociais que a Vila levou para a Marquês de Sapucaí no final dos anos oitenta e início da década de noventa. Dentre esses temas ganham destaque Kizomba, Festa da Raça (1988-Vila Isabel Campeã); Direito é Direito (1989); e, Se Essa Terra, Se Essa Terra Fosse Minha... (1990). No carnaval de 2006, também com um enredo de cunho social, Soy Loco Por Ti América – A Vila Canta a Latinidade, a Agremiação conseguiu o segundo campeonato no Grupo Especial.

O enredo **Trabalhadores do Brasil** tem como questão central questionar o mito da indolência nacional, segundo o qual o brasileiro é um sujeito preguiçoso, indolente e avesso ao trabalho. Ao chegar por essas terras, o homem branco se deparou com povos com culturas diferentes. Os nativos pescavam, coletavam, caçavam, teciam, entre outras atividades necessárias para garantir o seu auto-sustento. Esse fato levou o europeu a considerar o gentio um sujeito inerte, voltado unicamente para o ócio, incapaz de produzir riquezas. Essa visão eurocêntrica tem se mantido viva em nosso imaginário até os dias de hoje. O enredo, portanto, visa desmistificar esse ponto de vista errôneo que tem estigmatizado o nosso povo.

O trabalhador brasileiro será visto no enredo como sujeito ativo da sua própria história, não como um sofredor, um “pobre coitado”, um sujeito que a tudo aceita passivamente. Ao longo da história do nosso país, diversos foram os momentos que os trabalhadores se rebelaram e lutaram para conseguir melhores condições de vida e de trabalho. Nada lhes foi dado gratuitamente. Seus direitos foram conseguidos com base em muito conflito e negociação.

O G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, ao celebrar o trabalhador brasileiro, as suas lutas e conquistas, estará investindo num tema impactante e de forte teor cultural, pois acreditamos que a cultura é capaz de modificar a vida das pessoas e a estrutura social em que vivemos.

O primeiro setor do Enredo tem como título **A AVENTURA PORTUGUESA DOS “DESCOBRIMENTOS” E A CHEGADA À PINDORAMA (TERRA DAS PALMEIRAS)**.

O Brasil é um país marcado por diversos mitos. Um deles é o mito da indolência que caracterizaria seu povo.

Os navegantes portugueses lançaram as suas caravelas ao mar em busca de novas terras e riquezas encontrar. Chegaram à Pindorama, a terra das Palmeiras na língua Tupi, e se encantaram com a extraordinária beleza do lugar. Deram-lhe o nome de Terra de Santa Cruz, depois Vera Cruz e, por fim, Brasil. Eles tiveram a impressão de que haviam chegado ao Éden. Terra de farturas, coberta por árvores regadas de frutos e rios de pura água cristalina, a natureza oferecia de tudo ao nativo, ao alcance de suas mãos, sem precisar de grandes esforços e de plantar em roças de mata virgem. Daí a afirmação de que somos um povo indolente, preguiçoso, involuntarioso, com pouco apreço ao trabalho e forte apego ao ócio. Uma maneira descansada de encarar a vida.

Contudo, os nativos não eram preguiçosos e inoperantes como afirmaram os portugueses. Eles tinham uma forma de trabalho própria e que não foi compreendida pelo europeu.

Durante a ocupação inicial da terra, para explorar o pau-brasil, a mão-de-obra utilizada para cortar as árvores foi a indígena e o feitor encarregava-se de lhes dar em troca os objetos vindos de Portugal e de que eles muito gostavam: machados, tesouras, facas, espelhos, brincos, colares, entre outros. Foi a prática do escambo.

O segundo setor tem como título **TRABALHO ESCRAVO E RESISTÊNCIA NA AMÉRICA PORTUGUESA (SÉCULOS XVI-XVIII)**.

Nesse setor mostraremos que, com a colonização efetiva da terra encontrada, o trabalho e o saber dos índios foram importantíssimos no desenvolvimento da economia colonial. Quando os portugueses implantaram o cultivo da cana-de-açúcar, a utilização da mão-de-obra indígena foi sendo cada vez mais utilizada. A colonização precisava de gente que trabalhasse. Os engenhos de açúcar já estavam funcionando, local onde as ambições escravistas predominavam.

E não apenas como força bruta, empregada na lavoura comercial, mas em atividades que exigiam conhecimentos e habilidades que somente os habitantes das matas detinham. Os nativos se empenhavam em atividades como a extração e condução de madeiras de lei, a extração e o beneficiamento de fibras vegetais utilizadas na construção naval (embiras) e o artesanato de contas de rosário, redes de pesca e de dormir.

Os nativos resistiam à escravidão. As *santidades nativas* foram uma das formas de resistência indígena contra a escravidão. Em meio a danças, transes, cânticos e à fumaça do tabaco, os índios revigoravam a peregrinação da Terra sem Mal, um lugar mítico da felicidade onde não existia a escravidão.

Para além da experiência da escravidão indígena, os portugueses passaram também a investir no trabalho escravo africano. O comércio de escravos era altamente lucrativo para a Coroa portuguesa e para os traficantes de escravos. Os negros trabalharam no cultivo das monoculturas agrícolas como a cana-de-açúcar, café, algodão, entre outras, e na mineração do ouro.

Os negros resistiram arduamente à escravidão. A formação de quilombos foi uma das formas encontradas para lutar frente às condições de vida humilhantes que levavam.

Insurreições como a Revolta do Malês, movimento liderado por escravos africanos adeptos da religião muçulmana e essencialmente urbano, expressam um dos melhores exemplos da resistência africana ao trabalho escravo.

O terceiro setor tem como título **A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO NEGRO E DO ÓCIO BRANCO NAS AQUARELAS DE DEBRET.**

O ano de 1808 marcou uma mudança significativa na vida da colônia com a chegada da Família Real. A cidade do Rio de Janeiro passou a ser a sede da corte e o centro do Império Português. O fim da condição colonial teve o seu fim decretado com a abertura dos portos, quando produtos e pessoas de todos os lugares passaram a chegar por aqui.

Em março de 1816, chegou ao Rio de Janeiro a Missão Artística Francesa, solicitada por D. João VI, organizada pelo marquês de Marialva. Um dos seus integrantes foi o pintor francês Jean Baptiste Debret, que por aqui se manteve até 1831.

Em suas aquarelas, Debret retratou a sociedade carioca, enfatizando em suas aquarelas a questão do trabalho escravo e o ócio da gente branca.

No início do século XIX, quando o pintor francês esteve no Brasil, o trabalho não era considerado coisa de gente de bem.

Se os índios eram considerados preguiçosos pelo homem branco, os portugueses não fugiam à regra.

Homens livres eram acometidos de dois grandes vícios: presunção e preguiça. Ficavam deitados dia e noite em suas redes ou cachimbando. Aqueles que trabalhavam eram mal vistos.

O serviço braçal continuaria sendo considerado indigno e restrito às classes baixas, garantindo por muito tempo o bom descanso das elites.

Nas casas e sobrados, as mucamas tudo faziam. Elas abanavam os seus senhores em momentos de forte calor. Serviam quitutes para sinhô e sinhá se deliciarem.

Nas ruas da cidade, os negros vendiam de porta em porta todo tipo de mercadoria: flores, frutas, aves, entre outros. Eram os chamados negros de ganho, que trabalhavam nas ruas, sendo obrigados a dividir com seus senhores o que ganhavam.

Outros escravos ofereciam os seus serviços no transporte de mercadorias e passageiros. Levavam seus senhores para passear em suas cadeirinhas. Eram os chamados negros de aluguel, que eram alugados a outras pessoas pelos seus donos, para prestarem diversos serviços.

O quarto setor tem como título “HOJE É DIA DE BRANCO”: A CHEGADA DOS TRABALHADORES IMIGRANTES.

Entre 1870 e 1930 desembarcaram em nossos portos cerca de três milhões de pessoas que se dirigiram para o nosso país em busca de oportunidades. Foi a chamada “grande imigração”.

A opção pela imigração em massa foi a forma encontrada para substituir a mão-de-obra escrava pela livre. Nas lavouras, nas fábricas ou no comércio, esses trabalhadores ajudaram a construir o Brasil, vencendo a mentalidade escravocrata que dominava o país.

A indústria brasileira nasceu com grande atraso. A generalização do trabalho livre assalariado criava um mercado para os produtos manufaturados. As principais indústrias eram de tecido. Os imigrantes, em particular os italianos, tiveram uma participação destacada como operários. Contudo, uma minoria de imigrantes mais abastados atuou também como empresários.

A expressão “Hoje é dia de branco”, que se refere aos dias de trabalho, é resultante da construção da auto-imagem de trabalhadores dedicados, ou seja, o proletariado imigrante europeu. Os políticos brasileiros da época consideravam os imigrantes da Europa os únicos capazes de construir uma nação civilizada e moderna.

Primeiro vieram os europeus, como os alemães, portugueses, espanhóis, italianos, entre outros. Depois chegaram também os orientais como os japoneses e chineses, e os árabes.

No início do século XX, os direitos trabalhistas estavam longe de serem reconhecidos. A mão-de-obra feminina e infantil eram amplamente exploradas. E a polícia reprimia com violência os movimentos grevistas. Eram tempos difíceis para os trabalhadores! Mesmo assim, eles continuavam lutando pelos seus direitos.

Os operários em sua luta para conquistar os seus direitos tiveram nos anarquistas e nos socialistas os principais aliados. Nas cidades, os anarquistas tiveram muita penetração no meio operário. Sua atividade era intensa: organizavam comícios, greves, festivais operários, grupos, escolas e mantinham vários jornais. Por sua vez, os socialistas defendiam a idéia de formar um partido político, que defendesse os interesses dos trabalhadores.

Os trabalhadores imigrantes trouxeram consigo a sua cultura. Concentrados em bairros ou em cidades, os grupos de imigrantes e seus descendentes conseguiram manter quase intactas as características originais de seus países. Por todo o Brasil, são muitos os filhos, netos e bisnetos de imigrantes que procuram reavivar as memórias de seus familiares.

O quinto setor tem como título **O CABOCLO MERECE RESPEITO: VAMOS LUTAR CONTRA O PRECONCEITO EM NOSSO INTERIOR!!!**

Nesse setor mostraremos que o trabalhador do campo é extremamente dedicado e afeito ao trabalho. O caboclo (caipira) é um homem forte, valente, audacioso, de olhar vivo e esperto, revelando pleno domínio da natureza, e não um sujeito indolente, um preguiçoso, um adepto da “Lei do menor esforço” e parasita — um “piolho da terra”, como o denominou Monteiro Lobato. As produções agrícolas, fruto do trabalho dedicado do homem do campo, comprovam a sua aptidão para a forte labuta.

A visão de que o homem do campo era indolente e ocioso predominou, sobretudo na segunda década do século XX, por meio da obra de Monteiro Lobato. Jovem promotor mal remunerado, Lobato improvisa-se de fazendeiro ao herdar terras de seu avô em Taubaté, interior de São Paulo. Em fins de 1914, uma seca terrível assolava a região. O problema era agravado pelas queimadas, que Lobato chamou num artigo de *Velha Praga*, prática agrícola que provocava a infertilidade dos solos.

Lobato criou o personagem Jeca Tatu, nome que se generalizou no país todo como sinônimo de caipira, homem do interior. O escritor paulista considerava o CABOCLO um parasita da terra, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização.

Praga nacional, símbolo do atraso econômico, político e mental: assim era o Jeca Tatu, um retrato do homem do interior. A figura do homem do campo atrasado fazia parte do discurso que a elite liberal republicana – defensora de um Brasil composto de cidadãos brancos europeus – usava para deslegitimar determinados setores das classes populares.

Contudo, Lobato tentaria mudar a imagem negativa do Jeca. O homem do interior estava indolente e parasitário por motivo de doenças tremendas. A regeneração ou ressurreição do Jeca Tatu inscreve-se numa nova perspectiva do autor de *Urupês* (1914) olhar para o problema da integração do camponês. O diagnóstico sobre a preguiça do caboclo mudara: a responsabilidade pela situação de miséria e indigência em que se encontrava o homem do campo era consequência direta da negligência das autoridades diante do atraso da população rural brasileira. A frase que sintetiza essa mudança de pensamento em Lobato é bastante conhecida e serve de epígrafe para *Problema Vital*: “O Jeca não é assim: está assim”.

Os trabalhadores do campo, portanto, deveriam ser olhados e tratados com atenção. A extrema dedicação e afeição ao trabalho seriam elementos importantes para a entrada desses trabalhadores na agenda política nacional. O trabalhador do campo era um homem determinado e empenhado, e não um ocioso. Do campo saíam, e ainda hoje saem, produtos que fazem do nosso país um dos “celeiros agrícolas” do mundo. Milho, trigo, legumes, sementes, entre tantos outros, são os frutos do trabalho dedicado do homem do campo brasileiro.

O sexto setor tem como título **GETÚLIO VARGAS E A “INVENÇÃO” DO TRABALHISMO.**

Nesse setor argumentaremos que Getúlio Vargas foi o responsável por chamar para si todo o mérito dos direitos trabalhistas e sociais, apresentando-se como o “pai dos pobres”. Contudo, por trás desses direitos havia anos de luta e de resistência contra a má vontade patronal combinada à repressão policial. Portanto, esses direitos foram conquistas dos trabalhadores.

Vargas criou os direitos trabalhistas. Contudo, ficavam proibidos o direito a greve e a paralisação geral considerados pelo estadista como recursos “anti-sociais, nocivos ao trabalho e ao capital e incompatíveis com os superiores interesses da produção nacional”.

Nas festas de comemoração do dia do Trabalho (1º de maio), o líder sempre dirigia-se diretamente ao povo trabalhador para enunciar alguma nova medida de alcance social.

Em oposição à figura do trabalhador aparecia o personagem do malandro, o avesso ao trabalho, que vivia na vadiagem, perambulando pelas ruas sem nada fazer. Para Vargas, a malandragem era sinônimo de crime; enquanto o “trabalho era um dever social”.

Nas décadas de 1930 e 1940, quando Vargas esteve no poder, fez-se a travessia do mundo rural-agrário para o mundo urbano-industrial, facilitando a expansão desordenada das cidades. A indústria cresceu consideravelmente com a criação de um parque industrial nacional, ganhando destaque a CSN, a CVRD e a PETROBRÁS. O Brasil vivia então um intenso processo de "modernização".

O sétimo setor tem como título **DOS “ANOS DOURADOS” AOS “ANOS DE CHUMBO”:** TEMPO DE AMPLIAÇÃO DOS DIREITOS TRABALHISTAS, DE REPRESSÃO E DE CONTESTAÇÃO.

Vargas deixou como legado a crença no desenvolvimento, no progresso e na mudança. Juscelino Kubitschek adicionou ao desenvolvimentismo a ótica do otimismo e da tolerância política. Eram os ditos “anos dourados”.

JK ousou ao anunciar seu *Programa ou Plano de Metas* – 50 anos de progresso em 5 anos de realizações. O plano privilegiava cinco setores: energia, transportes, indústrias de base, alimentação e educação. Incentivou-se a indústria automobilística e, para a construção de Brasília, foi fundamental a força do trabalhador brasileiro por meio dos chamados *Candangos*, migrantes nordestinos que se deslocaram para o Centro-Oeste.

Se os trabalhadores urbanos tinham conseguido com Vargas garantir os seus direitos, fazia-se necessário ampliá-los aos trabalhadores do campo. E essa tarefa coube ao governo de João Goulart que criou o *Estatuto do Trabalhador Rural*. As Ligas Camponesas do Nordeste tiveram um papel fundamental de agitação social para que a legislação trabalhista fosse estendida aos trabalhadores do campo. Além disso, ele apresentou o seu projeto de “reformas de base”, no qual estava incluída a reforma agrária. Essa proposta não foi posta em prática, uma vez que Jango foi deposto pelos militares em 1964.

No contexto dos “anos de chumbo”, os trabalhadores lutaram por melhores condições salariais e pela liberdade de expressão. Maior exemplo dessa rebeldia foi a greve operária do ABCD paulista no ano de 1978. Num momento em que a legislação trabalhista era extremamente repressiva, estando proibida qualquer tipo de greve, os metalúrgicos cruzaram os braços, exigindo melhores salários. Dessa maneira, abriu-se o caminho para as reivindicações trabalhistas e um espaço público foi sendo criado para a atuação dos trabalhadores e das forças políticas no país.

O oitavo setor tem como título **BANDEIRAS DE LUTA NA “NOVA” REPÚBLICA**. Nesse setor, mostraremos que as lutas dos trabalhadores pela manutenção e aquisição de novos direitos não tem fim. A constituição de 1988, a chamada “constituição cidadã” resguardou os direitos sociais e políticos dos trabalhadores. Ficou garantido o direito à greve e a liberdade de expressão. Os trabalhadores conquistaram o direito legal de ocupar o “mundo da rua” para reivindicar melhorias para a classe. Dessa forma, o trabalhador tem a possibilidade de se manifestar por novas bandeiras de luta, que surgem a cada momento. Dentre as bandeiras que estão na pauta do dia vale mencionar a luta pelo fim do trabalho infantil; a luta pela erradicação dos resquícios do trabalho escravo no Brasil; a luta pela redução da jornada de trabalho de quarenta e quatro horas semanais para quarenta horas; a luta pelo combate ao fim do trabalho informal, entre tantas outras.

Queremos encerrar nosso enredo desmistificando a imagem construída ao longo do tempo de que o brasileiro é um povo indolente, apático, pouco afeito ao trabalho. E, a Vila Isabel homenageia aos trabalhadores do Brasil, pois as lutas continuam.

Trabalho, talento, futuro. Brasil!!!

ROTEIRO DO DESFILE

1º SETOR – A AVENTURA PORTUGUESA DOS “DESCOBRIMENTOS” E A CHEGADA À PINDORAMA (TERRA DAS PALMEIRAS)

Comissão de Frente
TRABALHO É AMOR E CUIDADO NA
LENDA INDÍGENA DE JOÃO DE BARRO

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Júlio César e Rute Alves
TERRA À VISTA:
OS HABITANTES DE PINDORAMA

Ala 01 – Baianas
PELAS ONDAS DO MAR...

Baianas com tonalidades azul royal, azul turquesa e branca.

03 (três) Tripés
OS CAVALOS DE NETUNO, AS CARTAS
NÁUTICAS E A ROSA DOS VENTOS
GUIAM OS PORTUGUESES NA AVENTURA
DOS DESCOBRIMENTOS

Alegoria 01
LUGAR ONDE A NATUREZA OFERECIA DE
TUDO AO NATIVO: ASSIM ERA PINDORAMA...

2º SETOR – TRABALHO ESCRAVO E RESISTÊNCIA NA AMÉRICA PORTUGUESA (SÉCULOS XVI – XVIII)

Ala 02 – Anais
O ESCAMBO

Ala 03 – Comunidade
SANTIDADES NATIVAS

Ala 04 – Comunidade
ORGULHO NEGRO

Ala 05 – Amizade
REVOLTA DOS MALÊS

Ala 06 – Comunidade
QUILOMBOLAS

Alegoria 02
A EXPLORAÇÃO DO NEGRO NO CULTIVO DA
CANA-DE-AÇÚCAR E A RESISTÊNCIA AO
TRABALHO ESCRAVO NO QUILOMBO

3º SETOR – A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO NEGRO E DO ÓCIO
BRANCO NAS AQUARELAS DE DEBRET

Ladeando todo o 3º Setor, virão elementos alegóricos construídos em vime que representam imensas gaiolas com pássaros e flores trazidos por negros.

Ala 07 – Comunidade
MUCAMAS

Ala 08 – Malandrinhos
NEGROS VENDEDORES DE FLORES

Ala 09 – Comunidade
NEGROS VENDEDORES DE FRUTAS

Ala 10 – Comunidade
O RIO DE DEBRET

Alegoria 03
NEGROS VESTIDOS DE NOBRES
SERVEM QUITUTES NUM DIA DE FESTA
NA CASA DO SINHÔ

4º SETOR – “HOJE É DIA DE BRANCO”:
A CHEGADA DOS TRABALHADORES IMIGRANTES

Ala 11 – Comunidade
PRESENÇA GERMÂNICA

Ala 12 – Comunidade
IMIGRAÇÃO ESPANHOLA

Madrinha da Bateria
Natália Guimarães
A ÚLTIMA SENSHI

**Ala 13 – Bateria
SAMURAI**

Ala 14 – Passistas
NIPO-BRASILEIROS

Ala 15 – Comunidade
CULTURA ITALIANA

Ala 16 – Samba Legal
SÍRIOS E LIBANESES

**Alegoria 04
OS TRABALHADORES IMIGRANTES
CHEGARAM!!!**

**5º SETOR – O CABOCLO MERECE RESPEITO:
VAMOS LUTAR CONTRA O PRECONCEITO EM NOSSO INTERIOR!!!**

Ladeando o 5º Setor virão figuras alegóricas de espantalhos.

Ala 17 – Comunidade
QUEIMADAS (“A VELHA PRAGA”)

Tripés
LAVRADORES

Ala 18 – Comunidade
PLANTAÇÃO DE TRIGO

Tripés
LAVRADORES

Ala 19 – Comunidade
MILHARAL

Tripés
LAVRADORES

Ala 20 – Da Raça
LEGUMINOSAS

Alegoria 05
O CABOCLO E AS
SUAS COLHEITAS AGRÍCOLAS

6º SETOR – GETÚLIO VARGAS E A “INVENÇÃO” DO TRABALHISMO

Ala 21 – Compositores
MALANDROS

Ala 22 – Comunidade
“ABRAM ALAS PARA GEGÊ”
(PORTA-ESTANDARTES)

Ala 23 – Off-Shore
COMÉRCIO E INDÚSTRIA

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Paulo César e Helaine Fernandes
O ÚLTIMO PAU DE ARARA

Ala 24 – Comunidades
RETIRANTES

Ala 25 – Mocidade da Vila
A HORA DO BRASIL

Alegoria 06
A “ERA VARGAS”: TEMPO DE DIREITOS
TRABALHISTAS E DE INDUSTRIALIZAÇÃO

**7º SETOR – DOS “ANOS DOURADOS” AOS “ANOS DE CHUMBO”:
TEMPO DE AMPLIAÇÃO DOS DIREITOS TRABALHISTAS, DE
REPRESSÃO E DE CONTESTAÇÃO**

Ala 26 – Comunidade
A INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA E
OS “DOURADOS” ANOS JK

Ala 27 – Boêmios da Vila
CANDANGOS

Tripé
“50 ANOS EM CINCO”

Ala 28 – Comunidade
LIGAS CAMPONESAS

Ala 29 – Da Família
“ANOS DE CHUMBO”

Ala 30 – Comunidade
METALÚRGICOS DO ABCD

Destaque de Chão
REBELDE METALÚRGICA

Alegoria 07
**“QUEM SABE FAZ A HORA NÃO ESPERA
ACONTECER”: A REBELDIA DOS
METALÚRGICOS NOS “ANOS DE CHUMBO”**

8º SETOR – BANDEIRAS DE LUTA NA “NOVA” REPÚBLICA

Ala 31 – Comunidade
INFORMALIDADE E PIRATARIA

Ala 32 – Ticket
PELA REDUÇÃO DA CARGA HORÁRIA

Ala 33 – Comunidade
COMBATE À EXPLORAÇÃO INFANTIL

Ala 34 – Comunidade
**ERRADICAÇÃO DO TRABALHO
ESCRAVO – “VAMOS ABOLIR DE VEZ
ESSA VERGONHA”**

Alegoria 08
TRIBUTOS AOS
“TRABALHADORES DO BRASIL”

O desfile será encerrado por diversos trabalhadores profissionais que desfilarão unidos, mostrando a força do trabalhador brasileiro que construiu e constrói a riqueza do nosso Brasil mantendo sempre desfraldadas as bandeiras de seus sonhos pois as lutas continuam...

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	OS CAVALOS DE NETUNO, AS CARTAS NÁUTICAS E A ROSA DOS VENTOS GUIAM OS PORTUGUESES NA AVENTURA DOS DESCOBRIMENTOS	<p>03 (três) tripés que fazem referência ao Descobrimento do Brasil pelos portugueses.</p> <p>O povo português lançou as suas caravelas ao mar em busca de novas terras e riquezas encontrar. Para guiá-lo nessa aventura, ele utilizou-se da rosa dos ventos (representada no tripé) e das cartas náuticas para conseguir dominar as forças de Netuno ou Poseidon, o Deus do Mar.</p> <p>As cartas náuticas produzidas nos séculos XIV e XV, no contexto do Renascimento, traziam representações da cultura clássica, sobretudo de seres da mitologia grega. Esse fato inspirou a criação artística dos tripés por meio da imagem dos cavalos do Deus grego dos mares.</p> <p>Acredita-se, no conjunto das visões que rondam a Descoberta do Brasil, que uma calmaria, isto é, uma falta de ventos para soprar nas velas dos navios, obrigou a frota de Pedro Álvares Cabral, que ia rumo às Índias em busca de especiarias, a afastar-se da costa africana. E, teria sido, como um leve toque de magia, a intervenção de Netuno, que fez as caravelas desviarem-se. Tanto que, quarenta e quatro dias depois, com bons ventos, acabaram por cruzar o desconhecido e temido <i>Mar Tenebroso</i> e descobrir, em vinte e dois de abril de 1500, a <i>Terra Brasilis</i>.</p> <p>Imagens de seres abissais também se fazem presente no tripé, referência aos monstros marinhos que se acreditava existir nas profundezas do <i>Mar Tenebroso</i>, como era conhecido o Oceano Atlântico.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	LUGAR ONDE A NATUREZA OFERECIA DE TUDO AO NATIVO: ASSIM ERA PINDORAMA...	<p>A primeira alegoria é uma representação da terra de Pindorama, palavra que em tupi significava Terra das Palmeiras. Os nativos assim a chamavam pelo fato de não só existir por aqui uma variedade infinita de palmeiras (babaçu, carnaúba, coqueiro, palmito), mas principalmente pela visão dos gentios de que a terra-mãe é sustentada por quatro palmeiras, que possibilitam as quatro respirações das quatro raças que se transformarão na virada dos tempos em uma quinta – o povo dourado, expressão da superação de raças e da premência de valores culturais.</p> <p>A alegoria inspira-se nas cartas náuticas e nas imagens elaboradas na época dos descobrimentos pelo próprio europeu.</p> <p>No acoplamento dianteiro da alegoria, observa-se a inspiração do artista na capa do livro de Guilherme Piso e George Macgraf intitulado <i>História Natural e Médica da Índia Ocidental</i>. Observa-se no centro a coroa, símbolo da Agremiação. Na frente, imagens de nativos, retratados a partir da visão do fantástico europeu, com traços do homem branco. Observam-se também figuras marinhas, e a fauna e os frutos da terra. Terra da fartura, sombra e água fresca, onde sem o menor esforço, tudo o que se “plantava dava”. Essa foi a constatação de Pero Vaz de Caminha, escrivão do Rei de Portugal a bordo das caravelas que aqui aportaram. Começava a surgir o mito da indolência nacional, visão européia sobre o povo da terra que considerava-o indolente, preguiçoso, pouco apto ao trabalho, incapaz de gerar riquezas. Essa visão errônea sobre o nosso povo tem se mantido viva até os dias de hoje.</p> <p>No acoplamento traseiro, observam-se esculturas de nativos, deitados em suas redes, admirando a beleza natural da Terra de Pindorama. Rios de águas cristalinas, cachoeiras, vegetação exuberante. A fauna e os frutos da terra também novamente aí aparecem. Nas mãos dos nativos observam-se colares, bugigangas dadas pelo homem branco quando aqui chegou.</p> <p>Na parte traseira, observa-se a imagem do brasão da coroa portuguesa, como testemunho da conquista e posse da terra pelo europeu.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	A EXPLORAÇÃO DO NEGRO NO CULTIVO DA CANA-DE-AÇÚCAR E A RESISTÊNCIA AO TRABALHO ESCRAVO NO QUILOMBO	<p>A segunda alegoria tem como temática a escravidão negra.</p> <p>A alegoria apresenta duas etapas. Na primeira, fazemos referência ao negro submisso, explorado como mão-de-obra no plantio da cana-de-açúcar nos engenhos, sobretudo, da capitania de Pernambuco. Duas esculturas de negros agachados e de cabeça abaixada na parte frontal da alegoria deixam transparecer essa sujeição ao seu senhor. Ainda nesse primeiro momento da alegoria observamos uma máscara, relembrando a rica produção cultural dos povos africanos.</p> <p>A segunda etapa mostra o negro rebelde, que não aceitava pacificamente a sua condição de escravo, e, portanto, se rebelava. Diversas foram as formas de resistência ao trabalho escravo, dentre as quais destacamos a formação de quilombos. Essa faceta do negro questionador da sua situação de propriedade de um senhor e sujeito aos diversos maus tratos dos feitores aparece em duas esculturas que simbolizam o escravo como um guerreiro, um insubordinado, lutando num levante contra os brancos exploradores.</p> <p>A parte traseira da alegoria apresenta a imagem de um quilombo estilizado que teve como base de referência uma peça de arte africana. A sustentação dessa peça é representada por grandes guerreiros africanos. Observamos também no piso da alegoria diversos utensílios de barro produzidos pelos negros em sua vida livre nos quilombos.</p> <p>Adereços de palha e bambu foram bastante utilizados na decoração da alegoria para dar o tom africano.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	Ladeando o 3º Setor virão elementos alegóricos construídos em vime que representam imensas gaiolas com pássaros e flores trazidos por negros.	Inspirado nas telas do pintor francês Jean Baptiste Debret, observam-se negros escravos vendedores de pássaros e flores que circulavam pelas ruas da cidade no início do século XIX.
03	NEGROS VESTIDOS DE NOBRES SERVEM QUITUTES NUM DIA DE FESTA NA CASA DO SINHÔ	<p>A terceira alegoria retrata os hábitos e costumes do período joanino na cidade do Rio de Janeiro pelo olhar do pintor francês Jean Baptiste Debret.</p> <p>A alegoria representa o interior e o exterior de uma residência nobre em dia de festa.</p> <p>A parte interior da residência está representada na parte frontal da alegoria. Luxuosa e decorada à moda européia, com belos castiçais e revelando o glamour e a opulência de uma noite de festa. Serviçais negros vestidos de nobres (esculturas laterais) serviam quitutes e bebidas aos nobres ociosos da corte. Na alegoria, em cima das bandejas dos serviçais, virão belas mulheres negras fazendo o papel das mucamas, escravas domésticas que tinham como uma das suas funções satisfazer sexualmente aos seus amos.</p> <p>Na parte traseira da alegoria observamos detalhes da parte exterior da casa, com uma típica cena de rua da época, onde negros de ganho e de aluguel vendiam as suas mercadorias.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	OS TRABALHADORES IMIGRANTES CHEGARAM!!!	<p>A quarta alegoria tem como temática a chegada do trabalhador imigrante europeu e asiático, que, num primeiro momento vieram trabalhar no campo. Nesse primeiro momento, o imigrante (mão-de-obra livre e assalariada) substituiu o trabalhador escravo. Depois, transferiu-se para a cidade, indo trabalhar nas fábricas.</p> <p>A alegoria representa um gigantesco navio a vapor típico do final do século XIX e início do século XX, como tantos outros que trouxeram os imigrantes. Ao chegar às terras brasileiras derramaram as suas idéias e tradições, que foram incorporados à nossa cultura popular.</p> <p>Em toda a alegoria observam-se imagens das tradições culturais desses povos. Na parte frontal, observam-se referências da cultura japonesa por meio das esculturas de um dragão; e, de uma gueixa e um samurai (de cada lado). Os traços culturais dos povos árabes estão aí representados por meio de um <i>narguillet</i> e tapetes persas. A cultura italiana aparece representada na figura do pierrot da comédia dell'arte; e, nos diversos caixotes e malas, aparece representado o símbolo do movimento anarquista, importante nos movimentos grevistas e de formação dos primeiros sindicatos no período da primeira república. A cultura alemã observa-se na imagem de uma caneca de chopp. E, por fim, na parte traseira da alegoria, observam-se referências à cultura espanhola por meio dos seus tradicionais leques, e rosas vermelhas, que também fazem uma alusão à rosa socialista, símbolo da luta dos trabalhadores.</p> <p>Fotos originais de famílias de trabalhadores imigrantes também se fazem presentes em diversos pontos da alegoria.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	03 (três) Tripés: LAVRADORES	03 (três) tripés que representam imagens de trabalhadores do campo realizando a atividade agrícola. O primeiro representa a figura de um homem com um facão na mão limpando o terreno. O segundo representa um homem com uma enxada na mão preparando a terra. E, o terceiro representa uma mulher com cestos de colheitas e peneiras.
*	Ladeando todo o 5º Setor virão figuras alegóricas de espantalhos.	Os espantalhos são figuras características do campo. Eles são bonecos feitos de roupas velhas e chapéu, podendo ou não ser recheado com trapos, palha, estopa, ou outros materiais, que são colocados em meio a hortas ou plantações com o objetivo de espantar aves daninhas, simulando a presença do homem.
05	O CABOCLO E AS SUAS COLHEITAS AGRÍCOLAS	<p>A quinta alegoria representa o fruto do trabalho do homem do campo.</p> <p>Ao longo do século XIX, com a expansão das grandes fazendas de café, cana e gado, o pequeno sitiante caipira ficou à margem da grande monocultura na qual predominava o trabalho escravo. Após a abolição, devido à necessidade de mão-de-obra nos cafezais, a política do governo favoreceu a imigração européia e oriental, deixando, em segundo plano, o caboclo. O Imigrante europeu foi considerado mais dedicado que o brasileiro. Daí, a expressão “hoje é dia de branco”.</p> <p>No início do século XX, o homem do interior do Brasil, o sertanejo, foi visto como mole, preguiçoso e pouco dedicado ao trabalho. Essa visão ganhou destaque na figura do personagem Jeca Tatu criado por Monteiro Lobato. Contudo, os sanitaristas do Instituto Oswaldo Cruz, em suas expedições pelo interior do Brasil, contestariam essa visão preconceituosa. Eles redimiram a figura do Jeca ao argumentar que o personagem seria um homem improdutivo pelo estado de abandono e miséria em que vivia, marcado pelas péssimas condições de saúde que afetavam a população rural.</p> <p>Na alegoria observa-se um gigantesco carro de boi com a figura do trabalhador do campo ao centro. Em volta de toda a alegoria observam-se imagens de legumes, verduras, frutas, girassóis, entre outros, produções agrícolas que se apresentam como fruto do trabalho dedicado do homem do campo.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	A “ERA VARGAS”: TEMPO DE DIREITOS TRABALHISTAS E DE INDUSTRIALIZAÇÃO	<p>A sexta alegoria representa a “Era Vargas”, período que se estendeu de 1930 a 1945, e de 1950 a 1954. Nesse momento, o presidente Getúlio Vargas (escultura em metal frontal da alegoria), que ficou conhecido como o “pai dos pobres”, chamou para si todo o mérito dos direitos sociais, ganhando destaque os direitos trabalhistas. A carteira de trabalho que dava cidadania e dignidade ao trabalhador aparece representada também na parte frontal nos lados esquerdo e direito. As imagens das águias com o símbolo da República são referências ao Palácio do Catete, também conhecido como Palácio das Águias, residência oficial da Presidência da República até a transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília.</p> <p>Um segundo momento da alegoria é a representação do projeto varguista de construção do parque industrial nacional. O artista buscou representar uma indústria de produção de ferro e aço, com suas torres e plataformas. Observam-se imagens de ferro em brasa e de ferro derretido, e, nas laterais, imagens de faíscas resultantes da produção ferrífera.</p>
*	Tripé “50 ANOS EM CINCO”	<p>O tripé é uma homenagem aos Candangos, trabalhadores migrantes nordestinos que construíram Brasília. Observam-se letras garrafais com os dizeres “50 anos em cinco”, lema do presidente JK. Observam-se também representações das colunas do Palácio da Alvorada.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
07	“QUEM SABE FAZ A HORA NÃO ESPERA ACONTECER”: A REBELDIA DOS METALÚRGICOS NOS “ANOS DE CHUMBO”	<p>A sétima alegoria representa uma montadora de automóvel. Mostra um trabalho de linha de montagem característico da região do ABCD paulista, que serve de contexto para um momento marcante da história das lutas e conquistas dos trabalhadores no Brasil: a greve geral dos metalúrgicos no ano de 1978 em pleno período dos chamados “anos de chumbo”.</p> <p>Na frente da alegoria observam-se braços robotizados, que deixam transparecer o início do processo de “robotização da produção” da indústria brasileira no final da década de setenta e início dos anos oitenta e a adoção do sistema toyotista. A automatização é considerada o primeiro elemento desse modelo. Trata-se da utilização de máquinas capazes de parar automaticamente quando surgem problemas. Assim, o trabalhador que até então era treinado para desenvolver seu trabalho em uma única máquina pode se responsabilizar por várias, o que diminuiria a quantidade de trabalhadores necessários numa linha de montagem.</p> <p>A parte traseira da alegoria é inspirada em alguns monumentos populares espalhados pelo mundo relacionados às manifestações de greve e reivindicações de trabalhadores.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alex de Souza		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
08	TRIBUTOS AOS “TRABALHADORES DO BRASIL”	<p>A oitava alegoria é uma homenagem que a Vila Isabel faz aos “Trabalhadores do Brasil”, enredo que seria apresentado no carnaval de 1951, mas que não aconteceu, pois a Agremiação não desfilou.</p> <p>Na parte frontal da alegoria virão os baluartes da Agremiação, aqueles que hoje são componentes da Velha Guarda, mas que no ano de 1951 ocupavam cargos importantes no desfile da Escola como Diretor de Harmonia, Diretor de Carnaval, intérprete, assistentes, entre outros.</p> <p>Nas laterais da alegoria observam-se imensos estandartes, que relembram os carnavais e a decoração das ruas da década de cinquenta. Neles aparecem imagens da carteira de trabalho, com foto dos componentes da velha-guarda, e do logo do enredo da Vila Isabel para o carnaval 2008.</p> <p>As Bandeiras de Luta dos trabalhadores brasileiros são as bandeiras de luta da Vila Isabel, que encerra o seu desfile clamando por paz, justiça e igualdade social.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p>Alegoria 01 Rita de Cássia (Destaque Central) Fantasia: <i>Conquista d'Além Mar</i></p>	<p>Esposa do Presidente e Diretora do Ateliê do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel</p>
<p>Alegoria 02 Dandara (Destaque Central Baixo Frontal) Fantasia: <i>Rainha Dandara</i></p>	<p>Estudante</p>
<p>Ednelson (Destaque Central Alto) Fantasia: <i>Resistência Negra</i></p>	<p>Comerciante</p>
<p>Alegoria 03 Moacir Fonseca (Destaque Central Baixo Frontal) Fantasia: <i>Vendedores de Frutas e Flores de Debret</i></p>	<p>Comerciante</p>
<p>Rogéria Meneguel (Destaque Central Alto)</p>	<p>Cabeleireira</p>
<p>Alegoria 04 Denise Fernandes (Destaque Central Baixo Frontal) Fantasia: <i>Fascínios da Terra do Sol Nascente</i></p>	<p>Gerente Comercial</p>
<p>Paulo Santi (Destaque Central Alto)</p>	<p>Comerciante</p>
<p>Alegoria 05 Flávio Chelini (Destaque Central Alto) Fantasia: <i>Tempo de Colheita</i></p>	<p>Comerciante</p>
<p>Alegoria 06 Herbert (Destaque Central Alto) Fantasia: <i>Pelo Progresso do País</i></p>	<p>Comerciante</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p>Alegoria 07 Edilson Santos (Destaque Central Baixo) Fantasia: <i>A Robotização da Produção Automobilística</i></p> <p>Jorge Kleber (Destaque Central Alto) Fantasia: <i>Zona de Conflito</i></p> <p>Alegoria 08 Jorge Brás (Destaque Central Alto) Fantasia: <i>“Louvação à Nossa Gente”</i></p>	<p>Estudante Universitário</p> <p>Cabeleireiro</p> <p>Secretário Executivo</p>
<p>Local do Barracão Rua Rivadavia Corres, nº. 60 – Barracão nº. 05 – Cidade do Samba – Gamboa</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão Carlinhos</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe Pedro Paulo da Costa</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Marcos e Washington</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Rossi Marinho Amoedo</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe Juscelino</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Paulinho</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe João Lopes</p>
<p>Outros Profissionais e Respectivas Funções</p> <p>Primeiro Assistente do Carnavalesco: Julio César Cerqueira Elias</p> <p>Assistente de Figurino e de Cenografia: Sebastião Leandro Cardoso</p> <p>Aderecistas: Delfim Rodrigues, Erivaldo Vitorino (Nino), Annik Salmon, entre outros profissionais.</p> <p>Fibra: Claudio</p>	

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
01	Pelas Ondas do Mar...	Os portugueses lançaram as suas caravelas ao mar em busca de novas terras. A fantasia da ala das baianas representa o trajeto feito pelos navegantes lusitanos pelas águas azuis e profundas do Mar Tenebroso, como era conhecido o Oceano Atlântico, representado pelas baianas em tons de azul royal e turquesa. Acreditava-se que o Mar Tenebroso era habitado por serpentes e monstros marinhos (referências que aparecem na fantasia). O momento final do trajeto é a chegada à costa litorânea da <i>Terra Brasilis</i> , chamada pelos índios de Pindorama, local onde as ondas fortes que arrebentavam na praia formavam um mar branco de espuma.	Baianas	Dona Marlene	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
02	O Escambo	Prática utilizada pelos portugueses no período chamado pré-colonial (1500-1530), em que os nativos recebiam em troca do trabalho realizado na exploração do pau-brasil (corte da madeira e carregamento até as caravelas) objetos como espelhos, apitos, chocalhos e outras bugigangas. A fantasia apresenta um traje indígena com elementos que remetem à rosa dos ventos (capa), instrumento que ajudou a guiar os portugueses por mares nunca dantes navegados.	Anaís	Isabel Mello	2008
03	Santidades Nativas	Forma de resistência indígena contra a escravidão. Em meio a danças, transes, cânticos e à fumaça do tabaco, os índios, liderados pelos pajés (chefes religiosos), revigoravam a peregrinação da Terra sem Mal, um lugar mítico da felicidade onde não existia a escravidão. A fantasia representa a estilização de um ritual mágico, com totens e chocalho ritualístico.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
04	Orgulho Negro	Representa o orgulho e a altivez dos trabalhadores negros escravos, fugindo assim da imagem tradicional do negro escravo, visto como um sofredor. Os negros foram utilizados como mão-de-obra nas plantações de cana-de-açúcar, café, algodão, e na exploração do ouro, contribuindo para a construção das riquezas do nosso país. As cabeças do traje são diferenciadas em quatro produtos: algodão; ouro; cana de açúcar e café.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008
05	Revolta dos Malês	Revolta ocorrida na Bahia, liderada por negros muçulmanos, que sabiam ler e escrever em árabe, muitas vezes mais instruídos que seus senhores. Professavam a religião muçulmana, sendo seguidores fiéis do Alcorão, o livro sagrado.	Amizade	Wladimir Falcão	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
06	Quilombolas	Os habitantes dos quilombos que tentavam reproduzir nesses pequenos núcleos a organização social africana, desenvolvendo práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos, longe do açoite e da senzala. A fantasia representa um guerreiro idealizado, com materiais rústicos e motivos gráficos africanos.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008
07	Mucamas	Escravas que ajudavam nos serviços domésticos. Nas casas e sobrados, as mucamas tudo faziam. Elas abanavam os seus senhores em momentos de forte calor; e, serviam quitutes para sinhô e sinhá se deliciarem. Muitas das vezes eram damas de companhia das suas sinhás nas festas. A fantasia expressa elegância, sensualidade (pelos serviços sexuais aos seus amos) e correntes, para que não se esquecessem de sua condição.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
08	Negros Vendedores de Flores	Fantasia que se inspira nas telas do pintor francês Jean Baptiste Debret. Retrata um escravo negro que, de porta em porta, vendia flores pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX. Eram os chamados negros de ganho, que trabalhavam nas ruas, sendo obrigados a dividir com seus senhores o que ganhavam. A fantasia é composta por elementos decorativos como flores, rendas, laços e fitas.	Malandrinhos	Ricardo Maia	2008
09	Negros Vendedores de Frutas	Fantasia que se inspira nas telas do pintor francês Jean Baptiste Debret. Retrata um escravo negro que, de porta em porta, vendia frutas pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX. Eram os chamados negros de ganho, que trabalhavam nas ruas, sendo obrigados a dividir com seus senhores o que ganhavam. A fantasia é composta por elementos decorativos como frutas, cestos, e “coleira” de ferro, que servia de castigo, ainda que trabalhando nas ruas.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
10	O Rio de Debret	Grupo de personagens que circulavam pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX retratados pelo francês Jean Baptiste Debret em suas aquarelas. Dentre esses personagens aparecem os chamados negros de ganho, os negros de aluguel, os moleques e mucamas, e vendedores de todos os tipos. Aparecem também as redes e liteiras que transportavam os membros da elite ociosa branca da corte. Enquanto os negros tudo faziam naquela sociedade, os brancos desfrutavam do ócio.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008
11	Presença Germânica	Alusão à presença dos trabalhadores imigrantes alemães em nosso país, sobretudo nos estados da região sul. A fantasia representa a estilização de um traje típico alemão, composto por elementos decorativos que expressam a cultura germânica como a caneca de chopp e a águia negra do brasão de armas menor do Império alemão.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
12	Imigração Espanhola	Alusão à presença dos trabalhadores imigrantes espanhóis em nosso país, sobretudo nas cidades de Minas Gerais, São Paulo e do Rio de Janeiro, representados por meio de um símbolo da cultura espanhola: o toureiro, com brasão espanhol e um leque para ressaltar a cultura espanhola.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008
13	Samurais	Alusão à presença dos trabalhadores imigrantes japoneses em nosso país, sobretudo no Estado de São Paulo. A fantasia representa um símbolo da cultura japonesa: o samurai, soldados da aristocracia do Japão entre 1100 e 1867, cuja principal característica era a grande disciplina, lealdade e sua grande habilidade com a katana. A fantasia homenageia os cem anos da chegada do navio Kasatu Maru que trouxe para terras brasileiras os primeiros trabalhadores nipônicos.	Bateria	Mestre Mug	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
14	Nipo-Brasileiros	Fantasia de Inspiração nipônica. As passistas femininas representam uma gueixa estilizada. Por sua vez, os passistas masculinos representam samurais estilizados.	Passistas	Delma Barbosa	2008
15	Cultura Italiana	Alusão à presença dos trabalhadores imigrantes italianos em nosso país, sobretudo nos estados do Sul e do Sudeste do Brasil, quase metade no estado de São Paulo. A fantasia homenageia esses representantes ítalos por meio de diversas referências da cultura e dos costumes italianos: Roma antiga; o vinho; a culinária; comédia dell'arte, renascença, tarantela napolitana.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
16	Sírios e Libaneses	Alusão à presença dos trabalhadores imigrantes de origem Síria e Libanesa. Uma característica básica da colônia sírio-libanesa no Brasil é sua distribuição ao longo de todo o território nacional. Porém, um foco importante de concentração era a cidade do Rio de Janeiro, principalmente nas adjacências da Rua da Alfândega, Senhor dos Passos e Buenos Aires. Nessa localidade, os imigrantes de origem árabe desenvolveram casas comerciais, dando origem ao SAARA (Sociedade de Amigos e Adjacências da Rua da Alfândega), uma verdadeira ilha árabe no centro da cidade. A fantasia representa um traje típico libanês estilizado.	Samba Legal	Cheila Rangel	2008
17	Queimadas (“A Velha Praga”)	Baseada nos relatos de Monteiro Lobato, a fantasia simboliza com seus adereços e cores a atividade das queimadas, que deixava o solo pobre e pouco fértil para que o trabalhador do campo pudesse cultivar novas plantações.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
18	Plantação de Trigo	Representa um imenso campo de trigo. O grão de trigo é um alimento de subsistência básico da alimentação dos camponeses usado para fazer farinha e, com esta, o pão de cada dia que sustenta o trabalhador do campo.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008
19	Milharal	Representa uma grande plantação de milho, cultura de subsistência típica da alimentação básica dos trabalhadores do campo.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008
20	Leguminosas	Representa uma grande plantação de vagens de ervilha, soja e feijão, culturas de subsistência que se fazem presentes na alimentação básica dos trabalhadores do campo.	Da Raça	Marcelo Barreto	2008
21	Malandros	Representa a figura do malandro, o avesso ao trabalho, que viva na vadiagem, perambulando pelas ruas sem nada fazer.	Compositores	Sydney Sã	2008

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
22	“Abram Alas Para Gegê” (Porta-Estandartes)	Fantasia inspirada na música Dr. Getúlio, de Chico Buarque e Edu Lobo, para a peça Vargas encenada no ano de 1983 (nova versão de Dr. Getúlio de 1969) escrita por Dias Gomes e Ferreira Gullar. A porta estandarte carrega a capa da carteira de trabalho e a imagem de Getúlio. Tem também o brasão da República e as cores nacionais. Remete aos primeiros desfiles das escolas de samba, que foram oficializados por Vargas.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008
23	Comércio e Indústria	Representa a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio por Getúlio Vargas no ano de 1930. Na fantasia aparecem signos correspondentes a logos das atividades industriais e comerciais, atividades essas que receberam grande estímulo por parte de Vargas.	Off-Shore	Comandante Durval	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
24	Retirantes	Nordestinos que, nas décadas de 30 e 40, migraram para o sudeste do Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida. Normalmente, eles chegavam extremamente desnutridos, doentes e miseráveis; morriam às centenas, sem condições para o trabalho pesado, pois sua caminhada do Nordeste ao Sudeste, por milhares de quilômetros, foi feita em sua maioria à pé, sem água, sem comida e em condições sub-humanas, exaurindo suas forças. O traje representa um vaqueiro nordestino, composto por detalhes decorativos típicos da região e apresenta uma representação gráfica da carcaça de boi. As cores e todo esse conjunto de imagens fazem referência à seca que leva à migração.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
25	A Hora do Brasil	Programa de rádio, principal veículo de comunicação nos anos trinta e quarenta, criado por Getúlio Vargas para anunciar aos trabalhadores brasileiros as conquistas dos seus direitos. Na fantasia observam-se modelos antigos de rádio e microfone, linhas art deco (típicas do estilo arquitetônico do período), e cores nacionais.	Mocidade da Vila	Miriam Lino	2008
26	A Indústria Automobilística e os “Dourados” Anos JK	Alusão à instalação das montadoras de automóveis no Brasil no âmbito da política desenvolvimentista do governo JK. O traje é composto por automóveis da época e vestimentas presidenciais com a máscara de Juscelino, dourados como a “era JK”. As bordas apresentam as cores nacionais como em palanques políticos.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
27	Candangos	Trabalhadores, em sua maioria de origem nordestina, que migraram para o Planalto Central para a construção da nova capital federal, Brasília. A fantasia apresenta elementos da arquitetura de Brasília, vitrais em cores nacionais remetendo à catedral da cidade, monumento aos Candangos. As penas de pavão em amarelo no chapéu do traje referem-se à alvorada.	Boêmios da Vila	Sebastião Gesnei	2008
28	Ligas Camponesas	Camponeses que se organizaram em associações de trabalhadores rurais nos anos sessenta para lutar pela conquistas dos seus direitos. A fantasia apresenta superposições de roupas como as dos trabalhadores rurais, em tons cinzentos, prateado e negro (anos de chumbo). Apresenta também facão e foice que servem de bandeira em cores quentes de “revolução”.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
29	“Anos de Chumbo”	Representa aqueles que comandaram o país no chamado “anos de chumbo” (1964-1984). A fantasia é um uniforme militar, representando uma estilização da bandeira brasileira. Cores sombrias como o negro, prata, violeta, azul e branco se fazem presentes na fantasia.	Da Família	Analimar Ferreira	2008
30	Metalúrgicos do ABCD	Os trabalhadores das metalúrgicas do ABCD paulista que cruzaram os braços e organizaram uma das mais importantes manifestações grevistas da história do país, reivindicando melhores salários e liberdade de expressão. A fantasia apresenta o macacão e o capacete de operário, dos tons sombrios aos tons quentes dos movimentos de luta. Observam-se desenhos de estrelas, que remetem ao “nascimento da estrela”, primeira organização político-partidária a defender exclusivamente os interesses dos trabalhadores.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
31	Informalidade e Pirataria	Bandeira de Luta contra o trabalho informal (aqueles trabalhadores que não têm carteira de trabalho assinada e, por conseguinte, não têm seus direitos sociais garantidos) e as demais variedades de vendedores clandestinos, os chamados camelôs. Muitos desses vendedores comercializam produtos piratas (falsificados), como CDS, tênis, relógios, bonecas, entre outros. Daí a representação da fantasia como um pirata.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
32	Pela Redução da Carga Horária	Bandeira de luta pela redução da jornada de trabalho de quarenta e quatro para quarenta horas semanais, que tem como lema “Trabalhar menos para que todos possam trabalhar”. A redução da jornada de trabalho é bandeira tradicional de luta do movimento sindical, como instrumento para ampliar o nível de emprego, além de proporcionar aos trabalhadores maior tempo de lazer e consideráveis melhorias na qualidade de vida. Observam-se também na fantasia ponteiros do relógio fazendo alusão a talheres (garfo e faca) e ao prato de comida, deixando transparecer a luta pela manutenção do direito do horário correto das refeições, fator essencial para que o trabalhador consiga exercer da melhor forma possível as suas tarefas. A fantasia representa o traje tradicional do operário, com o logotipo da campanha na gola e diversos relógios aparecem ao longo da roupa.	Ticket	Luciana Moreira e Rodrigo Cândido	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
33	Combate à Exploração Infantil	Bandeira de luta contra a exploração do trabalho de crianças e adolescentes menores de dezesseis anos, que tem como lema “Brincar e Aprender, trabalhar quando crescer”. A fantasia é representada por um palhaço, personagem que faz lembrar a doçura, a alegria e a inocência da infância, e apresenta um duplo colorido: de um lado, predominam as cores azul e dourado, remetendo para uma infância feliz e sadia, e a presença de dados didáticos, chamando importância para a questão da educação do menor; do outro lado, predominam as cores branco e preto, remetendo para a exploração dos pequeninos, representados nessa parte da fantasia por um boneco operário com um semblante entristecido, deixando assim transparecer a idéia de que trabalho não combina com criança. O traje é composto ainda pelo logo da campanha, elemento alegórico de mão.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alex de Souza					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
34	Erradicação do Trabalho Escravo – “Vamos Abolir de Vez Essa Vergonha”	Bandeira de luta pelo fim do trabalho escravo, que tem como lema “Cidadania sim, Trabalho Escravo não”. A fantasia é representada pelas asas da liberdade em contraponto à escravidão do trabalhador aparecendo na parte costeira da fantasia. Correntes partidas simbolizando o fim da escravidão aparecem nos punhos e no pescoço. Na gola do traje aparece o logotipo estilizado da campanha. A presença de resquícios da escravidão mostra traços de aproximações da sociedade brasileira contemporânea com aquela do início do nosso enredo (séculos XVI a XIX), quando o trabalho era regido pelo açoite, marca da violência contra o trabalhador escravo.	Comunidade	G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel	2008

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 05 – Cidade do Samba – Gamboa	
Diretor Responsável pelo Atelier Rita de Cássia Alves	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Rita de Cássia e Ana Cláudia	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Rita de Cássia e Ana Cláudia
Adrecista Chefe de Equipe Rita de Cássia e Ana Cláudia	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Gomes
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Outras informações julgadas necessárias Rita de Cássia, esposa do Presidente Wilson “Moisés”, chefia o ateliê das fantasias, com determinação, segurança e conhecimento, pois opera na área de confecção, já há algum tempo. Todos os funcionários do atelier: costureiras, adrecistas, chapeleiros, assistentes, acabamento e outras funções são moradores da comunidade do Morro dos Macacos.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo André Diniz, Carlinhos Petisco, Evandro Bocão, Pinguim, Professor Vladimir, Dedé Aguiar, Eduardo Katata, Dinny, Miro Jr. e Carlinhos do Peixe.		
Presidente da Ala dos Compositores Sidney Sã		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 70 (setenta)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Geraldo da Silva 81 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Miguel Bedê 26 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>É mais que um samba o que se criou É um hino ao povo trabalhador A louvação a nossa gente Vista indolente, pelos olhos da ambição Nativa cor que foi presente Pintou as dores da escravidão A resistência mudou de cor e renasceu Com a força e a fé do negro E ao Quilombo ascendeu Nosso ideal de liberdade Cansado de ter nos ombros Descanso do senhor, ecoou...</p> <p><i>Que o brasileiro tem o seu valor! Meu Deus ajude o trabalhador! E a imigração cruzou o azul do mar Em nosso campo ver a vida melhorar</i></p> <p>Voz de quem resistiu, a “Era Vargas” ouviu Consolidar nossas conquistas, Em direitos trabalhistas, Comemora quem tanto lutou Tempo de industrialização, Candangos, então, erguem Brasília Sindicato consciente, Terra para nossa gente cultivar democracia “Avante trabalhadores de Vila Isabel” “Quem sabe a hora não espera acontecer” Suor dessa gente, construiu esta nação Verdadeiros filhos deste chão</p> <p><i>Hoje é dia do trabalhador Que conquistou o seu lugar E vai nossa Vila, fazendo história Pra luta do povo eternizar</i></p>		

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Amadeu Amaral (Mestre Mug)

Outros Diretores de Bateria

Pery, Bahia, Bolão, Duda, Mariozinho, Cassiano, Julinho, Kleber, Cacau, Wallan, Luis Paulo, Cero e Marcio

Total de Componentes da Bateria

270 (duzentos e setenta) componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Rece-Reco	Ganzá
10	12	16	0	0
Caixa	Tarol	Tamborim	Tan-Tan	Repinique
70	30	36	0	30
Prato	Agogô	Cuica	Pandeiro	Chocalho
0	12	24	0	30

Outras informações julgadas necessárias

MESTRE MUG: Nascido no bairro de Bonsucesso, Mug passou sua infância em Pilares, onde aprendeu suas primeiras batidas nos Bloco Aprendizes da Onça. Veio morar aos dezesseis anos com sua irmã na Comunidade de Vila Isabel, e, como o mesmo diz, “Apaixonou-se pela Princesa”.

No ano de 1974, foi convidado pelo Mestre Ernesto para ingressar como ritmista da Bateria da Unidos de Vila Isabel. Quatro anos depois, ascendeu ao cargo de Diretor de Bateria, ficando nesse posto até o ano de 1987. Nesse último ano mencionado, o então mestre da bateria de Vila Isabel (Ernesto), recebeu um convite da co-irmã Acadêmicos do Salgueiro e surgiu então a grande chance de Mestre Mug.

No ano de 1988, ele se consagrou Mestre de Bateria da Vila Isabel. Já nesse primeiro ano recebeu o prêmio máximo do carnaval carioca, o Estandarte de Ouro.

Ele realmente é vencedor em sua bateria pois possui nove membros de sua família como integrantes. E, em toda a Agremiação, um total de cinquenta componentes entre bateria, passista, diretoria e ala da comunidade. Além disso, Mug é o mais experiente mestre de bateria do carnaval carioca, e, em 2008, completará vinte anos à frente dos seus comandados.

RAINHA DA BATERIA: Natália Guimarães (Miss Brasil 2007)

Fantasia: A Última Senshi (Guerreira)

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia Décio da Silva Bastos Junior
Outros Diretores de Harmonia Edmilsom, Elieser, Eloísa Elena, Julio César, Diogo, Alexandre, Carlão, entre outros.
Total de Componentes da Direção de Harmonia 40 (quarenta) componentes
Puxador(es) do Samba-Enredo Anderson dos Santos, o popular “Tinga” (intérprete oficial). Os intérpretes auxiliares são: David, Tito, Márcio Alexandre e André Diniz.
Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo Cavaco – Vitor, Douglas e Dedé Violão – Rafael
Outras informações julgadas necessárias O primeiro intérprete “Tinga” é oriundo da Escola Mirim Herdeiros da Vila. Ele tornou-se o intérprete oficial da Agremiação no ano de 2004, sendo, portanto, este o seu quinto ano como a voz maior da Vila. Morador da comunidade do Morro dos Macacos, Tinga conduzirá de forma esplendorosa o samba na Marquês de Sapucaí. Diretor responsável pelo carro de som: Bocão. <i>Outras informações:</i> Apoiando o trabalho de direção de harmonia/evolução, há: Presidentes e representantes de alas, componentes das alas dos compositores e integrantes da diretoria executiva. Todos os componentes participaram de palestras e informações abordando os mais diversos aspectos aptos ao desfile da Escola.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Outros Diretores de Evolução

Edmilsom, Elieser, Eloísa Elena, Julio César, Diogo, Alexandre, Carlão, entre outros

Total de Componentes da Direção de Evolução

40 (quarenta) componentes

Principais Passistas Femininos

Dandara Machado, Rafaela, Aline, Amanda, Carina, Cecília, Silvana, Djanane, Guiomar, Cláudia Regina, entre outras

Principais Passistas Masculinos

Adilson, Alexandre, Clóvis, Edson, Fabiano, José Roberto, Luiz Manoel, Luiz Renato, Odimar, entre outros

Outras informações julgadas necessárias

Décio da Silva Bastos Junior, 46 anos, é o diretor geral de Harmonia do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel pelo segundo ano consecutivo. Sua atuação no universo das escolas de samba ficou marcada pela sua participação durante vinte e três anos como integrante de Comissão de Frente em diversas Agremiações, como a União da Ilha, Caprichosos de Pilares, Império Serrano, Acadêmicos da Rocinha, Unidos de Vila Isabel e Unidos do Porto da Pedra. No Carnaval de 2005, Décio foi convidado pelo então Diretor Geral de Carnaval da Unidos do Porto da Pedra, Ricardo Fernandes, para integrar o grupo dos Diretores de Harmonia da Agremiação. No Carnaval de 2006, integrou a vitoriosa equipe de Diretores de Harmonia da Unidos de Vila Isabel. No Carnaval de 2008, terá a missão de zelar pelo bom andamento do desfile da Escola de Noel.

FICHA TÉCNICA**Conjunto**

Vice-Presidente de Carnaval Décio da Silva Bastos Junior		
Diretor Geral de Carnaval Ricardo Fernandes da Silva		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Marlene Maria Bragança		
Total de Componentes da Ala das Baianas 110 (cento e dez)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Maria de Lourdes Santos Sarmento – 82 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Daiana Pereira de Andrade 23 anos
Responsável pela Velha-Guarda Aladyr Francisco Xavier		
Total de Componentes da Velha-Guarda 80 (oitenta)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Maria de Lourdes França dos Santos – 79 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Julio Medina de Oliveira 51 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Natália Guimarães (Miss Brasil 2007 e segunda colocada no Miss Universo 2007) Rafael Raposo (Ator que interpretou Noel Rosa no cinema) e Fanni Pacheco (Ex-BBB).		
Outras informações julgadas necessárias Ricardo Fernandes da Silva é o Diretor Geral de Carnaval do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel. Ele iniciou a sua trajetória no mundo do samba como componente no G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense, onde permaneceu por cerca de vinte anos. No Carnaval de 1999, ele tornou-se o Diretor Geral de Harmonia da Agremiação de Ramos, permanecendo até o ano de 2002. Nos Carnavais de 2003 e 2004, ele foi convidado para ser o Diretor Geral de Carnaval e de Harmonia da Unidos da Tijuca, contribuindo para o inédito vice-campeonato da Agremiação. No Carnaval de 2005, foi o Diretor Geral de Carnaval do G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra, conseguindo de forma inédita para a Agremiação Gonçalves notas máximas para os quesitos de harmonia, conjunto e evolução. Para o Carnaval de 2006, foi contratado para ser o Diretor Geral de Carnaval do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel. Ele teve uma participação fundamental na conquista do campeonato, consagrando definitivamente o seu nome nos anais da história do Carnaval carioca. No Carnaval de 2007, foi o Diretor Geral de Carnaval do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro, onde teve uma responsabilidade ímpar no belo desfile técnico e emocionante apresentado pela Escola tijuicana. Para o Carnaval de 2008, Ricardo retorna ao G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel com a missão de ajudar a conquistar o terceiro título da Agremiação de Noel.		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Marcelo Misailidis

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Marcelo Misailidis

**Total de Componentes da
Comissão de Frente**

15
(quinze)

Componentes Femininos

01
(uma)

Componentes Masculinos

14
(quatorze)

Outras informações julgadas necessárias

Nome da Fantasia: “Trabalho é amor e cuidado na Lenda Indígena do João de Barro”

O Que Representa:

Para nós **trabalho** está intrinsecamente ligado com a relação de amor e cuidado que se tem consigo e com o próximo.

Tendo como fonte de inspiração a Lenda Indígena do João de Barro, esta comissão tem a intenção em apresentar o **trabalho** a partir do amor e do cuidado com que este pássaro brasileiro tem ao construir a sua casa e cuidar de sua família.

Esta lenda conta a historia de um casal de jovens indígenas que se apaixonaram. E o rapaz foi pedir a mão de sua amada. Mas, para que fosse concedida era preciso uma prova de amor vigiado por todos da tribo. Ao completar a prova, seus olhos brilhavam e seu sorriso tinha uma luz mágica. Ao se deparar com sua amada, se pôs a cantar como um pássaro, enquanto seu corpo se transformava num lindo pássaro. E neste instante os raios do luar tocaram a jovem e esta também se transformou em um pássaro e ambos saíram voando pela floresta. Contam os índios que assim nasceu o pássaro João de Barro. **A prova de amor que uniu este casal está no cuidado e no trabalho com que construíram sua casa e protegem seus filhotes.**

Trabalho e cuidado convivem mutuamente para que as relações humanas sejam estabelecidas. Pois somos seres de cuidado e de trabalho, ambos estão na essência humana e das coisas.

Precisamos do cuidado para demonstrar nosso amor, e no trabalho encontramos o fruto de nosso desenvolvimento.

Pensando assim, o cuidado com a casa, com o outro, nos leva ao mais nobre de todos os sentimentos: o amor.

Utilizamos o João de Barro como símbolo deste enredo para a Comissão de Frente e como inspiração para que nosso trabalho seja fruto do amor.

Bibliografia:

- <http://www.ufsc.br/~esilva/Lenda026.html>
- BOFF, Leonardo. *O saber cuidar*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Apresentação do Coreógrafo e Diretor da Comissão de Frente:

MARCELO MISAILIDIS

Um dos maiores nomes do ballet brasileiro, Marcelo Misailidis formou-se sob a orientação da mestra Eugênia Feodorova e Aldo Lotufo.

Sua carreira profissional teve início na Associação de Ballet do Rio de Janeiro sob a orientação de Dalal Achcar, onde trabalhou com o renomado professor Desmond Doyle, do Royal Ballet de Londres.

Foi convidado no ano de 1991 a integrar o corpo de baile do BALLET DO THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO como Bailarino Principal, participando de todas as temporadas desde então.

Como *Guest Artist*, apresentou-se em companhias no exterior, e nas mais importantes companhias brasileiras, protagonizando os grandes ballets de repertório tais como Dom Quixote, O Lago dos Cisnes, Giselle, Coppélia, entre outros. Realizou ainda especiais para a televisão, e como ator estreou no cinema um Curta Metragem do diretor Alberto Salvá.

No momento ocupa o cargo de Regente do Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

No Carnaval, Misailidis iniciou a sua trajetória como coreógrafo de Comissão de Frente na Unidos da Tijuca. Na Agremiação do Borel, atuou por cinco anos (1998-2002). No Carnaval de 2003, foi contratado pelo G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro, onde também atuou por um período de cinco anos (2003-2007), realizou excelentes trabalhos e alcançou a nota máxima por vários desfiles seguidos.

Para o Carnaval de 2008, Misailidis foi contratado pelo G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, estreando na Escola de Noel.

O Carnaval de 2008 será especial para Misailidis, pois estará comemorando dez anos de atuação na Marquês de Sapucaí. Durante a década conquistou o público e a crítica de Carnaval, e arrebatou várias premiações como o prêmio de Melhor Comissão de Frente dado pelo juri do Estandarte de Ouro nos anos de 2002, 2003 e 2005.

Assistentes Técnicos do Coreógrafo e Diretor da Comissão de Frente: Paulo Newton, Zeca Taveira e Dani Marie.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Julio César da Conceição Nascimento	Idade 34 anos
1ª Porta-Bandeira Rute Alves de Noronha	Idade 30 anos
2º Mestre-Sala Paulo César da Costa	Idade 22 anos
2ª Porta-Bandeira Helaine Fernanda Antônio Bispo	Idade 30 anos

Outras informações julgadas necessárias

O Primeiro casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira dançará juntos pela primeira vez no Carnaval de 2008.

Rute Alves de Noronha é a primeira Porta-Bandeira da Vila Isabel desde o Carnaval de 2004. Anteriormente, ela já defendeu os pavilhões de outras Agremiações como: São Clemente, Portela, Unidos do Porto da Pedra e Acadêmicos do Salgueiro.

Julio César da Conceição Nascimento defenderá o pavilhão da Vila Isabel pela primeira vez. Ele estreou no Carnaval de 1990 aos dezesseis anos no G.R.E.S. Tradição, onde permaneceu por quinze anos. Nos carnavais de 2006 e 2007, Julinho defendeu o pavilhão da Viradouro. É afilhado de Vilma Nascimento, o eterno “Cisne da Passarela”, e filho do Velha da Portela.

O casal está ensaiando desde a primeira semana de abril, para conseguir o entrosamento necessário e, com isso, a pontuação máxima.

Nome da Fantasia do Primeiro Casal: “Terra à Vista: Os Habitantes de Pindorama”

Representação: Fantasia de inspiração indígena, que representa os habitantes pré-cabralinos que habitavam Pindorama, a Terra das Palmeiras na língua tupi. Observa-se na fantasia da porta-bandeira a referência à rosa dos ventos, elemento presente nas cartas náuticas que guiaram os navegadores portugueses na aventura dos “descobrimientos”.

Nome da Fantasia do Segundo Casal: “O Último Pau de Arara”

Representação: Fantasia inspirada na música de Luís Gonzaga, o *Último Pau de Arara*. O traje apresenta referência aos retirantes nordestinos que, para fugir da seca, pegavam o Pau de Arara (nome dado a um meio de transporte irregular, e ainda utilizado no Nordeste do Brasil) para vir para o Centro-Sul em busca de melhores condições de vida e de trabalho. A indumentária apresenta elementos decorativos típicos do nordeste.

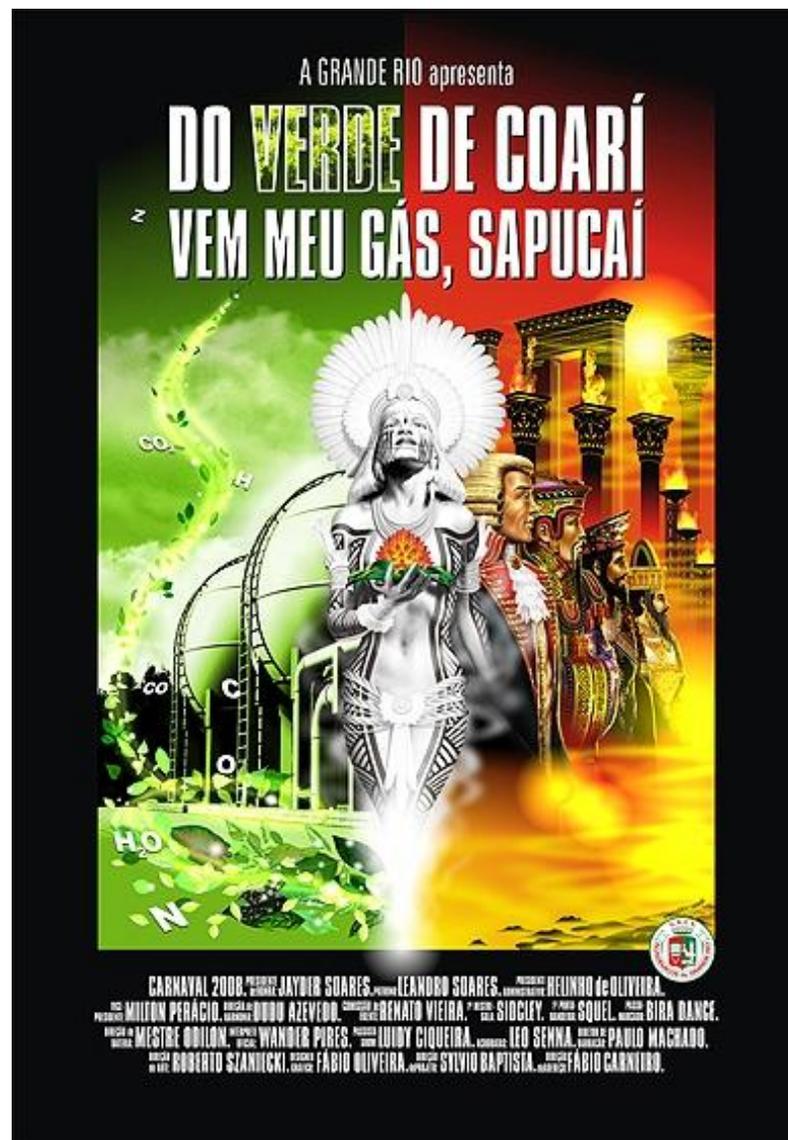
- CONFECÇÃO DA ROUPA DO PRIMEIRO E DO SEGUNDO CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA: Edmilsom Lima.

G.R.E.S. ACADÊMICOS DO GRANDE RIO



**PRESIDENTE
HÉLIO RIBEIRO DE OLIVEIRA**

Do verde de Coari, vem meu gás, Sapucaí



Carnavalesco
ROBERTO SZANIECKI

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Do verde de Coari, vem meu gás, Sapucaí”					
Carnavalesco Roberto Szaniecki					
Autor(es) do Enredo Roberto Szaniecki					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Roberto Szaniecki					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Roberto Szaniecki					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Coari – Um retorno às Origens	Francisco Vasconcelos	Da Anta Casa Editora Brasil	2002	Todas
02	Entoadada	Tadeu Garcia por Liduína Mendes	Gráfica Sérgio Cardoso Brasil	-	Todas
03	Oriental patters and palettes	Zhou Jianzhong	Index Book, SL Espanha	2006	Todas
04	Treasures of Islam	Toby Falk	Artline Editions Inglaterra	1985	260 – 261 264 – 265 282 – 283 288 – 289
05	Fashion in Detail	Luc Johnston	V&A Publications Inglaterra	2005	Todas
06	Vermelho Um pessoal amor garantido	Andréas Valentin Paulo José Cunha	Zit Gráfica e Editora Brasil	1997	70 – 71
07	Mitologia Latino-Americana Guia Ilustrado	Geraldine Carter Introdução de Rachel Storm	Círculo Estampa de Leitores Lisboa	1995	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Do verde de Coari, vem meu gás, Sapucaí”					
Carnavalesco Roberto Szaniecki					
Autor(es) do Enredo Roberto Szaniecki					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Roberto Szaniecki					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Roberto Szaniecki					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
08	Topkapi The treasury	J. M. Rogers	A New York Grafic Society Book Little, Brown and Company. Boston USA	1987	Todas
09	The Treasury of Ornament	Heinrich Dolmetsch	Studio Editions London	1989	03
10	A plumária indígena brasileira	Sonia Ferraro Dorta & Marília Xavier Cury	Universidade de São Paulo Brasil	2001	75, 83, 111, 195, 263, 347, 373 e 420
11	Faces da Floresta os Yanomami	Valdir Cruz	Power-House Books – USA	2000	Todas
12	Imagens do Brasil	Araquém Alcântara	Editora Malone Brasil	1951	Todas
13	Grafismo Indígena	Lux Vidal	Studio Nobel Brasil	1973	236, 238 – 239
14	Designing movie Creatures and Characters	Richard Rickitt	RotoVision	2006	114 – 117

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
“Do verde de Coari, vem meu gás, Sapucaí”					
Carnavalesco					
Roberto Szaniecki					
Autor(es) do Enredo					
Roberto Szaniecki					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Roberto Szaniecki					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Roberto Szaniecki					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
15	The Winston Effect	Stan Winston Studio	Jody Duncan Foreword by James Cameron	2006	Todas
16	Diseños Textiles	Susan Meller y Joost Elffers	Times Mirror Company – USA	1991	Todas
17	Cadernos Petrobrás	Petrobrás	Editora Cadernos Petrobrás	2006	Todas
18	The grammar of Chinese Ornament	Owen Jones	Studio Editions London	1988	Todas
19	Espacialização dos Perfis Social e Econômico das Comunidades Estudadas pelo Piatam	Edileuza Carlos de Melo, Michelle Gonçalves Costa, Leonara de Oliveira Queiroz, Gabriel Adriano e Akel Beniz	Universidade do Amazonas Brasil	2007	Todas
20	Plano Estratégico de Desenvolvimento	Prefeitura de Coari	Folder concedido pela Prefeitura de Coari	2007	Todas
21	Coari – construindo o futuro	Governo Municipal de Coari	Folder concedido pela Prefeitura de Coari	2007	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Do verde de Coari, vem meu gás, Sapucaí”					
Carnavalesco Roberto Szaniecki					
Autor(es) do Enredo Roberto Szaniecki					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Roberto Szaniecki					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Roberto Szaniecki					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
22	A saga do petróleo – Manaus	Petrobrás	Folder concedido pela Petrobrás	2006	Todas
23	Ceap Amazônia Centro de excelência ambiental da Petrobrás na Amazônia.	Petrobrás	Folder concedido Pela Petrobrás	2006	Todas
24	Manual de Identidade Visual Piatam	Brunna Richelly, Lima Rocha, Jackson Colares da Silva, Lilia Valessa Mendonça da Silva	Editora Universidade Federal do Amazonas	2007	Todas
25	Biodiversidade na Província Petrolífera de Urucu	Ana L. C. Prudente, Denise A. P. Rosário, Luciano F. A. Montag, Marcello C. Monnerat, Marlúcia B. Martins, Paulo Rubens Cabral e Sirayama O. F. Lima	Folder concedido pela Petrobrás	2006	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
“Do verde de Coari, vem meu gás, Sapucaí”					
Carnavalesco					
Roberto Szaniecki					
Autor(es) do Enredo					
Roberto Szaniecki					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Roberto Szaniecki					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Roberto Szaniecki					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
26	Programa de Desenvolvimento Sustentável do Gasoduto Coari-Manaus	Governos Municipais de Coari e Manaus e Petrobrás	Folder concedido pelos Governos Municipais	2006	Todas
27	Piatam – comunicação, Design & Multimídia: Estrutura e Funcionamento	Prof. Dr. Jackson Colares da Silva	Folder concedido pela Empresa Piatam	2006	Todas
28	Peixes de Lagos do médio Rio Solimões	M. Gercília Mota Soares, Edimar Lopes da Costa, Flávia Kelly Siqueira Souza, Hélio Daniel Beltrão dos Anjos, Kedma Cristine Yamamoto, Carlos Edwar de Carvalho Freitas	Universidade Federal do Amazonas	2007	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Do verde de Coari, vem meu gás, Sapucaí”					
Carnavalesco Roberto Szaniecki					
Autor(es) do Enredo Roberto Szaniecki					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Roberto Szaniecki					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Roberto Szaniecki					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
29	Manual de Gestão	Carlos Renato Santoro Frota, Gioconda Berenice de Almeida Corrêa, Hostília Maria Lisboa Campos, José Luiz Sansone, Keila Gardênia Silva Nascimento, Maria Angélica Corrêa Laredo, Artur José Lima Cavalcante e Aristides da Rocha Oliveira Júnior	Editora Purunga Design AM	2006	Todas
30	Comunidades Riberinhas Amazônicas – Modos de vida e uso dos recursos naturais	Therezinha de Jesus Pinto, Henrique dos Santos Pereira e Antônio Carlos Witkoski	Universidade Federal do AM	2006	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Do verde de Coari, vem meu gás, Sapucaí”					
Carnavalesco Roberto Szaniecki					
Autor(es) do Enredo Roberto Szaniecki					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Roberto Szaniecki					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Roberto Szaniecki					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
31	A Vegetação das comunidades da área de influência do Projeto Piatam – e do gasoduto Coari-Manaus	Dr. PedroIvo Soares Braga, MSc. Sheila Maria Garcia da Silva, MSc. José Olavo Nogueira Braga, MSc. Keila Gardênia Silva Nascimento e Biól. Suely Lima Rabelo	Universidade Federal do AM	2006	Todas
32	Citros – Pragas e Doenças	Jânia Lilia da S. Bentes, Neilton Marques da Silva, Beatriz Ronchi Teles e Tatiana Costa Jansen	Universidade Federal do AM	2006	Todas
33	Manejo dos recursos pesqueiros no Médio Rio Negro	Thaíssa Sobreiro, Lucirene Aguiar de Souza e Carlos Edwar de Carvalho Freitas	Universidade Federal do AM	2006	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Do verde de Coari, vem meu gás, Sapucaí”					
Carnavalesco Roberto Szaniecki					
Autor(es) do Enredo Roberto Szaniecki					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Roberto Szaniecki					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Roberto Szaniecki					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
34	Peixes do Médio Rio Negro	Flávia Kelly Siqueira Souza, Roosevelt Passos Barbosa e Carlos Edwar de Carvalho Freitas	Universidade Federal do AM	2006	Todas
35	Comunidades Ribeirinhas Amazônicas – memória, Ethos e Identidade	Therezinha de Jesus Pinto Fraxe, Antônio Carlos Witkoski e Henrique dos Santos Pereira	Universidade Federal do AM	2006	Todas
36	Potenciais impactos e Riscos Ambientais da Indústria do Petróleo e gás no Amazonas	Piatam	Folder concedido pela empresa Piatam	2006	Todas
37	CD-ROM - Orellana uma viagem pelo rio das amazonas	Prefeitura Municipal de Coari.	Realização Gravadora – Acrítica.	2006	Todas
Outras informações julgadas necessárias					

HISTÓRICO DO ENREDO

O ENREDO

ABERTURA – O INÍCIO DE TUDO

Voltando a milhões de anos atrás na formação do nosso sistema solar, um planeta chamado Geia se destacaria. Era uma bola de elementos que vieram de uma astronômica explosão de emanações calóricas inimagináveis.

Com o seu gradual resfriamento, estes elementos consolidam-se. A massa sólida endurece e é coberta por outra gasosa que, ao bloquear a luz solar ajuda no resfriamento do solo. Estão criadas assim as condições ideais para o nascimento da vida.

1º Setor – O SURGIMENTO DA VIDA E DA MORTE

Esse novo planeta já ganha novos contornos, os gases se combinam para o surgimento de outros elementos, agora mais complexos. O oxigênio combina-se ao hidrogênio formando assim a água que, por conseguinte vira o berço da vida.

Na água surgem os primeiros seres e dentre eles alguns já tinham as propriedades da foto-síntese que retirava da atmosfera o carbono e devolviam ar puro.

Com o passar do tempo, estes e muitos outros seres vivos se desenvolveram e ganharam a terra firme como plantas e animais dos mais variados portes; começa assim a era dos dinossauros.

Como sabemos, nosso planeta sofreu um enorme revés quando um astro chocou-se contra a nossa superfície. Conseqüência disso foi a quase aniquilação de toda a vida da terra. Animais e plantas aos montes foram sedimentados. De acordo com a tese da origem orgânica dos hidrocarbonetos, organismos aquáticos das bacias marinhas ou lacustres, vegetais carregados pelas correntes fluviais, microorganismos que se encontravam nos sedimentos depositados, todo esse material acumulado ao longo dos milênios em certas situações geológicas, acabaram arrumando-se numa espécie de hidrocarboneto primordial, o querogêneo, o qual foi transformado progressivamente, devido às condições de pressão e temperatura crescentes, até dar origem ao metano seco; este processo retrata a origem do petróleo. Quanto ao GN, não é possível uma determinação precisa de sua origem, uma vez que nele encontram-se também gases naturais de origem bioquímica.

Está aí o princípio do nosso Enredo...

2º Setor – O ENCANTO DAS ANTIGAS CIVILIZAÇÕES

O homem sempre viveu do Gás Natural, e muitas vezes sem o saber. Registros antigos mostram que a descoberta do gás natural ocorreu na Pérsia entre 6000 e 2000 a.C.. A Pérsia está situada entre a Mesopotâmia, o Golfo Pérsico e o Oceano Índico, a Índia e o Turquestão, na Ásia Central. O Oriente Médio dito por muitos como berço da civilização logo descobre as primeiras utilizações para o elemento, já que era altamente combustível e quando em queima gerava grande quantidade de calor e poderia ajudar na confecção dos primeiros vidros, que, precisava de grandes temperaturas para fundir-se e que, na Babilônia, uma das cidades da Mesopotâmia, região a sul da Ásia entre o rio Tigre e o Eufrates, utilizavam o combustível para manter aceso o "fogo sagrado", símbolo de adoração de uma das seitas locais. Como o fogo propiciado por emissão de gás tem mais brilho e intensidade, o uso em templos provocava uma aura mágica e misteriosa no lugar. O seu uso passou a ser prática quando possível e estimulou estes povos a encontrarem soluções de utilização e transporte para o mesmo.

O gás natural já era conhecido na China desde 900 a.C.. Os chineses foram os primeiros a perceber todas as vantagens que podiam retirar do Gás Natural. Vários séculos antes da nossa era, quando os chineses pesquisavam a terra à procura de sal, descobriram jazidas de Gás Natural, dando, de imediato, início ao processo de captação e à sua utilização. Mas foi em 211 a.C. que o país começou a extrair a matéria-prima com o objetivo de secar pedras de sal. Utilizavam varas de bambu para retirar o gás natural de poços com profundidade aproximada de 1000 metros. Também criaram no século VII técnicas para a sua utilização na iluminação, principalmente em templos nos quais louvavam-se Deuses e reverenciavam os animais que representam o calendário chinês, mantendo assim o “Fogo Eterno”.

Também no século VII, os japoneses já exploravam os bolsões de Gás Natural (e de petróleo), construindo verdadeiros poços. Os japoneses iniciam a primeira exploração racional de Gás Natural.

Todo o desenvolvimento das antigas civilizações tanto na Ásia como no Oriente Médio nos propiciou grandes mananciais de conhecimentos, que, nos deram a capacidade de avançar tecnologicamente na História.

3º Setor – O GÁS QUE GANHA AS CIDADES

Na Europa, o gás natural só foi descoberto em 1659, não despertando interesse por causa da grande aceitação do gás resultante do carvão carbonizado (town gás), que foi o primeiro combustível responsável pela iluminação de casas e ruas desde 1790. Já nos Estados Unidos, o primeiro gasoduto utilizado com fins comerciais entrou em

operação na cidade de Fredonia, no Estado de Nova York, em 1821, fornecendo energia aos consumidores para iluminação e preparação de alimentos. No Brasil, quem vê postos de gás natural lotados hoje não imagina que um dia a população protestou contra a chegada do combustível. A sociedade se apavorou com a idéia de ser iluminada pelo gás, em meados do século XIX. O medo culminou numa "violenta campanha" contra os concessionários escolhidos por Dom Pedro II, de acordo com o livro "A História do Gás - do Rio de Janeiro para o Brasil". Em 1834, Dom Pedro II deu concessão aos ingleses Carlos Grace e Guilherme Gover para que instalassem um sistema de iluminação a gás no Rio de Janeiro, então capital do País. O objetivo era trocar lampiões movidos a azeite de peixe por lampiões alimentados por gás. No entanto, a sociedade viu no projeto um perigo e reagiu: "era inadmissível conceber luz sem um grosso pavio de algodão embebido no azeite de peixe", cita o livro. Vinte anos depois, os brasileiros passaram do medo ao deslumbre. Poetas como Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo registraram o encantamento da inauguração de 637 lampiões a gás em 1854. Coube ao Barão de Mauá realizar a empreitada, que começou no centro da cidade do Rio de Janeiro, no largo do Paço Imperial (atual Praça Quinze), Rua Primeiro de Março, Rua do Ouvidor, Rosário, entre outras. Eram as primeiras ruas da América do Sul com iluminação a gás. "Boquiaberto e deslumbrado, o povo assistiu à inauguração daquele melhoramento", logo depois, as residências aderem também ao combustível. Agora os lustres e arandelas ganham maior importância na decoração dos lares e nas cozinhas substitui-se o velho fogão a lenha por novas caixas de ferro com bicos de gás, tornando o espaço para cozinhar mais sóbrio e higiênico.

4º Setor – O GÁS É ENERGIA

Com a chegada menos de um século depois da energia elétrica a demanda de gás volta-se para outros nichos. A iluminação pública e privada era substituída; agora grandes termoelétricas, através de dutos, geravam eletricidade para alimentar cidades. Entretanto, a necessidade de utilização do gás só aumentava, pois dele se beneficiavam fábricas de vidro, plásticos, produtos químicos, borracharias, metalúrgicos, ferreiros, cozinheiros, até na medicina há uma grande aceitação do gás tratado, cada tipo na sua função incluindo o gás utilizado em resfriamento mecânico. O Gás Natural - GN - é definido como uma mistura de hidrocarbonetos (contém somente hidrogênio e carbono) parafínicos leves, contendo predominantemente metano, etano, propano e outros componentes de maior peso molecular (podendo chegar à faixa do C 12+, dependendo da sua origem), que à temperatura ambiente e pressão atmosférica permanece no estado gasoso. Apresenta normalmente baixos teores de contaminação tais como nitrogênio, dióxido de carbono, água e compostos sulfurados, com raras ocorrências de gases nobres (hélio e argônio).

Atualmente o gás envasado ou injetado faz parte de nosso “dia a dia”, a ponto de nem nos apercebermos dele, desde sua utilização no banho até nossa locomoção por meio de automóveis “GNV” ou apenas no simples ato de acender um isqueiro de pressão.

No início da década de 90, em decorrência das dificuldades registradas nos anos 80 com a falta e o alto preço dos combustíveis, o governo, através de uma série de medidas, procurou viabilizar o uso do Gás Natural em outros segmentos do transporte rodoviário.

Em 1991, através de portaria o governo autoriza as distribuidoras de combustíveis a comercializar o Gás Natural Combustível, libera o uso do GNC em táxis, desde que em volume equivalente ao usado em substituição ao Diesel. No mesmo ano é inaugurado o primeiro posto público de abastecimento de Gás Natural Veicular no Brasil, localizado na Av. Brasil, em Bonsucesso, no Rio de Janeiro (Posto Brasil Grande – de bandeira Ipiranga).

A conversão para o gás natural tornou-se, então, extremamente atrativa para a frota nacional. E hoje é uma realidade Brasileira.

5º Setor – LENDA DOS ARAUETÉS

No alto Amazonas é passada de geração em geração uma curiosa lenda que conta que o “Pai-Mãe Terra” de Nhãngoron, protetor das matas, quando ficava furioso com a destruição do seu chão ou da floresta, manifestava-se rachando os “cânions” fazendo deles surgir cones de pedra que soltavam fogo e gás; com as raízes das árvores nas costas se levantava do solo e mostrava sua face em brasa; seus olhos eram flamejantes e de suas narinas saíam vapores que se incandesciam e, por fim, canibalizava aqueles que provocavam a destruição. Os Arauetés, com medo de perder sua aldeia, fazem um pacto com esse ser; tomariam conta da floresta e pediriam a proteção de seu filho Nhãngoron enquanto os guerreiros estivessem nas matas. Como retribuição, a aldeia, de 12 em 12 luas cheias faria uma grande cerimônia para a terra, plantando ao redor da tribo, exemplares de “orquídeas coração”; as cunhãs eram untadas de óleo de flores e antes do plantio banhavam-se no lago de fogo que, pela crença, era o lugar onde a “Senhor-Senhora” da terra respirava. Exalado o perfume das flores, a entidade permaneceria calma até o próximo ritual. Os corpos úmidos das cunhãs não deixavam que elas se queimassem e o pajé guiava toda a cerimônia para que tudo desse certo; as chamas viravam bolhas depois da dança do sacerdote. As “orquídeas coração” simbolizavam o pulsar da vida dos guerreiros que se foram defendendo a floresta e abençoava-os em sua jornada espiritual ao centro da terra onde seriam recebidos pelo “Pai-Mãe” e aguardariam até voltarem à vida como quaisquer novos seres da floresta. Ainda hoje essa lenda é representada em festivais folclóricos no Amazonas.

Esse exemplo folclórico nos mostra que mesmo no coração da floresta, seus habitantes já conheciam há muito tempo atrás e através da força da natureza o “gás”. Com o seu jeito simples de ser, os índios valorizavam este elemento, reverenciando e respeitando-o mesmo que não o utilizassem para fins práticos. Considerando que os silvícolas tem a sua total integração com a floresta, essas manifestações do solo aguçavam o imaginário indígena nos dando referências do seu grau de conhecimento do seu habitat.

6º Setor – OS NOVOS DESBRAVADORES

O boom de construções pós-guerra durou até o ano de 1960 e foi responsável pela instalação de milhares de quilômetros de dutos, proporcionado pelos avanços em metalurgia, técnicas de soldagem e construção de tubos.

Desde então, o gás natural passou a ser utilizado em grande escala por vários países, devido às inúmeras vantagens econômicas e ambientais. Uma década e meia após a “explosão” do petróleo no Brasil, surge através de muitas pesquisas o projeto mais audacioso da indústria de combustíveis nacional: a base de extração e refino de gás e petróleo de Urucu, situada na região de Coari, no meio da floresta amazônica.

Com uma concepção arrojada, a prospecção se daria sem agressão ao meio ambiente; cada pedacinho de mata aberta seria antes catalogado, extrair-se-iam mudas de todas as plantas e flores e ninhos de pássaros e todas as espécies de animais encontrados seriam recolocados, não existindo dessa forma uma perda real para o ecossistema. Foi criada uma estufa botânica reproduzindo a mata fechada e um orquidário para a preservação e cultivo dessas espécies típicas da região.

Um dado curioso: o lugar é berço da maior borboleta encontrada no mundo, bem como de outros animais exóticos que só se encontram por lá. Respeitando todas essas particularidades, todo o processo industrial foi concebido a ser inócuo, com cuidados de produção que atingem a quase perfeição. Até o lixo e os dejetos oriundos da produção são cuidadosamente tratados. Os plásticos, metais e papéis utilizados passam por um processo de reciclagem e voltam para as indústrias para novamente se transformarem em produtos. Quanto ao lixo orgânico, é tratado de forma que, combinado com terra da região, vira adubo de “ph” equilibrado, ajudando o replantio das áreas verdes, até mesmo a água sofre uma rigorosa filtragem antes de retornar ao rio. Podemos dizer, que o processo também “recicla” gente, pois promove a alfabetização de funcionários da região trazendo mais eficiência para o trabalhador, agregando-se dessa forma valor à mão-de-obra local.

Por todo esse cuidado, tanto na produção quanto na preservação local, a Petrobrás tem hoje nesta unidade os quatro maiores certificados de eficiência do mundo.

O Brasil tem nesta base e nos projetos de dutos de escoamento deste gás, a certeza da auto-suficiência deste bem tão precioso.

7º Setor – UMA CIDADE DO FUTURO

Coari com uma população de 113.901 habitantes é a cidade sede da prefeitura da região com o mesmo nome e abrange uma área total de 112.082,10 km². A cidade encontra-se em franco processo de crescimento. Um novo porto está sendo construído no Rio Negro para melhor escoar a produção de gás envasado e injetado vindo de Urucu. As obras concluídas de infra-estrutura da cidade apontam para um grande aumento populacional, tudo isso é possível graças aos royalties do gás que retorna para a região em espécie e também com ousados projetos como o do “Piatam”, que envolvem mais de seiscentos cientistas em universidades de todo o país, trezentos deles em campo, munidos de alta tecnologia e realizando o mais importante levantamento dos recursos hídricos, pesquisa botânica e zoologia que o mundo já presenciou.

O ensino também recebe cuidados especiais; núcleos são criados para receberem somente crianças de uma determinada faixa escolar e etária e seus equipamentos são voltados para o foco de interesse dos alunos.

Algumas faculdades, universidades e cursos técnicos, também já estão instalados na cidade e a direção acadêmica é intimamente ligada a cinco vertentes: a primeira visa à Indústria Petroquímica, que possivelmente será construída na região. A segunda é voltada para as áreas de Biologia, para melhor atender e estudar a preservação do ecossistema. A terceira visa diretamente à área de Pedagogia, para melhor preparar os educadores para que atendam aos anseios da população. A quarta vertente é a Saúde, pois se optou por preparar futuros agentes de saúde também com preparo sobre a flora medicinal, abundante na região e, por fim, a quinta visa o nicho do Turismo e de Hotelaria, área que será também direcionada à Ecologia.

Portanto, temos neste enredo o exemplo de como, onde e porque somos hoje mais conscientes da nossa brasilidade e, através de nosso samba, conheceremos mais um pouco desses muitos “Brasis” que o Brasil desconhece e, novamente, demonstraremos nosso orgulho muito verde e, também amarelo, quando nossas imagens, nosso canto e dança de nossa maior festa, o Carnaval, ganharem os lares de todo o planeta. Temos o privilégio de todos os anos podermos mostrar um pouquinho de nós, e, com certeza, vamos festejar com todo o gás.

Roberto Szaniecki
Carnavalesco

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

A Grande Rio como uma Escola de Samba engajada com o seu tempo, traz para o Carnaval de 2008, mais uma vez uma região do Brasil como inspiração.

Nosso país é abençoado com muitas riquezas, entre elas o pulmão verde do mundo; o estado do Amazonas e é de lá que vem literalmente o nosso “Gás” para cantar esse tema na “Sapucai”.

Há algumas décadas já se trabalha no meio da floresta em extração de petróleo e gás, principalmente em Urucu, região do município de Coari no Amazonas, um povo obstinado, não só extrai de um dos maiores lençóis de gás natural do mundo estas matérias primas tão valiosas, como também, preservam de forma inventiva e brilhante outra riqueza tão valiosa quanto; o nosso formidável eco-sistema amazônico.

O trabalho que está diretamente ligado aos anseios mundiais, na preservação da nossa atmosfera, aponta para combustíveis pouco ou não poluentes, assim, a enorme importância deste ousado projeto que trouxe e trará ainda muitos benefícios para o país com a sua auto-suficiência em gás natural e para o mundo, com sua visão de preservação ecológica.

Para chegarmos aqui, mostraremos durante o nosso desfile a importância para a vida, desses gases que nos rodeiam. O desenvolvimento de técnicas de manipulação e envasamento dos mesmos através dos tempos e também como a vida do planeta é dependente e transformadora destes elementos.

Na conclusão do nosso enredo os benefícios da extração do gás para a região de Coari são sentidos através de investimentos na preservação com mais de trezentos cientistas em campo e outros trezentos em universidades de todo o país, pesquisando e catalogando matas e rios, além de promover educação e infra-estrutura para o homem ribeirinho, sedimentando seus conhecimentos milenares com a modernidade e expandindo os mesmos para o Brasil e para o mundo.

Novamente a Grande Rio orgulhosamente levanta a bandeira da conscientização, sabendo que a nossa mensagem será vista e ouvida por bilhões deste mundo afora, somos Brasil, somos verdes amazonenses e o nosso samba tem essa missão também.

Roberto Szaniecki
Carnavalesco

ROTEIRO DO DESFILE

ABERTURA – O Início de Tudo

Comissão de Frente
ANJOS DA CRIAÇÃO

Alegoria de Apoio
CRISTAL DE CARBONO

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Sidclei e Squel
EXPLOSÃO DO UNIVERSO

Destaque de Chão
CADEIA DA VIDA

Alegoria 01 – Abre-Alas
TURBILHÃO DE ELEMENTOS

SETOR 01

Ala 01 – Comunidade
HIDROGÊNIO

Ala 02 – Dinossauros do Apocalipse
OXIGÊNIO

Ala 03 – Chega Mais
ÁGUA

Ala 04 – Comunidade
FOTOSSÍNTESE

Destaque de Chão
ÁGUAS DA CRIAÇÃO

Alegorias de Corpo
VELOCIRAPTORES

Alegoria 02
BERÇO DA
VIDA E SEDIMENTOS

Alegorias de Corpo
VELOCIRAPTORES

SETOR 02

Ala 05 – Amizade
MÍSTICA PÉRSA

Ala 06 – Raízes
CHAMAS DA BABILÔNIA

Ala 07 – Tuiuiú
GÁS CHINÊS

Ala 08 – Comunidade
ILUMINAÇÃO JAPONESA

Destaque de Chão
SEDUÇÃO PERSA

Alegoria 03
MAGIA DA ANTIGUIDADE

SETOR 03

Ala 09 – Ala Nobre
ILUMINAÇÃO À GÁS AMERICANO

Alegorias de Corpo
LAMPIÕES A GÁS

Ala 10 – Comunidade
BAILE DA CORTE
“LUSTRES E PAGENS”

Alegorias de Corpo
LAMPIÕES A GÁS

Rainha da Bateria
CHAMAS

Ala 11 – Bateria
ACENDEDORES DE LAMPIÕES

Rainha dos Passistas
BRILHO DA NOVA LUZ

Ala 12 A – Passistas Elas
ARANDELAS

Ala 12 B – Passistas Eles
ARANDELAS

Ala 13 – Comunidade
INSTALADOR DE GÁS

Destaque de Chão
LUZ ESCARLATE

Alegoria 04
LUZES DA CIDADE

SETOR 04

Ala 14 – Paulo 10
COZINHEIROS

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Jorge Luís e Renata
O GÁS DA PAIXÃO

Destaque de Chão
MOLÉCULAS GASOSAS

Ala 15 – Mestre-Sala e Porta-Bandeira Mirim
FRENTISTA E AUTOMÓVEL

Ala 16 – Bira Dance (Passo Marcado)
CAMPISTA BICHO GRILO
02 Barracas de Campinh
03 Painéis
08 Pernas de Pau (Árvores)

Ala 17 – Young Flu
SOLDADORES

Ala 18 – Comunidade
TERMO-ENERGIA

Destaque de Chão
PURA ENERGIA

Alegoria 05
O GÁS EM MOVIMENTO

SETOR 05

Ala 19 – Comunidade
ESPÍRITOS GUERREIROS

Ala 20 – Comunidade
RITUAL ARAUETÉS

Ala 21 – Baianas
OFERENDAS AOS ESPÍRITOS

Ala 22 – Comigo Ninguém Pode
ÍNDIOS JAGUARES

Destaque de Chão
CUNHÃ DOS ARAUETÉS

Alegoria 06 A & B
RITUAL ARAUETÉ

SETOR 06

Ala 23 – Amar É
DENSE FLORESTA

Ala 24 – A Hora é Essa
OPERÁRIO DA SELVA

Ala 25 – Big Big
ZOO BOTÂNICO

Destaque de Chão
DELÍRIO DA FEBRE AMAZÔNICA

Alegorias de Corpo
MOSQUITOS

Ala 26 – Casa Nova
PLANTAS E ANIMAIS

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Luis Felipe e Jéssica
CELEBRAÇÃO DA NATUREZA**

Destaque de Chão
ARARA REAL

Ala 27 – Baianinhas
BORBOLETAS

Destaque de Chão
MAGIA DA FLORESTA

**Alegoria 07
REFINARIA DA ESPERANÇA**

SETOR 07

Ala 28 – Comunidade
EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Ala 29 – Sem Neurose
SAÚDE DA FLORESTA

Ala 30 – Amor à Arte
QUÍMICA NATURAL

Ala 31 – Velha-Guarda
SABEDORIA DO
CABOCLO CANTADOR

Ala 32 – Compositores
COBOCLOS FUTURISTAS

Destaque de Chão
NATUREZA PRESERVADA

Alegoria 08 A, B & C
CIDADE DA CONSCIÊNCIA E DO PROGRESSO

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Roberto Szaniecki		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	ABRE-ALAS - TURBILHÃO DE ELEMENTOS	<p>É a grande explosão, o início de tudo, elementos irão se juntar para assim formar novas galáxias, novos sóis e por fim novos planetas como nossa pajeia. São os átomos em revolução. O princípio....</p> <p><u>Fantasia:</u> Explosão de Estrelas – Destaques Laterais (erq./dir.) Núcleos – Acrobatas Redemoinho – Destaque Central Baixo Turbilhão – Composição Explosão do Universo – Destaque Central Alto</p>
02	BERÇO DA VIDA E SEDIMENTOS	<p>Assim como gaia está em transformação sua superfície ganha contornos novos, agora há terra firme e oceanos. Água, berço da vida será a mãe da evolução das espécies que formarão os frágeis continentes. O infortúnio da extinção se dá quando acontece a colisão de um meteoro com o planeta e desencadeia uma explosão descomunal arrasando grande parte da superfície, esta revolução de sedimentos orgânicos aliada à superfície já ricamente fermentada dá origem após milhões de anos a depósitos de petróleo e gás, o nosso enredo.</p> <p><u>Fantasia:</u> Água viva – Semidestaque Aquária – Destaque Baixo Cardumes – Performance Encanto das Águas – Destaque Central Alto Moréias Abissais – Semidestaque</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Roberto Szaniecki		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
* 03	ALEGORIAS DE CORPO MAGIA DA ANTIGUIDADE	<p>Velociraptores (ladeando a Alegoria 02).</p> <p>Persas, chineses e japoneses serão povos que descobrirão formas de utilização do gás, cada qual com sua inventiva e propícia mágica na transformação de elementos como o vidro ou na manipulação da luz. Exemplos, residências, teatros e labuta se beneficiam de forma direta.</p> <p>Os persas com as suas colunas de fogo, os japoneses valorizando os seus palcos e os chineses com seus templos e seu milenar teatro de sombras.</p> <p><u>Fantasia:</u> Iluminação Japonesa Escarlata – Destaque Central Alto Kabuki – Semidestaque Lanterna Chinesa – Semidestaque Magia do Ouro – Destaque Magia Persa – Semidestaque</p>
* 04	ALEGORIAS DE CORPO LUZES DA CIDADE	<p>Lampiões a gás (ladeando a Ala 10).</p> <p>Com o advento do gás encanado, o Rio de Janeiro torna-se a primeira cidade da América Latina a receber tal benefício. As ruas, praças, residências recebem esta nova e brilhante luz. Peças de arte encantadoras são criadas para valorizar esta nova fonte de energia como relógios de móvel que recebem instalação própria, são peças de requinte europeu seduzindo os privilegiados cariocas.</p> <p><u>Fantasia:</u> Candelabro Imperial – Destaque Central Alto Candelabros – Destaques Arandelas 1 – Semidestaques Arandelas 2 – Semidestaques</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Roberto Szaniecki		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	O GÁS EM MOVIMENTO	<p>O benefício da utilização do gás no nosso cotidiano é inegável, as formas de envasamento e transporte comandam o nosso dia-a-dia. Nosso carro 05 tanto os botijões quanto os encanamentos são mostrados com a atividade a qual eles pertencem, é um híbrido de imagem e forma.</p> <p><u>Fantasia:</u> Chamas – Semidestaques Entregador de Gás – Destaque Principal Baixo Fluidez da Fumaça – Semidestaques Labaredas – Semidestaques Vapor de Energia – Destaque Central Alto</p>
06	RITUAL ARAUETÉ	<p>O folclore é muito útil quando queremos expressar nossas intenções ao falarmos do nosso passado, usaremos a estética de Parintins (famosa ilha no coração do estado do Amazonas) como gancho da manifestação folclórica e assim contarmos a lenda dos índios arauetés. Este artifício nos levará a um curioso ritual praticado a mais de um milênio.</p> <p>A lenda também nos passa que para defender suas terras, surge como último recurso das profundezas o “Pai-mãe” terra. Este por sua vez trará todo aquele que perturbar a sua filha natureza.</p> <p>No ritual cunhãs plantarão orquídeas coração em torno da “taba” e para aplacar a ira de tal ser, irão banhar-se com essências de flores em um lago de fogo. A existência do lago não foi comprovada, porém, quanto ao fenômeno do fogo nas águas e no chão já está provado e demonstrar que estes índios tinham conhecimento do gás muito antes da era colombiana.</p> <p><u>Fantasia:</u> Arara Real – Destaque Principal Alto Banho das Cunhãs – Composição Cacique – Destaque Central Baixo Chama da Invocação – Destaque Central Médio Corujas – Semidestaques Cunhãs do Ritual – Semidestaques Floresta Mágica – Semidestaques</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Roberto Szaniecki		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	ALEGORIAS DE CORPO	Mosquitos da malária.
07	REFINARIA DA ESPERANÇA	<p>Continuando no estado do Amazonas e nos dias atuais mostraremos no município de Coarí uma unidade extratora que é exemplo para o mundo. A unidade de “Urucu” que produz ainda muito abaixo da sua capacidade, uma enorme quantidade de gás da mais alta octanagem juntamente com ações de preservação do meio ambiente.</p> <p>A presença desta unidade na selva é inócua, pois, o lixo de toda ordem é reciclado ou retirado cuidadosamente da área além de promover pesquisas no campo da zoobotânica, com orquidários e sedes veterinárias contando também com apoio de grandes universidades brasileiras.</p> <p><u>Fantasia:</u> Aracnídeos – Acrobatas Brigada de Contenção – Destaque Central Alto Febre Amarela – Destaque Principal Baixo Inspetores de Gás – Composição Jóias do Orquidário – Semidestaques Sílfides – Semidestaques Zôo Botânicos – Composição Mistério dos Insetos – Semidestaques</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Roberto Szaniecki		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
08	CIDADE DA CONSCIÊNCIA E DO PROGRESSO	<p>A produção de Urucu rende para o município e a cidade Coarí enormes montantes de capital. Este por sua vez é revertido no maior projeto, de urbanismo e infra-estrutura social no interior do país.</p> <p>Projetos socioambientais como o Piatam, que reúne, mais de 600 cientistas, pelo menos 300 em campo, são subsidiados pela Petrobrás e a prefeitura de Coarí, com o objetivo de fazer sem agredir o seu “em torno” e ajudando a população a crescer no mesmo ritmo da cidade, que sem dúvida se prepara para o futuro preservando os ensinamentos do passado e somando-os com novas tecnologias e perspectivas, visando a total integração do homem, seu meio e o progresso, através da preparação acadêmica das novas gerações para que as mesmas continuem com afinco todo este projeto que foi plantado hoje.</p> <p>A frente da alegoria representa o robô ambiental híbrido batizado de Chico Mendes pelos pesquisadores do centro de pesquisa. Água, terra, lama, areia ou pântano – nada é obstáculo para o robô.</p> <p>Para realizar o trabalho de monitoramento ambiental sem prejudicar o ambiente, o engenheiro do Laboratório de Robótica da gerência de Tecnologia Submarina (TS) Ney Robinson coordenou a equipe que desenvolveu o Robô Ambiental Híbrido, que tem 1,50m de comprimento, 2,20m de largura e 1,20 de altura e pesa 115kg. No início, sua função era só recolher e medir os parâmetros físico-químicos da água, para que depois essas características fossem comparadas. Mas o projeto ganhou dimensões maiores. O robô passou a colher, fotografar e enviar imagens de larvas de mosquitos, além de captar sons da floresta e do fundo do rio. Assim, ele torna-se fundamental para as pesquisas desenvolvidas na Região Amazônica.</p> <p>Assim podemos dizer que vem do “verde” de Coarí o meu “gás” para cantar com orgulho sobre estes brasileiros na Sapucaí.</p> <p><u>Fantasia:</u> Cunhã – Destaque Central Baixo Garças – Semidestaques Gás Petróleo e Preservação – Destaque Central Alto Índia Futurista – Semidestaques Geneticistas – Destaques Laterais (erq./dir.) Arqueoloíndios – Composições Passista Show – Destaque Central Médio</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
Danilo Gayer (1º Destaque)	Empresário
Simone de Oliveira (1ª Dama)	Empresária
Enoque	Promoter
Bruna Dias	Empresária
Marinez Rodrigues	Estilista
Pedro	Professor
Local do Barracão Rivadavia Correa, nº. 60 – Galpão 04 – Gamboa	
Diretor Responsável pelo Barracão Paulo Machado	
Ferreiro Chefe de Equipe Zeli, Marcelinho e Robenil Batista	Carpinteiro Chefe de Equipe Sérgio e Sérgio
Escultor(a) Chefe de Equipe Alex Grilli, Glinston, Nil, Sebastião Lopes e Edmilson Lopes	Pintor Chefe de Equipe Paulo Maurício e Fábio Reis Lopes
Eletricista Chefe de Equipe Renato de Deus e Ricardo Lopes	Mecânico Chefe de Equipe Zé Mecânico
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Mecânica de Movimento	- Zeli e Carlos Lopes
Espuma	- Chiquinho
Chefe de Adereço	- Fábio Carneiro

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Roberto Szaniecki					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
*	Destaque de Chão Frente Carro 01	Cadeia da Vida.			
*	Coreografados	Átomos em Revolução.			
01	Hidrogênio	Hidrogênio, o mais leve dos elementos, é um gás que, combinado, é primordial para a vida no planeta. O traje é irregular e fluído, claramente mostrando a revolução deste tão importante gás.	Comunidade	Gilberto Silva	
02	Oxigênio	Na tabela periódica, este gás troca 02 ligações. Combinado, gera óxidos e dióxidos. É tão importante para a terra quanto o hidrogênio. Seus 02 elementos são mostrados na fantasia em estado livre.	Dinossauros do Apocalipse	Paulinho	2005
03	Água	A combinação de dois hidrogênios e um oxigênio gera a água, o berço da vida. Alimenta com seus estados líquido, sólido e gasoso todas as entranhas do solo e solto em partículas está no ar.	Chega Mais	Kátia	1995

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Roberto Szaniecki					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
04	Fotossíntese	Com o surgimento da vida, seres viventes no solo e nas águas ganharam a propriedade de troca de monóxidos e dióxidos por oxigênio que, aos poucos, equilibrará o planeta e a vida se torna ainda mais abundante. Alguns seres abissais e seres unicelulares como águas vivas na pré-história tinham esta propriedade.	Comunidade	Escola	
*	Destaque de Chão Frente Carro 02	Águas da criação.			
05	Mística Persa	Os homens sempre viveram próximos do gás natural, e muitas vezes sem o saber. Registros antigos mostram que a descoberta do gás natural ocorreu na Pérsia entre 6000 e 2000 a.C. A Pérsia está situada entre a Mesopotâmia, o Golfo Pérsico e o Oceano Índico, a Índia e o Turquestão, na Ásia Central. O Oriente Médio dito por muitos como berço da civilização logo descobre as primeiras utilizações para o elemento, já que era altamente combustível e quando em queima gerava grande quantidade de calor e poderia ajudar na confecção dos primeiros vidros, que, precisava de grandes temperaturas para fundir-se.	Amizade	Sandoval	1999

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Roberto Szaniecki					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
06	Chamas da Babilônia	Na Babilônia, uma das cidades da Mesopotâmia, região a sul da Ásia entre o rio Tigre e o Eufrates, utilizavam o combustível para manter aceso o "fogo sagrado", símbolo de adoração de uma das seitas locais. Como o fogo propiciado por emanção de gás tem mais brilho e intensidade, o uso em templos provocava uma aura mágica e misteriosa no lugar. O seu uso passou a ser prática quando possível e estimulou estes povos a encontrarem soluções de utilização e transporte para o mesmo.	Raízes	Manoel	1989
07	Gás Chinês	O gás natural já era conhecido na China desde 900 a.C.. Os chineses foram os primeiros a perceber todas as vantagens que podiam retirar do gás natural. Vários séculos antes da nossa era, quando os chineses pesquisavam a terra à procura de sal, descobriram jazidas de gás natural, dando, de imediato, início ao processo de captação e à sua utilização. Foi em 211 a.C. que o país começou a extrair a matéria-prima com o objetivo de secar pedras de sal. Utilizavam varas de bambu para retirar o gás natural de poços com profundidade aproximada de 1000 metros. Também criaram técnicas para a sua utilização na iluminação de templos no século VII.	Tuiuiu	Joaquim e Horácio	1989

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Roberto Szaniecki					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
08	Iluminação Japonesa	No século VII, os japoneses já exploravam os poços de Gás Natural (e de petróleo), construindo verdadeiros poços. Os japoneses iniciam a primeira exploração racional de Gás Natural, usaram para iluminar suas cidades e principalmente os teatros foram beneficiados com a nova técnica de controle da luz.	Comunidade	Escola	
*	Destaque de Chão Frente Carro 03	Sedução Persa.			
09	Iluminação à Gás Americano	Na Europa, o gás natural só foi descoberto em 1659, não despertando interesse por causa da grande aceitação do gás resultante do carvão carbonizado (town gás), que foi o primeiro combustível responsável pela iluminação de casas e ruas desde 1790. Já nos estados unidos, o primeiro gasoduto utilizado com fins comerciais entrou em operação na cidade de Fredonia, no estado de Nova York, em 1821, fornecendo energia aos consumidores para iluminação e preparação de alimentos.	Ala Nobre	Sonia	1989

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Roberto Szaniecki					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
10	Baile da Corte “Lustres e Pagens”	Em 1834, Dom Pedro II deu concessão aos ingleses Carlos Grace e Guilherme Gover para que instalassem um sistema de iluminação a gás no Rio de Janeiro, então capital do país. Vinte anos depois, os brasileiros passaram do medo ao deslumbre. Poetas como Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo registraram o encantamento da inauguração de 637 lâmpadas a gás em 1854. Coube ao Barão de Mauá realizar a empreitada, que começou no centro da cidade do Rio de Janeiro, no Largo do Paço Imperial (atual Praça Quinze), Rua Primeiro de Março, Rua do Ouvidor, Rosário, entre outras. Eram as primeiras ruas da América do Sul com iluminação a gás.	Comunidade	Escola	
11	Acendedores de Lâmpada	O objetivo era trocar lâmpadas movidas a azeite de peixe por lâmpadas alimentadas por gás. No entanto, a sociedade viu no projeto um perigo e reagiu: "era inadmissível conceber luz sem um grosso pavio de algodão embebido no azeite de peixe". A população protestou contra a chegada do combustível. A sociedade se apavorou com a idéia de ser iluminada pelo gás, em meados do século XIX. O medo culminou numa "violenta campanha" contra os concessionários escolhidos por Dom Pedro II.	Bateria	Mestre Odilon	

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Roberto Szaniecki					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
*	Rainha dos Passistas	Brilho da Nova luz.			
12 A e B	Arandelas “Eles e Elas”	"Boquiaberto e deslumbrado, o povo assistiu à inauguração daquele melhoramento", logo depois, as residências aderem também ao combustível. Agora os lustres e arandelas ganham maior importância na decoração dos lares.	Passistas Eles e Elas	Avelino	
13	Instalador de Gás	Nas cozinhas substitui-se o velho fogão a lenha por novas caixas de ferro com bicos de gás, tornando o espaço para cozinhar mais sóbrio e higiênico. Surge assim um novo profissional, o instalador de gás residencial.	Comunidade	Escola	
*	Destaque de Chão Frente Carro 04	Luz Escarlata.			
14	Cozinheiros	Apesar de termos outras formas para preparar alimentos quentes, o gás envasado continua sendo o principal meio nas cozinhas caseiras e industriais para esta prática. Sua eficiência remonta há vários séculos de desenvolvimento.	Paulo 10	Paulo	1989

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)					
Roberto Szaniecki					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
*	Destaque de Chão 2º Casal MS/PB	Moléculas gasosas.			
15	Frentista e Automóvel	No início da década de 90, em decorrência das dificuldades registradas nos anos 80 com a falta e o alto preço dos combustíveis, o governo, através de uma série de medidas, procurou viabilizar o uso do gás natural em outros segmentos do transporte rodoviário. Em 1991, através de portaria o governo autoriza as distribuidoras de combustíveis a comercializar o gás natural combustível, libera o uso do GNC, desde que em volume equivalente ao usado em substituição ao diesel. A conversão para o gás natural tornou-se, então, extremamente atrativa para a frota nacional. E hoje é uma realidade brasileira, sendo rebatizado de GNV.	Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira Mirins	Catarina	1989
16	Campistas Bicho Grilo	Os campistas têm como acessório quase que primordial o uso de pequenos botijões de gás para o uso em preparo de alimentos e iluminação em suas aventuras pelo mundo afora.	Bira Dance (Passo Mercado)	Bira	1992

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Roberto Szaniecki					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
17	Soldadores	A necessidade de utilização do gás só aumenta, pois dele se beneficiavam fábricas, metalúrgicos, ferreiros, há uma grande aceitação do gás tratado em substituição ao carvão para a moldagem de metais.	Young Flu	Sandra	1989
18	Termo Energia	Com a chegada menos de um século depois da energia elétrica a demanda de gás volta-se para outros nichos. A iluminação pública e privada era substituída; agora grandes termoelétricas, através de dutos, geravam eletricidade para alimentar cidades.	Comunidade	Escola	
*	Destaque de Chão Frente Carro 05	Pura Energia.			
19	Espíritos Guerreiros	Guerreiros que se foram defendendo a floresta. Em sua jornada espiritual ao centro da terra onde seriam recebidos pelo “pai-mãe” e aguardariam até voltarem à vida como quaisquer novos seres da floresta.	Comunidade	Escola	

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Roberto Szaniecki					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
20	Ritual Araueté	Os arauetés, com medo de perder sua aldeia, fazem um pacto com esse ser; tomariam conta da floresta e pediriam a proteção de seu filho Nhãngoron enquanto os guerreiros estivessem nas matas.	Comunidade	Escola	
21	Oferendas aos Espíritos	De 12 em 12 luas cheias faziam uma grande cerimônia para a terra, plantando ao redor da tribo, exemplares de “orquídeas coração”; as cunhãs eram untadas de óleo de flores e antes do plantio banhavam-se no lago de fogo que, pela crença, era o lugar onde a “senhor-senhora” da terra respirava ladeado por botos cor de rosa. Exalado o perfume das flores, a entidade permaneceria calma até o próximo ritual.	Baianas	Marilene	
22	Índios Jaguares	Manifestações de entidades da floresta também se fazem presentes neste ritual, feras como os jaguares inspiram o poder da natureza apossando-se dos indígenas como representados na festa do boi de Parintins.	Comigo Ninguém Pode	Paulo Machado	1989

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Roberto Szaniecki					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
*	Destaque de Chão Frente Carro 06	Cunhã dos Arauetés.			
23	Densa Floresta	Surge através de muitas pesquisas o projeto mais audacioso da indústria de combustíveis nacional: a base de extração e refino de gás e petróleo de urucu, situada na região de Coari, no meio da floresta amazônica. Porém, primeiro deveriam enfrentar a natureza selvagem.	Amar É	Paulo e Jorge	2000
24	Operários da Selva	Com uma concepção arrojada, a prospecção se daria sem agressão ao meio ambiente; cada pedacinho de mata aberta seria antes catalogado, extrair-se-iam mudas de todas as plantas e flores e ninhos de pássaros e todas as espécies de animais encontrados seriam recolocados, não existindo dessa forma uma perda real para o ecossistema. Brincando com a forma de extração, compara-se com as abelhas que retiram o mel, polinizam sem destruir o meio ambiente.	A Hora é Essa	Wellington	2003

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Roberto Szaniecki					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
25	Zôo Botânico	Foi criada uma estufa botânica reproduzindo a mata fechada e um orquidário para a preservação e cultivo dessas espécies típicas da região, assim como o estudo e preservação de espécies de animais que só se encontram na região, que recebe zoobotânicos extremamente qualificados para a função.	Big Big	Pedrinho Naval	2005
*	Destaque de Chão	Delírio da febre amazônica.			
26	Plantas Animais	Aves, plantas e uma grande dose de sabedoria da natureza indicam o caminho para a preservação ambiental. Como as araras vermelhas e as costelas de adão gigantes entre outros. É o chamado da natureza.	Casa Nova	Venilton	1995
*	Destaque de Chão 3º Casal	Arara Real.			
27	Borboletas	Um dado curioso: o lugar é berço da maior borboleta encontrada no mundo, bem como de outros animais exóticos que só se encontram por lá. Respeitando todas essas particularidades, todo o processo industrial foi concebido a ser inócuo, com cuidados de produção que atingem a quase perfeição.	Baianinhas	Escola	2005

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Roberto Szaniecki					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
*	Destaque de Chão Frente Carro 07	Magia da Floresta.			
28	Educação Ambiental	Até o lixo e os dejetos oriundos da produção são cuidadosamente tratados. Os plásticos, metais e papéis utilizados passam por um processo de reciclagem e voltam para as indústrias para novamente se transformarem em produtos. Quanto ao lixo orgânico, é tratado de forma que, combinado com terra da região, vira adubo de “ph” equilibrado, ajudando o replantio das áreas verdes, até mesmo a água sofre uma rigorosa filtragem antes de retornar ao rio. É o aprendizado sobre preservação do meio ambiente.	Comunidade	Escola	
29	Saúde da Floresta	Para melhor preparar os educadores para que atendam aos anseios da população, a vertente é a saúde, pois se optou por preparar futuros agentes de saúde também com preparo sobre a flora medicinal, abundante na região e baseiam-se na cultura indianista para o melhor aproveitamento da natureza.	Sem Neurose	Macedinho	2006

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Roberto Szaniecki					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
30	Química Natural	O ensino também recebe cuidados especiais; núcleos são criados para receberem somente crianças de uma determinada faixa escolar e etária e seus equipamentos são voltados para o foco de interesse dos alunos. Algumas faculdades, universidades e cursos técnicos, também já estão instalados na cidade e a direção acadêmica é intimamente ligada à primeira vista à indústria petroquímica, que possivelmente será construída na região.	Amar à Arte	Ximenes	1989
31	Sabedoria do Caboclo Cantador	Nas manifestações folclóricas do ribeirinho, os caboclos anciãos cantam e contam a sabedoria da floresta para as novas gerações.	Velha-Guarda		1989
32	Caboclos Futuristas	Com a transmissão da informação local aliada à tecnologia, no futuro encontraremos as raízes da cultura preservada e a modernidade caminhando lado a lado para o desenvolvimento de uma nova consciência sobre a vida e o planeta.	Compositores		1989
*	Destaque de Chão Frente Carro 08	Natureza Preservada.			

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rivadavia Correa, nº. 60 – Galpão 04 – Gamboa	
Diretor Responsável pelo Atelier Paulo Machado	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Terezinha, Cafu, Wagner, Vaval, Nilsinho, Net Sandrinho, Catarina e Rodrigo	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Cafu, Vaval, Sandrinho e Rodrigo
Aderecista Chefe de Equipe Terezinha, Cafu, Wagner, Vaval, Nilsinho, Net Sandrinho, Catarina e Rodrigo	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Sr. Waldemar (in memorian)
Outros Profissionais e Respectivas Funções Comprador - Vânia Almoxarifado - Jean e Batista Motorista - Sr. Roberto	
Outras informações julgadas necessárias As fantasias de todas as comunidades da Grande Rio são confeccionadas por vários ateliês situados no barracão.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Arlindo Cruz, Minguau, Emerson Dias, Mauriçãõ, Carlos Sena e Edu da Penha.		
Presidente da Ala dos Compositores João Carlos		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 88 (oitenta e oito)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Adão Conceição 75 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Toicinho 26 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<u>Defesa do Samba-Enredo:</u>		
Da explosão, um novo planeta	Abertura da escola, no enredo representa o grande Big-Bang a obra suprema de Deus, o surgimento dos elementos e do universo.	
Água berço da vida Com a destruição Das plantas e dos animais Origem do petróleo e do gás.	Primeiro setor do desfile. No enredo são apresentados os gases hidrogênio, oxigênio, a junção dos mesmos como água, a fotossíntese que ajuda a formar a nossa atmosfera e por fim na alegoria as três fases água e vida, era dos dinossauros e os sedimentos orgânicos que darão origem ao petróleo e o gás.	
Surgiu na Pérsia Bem usado no Japão “Fogo eterno” adoração	Segundo setor. As antigas civilizações foram muito importantes para o desenvolvimento da humanidade. Quando falamos de gás principalmente sua utilização na antiguidade foi cercada de muita inventividade. A Pérsia no período do gás era um grande império que compreendia o mediterrâneo até o extremo oriente. O gás era usado em fornos de vidro e também para iluminação principalmente em templos. A China em 900 a.C. já conhecia o gás, porém sua utilização na plenitude data em paralelo ao Japão, Séc. VII d.C. O Japão foi o primeiro país que usou de todos os recursos para a extração e manipulação do petróleo e do gás. Além da iluminação residencial e pública foi amplamente usado em teatros “Kabuki”, pela versatilidade do controle da intensidade das chamas. Na China a sua utilização foi muito difundida em templos principalmente aqueles onde os signos eram reverenciados. Diferentemente da queima de incensos que acabavam, o fogo eterno encantava e provocava um sentimento de adoração.	
Desprezado na Europa Nova York iluminou No Brasil, medo e deslumbramento	Terceiro setor. Como o samba diz, na Europa o gás era extraído do carvão e o gás natural foi pouco difundido no século XVIII. Já nos Estados Unidos foi desenvolvido um sistema de gasodutos que em pouco tempo se difundiu promovendo novos tempos na iluminação pública e privada. O Rio de Janeiro foi à primeira cidade da América Latina a receber o gás encanado provocando medo e deslumbramento por mais este avanço tecnológico.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Defesa do Samba-Enredo:

O gás é natural é nosso dia-a-dia
É energia e desenvolvimento

*Com todo gás vou te dar amor
Com muito amor vem me dar paixão
É tão brilhante nossa chama que clareia
Incendeia o meu coração*

Lindo!!!
Como se fosse a primavera
O guardião da vida “pai-mãe-terra”
No ritual Araueté
Repousa no lago senhor
Exala o perfume da flor
Na aldeia a paz do luar

Pássaros cantando, borboletas pelo ar
Então vamos cuidar, pra não se acabar
Em Urucu o amanhã é um novo dia
Onde o Brasil vai estudar!
Se formar e ensinar
Ecologia

*Grande Rio vem cantar
Minha Escola é o gás na Sapucaí
Se a lição é preservar
Meu grito é verde, Amazonas, Coarí*

Quarto setor. O gás faz parte do cotidiano do ser humano moderno, nas casas, indústrias e também na medicina e nos transportes, sua aplicação e infinita.

Uma liberdade poética aliada à brincadeira de nossas expressões idiomáticas.

O segundo casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira estarão com todo o “gás” representando a paixão da dança e ilustrando em seus trajes o fogo do amor.

Quinto setor. A lenda araueté nos remete a um milênio atrás para contar um ritual onde no solo e em um lago saía o gás e o fogo onde na crença indígena atribuía-se a respiração do Pai-Mãe-Terra e este através de ritos acalmava-se e a repetição do mesmo se daria somente 12 luas depois.

Sexto setor. A base extrativista da Petrobrás em Urucu é um dos mais espetaculares empreendimentos no mundo. Além de a base ser inócua para a floresta. Dentro dos domínios existe também projeto botânico e zootécnico de pura excelência os resultados são repassados para universidades no Brasil e no Exterior, sendo um rico material didático vindo do meio do Amazonas.

Sétimo setor. O royalty do gás retirado de Urucu retorna em espécie para a infra-estrutura da cidade e também é invertido em projetos de ponta no que tange a preservação ecológica e a sapiência do caboclo e do indígena local quanto à flora e fauna medicinal para receber alunos em diversas áreas de interesse através de projetos pilotos que povoam em médio prazo Coari no centro do mundo das pesquisas e do preparo de toda uma nova geração.

Visando um mundo melhor auto-sustentável para viver.
È a mensagem da Grande Rio para apresentar, divulgar e admirar este povo tão valoroso que é o brasileiro, de qualquer parte do país, para o planeta.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Mestre Odilon Costa

Outros Diretores de Bateria

José Carlos “Du Gás”, Daniel, Luiz Eduardo, Chula, Sérgio, Wagninho e Gilmar “Peixe”

Total de Componentes da Bateria

264 (duzentos e sessenta e quatro) componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação 12	2ª Marcação 12	3ª Marcação 18	Rece-Reco 0	Ganzá 0
Caixa 86	Tarol 0	Tamborim 36	Tan-Tan 0	Repinique 40
Prato 0	Agogô 12	Cuíca 24	Pandeiro 0	Chocalho 24

Outras informações julgadas necessárias

A partir de Junho de 2007 iniciam-se os ensaios de quadra, em outubro iniciaram-se os ensaios técnicos. Dezembro/2007 e Janeiro/2008 são os desfiles técnicos aos domingos. Muitos ensaios foram realizados para atingir este resultado final: **O RITMO CONTAGIANTE DA NOSSA BATERIA.**

A disciplina e versatilidade, imposta por Mestre Odilon em todos os ensaios e desfiles, são elementos para a alegria dos 264 componentes da Bateria.

Este ano todo o trabalho tem um GÁS a mais. Os Acendedores de Lâmpioes pretendem não deixar apagar a chama que fortalece a união entre os componentes da Bateria e Mestre Odilon, completando dez anos a frente deste quesito.

Aos olhos dos senhores nossa Bateria: “É O GÁS NA SAPUCAÍ”.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Dudu Azevedo

Outros Diretores de Harmonia

Carlinhos Professor, Wilson, Limão, Pedro Paulo, Paulinho, Borret, Rafael Jamanta, Vitor, Zeca, Mauro Tito, Vilma, Joel, Germano, Cristiane, Rosangela, Delmar, Cácia, Amaury, Rufino, Paulo César, Lucimar, Levi Dutra, Alexandre Russo, Rodrigo, Jerônimo, Leitão, Leandro Lima, Rodrigo “Preto”, Paulo Santos, Carlos Gomes, Jájá, Vânia, Simone, Zé Carlos, Jorge Ramos, Antônio, Jorge Tito, Gilliard, Pedrinho Naval, Julio, Helio, Batata, Helton, Gerdal, Alexandre “Bolinha”, Chico, Renata, Jorge “Pastinha”, Gastão, Leandro e Gerdal.

Total de Componentes da Direção de Harmonia

52 (cinquenta e dois) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Wander Pires

Emerson Dias, Nando Pessoa, Hamilton “Cambaleão”, Flávio Martins e Zé Paulo.

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Cavaco – Mingau e Dedé

Violão 06 cordas – Marquinho F. M.

Violão 07 cordas – Vitor Alves

Outras informações julgadas necessárias

“GRANDE RIO VEM CANTAR”

A **HARMONIA** da Grande Rio traz os artistas do espetáculo:

SEUS COMPONENTES, para cantar na Sapucaí.

Com muito respeito e carinho mostraremos a consonância perfeita do nosso canto, a sincronia do ritmo e da dança e a leveza, num desfile alegre e contínuo. Todas estas ações são frutos do trabalho incansável, realizado pela equipe da Harmonia e correspondido pelos componentes de cada segmento da Grande Rio.

Os ensaios de canto e dança iniciaram-se em outubro de 2007.

A **HARMONIA** da Grande Rio “COM TODO GÁS” quer dar a todos os componentes muito “AMOR”.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Milton Perácio

Outros Diretores de Evolução

Cafu, Sérgio, Chicão, Léo, Gil, Walmir, Jorge Negromonte, Fifi, Gerônimo, Paulo Banana, Paula, Walter 59, Luiz Carlos Machado, Fernandinho, Vareta, Jorge Wilson, Dimas, Chiquinho Caipira, Deré, Edmeia, Moraes, Horácio, Anderson, Beto David, Heloisa, Helenice, Zé Batata, Pablito, Da Silva, Régis, Laury, Laurecy, Baiano, Tunico, Ailton Fiscal, Dionei, Alexandre, Paulo Roberto, Cema, Miltinho, Gerônimo “Café”, Tuil, Edson, Sérgio Reis, Valter Barbosa, Titonelli, Creuza e Outros

Total de Componentes da Direção de Evolução

80 (oitenta) componentes

Principais Passistas Femininos

Marisa, Danielle, Renata, Maria de Fátima, Feiticeira, Gilcimara, Roseclaudia e Cristiane.

Principais Passistas Masculinos

Avelino, Paulo Cezar, Bochecha e Passarela

Outras informações julgadas necessárias

EVOLUÇÃO – “SE A LIÇÃO É PRESERVAR”

Então preservaremos a perfeita **Evolução**, o canto, o ritmo “cativante” da Bateria, a dança espontânea e a emoção de nossos componentes.

Queremos todos com a mesma **Evolução**, no mesmo sentido, para incendiar o meu e o seu **CORAÇÃO**.

FICHA TÉCNICA

Conjunto

Vice-Presidente de Carnaval Milton Perácio		
Diretor Geral de Carnaval Milton Perácio		
Outros Diretores de Carnaval Cafu, Sérgio, Horácio, Chicão, Gil, Walmir, Paulo Banana e Walter 59		
Responsável pela Ala das Crianças Catarina do Valle		
Total de Componentes da Ala das Crianças 32 (trinta e dois)	Quantidade de Meninas 16 (dezesesseis)	Quantidade de Meninos 16 (dezesesseis)
Responsável pela Ala das Baianas Marilene Lima dos Santos		
Total de Componentes da Ala das Baianas 110 (cento e dez)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Nelidia Soares 76 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Cristiane da Conceição 31 anos
Responsável pela Velha-Guarda Carlos Alberto Nascimento		
Total de Componentes da Velha-Guarda 99 (noventa e nove)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Eckner Francisco 75 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Antônio Carlos 52 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Grazielle Massafra, Raul Gazzola, José Wilker, Ana Maria Maia, Hugo Gross, Marcos Paulo, David Brazil, Wolf Maya, Gilberto Barros, Mônica Carvalho, Marcelo Brow, Carla Dias, Debora Secco, Fernanda Lima, Nelson Freitas, Maria Clara Gueiroz, Agildo Ribeiro, Liege Monteiro e outros		
Outras informações julgadas necessárias A união entre Visual e Técnica é a visão única que mostraremos do nosso Desfile. O quesito Conjunto exigirá de seus responsáveis a coesão de todos os elementos em Desfile. Em todos os ensaios técnicos obtivemos a maior assiduidade possível de todos os elementos que desfilarão na Marquês de Sapucaí, nos permitindo a visão deste todo. O Conjunto e coerência serão vislumbrados em nosso Desfile.		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Renato Vieira

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Renato Vieira

**Total de Componentes da
Comissão de Frente**

15
(quinze)

Componentes Femininos

0

Componentes Masculinos

15
(quinze)

Outras informações julgadas necessárias

Alegoria de Apoio (aparelho) – Cristal de Carbono

Defesa da Fantasia:

Fantasia: **Anjos da Criação**

Descrição: As indumentárias transformam os componentes em híbridos. No momento da criação, pelas mãos de Deus, os anjos tornam-se os operários do divino milagre, porém este ainda não tem forma definitiva e nem rostos, pois, a face de Deus não é parte da semelhança entre estes e o criador. Através da crença cristã somente os humanos terão alma e será a semelhança de Deus Pai, daí a ousadia da criação do figurino.

Sua alegoria representa o cristal de carbono primordial com sua estrutura perfeitamente esférica em seus vértices é um dos elementos mais encantadores no que tange a geometria na natureza.

Como o carbono misturado a outros elementos forma quase todas as estruturas das criaturas viventes do planeta, foi escolhido para dar início também ao nosso desfile.

Renato Vieira é coreógrafo, professor, diretor de movimento e diretor artístico da Companhia de Dança que leva o seu nome.

Com sua Companhia de dança circulou com o espetáculo **Terceira Margem** por Brasília à convite do evento 4 Movimentos, por Curitiba à convite do HSBC, em Joinville na Mostra de Dança Contemporânea, em São José dos Campos no Festidança, em Petrópolis no Teatro Municipal dentre outras apresentações.

Recebeu inúmeras premiações como a Bolsa da Icatu Holding pelo conjunto da obra passando 6 meses na Cité Internationale des Arts, em Paris. Foi coreógrafo da abertura dos Jogos Pan Americanos no Rio de Janeiro em 2007. Além dessas atividades, há cinco anos assina a coreografia da Comissão de Frente da G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio.

Formado em Publicidade e Relações Públicas, Renato também cursou a Escola de Teatro (FEFIERJ) e frequentou aulas de ballet clássico, moderno e jazz no Brasil com cursos de especialização nos Estados Unidos. Além de espetáculos com a sua companhia, Renato é sistematicamente convidado a coreografar em outras companhias assim como para espetáculos de teatro infantil e adulto.

Em 2007 foi responsável pelas coreografias e pela direção de movimento dos principais musicais, entre os quais destacam-se **Sete o Musical** (direção de Cláudio Botelho com trilha de Ed. Motta) e **Sassaricando** (direção de Cláudio Botelho com roteiro de Sergio Cabral), da peça **Dragão Verde** (direção de Cacá Mourthé no Tablado) e estréia em janeiro o espetáculo **Beatles um céu de diamantes** no Espaço Sesc. Já coreografou minisséries, aberturas de programas, especiais musicais e é jurado do quadro Dança dos Famosos do programa Domingo do Faustão, para a Rede Globo; como professor Convidado foi para a Alemanha e Japão.

Para o carnaval de 2008, Renato Vieira iniciou os ensaios com o seu grupo em outubro de 2007, sempre tendo assistência de Soraia Bastos e Bruno Cezário. Este último seu filho, bailarino da Ópera de Lyon.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Sidclei Santos	Idade 31 anos
1ª Porta-Bandeira Squel Jorgea	Idade 25 anos
2º Mestre-Sala Jorge Luís Valle dos Santos	Idade 30 anos
2ª Porta-Bandeira Renata Silva de Carvalho	Idade 25 anos
3º Mestre-Sala Luis Felipe da Rosa	Idade 16 anos
3ª Porta-Bandeira Jéssica Barreto da Silva	Idade 18 anos

Outras informações julgadas necessárias

Defesa das Fantasias:

1º. Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Fantasia: **Explosão do Universo** - Representam o momento da criação. Sua dança é o ato da revolução dos elementos que povoarão o universo dando assim um princípio para o todo que hoje conhecemos.

2º. Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Fantasia: **O Gás da Paixão** - É uma alegoria sobre o amor e a paixão. O coração incendiado é alimentado pelo gás da paixão e será apaziguado pela bombeira do amor.

3º. Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Fantasia: **Celebração da Natureza** - A beleza do vôo das araras vermelhas serve de inspiração para a indumentária deste casal. As mais conhecidas araras amazônicas são garbosamente confeccionadas para o melhor desempenho do casal em sua revoada pela Sapucaí.

Bailar, cortejar, dançar, sutileza, graça, leveza...

Ações fundamentais desenvolvidas por Sidclei e Squel ao exaltar nosso pavilhão.

Em 2008 o casal Sidclei e Squel, completará o sétimo ano de desfile juntos.

Squel é oriunda da escolinha de mestres-salas e porta-bandeiras mirins da Grande Rio. Este ano os ensaios realizados desde junho/2007, tem na sua essência garantir a sutileza, o bailado e a exaltação do pavilhão.

Sidclei corteja e defende o pavilhão da Grande Rio desde 2000. Após ganhar um Estandarte de Ouro, por outra Agremiação, nos encanta com seu bailado e graça a cada ano.

“Lindo como se fosse a primavera” o casal Sidclei e Squel pretende passar na avenida, “fazendo valer” este verso do nosso samba-enredo e ao finalizar o desfile de toda Grande Rio que reine “a paz do luar”.

O 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, Jorge Luis e Renata, são oriundos da escolinha de mestre-salas e porta-bandeiras mirins do G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio.

O 3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, Luiz Felipe e Jéssica, também formados na escolinha de mestre-salas e porta-bandeiras mirins do G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio, foram premiados em 2003 com troféu Pé no Futuro, através da Rede Globo. Em 2008 será o segundo ano do casal na Marquês de Sapucaí.

G.R.E.S. BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS



**PRESIDENTE
FARID ABRÃO DAVID**

Macapaba: Equinócio Solar, Viagens Fantásticas ao Meio do Mundo



Carnavalescos
ALEXANDRE LOUZADA, FRAN-SÉRGIO,
LAÍLA E UBIRATAN SILVA

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo Macapaba – Equinócio Solar – Viagens Fantásticas ao Meio do Mundo					
Carnavalesco Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
Autor(es) do Enredo Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Alexandre Louzada					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	História do Amapá – O Amapá na Mira Estrangeira – Dos Primórdios do Lugar ao Laudo Suíço (Revisado)	Paulo Dias Morais, Jurandir Dias Morais e Ivoneide Santos do Rosário	JM Editora Gráfica	Macapá, 2006	Todas
02	Amapá no Século XV – Rota de Expedições de Reconhecimento	Fernando Rodrigues dos Santos	GRAFI Certa	Belém, 2003	Todas
03	O Legado das Civilizações Maracá e Cunani – O Amapá Revelando Sua Identidade	Cyntia Malaguti	SEBRAE/AP	Macapá, 2006	Todas
04	O Mundo da Arte – Mundo Islâmico – Enciclopédia das Artes Plásticas em Todos os Tempos	Ernst J. Grube	Editora Expressão e Cultura	Nova York, 1966	Todas
05	Terra Brasil	Araquém Alcântara	DBA Artes Gráficas, Melhoramentos	São Paulo, 1998	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
Macapaba – Equinócio Solar – Viagens Fantásticas ao Meio do Mundo					
Carnavalesco					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
Autor(es) do Enredo					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Alexandre Louzada					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
06	Costumes Kostüme Trajes	Library of Ornament / Bibliothèque de l'ornement / Bibliothek der Ornamente / Biblioteca de la Ornamentación)	L'Aventurine	Europa	Todas
07	Malefic	Luis Royo	NORMA Editorial, NBM – Nantier – Bell - Minoustchine	Barcelona, 1994; New York, 1997	Todas
08	Arts of the Amazon	Barbara Braun, Peter G. Roe	Thames and Hudson	Singapore 1995	Todas
09	Historia Del Vestido	Albert Racinet	Editorial LIBSA	Madrid	Todas
10	Dicionário da Língua Portuguesa	Edições Poliglota	Editora Melhoramentos Ltda., Avenida Gráfica e Editora	Brasil, 2002	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
Macapaba – Equinócio Solar – Viagens Fantásticas ao Meio do Mundo					
Carnavalesco					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
Autor(es) do Enredo					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Alexandre Louzada					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
11	Mãos do Amapá – A Arte em Foco	Fabiano Menezes, Cristiano Sales de Oliveira, Elaine Patrícia Sena Pacheco, Julieta Monteiro dos Santos	(Governo do Estado do Amapá, SEBRAE/AP)	Amapá	Todas
12	Calendário Histórico, Cultural e Ambiental do Município de Macapá	Rubem de Lima Pacheco Junior, Deoclema Lobato Pereira, Enimara da Silva Almeida, Rubenei Mendes de Oliveira, Welington Silva da Costa, Élson Gonçalves Cardoso Júnior	-	Macapá, Amapá, Brasil; 2006	Todas
13	Os Grandes Exploradores de Todos os Tempos	(Edição da Seleção do Reader's Digest)	Lisgráfica, SARL	Lisboa, 1980	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
Macapaba – Equinócio Solar – Viagens Fantásticas ao Meio do Mundo					
Carnavalesco					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
Autor(es) do Enredo					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Alexandre Louzada					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
14	Revista Horizonte Geográfico, Edição Especial: Amapá – A Riqueza do Estado Mais Preservado do Brasil	Alberto Pereira Góes, Ana Célia Melo Brazão, Benedito Vitor Rabelo, Célia Cardoso Ferreira, Jaime Domingues Nunes, Johnny Sena, Julieta Monteiro dos Santos, Marcelo Ignácio Roza, Marcelo Maragni, Obde Ferreira Gadelha, Raphael Falavigna, Sandro de Oliveira Moreira, Sírio Cançado, Peter Milko, Martha San Juan França, Walkyria Garotti, Sérgio Adeodato, Elisa Rojas, Gabriela Guenther, Rodrigo Stein Sane, José Inácio Silva, Mauro de Melo Jucá	Editora Horizonte (Governo do Estado do Amapá, SEBRAE/AP)	São Paulo, 2006	Todas
Outras informações julgadas necessárias					
* Pesquisa e Redação: Bianca Behrends – Cientista Social (UFF) .					
* Pesquisa Virtual Ano 2007 / 2008:					
www.wikipedia.com.br		www.observatorio.com.br			
www.google.com.br		www.corbis.com.br			
www.cade.com.br		www.scielo.br			
www.yahoo.com.br		www.coladaweb.com/artes/artemes.htm			
www.libano.org.br/pagina30.htm		http://www.canalkids.com.br/meioambiente/mundodasplantas/vitoria.htm			
http://www.novolibano.com.br/reconstrucao.htm		www.ambienteacreato.blogspot.com/2006/09/palmeira-bacaba.html			
http://www.libanbylody.com.br/cronologia.html		www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/6ritos/pajelan.html			
http://www.abrasoffa.org.br/folclore/artesanato/maraca.htm					

HISTÓRICO DO ENREDO

O G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis vai defender o enredo “Macapaba – Equinócio Solar – Viagens Fantásticas ao Meio do Mundo”, na disputa pelo campeonato do carnaval 2008.

O Beija-Flor, de Nilópolis, voa até a terra do beija-flor ‘Brilho de Fogo’ - região conhecida como ‘*Meio do Mundo*’ - para se alimentar, absorvendo o néctar da cultura local. Essa viagem se dá pela linha imaginária que nos permite o carnaval, e pela linha imaginária que corta a cidade de Macapá, a Linha do Equador; bem como pelo fenômeno do Equinócio.

Em astronomia, Equinócio é definido como um dos dois momentos em que o Sol, em sua órbita aparente (como vista da Terra), cruza o plano do equador celeste (a Linha do Equador terrestre projetada na esfera celeste). Mais precisamente, é o ponto onde a eclíptica cruza o equador celeste.

A palavra Equinócio vem do Latim, e significa "noites iguais"; corresponde ao instante em que os dois hemisférios estão igualmente iluminados. Os Equinócios acontecem em março e setembro, as duas ocasiões em que o dia e a noite tem duração igual. Ao medir a duração do dia, considera-se que o nascer do Sol é o instante em que metade do corpo solar está acima (ou metade abaixo) do horizonte, e o pôr do Sol o instante em que o corpo solar encontra-se metade abaixo (ou metade acima) do horizonte. Com esta definição, o dia, durante os Equinócios, tem 12 horas de duração.

No hemisfério Norte, o Equinócio de março é o Equinócio de Primavera (chamado de Verão ou Vernal), e o de setembro é o Equinócio de Outono. O inverso ocorre no hemisfério Sul.

Os raios solares incidem sobre a superfície da Terra perpendicularmente ao Equador apenas nos trópicos do planeta. Nessa situação, se caracteriza o início da primavera ou outono.

O Equinócio de Primavera (hemisfério Norte) ocorre nos dias 20 ou 21 de março (nas culturas nórdicas esta data era festejada com comemorações que deram origem a vários costumes hoje relacionados à Páscoa), e o de Outono em 22 ou 23 de setembro. A data varia devido aos anos bissextos, que deslocam o calendário das estações em um dia. Devido à órbita elíptica da Terra, as datas nas quais ocorrem os Equinócios não dividem o ano em um número igual de dias.

O beija-flor brilho de fogo, conhecido também como topázio-vermelho, é o maior e um dos mais bonitos beija-flores do Brasil; sendo encontrado em Roraima, Pará, Amapá e Maranhão. Habita a copa de florestas de galeria, capões de florestas altas e capoeiras, vivendo à pouca altura e disputando com outros indivíduos as flores de sua preferência. É raro e briguento, vocalizando ativamente e expulsando quem quer que se aproxime de seu território. Os machos, maiores que as fêmeas, têm duas penas da cauda muito alongadas e cruzadas, garganta dourada ou verde-metálica e barriga vermelho-metálica; a fêmea é de coloração verde-amarronzada e garganta vermelho-metálica.

É esse pássaro, também conhecido como Topázio-Vermelho, que nos conduzirá nessa viagem fantástica ao palco do fenômeno do equinócio – *Macapaba* – que na língua indígena quer dizer *concentração de “bacabas” ou “bacabeiras”*, uma palmeira nativa da Amazônia, de onde deriva o nome Macapá, a capital do Estado do Amapá (nome de outra planta), cenário onde se desenrola o nosso enredo.

O Espírito da bacabeira revela essa terra encantada, ‘*Macapaba*’ enraizada por seu nome de palmeira; verde selva, “verde” aos olhos desconhecidos, “madura”, ao mostrar-se por inteira.

A região é também conhecida como ‘*Meio do Mundo*’, por ser cortada pela Linha do Equador, o Marco Zero divisor dos hemisférios Norte e Sul.

O Amapá, que é belo por natureza, tem lugares fantásticos, fenômenos naturais e a simpatia de um povo muito hospitaleiro. Apresenta ainda uma biodiversidade tão grande quanto exuberante, que se transforma numa festa para os sentidos, através dos sons e das cores de suas florestas. Não por acaso, o Amapá é o estado amazônico com a cobertura florestal mais bem preservada do Brasil.

O estado tem o maior corredor de biodiversidade do país. Parques, reservas biológicas e terras indígenas servem de escudo contra o desmatamento e outras formas de degradação.

Tal patrimônio natural permanece preservado graças ao respeito e ao amor que os povos da floresta e as sociedades urbanas têm sabido dedicar à fauna e à flora da região, bem como aos seus monumentos históricos.

Por definição, o termo caboclo deriva do Tupi *caá-boc*, e é usado para designar o mestiço de branco com índio. Também chamado caboco, mameluco, cariboca ou curiboca, a antiga designação do indígena brasileiro comumente é utilizada enquanto referência para aquele que tem a cor acobreada; acobreado. O caboclo pescador faz menção ao pesqueiro ribeirinho e aos peixeiros que vivem às margens dos rios amapaenses.

De beleza cênica sem igual, graças à seus lagos, florestas e savanas, sobressai o Curiaú, uma Área de Proteção Ambiental, cuja população é constituída de negros remanescentes de escravos. O Curiaú é também um Sítio Histórico, pela sua cultura popular e pelas suas festas tradicionais.

A respeito da exuberância das riquezas naturais do lugar, pode-se destacar o encontro das águas do Oceano Atlântico (o segundo do mundo em superfície - comprimento e largura, e detentor das águas mais salgadas de todos os oceanos) com o rio Amazonas, que resulta no fenômeno natural da Pororoca (do Tupi ‘*poro'roka*’, de ‘*poro'rog*’, estrondar).

O imponente Rio Amazonas, o mais longo e caudaloso do mundo, lança uma gigantesca quantidade de água doce no Oceano Atlântico, cerca de um quinto de toda a água fluvial do planeta. Na verdade, o Amazonas é responsável por um quinto do volume total de água doce que deságua em oceanos em todo o mundo. Diz-se ainda, que a água permanece doce mesmo a quilômetros de distância da costa. Peixes diversos, tartarugas e víboras, dentre outros animais, compõem a fauna do grande titã Amazonas.

O extraordinário, que conjuga beleza e violência, é produzido pelo encontro das correntes fluviais com as águas oceânicas; ou seja, no encontro das águas do mar com as águas do rio, formando grandes e impetuosas ondas. Tal fenômeno é melhor percebido quando da mudança das fases da Lua, particularmente nos equinócios, em cada hemisfério.

Na Pororoca, uma grande onda invade as margens dos rios e leva tudo o que encontra pela frente. Ocorrendo na embocadura do rio Araguari, o fenômeno ganhou projeção internacional, atraindo surfistas de várias nacionalidades, que vêm realizar o sonho de surfar a onda mais longa do mundo. Já do encontro das águas dos rios Negro e Solimões, nasce o rio Amazonas. Ao se encontrarem, as águas dos dois rios não se misturam de imediato, correndo paralelamente por alguns quilômetros.

A explicação para o fenômeno que gera esse belo espetáculo pode estar em fatores como densidade, temperatura, velocidade e correntes bastante diferenciadas. O rio Negro tem a água mais escura devido à decomposição das folhas e matéria orgânica, e é bastante calmo, com temperatura mais elevada que a do Solimões, que em função da correnteza, tem as águas mais barrentas, amareladas. Esse fenômeno pode ser visto mesmo do espaço.

Ainda retratando fatos extraordinários da natureza, observáveis na região Amazônica, cabe citar a Piracema, que na língua Tupi, quer dizer “*saída dos peixes para a desova*”.

A Piracema ocorre entre outubro e março, quando os peixes nadam contra a correnteza, vencendo obstáculos naturais, como corredeiras e cachoeiras, no intuito de perpetuar suas espécies, através da desova e reprodução.

O fenômeno é fundamental para a preservação da piscosidade (abundância de peixes) nas águas de rios e lagoas e, neste período, a pesca é proibida. Tal processo já era observado pelos índios e, ainda hoje, o termo é usado para se referir ao processo reprodutivo dos peixes em condições ambientais propícias.

Nos rios da Amazônia, uma planta de cor verde-escuro bóia sobre as águas; é a Vitória Régia, uma planta aquática típica dessa região, cuja folha é grande e de formato circular, sendo a borda dobrada, formando uma espécie de bacia.

Localizada sobre a superfície da água, pode chegar a 2,5 m de diâmetro e suportar até 40 Kg. Suas flores podem ser brancas ou rosadas, normalmente misturadas ao amarelo, e só se abrem à noite. Possuem várias camadas de pétalas e, no meio, um botão circular onde ficam as sementes.

A Vitória-Régia expele uma divina fragrância noturna, um perfume adocicado do abricó, chamada pelos europeus de "rosa lacustre"; sendo o nome *Vitória* uma homenagem à rainha britânica, embora a planta também seja chamada de irupé, aguapé, uapé, jaçanã, rainha dos lagos e milho-d'água, dentre outras denominações.

De toda a fauna macapaense, destaca-se a bacabeira, uma palmeira muito abundante na região Amazônica, que floresce em matas altas e terras firmes, de onde deriva o nome Macapá, e/ou seu fruto, oleaginoso ou comestível.

Pertencente à Família *Arecaceae*, e cientificamente é denominada *Oenocarpus*, embora comumente seja chamada de Bacaba, Bacaba-Açu e Bacaba Verdadeira (Brasil). É uma palmeira monocaule, de porte alto e estirpe liso, que pode atingir até 20 metros de altura e 20 a 25 cm de diâmetro.

Botanicamente, a bacaba é uma classificada no mesmo grupo do ‘patauí’ e do ‘bacabão’, e dela se extrai um vinho de cor acinzentada, típica e muito saboroso.

A polpa do fruto da bacabeira é utilizada no preparo do "vinho de bacaba", e as amêndoas e os restos de macerado da polpa são utilizados na alimentação de aves e suínos; e as folhas são usadas pela população do interior como cobertura de moradias, enquanto o tronco serve como esteio, viga e cabo de ferramentas.

Além do bioma vigoroso, o Amapá conta ainda com uma riqueza histórica fascinante, composta pelo legado deixado pelas civilizações Maracá, Cunani, Aruã e Aristé.

A composição da identidade cultural do Amapá abrange mundos e povos surpreendentes. São habitantes de tempos passados, que aqui deixaram suas marcas e seus ensinamentos, incluindo a essência das qualidades espirituais, modos de vida, sistemas de valores, tradições e crenças; as quais romperam a barreira do tempo e ainda se fazem presente. A herança cultural identificada nos sítios arqueológicos que contam a Pré-História Amazônica, reflete a diversidade e a habilidade artística desses povos.

O Amapá é um campo promissor para descobertas arqueológicas, herança das populações que ocuparam as zonas mais planas e férteis, próximas aos rios, muito tempo antes da chegada dos europeus. Os vestígios indicam que essas culturas surgiram por volta do século I e se extinguíram pouco depois do descobrimento do Brasil.

No século XIX, elas começaram a ser estudadas pelo arqueólogo Domingos Ferreira Penna, que descobriu um sítio Arqueológico nas margens do rio Maracá, a 130 km de Macapá, contendo urnas funerárias com formas humanas.

No norte do estado, destaca-se a cultura Cunani, pesquisada pela primeira vez em 1895 por Emílio Goeldi, cientista suíço radicado no Pará, que descobriu no local, jarros, bandejas, moringas e outras peças decoradas com diversos motivos geométricos.

A civilização Cunani viveu na Amazônia há milhares de anos, mais especificamente no território do Amapá, extremo norte do Brasil. Alguns achados arqueológicos comprovam a existência desses povos, que tinham uma refinada habilidade na produção de peças cerâmicas. Cada peça era enfeitada com riquíssimos grafismos, que representavam suas relações com a natureza, com o próprio homem e o sobrenatural.

As primeiras peças foram encontradas no final do século XIX, no Monte Curu, norte do Amapá. Dentre elas, urnas funerárias nas quais os Cunani guardavam os restos mortais dos seus entes. Acredita-se que, desta forma, os Cunani buscavam a imortalidade e a perpetuação de suas manifestações culturais.

O registro do legado das civilizações Cunani, Maracá, Aristés e Aruãs apresenta a riqueza dessas culturas através de suas artes e de sua simbologia, propiciando a redescoberta das raízes locais. Tais tribos do tronco Tupi modelaram em barro a sua História, e nos deixaram rebuscado trabalho em cerâmica, utilizado inclusive, em rituais fúnebres e sepultamentos.

Tais tribos do tronco Tupi possuíam suas particularidades, a saber:

Os Maracás eram adeptos da pajelança, rituais religiosos onde se entrava em contato com entidades espirituais com a finalidade de resolver problemas. Costumeiramente, as cerimônias eram acompanhadas por cantos e danças, e muitas vezes eram realizadas com a utilização de máscaras. Cabe informar ainda, que o uso de formas triangulares nas tangas dos Maracás deu origem aos biquínis atuais.

Os Cunani são uma das quatro tradições principais ou fases de povoamento do Amapá, que corresponde a uma seqüência de desenvolvimento cultural e cronológico. Muitas urnas foram encontradas contendo fragmentos de ossos, as quais eram fechadas por finos cordões enfiados através de orifícios. Alguns cuidados evidenciam a preservação dos ossos de vestígios de ar e umidade.

Aos pacíficos Aruãs, provavelmente pertenceram as urnas de Pacajá, representando um período mais recente de decadência da arte oleira, com forte influência européia; e talvez também as urnas de Reborde-lo.

Já a tradição Aristé, foi a mais antiga e duradoura.

Desde tempos longínquos, que recebemos a visitação de povos antigos, navegantes e desbravadores. Muitos vinham em busca de mitológicos ‘Eldorados’, e acabaram por influenciar na demarcação de nosso território. Um desses povos foram os Fenícios, que partiram rumo à região norte em busca dos tesouros perdidos no ventre da mata.

A Fenícia, que por coincidência quer dizer ‘palmeira’, era formada por cidades autônomas independentes (cidades- estados), e cada uma delas tinha o seu próprio governo. Eram lideradas pelo rei, juntamente com sacerdotes, comerciantes e também pelos *sufetas*, que eram magistrados anciãos ilustres.

A Fenícia correspondia a uma área litorânea oriental do Mediterrâneo, localizada entre a Síria e Israel; aproximadamente o atual país do Líbano. Biblos, Sídon, Tiro e Ulgarit foram as cidades que mais se destacaram.

Os Fenícios ficaram conhecidos como os grandes e melhores navegadores do mundo antigo. Seus navios, com popas altas e boca larga, podiam ser movidos a vela ou a remo, e tinham boa navegabilidade; por isso, realizavam longas expedições marítimas. À noite, quando estavam no mar, se orientavam através das estrelas; embora a posição que o sol ocupa na linha do horizonte também tivesse grande importância para os Fenícios.

Navegadores ousados e engenhosos, os Fenícios foram os primeiros a se aventurar para além das Colunas de Hércules, penetrando no perigoso Mar Exterior, o Oceano Atlântico. Fizeram circular histórias sobre mares em ebulição e outros perigos imaginários, como forma de desencorajar possíveis rivais.

Dispostos a encontrar um local que acreditava-se ser um depósito de ouro, prata e pedras preciosas, os exímios navegadores realizaram uma expedição rumo ao Eldorado. Dentre as viagens fantásticas realizadas ao *Meio do Mundo*, há relatos de épocas distantes da terra do sol à pino e brilhante. Inclusive, há indícios de que as lendárias e fabulosas minas do Rei Salomão possam ter existido em plena floresta amazônica, ocultas pela exuberante vegetação. Como pode-se perceber, são diversos os vestígios comprobatórios da passagem dos Fenícios pelo Brasil.

Escribas fenícios acreditavam que o Sol caminhava sob a linha do horizonte e, ao percorrer o rio Amazonas, afirmavam navegar em ‘mar espesso feito geléia’. Cabe informar ainda, que diversos são os mistérios que circundam as narrativas sobre a possível navegação dos Fenícios sobre Matapi, um rio brasileiro que banha o estado do Amapá, afluente do rio Amazonas.

Em suas expedições, comumente comercializavam navios, tecidos, madeiras, azeite, jóias, vidros, escravos etc.; tendo tornado-se famosos pela hábil engenharia e pelos tecidos tingidos com *múrice*, um molusco. Os tecidos eram de cor viva, conhecidos como ‘*a púrpura de Tiro*’.

Os Fenícios ainda se especializaram na metalurgia, razão pela qual tornaram-se peritos em fundir, moldar e cinzelar objetos em ouro ou prata. Havia excelentes artesões em esculturas de madeira e de marfim, que modelavam também objetos de vidro e teciam lã e linho.

Como eram ligados a navegação, tudo que lhes dava orientação, neste sentido, era considerado uma espécie de deus. Isto explica porque cultuavam inúmeros deuses, principalmente aqueles ligados a natureza. Cada cidade, além dos deuses comuns e estrangeiros, tinha ainda um deus principal.

A astronomia e a matemática foram ciências aprimoradas pelos Fenícios, muito graças a suas atividades na agricultura, navegação e comércio. Todavia, a principal colaboração deste povo se deve, sem dúvida, ao surgimento do alfabeto; a própria palavra ‘*alfabeto*’ é oriunda dos Fenícios.

Foram os escribas de Byblos, a cidade mais antiga do mundo, localizada próxima à Beirute, que criaram o alfabeto que deu origem ao abecedário moderno. A área, povoada há cerca de 7.000 anos, é riquíssima em vestígios arqueológicos, e dentre as atrações, encontram-se castelos dos cruzados, templos egípcios, a Necrópole Fenícia e o Anfiteatro Romano.

O desenho de um pássaro semelhante à uma águia, com enormes asas abertas, de grande porte e com plumagem dourada, é presença constante em referências fenícias. Muitos correlacionam a imagem do pássaro à lenda de Fênix, símbolo da ressurreição, e atribuem sua origem aos Fenícios, de onde o nome do povo teria se originado.

Os ‘grandes olhos de coibiça’ de além impulsionaram a expansão marítima. Desbravadores, navegadores e piratas lançaram-se ao mar, superando o temor imposto pelas lendas e mistérios que rodeavam a travessia das águas.

Pirata é um marginal que, de forma autônoma ou organizado em grupos, cruza os mares com o intuito de promover saques e pilhagens a navios e a cidades, a fim de obter riquezas e poder. Os tipos de benefícios pilhados variavam consoante os navios encontrados, e as principais riquezas obtidas pelos piratas eram metais preciosos - ouro e prata, dinheiro, jóias e pedras preciosas; seguidos de bens como linhos, roupas, comida, âncoras, cordas, medicamentos e especiarias.

Famosos por seus atos de crueldade, os piratas possuíam um código de conduta próprio, e eram indenizados em caso de mutilação. Mas os piratas nilopolitanos têm outro objetivo: em duplas, exibem seu bailado e cortejo na Passarela do Samba, com a finalidade de promover um belo espetáculo, roubando aplausos e extorquindo sorrisos da platéia.

Em busca de mitológicos ‘Eldorados’, diversos navegantes se despiram do medo que tinham das crenças que afirmavam que a linha do horizonte era um abismo e que os oceanos eram repletos de monstros marinhos e participaram de expedições à região amazônica. Américo Vespúcio, Francisco de Orellana, Vicente Yáñez Pinzón, Luis de Melo e Silva e Duarte Pacheco Pereira, são alguns nomes dignos de destaque.

Navegantes e desbravadores viajaram em busca de poder, prestígio e riquezas, sendo diversas as investidas estrangeiras em território brasileiro.

Expedições freqüentes foram realizadas pelos espanhóis, e há registros de que o navegador espanhol Vicente Yáñez Pinzón esteve na região Norte em 1500, cruzando a Linha do Equador na região das Américas. Antes de chamar-se Macapá, o primeiro nome dado oficialmente a essa terra foi *Adelantado de Nueva Andaluzia*, em 1544, por Carlos V, então rei da Espanha, numa concessão ao também navegador espanhol Francisco Orellana.

Com o nome de capitania da Costa do Cabo Norte, o território brasileiro sofreu diversos ataques ingleses, os quais, após a União Ibérica, intensificaram as incursões pelo litoral, chegando ao vale amazônico; onde passaram a construir fortificações. Na região do Amapá, fundaram várias, tais como: Tilletite, Uarimuacá, Torrego, Felipe e Cumaú. Em nossas terras, procuravam por madeiras, resinas, frutos corantes (como o urucum), óleos vegetais etc. Foram expulsos pelos portugueses.

O Amapá tem uma história de disputa e litígios, que envolve, dentre diversos povos, os holandeses, especialmente os corsos; que fizeram várias incursões para conquistar o Brasil, uma vez que não tinham autorização para praticarem o comércio em território brasileiro. Navegações em comboio e a comunicação entre os navios, através de sinais sonoros e visuais, procuravam combater a ação dos corsos holandeses, até que foram finalmente expulsos pelos portugueses.

Os franceses, assim como os ingleses e holandeses, passaram a reivindicar a posse das terras situadas na região do Amapá no século XVIII. Em 11 de abril de 1713, foi assinado o Tratado de Utrecht, que estabeleceu o rio Oiapoque como limite entre o Brasil e a Guiana Francesa; porém, este limite não foi respeitado pelos corsários franceses, que persistiam com seus ataques, na busca de matéria-prima e índios para aprisionar. A realização de expedições militares e a construção da Fortaleza de São José do Macapá, foram instrumentos mais eficazes na proteção das fronteiras.

Realidade e a fantasia se fundem na ocasião da construção da Fortaleza de São José de Macapá, protegida pelo Santo José, cuja imagem situa-se bem à frente do forte. Construída às margens do Rio Amazonas, a partir de uma grande muralha de pedra, a obra teve início em 1764, e só terminou em 1782, dezoito anos mais tarde.

O mito Waiãpi da recriação do mundo, após os cataclismos enviados por Tupã, e a chegada dos portugueses para a construção do Forte, se mesclam ao promoverem o surgimento da cidade de Macapá ou o ressurgimento da vida; sendo que o Índio Mairi, uma estrela descida do céu de Tupã, veio a se tornar, muito provavelmente, a própria Fortaleza de São José de Macapá.

A Fortaleza de São José de Macapá começou a ser construída em 1764, e está situada na frente da cidade de Macapá. É um complexo fortificado, se constituindo num marco da história local e um centro-histórico sócio-cultural e de lazer, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

A Fortaleza integra uma cadeia de fortificações construídas em diversos contextos históricos, com a finalidade de garantir a segurança da propriedade das terras conquistadas ao norte da colônia brasileira. Edificada em alvenaria de pedra e cal, à margem esquerda do rio Amazonas- ponto estratégico que Portugal passou a ocupar militarmente após o Tratado de Utrecht – teve sua obra iniciada em 29 de junho de 1764, e inaugurada ainda incompleta em 1782.

Arquiteticamente, ressalta modelo abaluartado, sob influência das obras bem sucedidas do engenheiro militar francês do século XVIII, Sébastien Le Preste, o Marquês de Vauban, que teve seus projetos divulgados em uma coletânea composta em dois volumes, sob a organização do engenheiro militar português Manoel Luiz Alves.

Depois de um longo período de abandono, ela voltou a ser ocupada pelo comando da Guarda Territorial, logo após a criação do Território Federal do Amapá (1943). Em 22 de março de 1950, teve seu reconhecimento através de sua inscrição no livro do tomo histórico da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Constam do roteiro de visitação   Fortaleza de São José de Macapá: Esplanada, Trânsito (Acesso Principal), Corpo da Guarda, Casa dos Oficiais, Capela, Casa do Comandante, Baluarte Nossa Senhora da Conceição, Casamata Leste, Armazéns, Paiol, Enfermaria, Desaguadouro, Calabouço e Revelim.

Os negros escravos foram essenciais na construção da Fortaleza. A história da utilização da mão-de-obra compulsória dos negros africanos está ligada à Vila de Curiaú, sítio histórico e ecológico localizado em Macapá, cuja população   constituída de negros remanescentes de escravos, os quais formaram um quilombo, fugindo dos maus tratos a que foram submetidos durante a construção da fortificação. Em Curiaú, os negros conservam a cultura e a tradição de seus ancestrais.

O encontro de dois mitos - o culto indígena e o cristianismo, retratado consoante as narrativas Waiãpi, que contam que “um finado que esteve preso na Fortaleza entendeu que ali, ou Tupã ou Ianejar deixou sua pele para ir viver alhures ao ser morto ou pelos brasileiros ou pelos Waiãpi; e que viu, na imagem de Cristo preso   cruz, na própria pele de Tupã, os resíduos do sangue, que serviu de tinta para a escrita primordial, inventada por Ianejar, recusada pelos Waiãpi e apropriada pelos brasileiros”.

Segundo um mito Waiãpi, Mairi   uma panela de barro gigantesca, de fundo pontiagudo e boca virada para baixo, que os humanos ergueram de maneira improvisada, com a finalidade de se protegerem, primeiro de um incêndio, e depois de um dilúvio, ambos provocados por Ianejar, o (re)criador Waiãpi desse mundo onde vivemos e agimos como ramos inconciliáveis da humanidade. O  ndio Mairi, uma estrela descida do céu de Tupã, veio a se tornar, muito provavelmente, a Fortaleza de São José de Macapá, consoante testemunho ocular.

Acredita-se que, no tempo mítico, todos os povos viviam juntos e teriam sido separados pela intervenção do herói criador, *Ianejar* (‘nosso dono’), que provocou primeiro um incêndio depois um dilúvio. *Ianejar*, que inventou a escrita primordial, sempre ameaça destruir a humanidade. A grandiosa nação Waiãpi, um dia viu, na pele branca portuguesa, a reencarnação de *Ianejar*.

Por sua localização estratégica, na foz do rio Amazonas, o Amapá teve papel de destaque na proteção do território brasileiro contra a ação de piratas e invasores ingleses, holandeses e franceses. A localidade de Mazagão Velho é um marco da saga dos primeiros colonizadores que chegaram à Amazônia para defendê-la.

O povoado foi construído na selva em 1770 por imigrantes que viviam na cidade e colonização portuguesa no norte da África, chamada Mazagão, e que tiveram de fugir por causa do ataque dos mouros. A vila prosperou, mas depois de inúmeras epidemias, foi abandonada e soterrada pelo tempo.

No século XVIII, Marquês de Pombal, estrategista durante o reinado de D. José, decidiu que toda a cidade africana de Mazagão, localizada no atual Marrocos, seria transferida para a região Amazônica, no Brasil, outra região sob o controle de Portugal, que precisava assegurar sua soberania. A construção de cidades na floresta era uma política de Pombal para ocupar a região e fazer frente aos inimigos.

Desse modo, a fortificação africana foi abandonada e destruída, tendo os seus habitantes migrado para o Brasil, onde fundaram a Vila de Nova Mazagão, atualmente apenas Mazagão, no Amapá. Da África, trouxeram, dentre outras coisas, a aptidão para o comércio.

Mazagão Velho, um povoado remanescente, cultivava o hábito de celebrar a festa de São Tiago, onde é revivida a luta contra os mouros.

Pode-se afirmar que a Guerra Santa é um fenômeno sóciopolítico de caráter religioso, que tem nas Cruzadas e na Jihad islâmica as suas maiores expressões. Nos tempos do Brasil colônia, a história das Cruzadas, com lutas entre cristãos e mouros, teve largo uso na catequese dos *gentios*, como fábula da conversão ao cristianismo. Disseminou-se, por todo Brasil, uma versão de defensores da Lei de Cristo que vencem os infiéis e os fazem aceitar a “água do batismo”.

A Festa de São Tiago acontece em meados de julho, no município de Mazagão, e tem como destaque, além do teatro a céu aberto e arraiais, o seu lado eminentemente religioso, com celebrações de missas, procissões e a representação das lutas entre cristãos e mouros. Mazagão também tem outros fortes atrativos, como os sítios arqueológicos.

Mazagão é um município ao Sul do Estado do Amapá e também nome dado à uma cidade localizada no norte da África, atual Marrocos. Cerca de 340 famílias foram transferidas da África para o Brasil, chegando à cidade de Belém em 1770 e partindo para Nova Mazagão em 1773. Uma década depois, uma grande epidemia assolou a região, e os sobreviventes conseguiram permissão para migrar para onde quisessem, levando consigo algumas lembranças da terra natal, como o gosto por tecidos, jarros e pedrarias.

Uma área situada às margens do rio Mutuacá, no atual Estado do Amapá, foi escolhida para abrigar os negros - alguns ainda escravos - vindos da África, pois a Vila de Nova Mazagão, na região Amazônica, Brasil, assim como a Mazagão africana, era submetida ao controle português, que necessitava de garantias de soberania. O plano urbanístico da região ficou a cargo de um arquiteto italiano.

O povoado da Vila de Nova Mazagão (atualmente apenas Mazagão) serviu de apoio militar à Vila de Macapá, que surgiu ao redor da Fortaleza de São José de Macapá.

Uma comissão de arbitragem garantiu a posse de Macapá ao Brasil em 1900. Inicialmente incorporado ao Pará, o Amapá tinha o nome de Araguari. Elevado à categoria de território, em 1943, seu desenvolvimento foi impulsionado pela descoberta de manganês.

Em 1988, tornou-se um estado jovem, que tem no respeito à natureza e às suas populações tradicionais, sua principal característica.

O Amapá foi o primeiro estado a ter suas áreas indígenas demarcadas. E se orgulha da ‘amapalidade’, o sentimento de resgate das traições que remontam às primitivas sociedades originárias da Amazônia.

O Monumento do Marco Zero localiza-se num amplo complexo turístico-cultural, o Parque *Meio do Mundo*, em Macapá, capital do Amapá e única capital do Brasil ‘cortada’ pela Linha do Equador; a linha imaginária que divide a superfície da Terra em dois hemisférios: o Hemisfério Norte ou Setentrional, e o Hemisfério Sul ou Meridional.

O Marco Zero é um obelisco de 30 metros de altura, que tem uma abertura no alto. De lá, é possível observar o fenômeno do Equinócio, quando em duas ocasiões no ano, em março e setembro, ao entrar a luz do Sol, uma bola de luz é projetada, a qual cai na Linha do Equador. Apresenta uma estrutura moderna, para receber turistas e visitantes, espaço para shows e salas para exposições. Para completar o cenário, um relógio de sol, no terraço, contribui para despertar ainda mais o fascínio dos visitantes por este ponto turístico.

Tal qual uma grande ciranda, Macapá abraçará todas as localidades ‘atravessadas’ pela Linha do Equador; tendo sido selecionadas: Sumatra, Indonésia, Quênia, Equador, Colômbia e Macapá (Brasil).

A Linha do Equador é uma linha imaginária que resulta da intersecção da superfície da Terra com o plano que contém o seu centro, e é perpendicular ao eixo de rotação. Divide a superfície da Terra em dois hemisférios: o Hemisfério Norte ou Setentrional; e o Hemisfério Sul, ou Meridional.

A Linha do Equador cruza os Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico, bem como os territórios de: São Tomé e Príncipe, Gabão, República do Congo, República Democrática do Congo, Uganda, Quênia, Somália, Maldivas, Indonésia, Kiribati, Equador, Colômbia e Brasil.

Sumatra ou Samatra (a grafia e a pronúncia são discutidas) é a maior ilha inteiramente na Indonésia, e é dividida em oito províncias. Formada entre os séculos VII e XIV, a ilha tropical é detentora de fauna e flora vastas e exuberantes, sendo habitada por diferentes grupos étnicos, consoante a região e zonas da ilha; sendo cada qual com a sua cultura, costumes, tradições, arquitetura e forma de vida. Pode-se dizer que a ilha de Sumatra está dividida em duas zonas climáticas, uma vez que é cortada a meio pela Linha do Equador.

A República da Indonésia é o maior arquipélago do mundo, e também o quarto país mais populoso. Tipicamente tropical, faz fronteira com o mar da China, com o Oceano Índico e com Oceano Pacífico. As formas de arte na Indonésia foram influenciadas por várias culturas, destacando-se as famosas danças javanesas e balinesas, os espetáculos de teatro de sombras e o vestuário, sendo que as diversas cerimônias e festividades incluem coloridas danças e dramas. A maior parte da população é mulçumana, e a localização entre dois continentes (Ásia e Oceania), faz da Indonésia uma nação transcontinental, cuja capital é Jacarta.

O Quênia (ou Quénia) é um país da África Oriental, que tem uma cultura predominantemente popular e multifacetada, em virtude de um número extraordinário de tribos diferentes, como os altivos e temidos guerreiros Massai; os poderosos Kikuius; os exóticos Samburus, com seus braceletes e colares de contas e os simpáticos Luos, dentre várias tribos. É um país onde tudo respira vida; tudo lateja com uma força interior que vaza por todos os locais, tanto nas cidades quanto nas paisagens, bem como na fauna e na flora.

O Equador, oficialmente República do Equador, é um país da América do Sul que, além do território continental, possui também as ilhas Galápagos. O país, que é cortado ao meio pela Linha do Equador (que o nomeia e divide a Terra em dois hemisférios), atrai pela diversidade natural. Há paisagens extremamente distintas no Equador, sendo válido conhecer suas quatro regiões principais - selva, serra, costa e Galápagos. Sua capital é Quito.

Colômbia, que significa *'terra de Cristóvão Colombo'*, é um dos países da América do Sul 'atravessados' pela Linha do Equador. Administrativamente, é dividido em 32 departamentos e 10 distritos. A bandeira da Colômbia possui três listras: uma amarela, uma azul e uma vermelha; sendo a República a forma de governo. A língua oficial é o castelhano, herdado dos colonizadores espanhóis que foram metrópole do país até o início do século XIX. Colômbia, cuja capital é Bogotá, possui o Bambuco e a Cumbia como músicas típicas.

No Brasil, Macapá, a capital do Estado do Amapá, é a única região 'cortada' pela Linha do Equador; e o Marabaixo foi escolhido para representar a importância cultural da localidade.

Assim como o Batuque, o Marabaixo, foi criado pelos negros escravos, nos porões dos navios, há 500 anos. Tradição da cultura amapaense, a Festa do Marabaixo é uma celebração em homenagem ao Divino Espírito Santo. A manifestação folclórica onde as pessoas dançam em círculo, ao ritmo dos tambores, acontece sempre depois da quaresma. O momento mais importante da festa é o Encontro dos Tambores, quando cada grupo exhibe seu mastro enfeitado com flores e uma imensa bandeira do Espírito Santo. Para garantir energia, os dançarinos bebem gengibira.

O Marabaixo é a mais autêntica manifestação folclórica do Amapá, herdada dos negros africanos. A dança tem uma coreografia que imita os passos dos escravos com os pés presos por correntes. O batuque é marcado por tambores chamados de "caixas". Uma das explicações para a origem do nome Marabaixo vem de "mar abaixo", dando a idéia do trajeto dos negros da África para o Brasil.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Viagem e sonho, realidade e fantasia; porções que juntam na receita de um carnaval. Viajar na história real, misturando ilusão e magia, é traçar a linha imaginária que tece o enredo, recheando de arte e poesia, para enfeitar a festa do povo.

A brasilidade, é o tempero que atrai, como aroma de algo familiar e a pitada do desconhecido nos desperta a fome do saber.

Por isso, a Beija-Flor de Nilópolis tem o orgulho de apresentar: “Macapaba – Equinócio Solar – Viagens Fantásticas ao Meio do Mundo”. Um tema brasileiro, que mistura mito e realidade, acendendo a luz do conhecimento ao levantar o manto que encobre uma terra fascinante e que, ao fazê-lo, revela uma redescoberta do Brasil.

“Macapaba”, que na língua indígena quer dizer *concentração de “bacabas” ou “bacabeiras”*, uma palmeira nativa da Amazônia, de onde deriva o nome Macapá, a capital do Estado do Amapá (nome de outra planta), cenário onde se desenrola a nossa história.

A região é também conhecida como ‘*meio do mundo*’, por ser cortada pela Linha do Equador, o Marco Zero divisor dos hemisférios Norte e Sul.

Macapá é o palco onde ocorre o fenômeno do equinócio, quando, em dois períodos do ano - no Outono e na Primavera - o Sol se posiciona à 90 ° dessa linha divisória, iluminando por igual os dois hemisférios, fazendo com que os dias e as noites tenham a mesma duração de 12 horas.

Fantástica é a obra do destino, que nos levou à esta cidade que completa 250 anos no dia 4 de fevereiro, dia de carnaval. E os raios do Sol nos guiaram para essa região mágica, de muita beleza, riqueza e de história, muita história pra contar.

Desde a formação de nosso povo, há muitos milênios atrás, à visitação de povos antigos, navegantes e desbravadores, em busca de mitológicos ‘Eldorados’ e a saga pela expansão e demarcação do nosso território.

Terra por muitas terras cobiçada, porta de entrada para a exuberância, encanto e riqueza da Amazônia; é um paraíso preservado, que abriga em suas matas, uma grande diversidade ecológica. Em sua rica fauna, espécies incomuns e, dentre elas, uma pequena jóia rara, mais uma feliz coincidência: um delicado pássaro chamado de ‘Brilho de Fogo’, um beija-flor.

Por essa e por outras razões, que a nossa Escola percorre essa terra encantada. É esse brilho que nos encanta; é esse fogo que nos impulsiona e nos ilumina a imaginação, e faz com que um outro Beija-Flor, de Nilópolis, faça essa viagem fantástica ao ‘meio do mundo’, para revelar Macapá e o Amapá, o extremo ponto onde começa o Brasil, no mapa e em sua história real.

E assim, na fantasia que nos envolve e que enfeita essa trajetória, o samba vai contar, em poesia, a contramão de nossa história; viajando nessa linha imaginária que nos une, numa aventura surreal por mares e rios, muito antes navegados. Hoje a Beija-Flor, desbravadora, descobre mais um carnaval.

*Alexandre Louzada, Fran Sérgio,
Laila e Ubiratan Silva*
Comissão de Carnaval 2008

ROTEIRO DO DESFILE

ABERTURA

**Comissão de Frente
A LINHA IMAGINÁRIA E A BELEZA DO
FENÔMENO SOLAR**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Claudinho e Selmyha SorrisoZ
AS CORES DO ESPECTRO SOLAR**

**Ala 01 – Comunidade Teatral
BRILHO DE FOGO – O RARO
BEIJA-FLOR**

**Alegoria Abre-Alas
“BRILHO DE FOGO – O RASTRO ILUMINADO
AO PARAÍSO DO FENÔMENO SOLAR”**

SETOR 01

**Ala 02 – Comunidade
OCEANO ATLÂNTICO – A BELEZA
VIOLENTA DAS ÁGUAS**

**Ala 03 – Comunidade Teatral
POROROCA – O RIO BEIJA O MAR**

**Ala 04 – Comunidade
AMAZONAS – O TITÃ RIO-MAR**

**Ala 05 – Comunidade
VITÓRIA RÉGIA – O PERFUME
NOTURNO SOBRE AS ÁGUAS**

**Ala 06 – Sambando na Beija-Flor & Amizade
BACABEIRA – A PALMEIRA QUE
BATIZOU MACAPÁ**

Alegoria 01

**“MACAPABA DESLUMBRANTE – AS
BELEZAS QUE EMANAM DO CORAÇÃO
DA AMAZÔNIA”**

SETOR 02

Ala 07 – Vamos Nessa & 1001 Noites
MARACÁS – CRENÇAS ESCULPIDAS
EM ARGILA

Ala 08 – Dos Cem & Amar é Viver
CUNANI – A HISTÓRIA MOLDADA EM
BARRO

Ala 09 – Baianas
CERÂMICA CUNANI MARACÁ –
HERANÇA CULTURAL

Ala 10 – Karisma
ARUÃS – A CERÂMICA MODELA A
HISTÓRIA

Ala 11 – Comigo Ninguém Pode
ARISTÉS – BARRO E MÃOS CONTAM O
PASSADO

Alegoria 02

**“CUNANIS, MARACÁS, ARISTÉS E ARUÃS – A
CERÂMICA DAS CIVILIZAÇÕES PERDIDAS”**

SETOR 03

Ala 12 – Jovem Flu
A NECRÓPOLE FENÍCIA

Ala 13 – Tom e Jerry
ÍNDIOS OU FENÍCIOS – O MISTÉRIO
DO RIO MATAPI

Ala 14 – 08 ou 80
A CRENÇA SOLAR DOS ESCRIBAS
FENÍCIOS

1º Passista
Edson Bittencourt
VESTÍGIO FENÍCIO

Ala 15 – Passistas
A EXPEDIÇÃO FENÍCIA NAS MATAS
DO ELDORADO

Rainha de Bateria
Raíssa Oliveira
TESOURO FENÍCIO

Ala 16 – Bateria
AS MINAS DE ESTILO FENÍCIO DO
REI SALOMÃO

Intérprete Oficial
Neginho da Beija-Flor
O CANTO DOURADO

Ala 17 – Comunidade
NAVEGANTE FENÍCIO – GUARDIÃO
DOS TESOUROS ESCONDIDOS

Ala 18 – Macapá na Beija-Flor
FÊNIX – O PÁSSARO DOURADO
FENÍCIO

Alegoria 03
“O MISTÉRIO FENÍCIO E OS TESOUROS
PERDIDOS NO VENTRE DA MATA”

SETOR 04

Ala 19 – Uni-Rio & Camaleão Dourado
A COBIÇA DOS PIRATAS ESPANHÓIS

Ala 20 – Comunidade
CORSÁRIOS FRANCESES – A
AMBIÇÃO

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Carlos Augusto e Janailce Adjane
PIRATARIA – O DESEJO VEEMENTE DE
RIQUEZA**

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Allan de Souza e Juliana Vogas
PIRATARIA – O DESEJO VEEMENTE DE
RIQUEZA**

**4º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
David do Nascimento e Priscilha de Cristal
PIRATARIA – O DESEJO VEEMENTE DE
RIQUEZA**

**5º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Marcos Ribeiro e Fernandrina Alexandrina
PIRATARIA – O DESEJO VEEMENTE DE
RIQUEZA**

**Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira Mirins
Diego Menezes e Girlaine Passigatt
PIRATARIA – O DESEJO VEEMENTE DE
RIQUEZA**

Ala 21 – Comunidade
O ÍMPETO DESTRUIDOR DOS PIRATAS

Ala 22 – Comunidade
A GANÂNCIA DOS CORSÁRIOS
INGLESES

Ala 23 – Casarão das Artes
PIRATAS HOLANDESES – ÁVIDOS
TENTÁCULOS

Alegoria 04
**“A ERA DAS NAVEGAÇÕES – A AMBIÇÃO
CRUZA AS ÁGUAS DE TUPÃ”**

SETOR 05

Ala 24 – É Luxo Só
PORTUGUESES – A IMPONÊNCIA EM
SÃO JOSÉ DE MACAPÁ

Ala 25 – Dá Mais Vida
CABOCLO PESCADOR – A VIDA NA
MARGEM DOS RIOS

Ala 26 – Borboletas & Travessia
NEGROS – AS MÃOS QUE ERGUERAM
AS MURALHAS DE PEDRA

Ala 27 – Amigos do Rei
A NOVA CRENÇA DOS
FILHOS DE TUPÃ

Ala 28 – Comunidade
O BRILHO DE MAIRI – A ESTRELA

Ala 29 – Comunidade
A MÃO DE IANEJAR – O HERÓI
CRIADOR

Alegoria 05
**“NA ESTRELA MAIRI, A FORTALEZA DE SÃO
JOSÉ DE MACAPÁ”**

SETOR 06

Ala 30 – Beijerê & Muvuca
MAZAGÃO – RAÍZES NEGRAS NO
AMAPÁ

Ala 31 – Comunidade
AFRICANA NAÇÃO COM TEMPERO
BRASILEIRO

Ala 32 – Comunidade – Energia
MOUROS E CRISTÃOS – A
GUERRA SANTA

Ala 33 – Comunidade
O REFORÇO NEGRO DE MAZAGÃO

Ala 34 – Comunidade
DA ÁFRICA A TRIBO BRASIL

Alegoria 06
“MAZAGÃO DE ALÉM-MAR – SEMENTE DE
ORIGEM AFRICANA”

SETOR 07

Ala 35 – Cabulosos
SUMATRA – A ILHA RISCADA PELA
LINHA IMAGINÁRIA

Ala 36 – Comunidade
INDONÉSIA – VIAJANDO PELA LINHA
DO EQUADOR

Ala 37 – Signos
QUÊNIA – UM PAÍS NO MEIO DO
MUNDO

Ala 38 – Colibri de Ouro & Tudo Por Amor
EQUADOR – UMA NAÇÃO ENTRE
DOIS HEMISFÉRIOS

Ala 39 – Comunidade
COLÔMBIA – UMA PÁTRIA NO
CÍRCULO MÁXIMO DA ESFERA
TERRESTRE

Ala 40 – Comunidade – Damas
O BATUQUE DAS SENHORAS DO
MARABAIXO

Ala 41 – Baianinhas
ONDE A NOITE ABRAÇA O DIA

Alegoria 07
**“MARCO ZERO DO BRASIL – EQUINÓCIO EM
POESIA NO MEIO DO MUNDO”**

Ala 42 – Velha-Guarda
A SABEDORIA DE OURO
DO CARNAVAL

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laíla e Ubiratan Silva		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	BRILHO DE FOGO – O RASTRO ILUMINADO AO PARAÍSO DO FENÔMENO SOLAR	<p>O Abre-Alas retrata a viagem do Beija-Flor à terra do beija-flor ‘Brilho de Fogo’- o Amapá - que nos aquece e incendeia, faiscante de esplendor.</p> <p>Essa viagem se dá pela linha imaginária que nos permite o carnaval, e pela linha imaginária que corta a cidade de Macapá, a Linha do Equador; bem como pelo fenômeno do Equinócio.</p> <p>A palavra Equinócio vem do Latim, e significa "<i>noites iguais</i>". Os Equinócios acontecem em dois períodos do ano, no Outono e na Primavera (ou seja, em Março e Setembro), quando o Sol se posiciona à 90 ° dessa linha divisória, iluminando por igual os dois hemisférios, fazendo com que os dias e as noites tenham a mesma duração de 12 horas.</p> <p>Em astronomia, Equinócio é definido como um dos dois momentos em que o Sol, em sua órbita aparente (como vista da Terra), cruza o plano do Equador Celeste (a Linha do Equador terrestre projetada na esfera celeste).</p>
01	MACAPABA DESLUMBRANTE – AS BELEZAS QUE EMANAM DO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA	<p>Na língua indígena, Macapaba significa concentração de <i>bacabas</i> ou <i>bacabeiras</i>, uma palmeira nativa da Amazônia, de onde deriva o nome Macapá, a capital do Estado do Amapá.</p> <p>O Espírito da bacabeira revela essa terra encantada, ‘Macapaba’ enraizada por seu nome de palmeira; verde selva, “verde” aos olhos desconhecidos, “madura”, ao mostrar-se por inteira.</p> <p>Terra que foi por muitos cobiçada, é porta de entrada para a exuberância, encanto e riqueza da Amazônia; um verdadeiro paraíso preservado, que abriga em suas matas, uma grande diversidade ecológica.</p> <p>A rica fauna apresenta espécies belas, raras e incomuns, incluindo uma grande variedade de peixes e aves diversas, típicas da região, como o papagaio. Na composição da flora, destacam-se palmeiras e Vitória-Régias.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laíla e Ubiratan Silva		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	CUNANIS, MARACÁS, ARISTÉS E ARUÃS – A CERÂMICA DAS CIVILIZAÇÕES PERDIDAS	<p>A composição da identidade cultural do Amapá abrange mundos e povos surpreendentes. São habitantes de tempos passados, que aqui deixaram suas marcas e seus ensinamentos, incluindo a essência das qualidades espirituais, modos de vida, sistemas de valores, tradições e crenças; as quais romperam a barreira do tempo e ainda se fazem presente.</p> <p>A herança cultural identificada nos sítios arqueológicos que contam a Pré-História amazônica, reflete a diversidade e a habilidade artística desses povos. Alguns achados arqueológicos comprovam a existência desses povos, que tinham uma refinada habilidade na produção de peças cerâmicas.</p> <p>Cada peça era enfeitada com riquíssimos grafismos, que representavam suas relações com a natureza, com o próprio homem e o sobrenatural. As primeiras peças foram encontradas no final do século XIX. Dentre elas, urnas funerárias nas quais os Cunani guardavam os restos mortais dos seus entes. Acredita-se que, desta forma, os Cunani buscavam a imortalidade e a perpetuação de suas manifestações culturais.</p> <p>O registro do legado das civilizações Cunani, Maracá, Aristés e Aruãs apresenta a riqueza dessas culturas através de suas artes e de sua simbologia, propiciando a redescoberta das raízes locais. Tais tribos do tronco Tupi modelaram em barro a sua História, e nos deixaram rebuscado trabalho em cerâmica, utilizado inclusive, em rituais fúnebres e sepultamentos.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laíla e Ubiratan Silva		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	O MISTÉRIO FENÍCIO E OS TESOUROS NO VENTRE DA MATA	<p>Dispostos a encontrar um local que acreditava-se ser um depósito de ouro, prata e pedras preciosas, os Fenícios, exímios navegadores, realizaram uma expedição rumo ao Eldorado, uma cidade onde acreditava-se que as construções eram todas feitas de ouro maciço.</p> <p>Relatos de épocas distantes, a respeito da terra do sol à pino e brilhante, escondem segredos lendários e mistérios sobre tesouros escondidos no ventre da mata.</p> <p>Dentre tantas viagens fantásticas que se deram até a região Amazônica, diversos indícios apontam para a presença de Fenícios em terras situadas no <i>Meio do Mundo</i>, alimentando contos de se encontrarem, no Amapá, as famosas Minas do Rei Salomão.</p> <p>Desenhos e esculturas com asas abertas, de grande porte e com plumagem dourada, são presenças constantes em referências Fenícias.</p>
04	A ERA DAS NAVEGAÇÕES – A AMBIÇÃO CRUZA AS ÁGUAS DE TUPÃ	<p>Os ‘grandes olhos de cobiça’ de além impulsionaram a expansão marítima, quando desbravadores, navegadores e piratas lançaram-se ao mar, superando o temor imposto pelas lendas e mistérios que rodeavam a travessia dos mares.</p> <p>Em busca de mitológicos ‘Eldorados’, diversos navegantes se despiram do medo que tinham das crenças que afirmavam que a linha do horizonte era um abismo e que os oceanos eram repletos de monstros marinhos e participaram de expedições à região amazônica. Américo Vespúcio, Francisco de Orellana, Vicente Yáñez Pinzón, Luis de Melo e Silva e Duarte Pacheco Pereira, são alguns nomes dignos de destaque.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laíla e Ubiratan Silva		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	NA ESTRELA MAIRI, FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DE MACAPÁ	<p>Realidade e a fantasia se fundem na ocasião da construção da Fortaleza de São José de Macapá, protegida pelo Santo José, cuja imagem situa-se bem à frente do forte. Construída às margens do Rio Amazonas, a partir de uma grande muralha de pedra, a obra teve início em 1764, e só terminou em 1782, dezoito anos mais tarde.</p> <p>O mito Waiãpi da recriação do mundo, após os cataclismos enviados por Tupã, e a chegada dos portugueses para a construção do Forte, se mesclam ao promoverem o surgimento da cidade de Macapá ou o ressurgimento da vida; sendo que o Índio Mairi, uma estrela descida do céu de Tupã, veio a se tornar, muito provavelmente, a própria Fortaleza de São José de Macapá.</p>
06	MAZAGÃO DE ALÉM-MAR – SEMENTE DE ORIGEM AFRICANA	<p>No século XVIII, Marquês de Pombal, estrategista durante o reinado de D. José, decidiu que toda a cidade africana de Mazagão, localizada ao norte da África, no atual Marrocos, seria transferida para a região Amazônica, no Brasil, outra região sob o controle de Portugal, que precisava assegurar sua soberania.</p> <p>Desse modo, a fortificação africana foi abandonada e destruída, tendo os seus habitantes migrado para o Brasil, onde fundaram a Vila de Nova Mazagão, atualmente apenas Mazagão, no Amapá.</p> <p>Um povoado remanescente chamado Mazagão Velho cultivava o hábito de celebrar a festa de São Tiago, onde é revivida a luta contra os mouros.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laíla e Ubiratan Silva		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
07	MARCO ZERO DO BRASIL – EQUINÓCIO EM POESIA NO MEIO DO MUNDO	<p>O Monumento do Marco Zero localiza-se num amplo complexo turístico-cultural, o Parque <i>Meio do Mundo</i>, em Macapá, capital do Amapá e única capital do Brasil ‘cortada’ pela Linha do Equador; a linha imaginária que divide a superfície da Terra em dois hemisférios: o Hemisfério Norte ou Setentrional, e o Hemisfério Sul ou Meridional.</p> <p>O Marco Zero é um obelisco de 30 metros de altura, que tem uma abertura no alto. De lá, é possível observar o fenômeno do Equinócio, quando em duas ocasiões no ano, em março e setembro, ao entrar a luz do Sol, uma bola de luz é projetada, a qual cai na Linha do Equador. Tal qual uma grande ciranda, Macapá abraçará todas as localidades ‘atravessadas’ pela Linha do Equador.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
Fabíola David Paulo Robert Zeza Mendonça Alessandra Pirocelli Denise Carmo Linda Conde Zezito Ávilla Mônica David Jussara Calmom Charles Henry Marcos Oliveira Cláudia Ayoub Maurício Médici Nil D´Yemonja Hermínia Paiva	Advogada Cabeleireiro Produtora de Eventos Empresária Pedagoga Fotógrafa Estilista Atriz Atriz Jornalista Cabeleireiro Estudante Bacharel em Moda Babalorixá Estilista

Local do Barracão

Rua Rivadavia Corrêa (Cidade do Samba - unidade 11) – Zona Portuária – Rio de Janeiro – RJ

Diretor Responsável pelo Barracão

Josué Júnior e Luiz Fernando (Laíla)

Ferreiros Chefe de Equipe

Paulo Quirino e Cláudio Fernandes

Carpinteiros Chefe de Equipe

Allan de Abreu e Jaime Trindade “Bahia”

Escultores(as) Chefe de Equipe

William Vidal, Elson Cardoso, Wagner Amaral e João “Sorriso”

Pintores Chefe de Equipe

Kennedy Prata e Ricardo Cardoso

Eletricistas Chefe de Equipe

Célio Augusto e André Reis

Mecânico Chefe de Equipe

Paulo Ferraz

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Artista Plástico (Espuma) Chefe de Equipe	- Ricardo Dennys
Laminador Chefe de Equipe	- José Jorge “Baiano”
Iluminadores Artísticos Chefes de Equipe	- Mário Sérgio e Rogério Wiltgen
Bombeiro Chefe de Equipe	- Robekeli Guimarães
Projetista de Alegorias	- Carlos Carvalho
Técnico em Movimento Chefe de Equipe	- Rossy Amoedo
Desenhistas (Fantasias e Alegorias)	- Bruna Bee e Luciano Marcolino
Direção Teatral	- Hilton Castro

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
*	A Linha Imaginária e a Beleza do Fenômeno Solar	<p>Adoradores do Sol, os radiantes Indígenas da Nação Waiãpi guiam o beija-flor de Nilópolis à região mágica conhecida como ‘Meio do Mundo’ para contemplar o <i>Equinócio</i>, termo derivado do Latim e que significa ‘<i>noites iguais</i>’.</p> <p>O fenômeno é um dos dois momentos em que o Sol, em sua órbita aparente, cruza o plano do equador celeste. Do Monumento do Marco Zero é possível observar perfeitamente o fenômeno do Equinócio, quando em duas ocasiões no ano, em março e setembro, ao entrar a luz do Sol, uma esfera de luz é projetada, numa espécie de visualização da Linha do Equador através de um fascinante efeito de luz e sombra.</p>	Comissão de Frente	Ghislayne Cavalcanti	1948

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
01	Brilho de Fogo – O Raro Beija-Flor	O beija-flor brilho de fogo, conhecido também como topázio-vermelho, é o maior e um dos mais bonitos beija-flores do Brasil; sendo encontrado em Roraima, Pará, Amapá e Maranhão. Habita a copa de florestas de galeria, capões de florestas altas e capoeiras, vivendo à pouca altura e disputando com outros indivíduos as flores de sua preferência. É raro e briguento, vocalizando ativamente e expulsando quem quer que se aproxime de seu território. Os machos, maiores que as fêmeas, têm duas penas da cauda muito alongadas e cruzadas, garganta dourada ou verde-metálica e barriga vermelho-metálica; a fêmea é de coloração verde-amarronzada e garganta vermelho-metálica.	Comunidade Teatral	Hilton Castro	1998

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
02	Oceano Atlântico – A Beleza Violenta das Águas	O encontro das águas do rio Amazonas com o Oceano Atlântico, o segundo do mundo em superfície e detentor das águas mais salgadas de todos os oceanos, resulta no fenômeno natural da Pororoca (do Tupi 'poro'roka', de 'poro'rog', estrondar). O extraordinário que conjuga beleza e violência é produzido pelo encontro das correntes fluviais com as águas oceânicas; ou seja, no encontro das águas do mar com as águas do rio, formando grandes e impetuosas ondas. É melhor percebido quando da mudança das fases da Lua, particularmente nos equinócios em cada hemisfério.	Comunidade	Carlos Roberto	1948
03	Pororoca – O Rio Beija o Mar	Do encontro das águas dos rios Negro e Solimões, nasce o rio Amazonas. Ao se encontrarem, as águas dos dois rios não se misturam de imediato, correndo paralelamente por alguns quilômetros. A explicação para o fenômeno que gera esse belo espetáculo pode estar em fatores como densidade, temperatura, velocidade e correntes bastante diferenciadas. O rio Negro tem a água mais escura devido à decomposição das folhas e matéria orgânica, e é bastante calmo, com temperatura mais elevada que a do Solimões, que em função da correnteza, tem as águas mais barrentas, amareladas. Tal fenômeno pode ser visto mesmo do espaço.	Comunidade Teatral	Hilton Castro	1998

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
04	Amazonas – O Titã Rio-Mar	O imponente Rio Amazonas, o mais longo e caudaloso do mundo, lança uma gigantesca quantidade de água doce no Oceano Atlântico, cerca de um quinto de toda a água fluvial do planeta. Na verdade, o Amazonas é responsável por um quinto do volume total de água doce que deságua em oceanos em todo o mundo. Diz-se ainda, que a água permanece doce mesmo a quilômetros de distância da costa. Peixes diversos, tartarugas e víboras, dentre outros animais, compõem a fauna do grande titã Amazonas.	Comunidade	Hugo Leonardo, Luiz Carlos e Edson Alves	1948
05	Vitória Régia – O Perfume Noturno Sobre as Águas	Planta aquática típica da região amazônica, cuja folha é grande e de formato circular, sendo a borda dobrada. Localizada sobre a superfície da água, pode chegar a 2,5 m de diâmetro e suportar até 40 Kg. Suas flores podem ser brancas ou rosadas, normalmente misturadas ao amarelo, e só se abrem à noite. A Vitória-Régia expele uma divina fragrância noturna, e o nome <i>Vitória</i> foi uma homenagem à rainha britânica, embora a planta também seja chamada de irupé, aguapé, uapé, jaçanã, rainha dos lagos e milho-d'água, dentre outras denominações.	Comunidade	Valéria Britto	1948

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
06	Bacabeira – A Palmeira que Batizou Macapá	Palmeira denominada ‘ <i>bacaba</i> ’ (do Gênero <i>Oenocarpus</i>), muito abundante na região Amazônica, florescendo em matas altas e terras firmes, de onde deriva o nome Macapá, capital do Estado do Amapá; e/ou seu fruto, oleaginoso ou comestível. Botanicamente, a bacaba é uma palmeira classificada no mesmo grupo do ‘pataua’ e do ‘bacabão’, e de onde se extrai um vinho de cor acinzentada, típica e muito saboroso.	Sambando na Beija-Flor e Amizade	Jorge Luiz Soares e Cleide Alves	2000
07	Maracás – Crenças Esculpidas em Argila	Tribo do tronco Tupi que habitou a região do Amapá e deixou como legado a cerâmica. Além dos diversos utensílios fabricados, a cerâmica era utilizada ainda em rituais fúnebres e sepultamentos. Os Maracás eram adeptos da pajelança, rituais religiosos onde se entrava em contato com entidades espirituais com a finalidade de resolver problemas. Costumeiramente, as cerimônias eram acompanhadas por cantos e danças, e muitas vezes eram realizadas com a utilização de máscaras. Cabe informar ainda, que o uso de formas triangulares nas tangas dos Maracás deu origem aos biquínis atuais.	Vamos Nessa e 1001 Noites	Tuninho e Luiz Figueira	1969 e 1980

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
08	Cunani – A História Moldada em Barro	Tribo do tronco Tupi que habitou a região do Amapá e deixou como legado a cerâmica. Além dos diversos utensílios fabricados, a cerâmica era utilizada ainda em rituais fúnebres e sepultamentos. Os Cunani são uma das quatro tradições principais ou fases de povoamento do Amapá, que corresponde a uma seqüência de desenvolvimento cultural e cronológico. Muitas urnas foram encontradas contendo fragmentos de ossos, as quais eram fechadas por finos cordões enfiados através de orifícios. Alguns cuidados evidenciavam a preservação dos ossos de vestígios de ar e umidade.	Dos Cem e Amar é Viver	Terezinha Simões e Terezinha Alves	1973
09	Cerâmica Cunani Maracá – Herança Cultural	A herança cultural identificada nos sítios arqueológicos, especialmente nas regiões de Cunani e Maracá, reflete a diversidade e a habilidade artística desses povos, destacando-se a cerâmica (utilizada ainda em rituais fúnebres e sepultamentos). O registro do legado dessas civilizações apresenta a riqueza dessas culturas, observável através de suas artes e de sua simbologia, propiciando a redescoberta das raízes locais.	Baianas	Pai Jorge	1948

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
10	Aruãs – A Cerâmica Modela a História	Tribo do tronco Tupi que habitou a região do Amapá e deixou como legado a cerâmica. Além dos diversos utensílios fabricados, a cerâmica era utilizada ainda em rituais fúnebres e sepultamentos. Os pacíficos Aruãs são uma das quatro tradições principais ou fases de povoamento do Amapá, que corresponde a uma seqüência de desenvolvimento cultural e cronológico. À este povo, provavelmente pertenceram as urnas de Pacajá, representando um período mais recente de decadência da arte oleira, com forte influência européia; e talvez também as urnas de Reborde-lo.	Karisma	Cleber Moura	1993
11	Aristés – Barro e Mãos Contam o Passado	Tribo do tronco Tupi que habitou a região do Amapá e deixou como legado a cerâmica. Além dos diversos utensílios fabricados, a cerâmica era utilizada ainda em rituais fúnebres e sepultamentos. Uma das quatro tradições principais ou fases de povoamento do Amapá, que corresponde a uma seqüência de desenvolvimento cultural e cronológico. A tradição Aristé foi a mais antiga e duradoura.	Comigo Ninguém Pode	Maria Ignêz	2000

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
12	A Necrópole Fenícia	Foram os escribas de Byblos, a cidade mais antiga do mundo, localizada próxima à Beirute, que criaram o alfabeto que deu origem ao abecedário moderno. A área, povoada há cerca de 7.000 anos, é riquíssima em vestígios arqueológicos, e dentre as atrações, encontram-se castelos dos cruzados, templos egípcios, a Necrópole Fenícia e o Anfiteatro Romano.	Jovem Flu	Sérgio Ayub	1986
13	Índios ou Fenícios – O Mistério do Rio Matapi	Mistérios que circundam as narrativas sobre a possível navegação dos fenícios sobre Matapi, rio brasileiro que banha o estado do Amapá, afluente do rio Amazonas que, imponente, impressiona por sua beleza.	Tom e Jerry	Rogério Coutinho	1976

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
14	A Crença Solar dos Escribas Fenícios	A posição que o sol ocupa na linha do horizonte tinha uma grande importância para os Fenícios, a ponto deste povo marcar a data como o início do ano em seus calendários. Dentre as viagens fantásticas realizadas ao <i>Meio do Mundo</i> , há relatos de épocas distantes da terra do sol à pino e brilhante, guardiã de tesouros escondidos. Escribas Fenícios acreditavam que o Sol caminhava sob a linha do horizonte e, ao percorrer o rio Amazonas, afirmavam navegar em ‘mar espesso feito geléia’.	08 ou 80	Ivone Farranha	1970
15	A Expedição Fenícia nas Matas do Eldorado	Dispostos a encontrar um local que acreditava-se ser um depósito de ouro, prata e pedras preciosas, os fenícios, exímios navegadores, realizaram uma expedição rumo ao Eldorado, tendo chegado às matas da imensidão amazônica; Floresta Tropical que também é chamada Floresta Equatorial da Amazônia ou Hiléia Amazônica, a maior floresta tropical pluvial do mundo, auto-suficiente na manutenção de seu equilíbrio.	Passistas	Edson Bittencourt	1948

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
16	Fênix – O Pássaro Dourado Fenício	O desenho de um pássaro semelhante à uma águia, com enormes asas abertas, de grande porte e com plumagem dourada, é presença constante em referências fenícias. Muitos correlacionam a imagem do pássaro à lenda de Fênix, símbolo da ressurreição, e atribuem sua origem aos Fenícios, de onde o nome teria se originado. Dando asas à imaginação, os Fenícios partiram rumo ao Eldorado, uma cidade onde acreditava-se que as construções eram todas feitas de ouro maciço e existiam tesouros em quantidades inimagináveis.	Macapá na Beija-Flor		2007
17	As Minas de Estilo Fenício do Rei Salomão	Há indícios de que as lendárias e fabulosas minas do Rei Salomão possam ter existido em plena floresta amazônica, ocultas pela exuberante vegetação. As minas do rei Salomão seriam construções bastante semelhantes ao estilo Fenício, visto que suas ruas, muralhas, depósitos e galerias apresentavam uma técnica de construção característica daquele povo, sem a ligadura de cimento.	Bateria	Mestres Paulinho e Plínio	1948

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
18	Navegante Fenício – Guardião dos Tesouros Escondidos	Os Fenícios, navegadores ousados e engenhosos, foram os primeiros que se aventuraram para além das Colunas de Hércules, penetrando no perigoso Mar Exterior, o Oceano Atlântico. Fizeram circular histórias sobre mares em ebulição e outros perigos imaginários, como forma de desencorajar possíveis rivais. Há indícios de que navegantes Fenícios estiveram na região amazônica em busca de madeira-de-lei e riquezas minerais, local onde foram encontradas moedas fenícias do tempo do rei Salomão, o que fez com que fossem conhecidos como guardiões dos tesouros escondidos.	Comunidade	Marcos Antônio Gomes	1948
19	A Cobiça dos Piratas Espanhóis	Diversas foram as investidas estrangeiras em território brasileiro. Expedições freqüentes foram realizadas pelos espanhóis, e há registros de que o navegador espanhol Vicente Yáñez Pinzón esteve na região Norte em 1500, cruzando a Linha do Equador na região das Américas. Antes de chamar-se Macapá, o primeiro nome dado oficialmente a essa terra foi <i>Adelantado de Nueva Andaluzia</i> , em 1544, por Carlos V, então rei da Espanha, numa concessão ao também navegador espanhol Francisco Orellana.	Uni-Rio e Camaleão Dourado	André Porfírio e Valtemir Valle	1988 e 1975

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
20	Corsários Franceses – A Ambição	Os franceses, assim como os ingleses e holandeses, passaram a reivindicar a posse das terras situadas na região do Amapá no século XVIII. Em 11 de abril de 1713, foi assinado o Tratado de Utrecht, que estabeleceu o rio Oiapoque como limite entre o Brasil e a Guiana Francesa; porém, este limite não foi respeitado pelos corsários franceses, que persistiam com seus ataques, na busca de matéria-prima e índios para aprisionar. A realização de expedições militares e a construção da Fortaleza de São José do Macapá, foram instrumentos mais eficazes na proteção das fronteiras.	Comunidade	Rosimere Ezequiel e Luciana Castro	1948
*	Pirataria – O Desejo Veemente de Riqueza	Os piratas são marginais que, de forma autônoma ou organizados em grupos, cruzam os mares com a finalidade de promover saques e pilhagens à navios e cidades, visando obter riquezas e poder. Mas os piratas nilopolitanos têm outro objetivo: em duplas, exibem seu bailado e cortejo na Passarela do Samba, com a finalidade de promover um belo espetáculo, roubando aplausos e extorquindo sorrisos da platéia.	2º, 3º, 4º, 5º e Mirim Casais de Mestres-Salas e Porta-Bandeiras	Selmynha SorrizoZ e Claudinho	1995

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
21	O Ímpeto Destruidor dos Piratas	Pirata é um marginal que, de forma autônoma ou organizado em grupos, cruza os mares com o intuito de promover saques e pilhagens a navios e a cidades, a fim de obter riquezas e poder. Os tipos de benefícios pilhados variavam consoante os navios encontrados, e as principais riquezas obtidas pelos piratas eram metais preciosos - ouro e prata, dinheiro, jóias e pedras preciosas; seguidos de bens como linhos, roupas, comida, âncoras, cordas, medicamentos e especiarias. Famosos por seus atos de crueldade, os piratas possuíam um código de conduta próprio, e eram indenizados em caso de mutilação.	Comunidade	Edson dos Reis	1948
22	A Ganância dos Corsários Ingleses	Com o nome de capitania da Costa do Cabo Norte, o território brasileiro sofreu diversos ataques ingleses, os quais, após a União Ibérica, intensificaram as incursões pelo litoral, chegando ao vale amazônico; onde passaram a construir fortificações. Na região do Amapá, fundaram várias, tais como: Tilletite, Uarimuacá, Torrego, Felipe e Cumaú. Em nossas terras, procuravam por madeiras, resinas, frutos corantes (como o urucum), óleos vegetais etc. Foram expulsos pelos portugueses.	Comunidade	Mariza dos Santos e Rosinaldo Vieira	1948

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
23	Piratas Holandeses – Ávidos Tentáculos	O Amapá tem uma história de disputa e litígios, que envolve, dentre diversos povos, os holandeses, especialmente os corsos; que fizeram várias incursões para conquistar o Brasil, uma vez que não tinham autorização para praticarem o comércio em território brasileiro. Navegações em comboio e a comunicação entre os navios, através de sinais sonoros e visuais, procuravam combater a ação dos corsos holandeses, até que foram finalmente expulsos pelos portugueses.	Casarão das Artes	Graça Oliveira	1985
24	Portugueses – A Imponência em São José de Macapá	Os portugueses viram crescer os ‘grandes olhos da cobiça’ de além e, cansados das investidas estrangeiras à região amazônica, ocorridas desde o início do século XVI, optaram por uma medida mais enérgica, visando assegurar a posse definitiva da região, e construíram diversas fortificações. A maior delas, a Fortaleza de São José de Macapá, como o próprio nome sugere, foi construída em Macapá, a partir de uma grande muralha de pedra.	É Luxo Só	Nadja Gomes	1989

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
25	Caboclo Pescador – A Vida na Margem dos Rios	Por definição, o termo caboclo deriva do Tupi <i>caá-boc</i> , e é usado para designar o mestiço de branco com índio. Também chamado caboco, mameluco, cariboca ou curiboca, a antiga designação do indígena brasileiro comumente é utilizada enquanto referência para aquele que tem a cor acobreada; acobreado. O caboclo pescador faz menção ao pescador ribeirinho e aos peixeiros que vivem às margens dos rios amapaenses.	Dá Mais Vida	Ana Maria Mascarenhas	1978
26	Negros – As Mãos que Ergueram as Muralhas de Pedra	Os negros escravos foram essenciais na construção da Fortaleza de São José de Macapá, obra que começou em 1764 e só ficou pronta em 1782, dezoito anos mais tarde. A história da utilização da mão-de-obra compulsória dos negros africanos está ligada à Vila de Curiaú, sítio histórico e ecológico localizado em Macapá, cuja população é constituída de negros remanescentes de escravos, os quais formaram um quilombo, fugindo dos maus tratos a que foram submetidos durante a construção da fortificação. Em Curiaú, os negros conservam a cultura e a tradição de seus ancestrais.	Borboletas e Travessia	Néa Nocchiolli e Delano Sessim	1975 e 1985

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
27	A Nova Crença dos Filhos de Tupã	O encontro de dois mitos - o culto indígena e o cristianismo, retratado consoante as narrativas Waiãpi, que contam que “um finado que esteve preso na Fortaleza entendeu que ali, ou Tupã ou Ianejar deixou sua pele para ir viver alhures ao ser morto ou pelos brasileiros ou pelos Waiãpi; e que viu, na imagem de Cristo preso à cruz, na própria pele de Tupã, os resíduos do sangue, que serviu de tinta para a escrita primordial, inventada por Ianejar, recusada pelos Waiãpi e apropriada pelos brasileiros”.	Amigos do Rei	Presidência	1994
28	O Brilho de Mairi – A Estrela	Segundo um mito Waiãpi, Mairi é uma panela de barro gigantesca, de fundo pontiagudo e boca virada para baixo, que os humanos ergueram de maneira improvisada, com a finalidade de se protegerem, primeiro de um incêndio, e depois de um dilúvio, ambos provocados por Ianejar, o (re)criador Waiãpi desse mundo onde vivemos e agimos como ramos inconciliáveis da humanidade. O Índio Mairi, uma estrela descida do céu de Tupã, veio a se tornar, muito provavelmente, a Fortaleza de São José de Macapá, consoante testemunho ocular.	Comunidade	Iara Mariano	1948

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
29	A Mão de Ianejar – O Herói Criador	<p>Acredita-se que, no tempo mítico, todos os povos viviam juntos e teriam sido separados pela intervenção do herói criador, <i>Ianejar</i> ('<i>nosso dono</i>'), que provocou primeiro um incêndio depois um dilúvio. <i>Ianejar</i>, que inventou a escrita primordial, sempre ameaça destruir a humanidade. A grandiosa nação Waiãpi, um dia viu, na pele branca portuguesa, a reencarnação de <i>Ianejar</i>.</p>	Comunidade	Simone Sant'Ana	1948
30	Mazagão – Raízes Negras no Amapá	<p>Mazagão é um município ao Sul do Estado do Amapá e também nome dado à uma cidade localizada no norte da África, atual Marrocos. Cerca de 340 famílias foram transferidas da África para o Brasil, chegando à cidade de Belém em 1770 e partindo para Nova Mazagão em 1773. Uma década depois uma grande epidemia assolou a região, e os sobreviventes conseguiram permissão para migrar para onde quisessem, levando consigo algumas lembranças da terra natal, como o gosto por tecidos, jarros e pedrarias.</p>	Beijê e Muvuca	Denise Martins e Marlene Lacerda	1988

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
31	Africana Nação com Tempero Brasileiro	Em 1769, o Marquês de Pombal, estrategista durante o reinado de D. José, decidiu que toda a cidade africana seria transferida para a Amazônia, no Brasil. Com isso, a fortificação na África foi abandonada e destruída, tendo os seus habitantes partido para o Brasil, onde fundaram a Vila de Nova Mazagão. Da África, trouxeram, dentre outras coisas, a aptidão para o comércio.	Comunidade	Oswaldo Luiz Corrêa	1948
32	Mouros e Cristãos – A Guerra Santa	Guerra Santa é um fenômeno sóciopolítico de caráter religioso que tem nas Cruzadas e na Jihad islâmica as suas maiores expressões. Nos tempos do Brasil colônia, a história das Cruzadas, com lutas entre cristãos e mouros, teve largo uso na catequese dos <i>gentios</i> como fábula da conversão ao cristianismo. Disseminou-se, por todo Brasil, uma versão de defensores da Lei de Cristo que vencem os infiéis e os fazem aceitar a “água do batismo”.	Comunidade – Energia	Aroldo Carlos	1948

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
33	O Reforço Negro em Mazagão	O povoado da Vila de Nova Mazagão (atualmente apenas Mazagão) serviu de apoio militar à Vila de Macapá, que surgiu ao redor da Fortaleza de São José de Macapá. Sobre o povoado de Mazagão, cabe informar ainda que celebravam a Festa de São Tiago, onde se revivia a luta contra os mouros.	Comunidade	Cátia Cristina Sant'Ana	1948
34	Da África a Tribo Brasil	Uma área situada às margens do rio Mutuacá, no atual Estado do Amapá, foi escolhida para abrigar os negros - alguns ainda escravos - vindos da África, pois a Vila de Nova Mazagão, na região Amazônica, Brasil, assim como a Mazagão africana, era submetida ao controle português, que necessitava de garantias de soberania. O plano urbanístico da região ficou a cargo de um arquiteto italiano.	Comunidade	Vanda Mercedes Coméia	1948

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
35	Sumatra – A Ilha Riscada pela Linha Imaginária	Sumatra ou Samatra (a grafia e a pronúncia são discutidas) é a maior ilha inteiramente na Indonésia, e é dividida em oito províncias. Formada entre os séculos VII e XIV, a ilha tropical é detentora de fauna e flora vastas e exuberantes, sendo habitada por diferentes grupos étnicos, consoante a região e zonas da ilha; sendo cada qual com a sua cultura, costumes, tradições, arquitetura e forma de vida. Pode-se dizer que a ilha de Sumatra está dividida em duas zonas climáticas, uma vez que é cortada a meio pela Linha do Equador.	Cabulosos	Luizinho Cabulosos	1967
36	Indonésia – Viajando pela Linha do Equador	A República da Indonésia é o maior arquipélago do mundo, e também o quarto país mais populoso. Tipicamente tropical, faz fronteira com o mar da China, com o Oceano Índico e com Oceano Pacífico. As formas de arte na Indonésia foram influenciadas por várias culturas, destacando-se as famosas danças javanesas e balinesas, os espetáculos de teatro de sombras e o vestuário, sendo que as diversas cerimônias e festividades incluem coloridas danças e dramas. A maior parte da população é mulçumana, e a localização entre dois continentes (Ásia e Oceania), faz da Indonésia uma nação transcontinental, cuja capital é Jacarta.	Comunidade	Carlos Roberto e Luciano Paes Pereira	1948

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
37	Quênia – Um País no Meio do Mundo	O Quênia (ou Quénia) é um país da África Oriental, que tem uma cultura predominantemente popular e multifacetada, em virtude de um número extraordinário de tribos diferentes, como os altivos e temidos guerreiros Massai; os poderosos Kikuius; os exóticos Samburus, com seus braceletes e colares de contas e os simpáticos Luos, dentre várias tribos. É um país onde tudo respira vida; tudo lateja com uma força interior que vaza por todos os locais, tanto nas cidades quanto nas paisagens, bem como na fauna e na flora	Signos	Débora Rosa	1972
38	Equador – Uma Nação entre Dois Hemisférios	O Equador, oficialmente República do Equador, é um país da América do Sul que, além do território continental, possui também as ilhas Galápagos. O país, que é cortado ao meio pela Linha do Equador (que o nomeia e divide a Terra em dois hemisférios), atrai pela diversidade natural. Há paisagens extremamente distintas no Equador, sendo válido conhecer suas quatro regiões principais - selva, serra, costa e Galápagos. Sua capital é Quito.	Colibri de Ouro e Tudo Por Amor	Dinéia Amâncio e Élcio Chaves	1992 e 1993

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
39	Colômbia – Uma Pátria no Círculo Máximo da Esfera Terrestre	Colômbia, que significa ‘terra de Cristóvão Colombo’, é um dos países da América do Sul ‘atravessados’ pela Linha do Equador. Administrativamente, é dividido em 32 departamentos e 10 distritos. A bandeira da Colômbia possui três listras: uma amarela, uma azul e uma vermelha; sendo a República a forma de governo. A língua oficial é o castelhano, herdado dos colonizadores espanhóis que foram metrópole do país até o início do século XIX. Colômbia, cuja capital é Bogotá, possui o Bambuco e a Cumbia como músicas típicas.	Comunidade	Norma Maria Pereira e Ivone Pinheiro	1948
40	O Batuque das Senhoras do Marabaixo	O marabaxo, assim como o Batuque, são ritmos criados pelos negros escravos, nos porões dos navios, há 500 anos. Tradição da cultura amapaense, a Festa do Marabaxo é uma celebração em homenagem ao Divino Espírito Santo. A manifestação folclórica onde as pessoas dançam em círculo, ao ritmo dos tambores, acontece sempre depois da quaresma. O momento mais importante da festa é o Encontro dos Tambores, quando cada grupo exibe seu mastro enfeitado com flores e uma imensa bandeira do Espírito Santo. Para garantir energia, os dançarinos bebem gengibira.	Comunidade – Damas	Adilson Pedro, Marcus Vinícius, Cleber da Silva e Cristiano Farias	1948

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)					
Alexandre Louzada, Fran Sérgio, Laila e Ubiratan Silva					
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS					
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala	Ano de Criação
41	Onde a Noite Abraça o Dia	A Linha do Equador é uma linha imaginária que resulta da intersecção da superfície da Terra com o plano que contém o seu centro, e é perpendicular ao eixo de rotação. Divide a superfície da Terra em dois hemisférios: o Hemisfério Norte ou Setentrional; e o Hemisfério Sul, ou Meridional. No Brasil, a única capital que é cortada pela Linha do Equador é Macapá, no Amapá, onde há o Marco Zero. A Linha do Equador cruza os Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico, bem como os territórios de: São Tomé e Príncipe, Gabão, República do Congo, República Democrática do Congo, Uganda, Quênia, Somália, Maldivas, Indonésia, Kiribati, Equador, Colômbia e Brasil.	Baianinhas	Aroldo Carlos	1976
42	A Sabedoria do Ouro do Carnaval		Velha-Guarda	Débora Rosa	1948

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Cláudio Russo, Carlinhos Detran, J. Veloso, Gilson Dr. Kid e Marquinhos		
Presidente da Ala dos Compositores Gilson de Castro		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 46 (quarenta e seis)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Mário Alves 78 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Moacir 31 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>É manhã Brilho de Fogo sob o sol do novo dia Meu talismã, a minha fonte de energia Oh deusa do meu samba, a flor de Macapá No manto azul da fantasia Me faz mais forte, extremo norte A luz solar, ilumina meu interior Vou viajar na linha do Equador Emana ao meio do mundo a beleza A força da Mãe natureza, é Macapaba O rio beijando o mar, encontro das águas Marejando meu olhar</p> <p><i>Quem foi meu Deus que fez do barro poema Quem fez meu Criador se orgulhar Os Cunanis, Aristés, Maracás, Foram dez, foram mais, pelo Amapá</i></p> <p>Um dia, navegando os rios de Tupã A viagem fantasia, dos filhos de Canaã A mágica da Terra, a cobiça atraiu Ibéria se enleva no Brasil A mão de Ianejar Na fortaleza pela proteção da vida Em São José de Macapá Brilha Mairi a minha estrela preferida Herança Moura em Mazagão Retiro o meu chapéu de bamba e assim O marabaixo ao marco zero cai no samba Soam tambores no tocar do tamborim</p> <p><i>O meu valor me faz brilhar Iluminar o meu estado de amor Comunidade impõe respeito Bate no peito eu sou Beija-Flor</i></p>		

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretores Gerais de Bateria
Mestres Paulinho e Plínio

Outros Diretores de Bateria
Rodney Ferreira, Renato “Azul”, Alex “Orelha”, Carlos Henrique “Perninha”, Ivo Francis, Douglas Botelho, Vitinho e Carlos Alberto

Total de Componentes da Bateria
250 (duzentos e cinquenta) componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Rece-Reco	Ganzá
10	12	15	0	0
Caixa 70	Tarol 15	Tamborim 36	Tan-Tan 0	Repinique 30
Prato 12	Agogô 0	Cuíca 12	Pandeiro 02	Chocalho 36

Outras informações julgadas necessárias

* **Destaque de Bateria:** Neide Tamborim (*Tamborim de Ouro / Estandarte de Ouro 1993*)

“As Minas de Estilo Fenício do Rei Salomão”

Há indícios de que as lendárias e fabulosas minas do Rei Salomão possam ter existido em plena floresta amazônica, ocultas pela exuberante vegetação. As minas do rei Salomão seriam construções bastante semelhantes ao estilo Fenício, visto que suas ruas, muralhas, depósitos e galerias apresentavam uma técnica de construção característica daquele povo, sem a ligadura de cimento.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia			
Luiz Fernando (Laíla)			
Outros Diretores de Harmonia			
Valber Frutuoso, Aroldo Carlos (CAC), Luíz Cláudio, Márcio Santos, Jorge Crispim (Pai Jorge), Luiz Roberto, Marcos Antônio (Marcão), Sidney Machado (Chopp), Líderes Comunitários, Presidentes de Alas e Compositores			
Total de Componentes da Direção de Harmonia			
73 (setenta e três) componentes			
Puxador(es) do Samba-Enredo			
Neguinho da Beija-Flor, Gilson Bakana, Ubirajara Soares (Bira) e Jorge Franques (Jorginho)			
Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo			
Betinho Santos (cavaquinho) e Zequinha (cavaquinho)			
Outras informações julgadas necessárias			
Líderes Comunitários:			
Adilson Pedro	Hugo Leonardo	Osvaldo Luiz Corrêa	
Aroldo Carlos	Iara Mariano	Rosimere Ezequiel	
Carlos Roberto	Ivone Pinheiro	Rosinaldo Vieira	
Carlos Roberto	Luciana Castro	Simone Sant´Ana	
Cátia Cristina Sant´Ana	Luciano Paes Pereira	Valéria Brito	
Cleber da Silva	Luiz Carlos	Vanda Mercedes Coméia	
Cristiano Farias	Marcos Antônio Gomes		
Edson Alves	Marcus Vinícius		
Edson dos Reis	Mariza dos Santos		
Hilton Castro	Norma Maria Pereira		
Compositores:			
Ademir	J. C. Coelho	Noel Costa	W. Rocha
Adilson Dr.	J. Santos	Pelé	Walnei Rocha
Almir Sereno	J. Sapateiro	Pereirão	
Carlinhos Amanhã	J. Velloso	Picolé	
Carlinhos Detran	José Carlos do Cavaco	Quintino	
Claudinho Inspiração	Kid	Ribeirinho	
Cláudio Russo	Lompita	Ricardo Moreno	
Don Willian	Marcão Mangaratiba	Rouxinol	
Élcio	Marcelo Guimarães	Tom Tom	
Eloy	Mário Alves	Veni	
Gilson DR.	Marquinho	W. Bombeiro	
Glivaldo	Miro Barbosa	W. Novidade	

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Luiz Fernando (Laíla)

Outros Diretores de Evolução

Valber Frutuoso, Aroldo Carlos (CAC), Luíz Cláudio, Márcio Santos, Jorge Crispim (Pai Jorge), Líderes Comunitários, Presidentes de Alas e Compositores

Total de Componentes da Direção de Evolução

106 (cento e seis) componentes

Principais Passistas Femininos

Rainha da Bateria: Raíssa Oliveira (*Gente Inocente / Pé no Futuro – RJTV – Rede Globo*)

Principais Passistas Masculinos

Primeiro Passista: Edson Bittencourt (*Estandarte de Ouro 2000*)

Passista Destaque: Cássio Dias (*Estandarte de Ouro 1991*)

Outras informações julgadas necessárias

* Dando continuidade ao trabalho iniciado no ano de 1998, a Agremiação mantém uma escola de samba mirim para 70 passistas mirins, coordenada pelo professor de samba *Edson Bittencourt*. Muitas delas estarão, pela primeira vez, desfilando na Avenida Marquês de Sapucaí.

Responsável pela Ala das Baianinhas (*Estandartes de Ouro 1997 e 2006 & Troféu Papa Tudo 1997 Rede Manchete*): Prof^o. Aroldo Carlos (CAC)

Diretores Auxiliares das Baianinhas: Adilson Roberto de Oliveira - Carlos Antônio da Silva - Fábio Francisco de Oliveira - Glória Gomes da Silva - José Ramos “Formiga” - Patrícia Lima

Presidentes de Alas Comerciais:

Ana Maria Mascarenhas

André Porfíro

Antônio Rodrigues

Cleide Alves

Débora Rosa Santos

Delano Sessim Braga

Denise Martins Moreira

Dinéia Amâncio

Élcio Chaves de Almeida

Graça Oliveira

Ivone Farranha Thomas

Jorge Luiz Soares Santos

Luiz Fernando da Silva

Luiz Figueira

Maria Ignez

Marlene Querido Lacerda

Nádja Gomes

Rogério Coutinho

Sérgio Ayoub

Terezinha Alves da Costa

Terezinha Simões Soares

Valtemir Valle Miranda

Waldinéa Nocchioli

FICHA TÉCNICA

Conjunto

Vice-Presidente de Carnaval Nelsinho David		
Diretor Geral de Carnaval Luiz Fernando (Laíla)		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças Edson Bittencourt		
Total de Componentes da Ala das Crianças 70 (setenta)	Quantidade de Meninas 50 (cinquenta)	Quantidade de Meninos 20 (vinte)
Responsável pela Ala das Baianas Jorge Crispim (Pai Jorge)		
Total de Componentes da Ala das Baianas 110 (cento e dez)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Noêmia Lourenço da Silva 79 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Maria Helena Botelho 35 anos
Responsável pela Velha-Guarda Débora Rosa Santos Cruz Costa		
Total de Componentes da Velha-Guarda 81 (oitenta e um)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Creuzolina dos Santos Osório 82 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Sandra Bárbara M. Teixeira 54 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Suzane Carvalho (Piloto de Automobilismo), Jussara Calmom (Atriz), Zico (Jogador), Kayka Sabatella (Ator Transformista), Meime dos Brilhos (Ator Transformista), Pinah Ayoub (Empresária) e Nana Gouvêa (Modelo e Atriz)		
Outras informações julgadas necessárias		
Diretores Auxiliares das Baianas: Ary Pimenta Oliveira, Dilciléia Brasil, Golonice Tavares, Lúcia Alves Boiça, Maria Odete Costa de Oliveira, Mariléa Santos Lima, Neusa Silva Oliveira e Vagner José Pitanga Gomes		
Presidente Alas da Comunidade: Márcio Santos (<i>Estandartes de Ouro 1999 – “Ala Saraus”, 2001 – “Ala Composição da Alegoria 04 - A Rainha Negra Atravessa o Mar” e 2003 – “Ala Sou Nega Sim! E Maluca, Com Muito Orgulho”, Melhor Ala Site O Carnaval Carioca 2006 – “Ala Águas-Vivas - Os Celenterados Marinhos”</i>)		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente Ghislaine Cavalcanti																					
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Ghislaine Cavalcanti																					
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 07 (sete)	Componentes Masculinos 08 (oito)																			
Outras informações julgadas necessárias																					
<p>Confecção de Fantasias: Henrique Filho Maquilagem Artística: Steven Rangel Campos Assistente de Coreografia: Claudia Antonia Radusewski</p> <p style="text-align: center;">“A Linha Imaginária e a Beleza do Fenômeno Solar”</p> <p>Venerado pela suntuosa e mística Civilização Fenícia, e pelos radiantes indígenas da Nação Waiãpi, o Sol, a expressão máxima da luz, é o Astro Rei, que com seus raios faz incandescer um raro beija-flor, Brilho-de-Fogo, que guia o beija-flor de Nilópolis à região mágica conhecida como ‘Meio do Mundo’.</p> <p>Nesta terra, onde brotam palmeiras que batizam cidades, onde imensos rios cortam a mata em movimentos sinuosos, tal qual gigantescas lagartas, pode-se dançar o Marabaixo ao som de vorazes jacarés e onças pintadas, enquanto graciosos guarás colorem os céus. Neste paraíso podemos ainda contemplar o <i>Equinócio</i>, termo derivado do Latim e que significa <i>‘noites iguais’</i>. O fenômeno é um dos dois momentos em que o Sol, em sua órbita aparente, cruza o plano do equador celeste.</p> <p>Do Monumento do Marco Zero, é possível observá-lo perfeitamente, quando em duas ocasiões no ano, em março e setembro, ao entrar a luz do Sol, uma esfera de luz é projetada, numa espécie de visualização da Linha do Equador através de um fascinante efeito de luz e sombra.</p> <p>Bailarinos:</p> <table border="0"> <tr> <td>Alexandre dos Santos</td> <td>Daniele Gomes Santos</td> <td>Júlia Nogueira</td> <td>Simone Azevedo</td> </tr> <tr> <td>Antônio Roberto</td> <td>Denis Gonçalves</td> <td>Kelly Machado</td> <td>Thiago Francisco</td> </tr> <tr> <td>Ariane Alves Souto</td> <td>Douglas Amaral</td> <td>Leonardo Nunes</td> <td>Yara Barbosa</td> </tr> <tr> <td>Cássio Dias</td> <td>Felipe Braz</td> <td>Mônica Victorio</td> <td></td> </tr> </table> <p>A Comissão de Frente adota o sistema de ensaiar com três bailarinos suplentes, que estão em condições de ocupar o lugar de um dos titulares em qualquer eventualidade.</p> <p>Suplentes:</p> <table border="0"> <tr> <td>Carolina</td> <td>Edvaldo de Oliveira</td> <td>Hairton Luiz</td> </tr> </table>			Alexandre dos Santos	Daniele Gomes Santos	Júlia Nogueira	Simone Azevedo	Antônio Roberto	Denis Gonçalves	Kelly Machado	Thiago Francisco	Ariane Alves Souto	Douglas Amaral	Leonardo Nunes	Yara Barbosa	Cássio Dias	Felipe Braz	Mônica Victorio		Carolina	Edvaldo de Oliveira	Hairton Luiz
Alexandre dos Santos	Daniele Gomes Santos	Júlia Nogueira	Simone Azevedo																		
Antônio Roberto	Denis Gonçalves	Kelly Machado	Thiago Francisco																		
Ariane Alves Souto	Douglas Amaral	Leonardo Nunes	Yara Barbosa																		
Cássio Dias	Felipe Braz	Mônica Victorio																			
Carolina	Edvaldo de Oliveira	Hairton Luiz																			

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Claudinho	Idade 34 anos
1ª Porta-Bandeira Selmyha SorrisoZ	Idade 35 anos
2º Mestre-Sala Carlos Augusto	Idade 33 anos
2ª Porta-Bandeira Janailce Adjane	Idade 26 anos
3º Mestre-Sala Allan de Souza	Idade 22 anos
3ª Porta-Bandeira Juliana Vogas	Idade 22 anos
4º Mestre-Sala David do Nascimento	Idade 21 anos
4ª Porta-Bandeira Priscilinha de Cristal	Idade 20 anos
5º Mestre-Sala Marcos Ribeiro	Idade 17 anos
5ª Porta-Bandeira Fernandrina Alexandrina	Idade 20 anos
Mestre-Sala Mirim Diego Menezes	Idade 16 anos
Porta-Bandeira Mirim Girlaine Passigatt	Idade 16 anos

Outras informações julgadas necessárias

“1º CASAL DE MESTRE-SALA & PORTA-BANDEIRA”

Claudinho, nosso mestre-sala, integra o espetáculo apresentando nosso pavilhão, conduzido com delicada maestria por *Selmyha SorrisoZ*, nossa porta-bandeira. Juntos eles representam a “**As Cores do Espectro Solar**”: O formoso casal de beija-flores de Nilópolis voa até a região conhecida como ‘*Meio do Mundo*’ para se alimentar, absorvendo o néctar da cultura local. Retornando ao Rio de Janeiro, baila a cintilar a Marquês de Sapucaí com as cores do arco-íris; fenômeno luminoso que se observa quando a luz do Sol incide na atmosfera, produzindo o aparecimento de um arco de círculo com as cores do espectro solar.

Claudinho & Selmyha SorrisoZ começaram a dançar juntos em 1992 e desde 1996 são o 1º casal de mestre-sala e porta-bandeira do G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis, defendendo, em grande estilo, o brasão da Agremiação, tornando-se um dos casais mais premiados no mundo do carnaval.